

ENSAIOS SOBRE O ESPÍRITO DE **SÃO GASPAR BERTONI**



1777 – 1853

Fundador da Congregação dos Sagrados Estigmas

Tradução para a Língua Portuguesa:

Pe. Benedito Andrade Bettini, CSS

Edição Impressa: 1983

Edição Eletrônica: Agosto de 2004

Ensaaios sobre o Espírito de São Gaspar Bertoni

ÍNDICE GERAL

Apresentação	3
1. A Palavra de Deus norma do pensamento de São Gaspar Bertoni	6
Pe. Giuseppe Furlani, CSS	
2. Pe. Gaspar, Diretor Espiritual	22
Pe. Romolo Bertoni, CSS	
3. A Doença como Tempo de Graça	34
Pe. Giampietro De Paoli, CSS	
3. A Experiência de Jesus Cristo na Vida do Padre Gaspar Bertoni	46
Pe. Joseph Charles Henchey, CSS	
4. A Sensibilidade Social de São Gaspar Bertoni	83
Pe. Giancarlo Bregantini, CSS	
5. A Oração no Ensino e na Experiência de São Gaspar Bertoni	133
Pe. Ignazio Bonetti, CSS	

Digitalização Eletrônica:

Pe. Ésio Fernando Juncioni, CSS

APRESENTAÇÃO

Caros leitores,

É nossa intenção publicar os "ENSAIOS" sobre o espírito do Pe. Gaspar Bertoni. São frutos do trabalho e pesquisas sobre alguns aspectos do ser e do agir do Santo Fundador da Congregação Estigmatina. Entregamos ao leitor um manancial riquíssimo de uma singular experiência de Deus. Para o homem de hoje que trabalha na missão profética de anunciar o "Reino" Pe. Gaspar propõe o caminho de um fecundo discernimento dos verdadeiros valores.

Sejamos conscientes de que viver no tempo e deixar na história uma marca dinâmica e duradoura é próprio de quem conhece o significado da vida e no fundo do próprio "EU" encontra a motivação do seu agir.

Isto verificou-se plenamente no Pe. Gaspar. Ele foi essencialmente rico de simplicidade e sabedoria. Procurou em Deus o motivo central da sua existência e o encontrou no mais profundo do próprio "EU" e no "EU" do próximo. Ele percebeu que vale a pena gastar a própria vida para mostrar aos outros o tesouro de Deus escondido em cada um. Assim o homem pode aprender a amar o outro, porque nele existe um tesouro digno de ser amado e apreciado: Deus. Ele compreendeu que para chegar à própria realização pessoal deve-se tornar possível a realização pessoal do próximo, ainda que isto exija o sacrifício de si mesmo. É a perspectiva do amor apresentado por Cristo. Pe. Gaspar viu que isto é formar uma convivência humana fundada em Deus.

Para esta finalidade empenhou-se com uma verdadeira e profunda preparação intelectual, psíquica e espiritual.

Nasceu em Verona em 1777 e se formou desenvolvendo um verdadeiro espírito crítico. Não aceitou os condicionamentos provenientes do seu momento histórico na sua pátria convulsionada pela revolução e pela degradação dos valores.

Compreendeu que podia ajudar o homem seguindo o Evangelho vivido em profundidade. Auxiliou incansavelmente a Igreja local como pessoa completamente consagrada a Deus, e pelo "Seu Reino" desenvolveu suas múltiplas qualidades.

Ordenado sacerdote mostrou ao clero que é possível viver profundamente a própria vocação, para si mesmo e para os outros, quando se tem a coragem de ser verdadeiros apóstolos. Com esta finalidade viveu uma vida sem ostentação nem triunfalismo, ou à procura de dignidades, com um singular desapego dos bens materiais. A sua vida foi simples, alimentada por uma singular intimidade com Deus e vivida em espírito de serviço e caridade pastoral. Dedicou-se à aquisição de uma cultura adaptada ao tempo, seja no campo humanístico como especialmente no teológico. Distinguiu-se pelo seu grande amor à união com a Igreja, com o Romano Pontífice e com o Bispo da Diocese.

Pe. Gaspar compreendeu o valor de desenvolver em profundidade os dons e os carismas recebidos de Deus. Na sua grande humildade reconheceu, porém, que o valor da pessoas não está unido à capacidade de dominar sobre os outros, mas na percepção da própria limitação.

É Deus que se esconde no frágil ser humano e o torna grande. Por isso vale a pena ressaltar a ação de Deus que gratuitamente enriquece o homem com dons incomparáveis. Pe. Gaspar, por sua vez, não se cansou de desenvolver os grandes dons recebidos de Deus: usou o seu saber, uma vasta cultura, uma exímia santidade para dirigir de modo especial pessoas simples e importantes, dedicando-se especialmente à juventude. Por meio dos Oratórios Marianos possibilitou uma verdadeira transformação do mundo da juventude de Verona e ajudou uma multidão de jovens a completar felizmente a própria opção vocacional. Verdadeiro missionário da Palavra, pela pregação e pelo testemunho de vida, mestre zeloso, provado por longos anos de doença soube ver nos Estigmas de Cristo o sinal da vitória e da ação de Deus que leva à Redenção.

Movido pelo espírito, juntamente com alguns companheiros, viveu os Conselhos evangélicos em comunidade religiosa a exemplo dos primeiros cristãos. Em 1816 fundou a Congregação dos sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo (Estigmatinos) com a finalidade de ser um Instituto Religioso de Missionários Apostólicos em auxílio dos Bispos, com a assistência ao Clero, a educação cristã da juventude. Aberto para o futuro, quer os Estigmatinos atentos aos sinais dos tempos e prontos a se entregarem às formas de evangelização que o Espírito apresentar como mais oportunas. O horizonte do seu Instituto é o mundo: ele manda os seus anunciar a Boa Nova em toda parte.

Pe. Gaspar com sua rica personalidade nos apresenta um carisma dinâmico e atual. A Igreja, hoje, tem grande necessidade de homens fortes como ele, capazes de atrair a juventude, marcados pela presença do Espírito de Deus, unidos em Comunhão fraterna pelos vínculos da consagração especial para apresentar ao homem um valor diferente: o valor da dignidade da pessoa humana, o valor de ser o portador do dom de Deus aos outros e de mostrar, com a própria vida, a Palavra de Deus que transforma o coração humano e o realiza plenamente.

Com a esperança de poder atingir esta finalidade queremos publicar uma série de opúsculos com temas que revelem as marcas do Espírito neste homem de Deus, certo de que a empreitada poderá ajudar a dinamização do nosso ser e agir como cristãos, religiosos e sacerdotes. Não pretendemos com isso exaurir toda a riqueza presente no espírito de Pe. Gaspar.

Neste primeiro opúsculo ter-se-á oportunidade de ver como Pe. Gaspar foi um homem profundamente arraigado à Palavra de Deus. Conheceu profundamente a Palavra d'Aquele que foi o centro da sua vida e que amou presente nos irmãos.

A sua vida tornou-se um escrito de Deus.

Pe. José Furlani, com a competência que o distingue, neste seu trabalho mostra o peso da palavra de Deus na vida de Pe. Gaspar.

O convite agora é que o leitor se abra ao Espírito de Deus ao ler estes "Ensaaios" sobre um homem que ainda hoje nos incita a sermos testemunhos vivos de Cristo que continuamente apresenta ao mundo a uma nova vida.

19 de março de 1983

Pe. José A. Moura, CSS
Superior Geral

ENSAIOS SOBRE O ESPÍRITO DE **SÃO GASPAR BERTONI**

1

A PALAVRA DE DEUS, NORMA DO PENSAMENTO E DO AGIR DE SÃO GASPAR BERTONI

PE. GIUSEPPE FURLANI, CSS

DOCENTE DE S. ESCRITURA NO STUDIO TEOLÓGICO S. ZENO, VERONA

Idioma original: Italiano

Tradutor para a Língua Portuguesa:

Pe. Benedito Andrade Bettini, CSS

Edição Impressa: 1983

Edição Eletrônica: Agosto de 2004

ÍNDICE

Escuta e anúncio da Palavra de Deus	8
A Palavra de Deus, guia e norma suprema	8
Estudo e amor pela Sagrada Escritura	10
Método e objetivos	11
Trajetórias e centros de interesse:	13
1. As pregações de sacerdote jovem ao povo	13
2. Meditações sobre temas e livros da Escritura	14
3. A Sagrada Escritura na pregação ao Clero	15
4. O ingrediente bíblico nos escritos pessoais	17
5. Sentenças bíblicas devocionais habituais	18
Testemunhos e mensagens	18
Notas	21

A PALAVRA DE DEUS, NORMA DO PENSAMENTO E DO AGIR

DE SÃO GASPAR BERTONI

PE. GIUSEPPE FURLANI, CSS

ESCUITA E ANÚNCIO DA PALAVRA DE DEUS

A posição de Pe. Gaspar como homem e como pensador pode à primeira vista parecer um pouco incisiva, complexa e em muitos pontos conservadora. Propositadamente alheios aos movimentos e agitações culturais e políticas, ele é essencialmente um zeloso homem da Igreja. Sua opção, suas ações e sua consagração, não são, porém baseadas num vago pietismo, mas caracterizam-se por uma adesão sólida e convicta à fé e às suas fontes.

"Pe. Gaspar foi dotado por Deus de um talento extraordinário, sutil e penetrante, muito fecundo, muito claro nas suas idéias e de conceitos fáceis, e de uma memória muito grande e tenaz" (1).

Como orienta sua mente e seu coração? Como organiza e elabora o seu pensamento? Em que fontes confia para completar e viver suas escolhas?

Ao formar e dispor a própria síntese cultural, para amadurecer e compor uma visão e concepção próprias da vida, sua lúcida e versátil inteligência volta-se para uma luz e critério de verdade intuído e sentido mais válido, mais rico que as simples e limitadas capacidades naturais. Com tendência espontânea coloca-se na vertente e nos horizontes abertos pela mensagem da fé, procurando reforçar e iluminar "a fraca chama do raciocínio humano no claríssimo sol da divina Sabedoria." (2).

Com interesse vivo e constante favorece a mensagem da verdade oferecida e revelada na Bíblia. Em tudo ele se orienta e regula segundo as intuições e os valores extraídos da Palavra de Deus. Para ele, ela constitui um farol de luz, representa o vértice e o eixo da própria, visão da vida, e é elevada a ponto focal e sentida como supremo apelo decisivo: "Quem se fundamenta nas Escrituras divinas, ainda que por si mesmo seja fraco e doentio, será inabalável e extremamente forte" (3).

A PALAVRA DE DEUS, GUIA E NORMA SUPREMA

O perfil interior de Pe. Gaspar, homem e pensador, é marcado por uma adesão plena, por uma assimilação coerente e por uma proposta linear da menagem bíblica. A estima, o culto e o conhecimento das Escrituras assumem nele uma importância decisiva e radical, tanto que se torna um componente determinante, distintivo da sua mentalidade.

"De fato, aquela sua mentalidade que desde jovem habituara-se a informá-la e fecundá-la na inexaurível e puríssima fonte das Sagradas Escrituras, aquele seu grande coração... sentiam uma imensa necessidade, uma irresistível tendência de

inflamar-se naquele fogo divino, como assim é chamada nos livros santos, a meditação das verdades celestes" (4).

Com um propósito lúcido e preciso, desde jovem padre expõe estas suas convicções no sermão da Epifania em 1806: "Não à razão humana, não à opinião dos homens, não às máximas do mundo, não aos dogmas da experiência moderna; mas a palavra de Deus é a regra única e infalível do nosso modo de pensar e agir, para atingir o fim sobrenatural e divino a que somos chamados" (MS 1214). Depois desenvolve em forma de tratado orgânico os motivos e os frutos pelos quais convém apoiar-se na Revelação e na Tradição, apresentando-as como fontes vitais de luz e norma de verdade.

Pessoalmente apegava-se à mensagem das Escrituras a ponto de transformá-la no eixo direcional, no critério orientador, no centro inspirador que marca e plasma todo o seu viver e todo o seu o seu pensar.

Um claro e profundo acontecimento grava e mostra típico traço do seu perfil cultural e espiritual. Já há tempo doente de cama, em 1851, por encargo especial do bispo Mutti, examina o "Livro de Leitura para as escolas dominicais e festivas e para os Adultos" (Trieste, 1850). Na lúcida maturidade dos seus quase 75 anos, Pe. Gaspar, em intervalos prepara as suas observações críticas e as dita ao Pe. Lenotti. Pelas acuradas e minuciosas observações surge mais que motivado o parecer abertamente desfavorável. Sobre o veredicto negativo intervém com peso decisivo esta sua tomada de posição de caráter fundamental: "Para uma boa filosofia convém que preceda como lâmpada a fé da verdadeira Religião, e que a razão no seu discurso passe sempre entre os dois marcos da verdadeira Fé e da autoridade divina para não se extraviar: incertae et timidae cogitationes hominum" (5).

Ao propor e coordenar as próprias certezas existenciais, Pe. Gaspar salienta tendencialmente os valores e os ensinamentos da sagrada Escritura, considerando-os os mais certos e válidos, e até mesmo infalíveis. "Fez da S. Escritura objeto contínuo de estudo, regra de sua conduta e norma para a direção espiritual. Desde que se retirou nos Estigmas, fazia-a estudar e aprender de cor pelos jovens do Instituto"(6).

Um dele, o Pe. Lenotti, assim apresenta os traços dominantes e distintivos do seu pai e mestre: "Leu as obras de quase todos os Santos Padres, estudou a Escritura Sagrada com os mais renomados comentaristas, de tal modo que parecia que ele e ela se transformaram em seu sangue, tanto que o seu modo de falar era um verdadeiro linguajar escriturístico, e tinha nas pontas dos dedos os textos, que continuamente sabia desenvolver e explicar maravilhosa e oportunamente" (7).

Os breves comentários feitos pelo Giacobbe há poucos dias da morte de Pe. Gaspar, publicados no jornal "Coletor do Ádige" de 22 de Junho de 1853, salientam bastante: o primeiro e mais importante estudo foi o das Sagradas Escrituras, que sabia de cor quanto ao sentido, e com o comentário dos santos Padres e dos

sagrados intérpretes mais eruditos... conhecia-os com tanta segurança e tão bem os tinha à mão que os aplicava com clareza e prontidão onde se fazia necessário".

Nos nossos dias a rica e forte tonalidade bíblica de Pe. Gaspar recebeu amplo e lisonjeiro reconhecimento. Eis um flash de avaliação de um especialista no ramo hagiográfico: "Difícilmente se encontra nos escritores espirituais, ao menos nos últimos séculos, uma dependência da Sagrada Escritura como em Pe. Gaspar. Ele vive, verdadeiramente numa relação constante com os Salmos, com os Evangelhos, com São Paulo, ou melhor, com todos os livros da Escritura; é a sua vida interior que depende dos textos, o guiam, são sua norma de agir; sobre eles se modela, dele tira a luz e a direção para o próprio caminho" (8).

"S. Gaspar Bertoni, seguindo o ensinamento e o exemplo dos Santos Padres, considerou a Sagrada Escritura como fonte e fundamento importante da sua formação cultural e espiritual, ele não falava da Bíblia com sentimentalismo artificial e reduzido só a palavras, mas a leu, estudou, meditou e usou com satisfação e inteligência, inferiorizando o seu espírito e aproximando-se continuamente à letra".

ESTUDO E AMOR PELA SAGRADA ESCRITURA

O interesse e a estima pela Palavra de Deus tem origem precoce no jovem Pe. Gaspar. Com a sua entrada no seminário aos 18 anos a aproximação se torna absorvente: "desde jovem clérigo leu e estudou muitas vezes a divina Escritura, e, depois de sacerdote, fez dela o seu principal e querido estudo" (9).

É interessante lembrar que os estudos de teologia do seu tempo não davam muito lugar ao conhecimento e à análise exegética de cada um dos livros da Bíblia.

O estudante Gaspar enfrenta no primeiro ano de dogmática as questões gerais sobre a existência e a inspiração dos livros sagrados e, depois passa para a série dos sentidos literários, metafórico e místicos, ultimamente classificados como tropológico, alegórico e analógico. As páginas 8-27 dos seus apontamentos tomam estas noções das apreciadas "Institutiones Theologicae" do seu professor de Dogmática Lázaro Righi. Restam-nos somente duas páginas sem importância do "Quaestiones in Exodum", enquanto colhem acenos mais interessantes e originais em uma síntese, de "Hermenêutica Sacra" habilmente esquematizada em uma folha de 65X45. Aí aparecem algumas considerações sobre o intérprete, sobre a análise literária e textual, sobre os gêneros das parábolas, visões, símbolos, contextos e paralelismo. No apêndice são reunidos e refutados os erros contemporâneos, como o "sensus Kantianus, vulgaris, mysticus".

O interesse pela Bíblia não era autônomo e específico. S. Tomás "naquele tempo era o maior em todas as cátedras" (10). As fontes bíblicas apareciam normalmente como primeira autoridade para confirmar e manter as bases teológicas; apareciam em funções e posições subalternas para provar determinadas doutrinas ou contribuíam para refutar os hereges antigos (monofisitas, pelagianos, febronianos...).

As aulas dadas no âmbito bíblico eram sempre sinalizadas por notáveis limites de método e de sustância; normalmente eram destacadas, superficiais, marcadas pela generalização e tons devocionais.

No currículo de Pe. Gaspar, como lanterninha, são elencadas "as exegéticas e arqueológicas lições, para elevar os sentidos à inteligência e reto uso das Sagradas Escrituras" (11). O ensino especificamente bíblico, na realidade, falta quase por completo: no seminário de Verona foi preciso esperar até 1812 para ver "a criação de três novas cadeiras notais, isto é, de Sagrada Escritura, de História Eclesiástica e de Sagrada Eloquência"(12).

A escola, pois, não contribuiu muito para a formação bíblica de Pe. Gaspar. Ele é quase um autodidata, pondo em prática um conselho precioso do Pe. Galvani, seu padre espiritual e professor de moral: "Para isto leia cada dia um trecho da Sagrada Escritura, que seja suficiente para repassá-la em um ano. Havendo possibilidade de ter algum comentário, será bom juntá-lo às leituras.

Talvez seja interessante uma comparação. Uma estatística feita por um estudioso há uns trinta anos, mais ou menos, calculava que "um sobre cem sacerdotes, e uma, religiosa sobre mil, leram a Bíblia ao menos uma vez" (13).

No caso de Pe. Gaspar, numerosos e explícitos testemunhos concordam em classificá-lo entre os grandes e os profanos: "especialmente como clérigo estudiosíssimo dos Livros Sagrados" (14); "mostrou-se afeiçoadíssimo à Igreja Romana, aos S. Padres, à S. Escritura e para isto lia a S. Escritura; era um Padre que, se podia dizer, sabia quase de cor" (15). "O Pe. Marani garantiu-me que estava sempre aprofundado na leitura da S. Escritura e das Leis da Igreja" (16). "Quando o visitava o via sempre com algum livro clássico na mão... notando que a S. Escritura era o seu pão de cada dia" (17). Não é maravilha, pois, que até os últimos anos tivesse ele sempre entre as mãos estes códigos divinos ou os escritos dos S. Padres" (18). Desde o dia em que seus confrades na Igreja dos Estigmas, seu maior cuidado foi comprar e prover seus companheiros com o maior número de intérpretes da S. Escritura, das Obras dos S. Padres..." (19).

MÉTODO E OBJETIVOS

Pe. Gaspar é um diligente e assíduo cultor da Bíblia, movido exclusivamente por finalidade espiritual. Procura encontrar e tira luz, satisfação alimento interior. Não tem em mira os estudos de caráter metódico ou do tipo científico. Mesmo ao interessar-se pelos comentários procura sempre motivos que alimentem e ampliem o conhecimento da fé, ou sirvam para orientar a vida e examinar o próprio comportamento. A sua familiaridade está voltada para assimilar a vida e não para pesquisas intelectuais. Segue o método do contato assíduo, progressivo e global, interessando-se muito pouco com os aspectos especializados, técnicos e filológicos.

A sua linha pessoal de leitura reflete-se e é revivida na formação bíblica dos seus jovens clérigos: "primeiro contentava-se com o sentido literal, que deviam

repetir-lhe capítulo por capítulo; depois deviam repetir o estudo com as interpretações do Tirino; e pela terceira vez com as do Mariana e do Sá" (20); assim diz o Giacobbe bem informado pelo Pe. Lenotti (21).

Também nas duas constituições nos números 52 e 58 instiga o culto e o amor para a S. Escritura, e até mesmo reafirma e codifica seus ensinamentos didáticos.

Os comentários usados e favoritos de Pe. Gaspar, sob o aspeto científico, apresentam marcas da erudição do passado, nem de muito serviam para atualizá-lo outros autores ou textos, ainda que estivessem na moda: Theodoreto, Cornélia a Lápide, Estio, Menocchio, Gagneo ou a Grande Bíblia de De La Haye ou a de M. Sacy ou de Calmet (MS 8932; 8937). Afasta da sua linha de leitura todo interesse crítico ou literário, como também as análises dos diversos níveis históricos, compositivos e expressivos. Pe. Gaspar procura substancialmente a uma aproximação do tipo meditativo e sapiencial, mas sem se perder na história ou no superficialmente edificante. Ele se detém e procura colher com ponderada, reflexão o conteúdo e os ensinamentos mais substanciosos.

A modalidade e a finalidade de sua linha de leitura ficam marcadas e esclarecidas por essas suas indicações: "Lendo nós acreditamos encontrar logo alimento pronto mas não é verdade: é preciso prepará-lo. Certamente aí está um ótimo trigo, mas misturado com palha; e se aí existe o pão, ou é preciso assá-lo ou ainda não está no momento certo de comê-lo. É-nos, preciso o fogo de Espírito Santo para assá-lo; a oração que o aviva e inflama; a meditação também o prepara" (MS 8943).

Das páginas da Bíblia e da leitura dos "fatos como linguagem de Deus" (MS 5632) Pe. Gaspar sabe tirar luz e força para ser o homem exuberante de ação apostólica entre os jovens que lotam seus oratórios marianos; sabe procurar e propor com eficácia a mensagem evangélica aos fiéis de S. Paulo e depois de S. Firmo Maior; sabe fazer-se animador e guia espiritual para os clérigos e para muitos sacerdotes; sabe amadurecer seu carisma de fundador e colaborar na assistência e orientação de outros Institutos nascentes; sabe tornar-se operário da cultura e da educação cristã na escola; sabe assumir com discrição e disponibilidade a delicada tarefa de apreciado conselheiro nos caminhos espirituais; sabe enfrentar e acolher em confiante abandono as várias fases de suas longas e penosas enfermidades.

Nele a Palavra de Deus amada, pregada e vivida influencia seja na direção dos pensamentos, seja na orientação das condutas, e das iniciativas. A atenção contínua e vigilante às riquezas que corroboram às mensagens bíblicas favorece o desenvolvimento de uma espiritualidade solidamente centralizada sobre valores autênticos e permanentes. No contato intenso e ininterrupto com a nascente viva e vital da Palavra de Deus encontra uma constante, um fator dinâmico e estabilizador, que ultrapassa as variações externas das atividades e dos encargos. A sua mente e o seu coração sabem renovar-se, retemperar-se contribuindo validamente para favorecer e criar aquele clima de equilíbrio interior, que lhe permite fixar-se na contemplação e elevação confiante em Deus e de manter-se em frutuoso contato com os homens e as iniciativas eclesiais do seu tempo.

TRAJETÓRIAS E CENTROS DE INTERESSE

Os escritos e a palavra de Pe. Gaspar constituem uma preciosa pista reveladora do quanto o seu coração e sua mente estivessem saturados e impregnados da mensagem bíblica. O encontro e o confronto com a Palavra de Deus não somente plasmam e assinalam profundamente a sua interioridade, mas dão origem a um processo de irradiação, que se distingue e projeta no seu estilo de pregação, nas formas de conversa e orações; nos apontamentos pessoais, e até mesmo na correspondência epistolar.

I. AS PREGAÇÕES DE SACERDOTE AO POVO

No seu trabalho de evangelização Pe. Gaspar é fiel à ordem do Apóstolo: "Se alguém fala, seja com Palavras de Deus" (1Pd 4,11).

Dos primeiros anos do seu ministério sacerdotal se conservam 39 sermões escritos por inteiro, feitos na sua paróquia natal de S. Paulo em C. M, de Junho de 1800 a abril de 1807. São reunidos em fascículos bem ordenados, perfeitamente escritos à mão.

Dando uma vista de olhos em qualquer um deles encontram-se freqüentemente passagens bíblicas feitas em latim. Não são porém lugares comuns e costumeiros da oratória sagrada, nem simples elementos ornamentais.

Na maioria das vezes os trechos bíblicos assinalam um itinerário, marcam a diretriz do pensamento constróem e desenvolvem uma temática.

As citações não se escondem em fraseados de moldura, colocados aqui e ali como sinais de enfeite, mas são pontos luminosos que marcam e acompanham o desenvolvimento do tema. Muitas vezes os próprios argumentos tomam um feitiço bíblico seja pela concepção ou pela técnica e sabor.

Compõe assim sermões com o título "A lei evangélica" ou "As Beatitudes". A síntese mais válida e completa, quase que a sua "Dei Verbum", é o sermão feito na Epifania de 1806 que traça "A regra do meu pensar e agir". "Onde se tratar da alma, da salvação da alma, volte-se o homem para Deus e dirija-se segundo as regras de Deus... A Palavra de Deus nas Escrituras, meus senhores, deve ser a regra do nosso agir, se queremos conhecer a verdade, chegar à salvação. A palavra de Deus revelada nas Escrituras e na Tradição é a única regra infalível do nosso crer, esperar e agir; mas é preciso ouvir a palavra de Deus pela Igreja" (MS 1717-24).

Uma avaliação bem acurada salienta: "É bem difícil encontrar outros escritores espirituais que façam a Escritura falar tanto e tão propositadamente. Afirmar que as citações são um mero ornamento literário ou ostentação erudita, é sinceramente dar prova de incapacidade de entender, falta de inteligência e de honestidade.

Mesmo que se afirmasse que a doutrina espiritual de Pe. Gaspar se origina, não da Sagrada Escritura, mas da Suma Teológica e dos Exercícios de S. Inácio, o que parece impossível, justamente por causa do seu caráter um pouco livresco e esquemático, muito lúcido e racional, devemos acrescentar que a Palavra de Deus não foi somente uma confirmação racional do sistema. A Palavra de Deus tão naturalmente lhe vinha dos lábios e aparecia viva em seus escritos, confirmava que sua oração, a íntima meditação religiosa, conduzia a uma doutrina, à qual, talvez antes tivesse aderido racionalmente. E era por esta razão que a própria doutrina tinha força para ele" (22).

2. MEDITAÇÕES SOBRE TEMAS E LIVROS DA ESCRITURA

O interesse bíblico de Pe. Gaspar se torna surpreendente, corajoso para os seus tempos, quando em 1807 para a catequese dos adultos ou a doutrina para a 4ª classe dominical, escolhe a ilustração das petições do "Pai nosso". "Motivos: convém todos os graus da oração – é compêndio do Evangelho" (MS 286).

Em apontamentos, esquemáticos numas quarenta páginas fixa os pontos a elucidar e traz por extenso amplas séries de trechos bíblico destinados a dar reforço e cor à elaboração exposta à viva voz.

Em 1810 o Bispo confia a Pe. Gaspar a difícil responsabilidade da formação espiritual dos clérigos no seminário. Ele recebe o encargo não baseando-se em simples palestras, mas prepara e desenvolve um longo e concatenado ciclo de meditações sobre os livros dos Reis. Quando ainda não existia uma cadeira de Escritura, Pe. Gaspar propõe e desenvolve durante 73 encontros dominicais e festivos uma série de reflexões concentradas sobre temas da "casa de Deus e da "vocação" ligados à figura de Samuel, e desenvolve depois uma detalhada análise da conduta "má" de Saul e "boa" de Davi.

Na aplicação e comentário dos textos bíblicos aos seus ouvintes, o estilo de Pe. Gaspar é de sumo respeito e de plena dependência dos S. Padres. Quase se entrincheira atrás deles "para não dizer nada de nosso" (MS 7342). Em uma primeira coluna dos seus volumosos fascículos copia trechos do comentário latino do Pseudo-Gregório. Ao lado ou em baixo, com freqüência e densidade variadas, encontram-se reflexões, comentário e alusões pessoais.

Eis algumas observações mais significativas: "A Escritura, pois, é uma escada para se chegar ao conhecimento de Deus pela fé. É preciso não parar na letra, mas subir ao espírito. A letra é o fundamento da fé: sobre ela, com a esperança em Deus, necessitamos construir a caridade para as obras.

Quantos sacerdotes levam o material da letra para edificar as casas dos outros. O povo constrói no espírito sobre a letra. O sacerdote com a letra fica totalmente árido. Levam a escada. Os outros sobem. Eles ficam sempre em baixo" (MS 4859).

"Tudo com método, não por saltos. Tudo sobre as S. Escrituras, das quais se aprendem as normas para ação e os conhecimentos para a oração" (MS 4991).

Depois das considerações sobre a figura de Davi, volta-se para um outro ciclo de meditações sobre os primeiros 8 capítulos do Evangelho de S. Mateus.

A transição de Davi a Cristo é feita por meio do sentido típico: "Ânimo, pois; já que a sombra das figuras nos levaram até à Verdade, que é o Cristo nosso Senhor, cedam as sombras à luz, a alegria das histórias à letra do Evangelho" (MS 7345).

Como material básico transcreve texto e comentário de São João Crisóstomo, e coloca ao lado algumas anotações pessoais. Eis uma delas; "Diferença entre certos letrados e alguns simples cristãos: aqueles lêem e conhecem o escrito, estes ouvem e gostam da voz: àqueles a ciência, a estes a sabedoria"(MS 7348).

Uma terceira temática bíblica empreendida por Pe. Gaspar e sempre dirigida aos clérigos, desenvolve 13 meditações sobre os capítulos 1 e 2 do Gênesis. Também aqui emprega texto e comentário dos S. Padres acompanhando-os com observações mais vigorosas e mais marcantes que as costumeiras. Eis alguns trechos significativos: "As S. Escrituras bem meditadas insinuam não só idéias justas das coisas, mas ainda as ordenam bem, segundo a ordem da sabedoria divina. Formam o Espírito, o desenvolvem, o educam, aumentam ordenam suas idéias, retificam os juízos, orientam as reflexões" (MS 4650).

"A atenção, o confronto, a reflexão sobre as palavras e obras de Deus é a fonte de toda sabedoria e santidade" (MS 4669).

Uma quarta série de apontamentos recolhe anotações introdutórias e trechos de comentários aos 3 primeiros capítulos da carta aos Romanos, sempre tirados dos S. Padres. O copioso material recolhido e transcrito por Pe. Gaspar para fazer as suas meditações, em um primeiro contato parece árido, rude, sem vida, inacabado, e é muito pouco articulado. Pe. Gaspar ia normalmente ao seminário na tarde precedente e passava algumas horas da noite em oração no coro, interiorizando e organizando a sua meditação antes de fazê-la de manhã.

Para fazer seus sermões, Exercícios e Meditações não fazia mais que escrever a ordem, o arcabouço do discurso, com muitos textos da Escritura, que sabia desenvolver no momento oportuno com maestria e unção de espírito" (23).

3. A SAGRADA ESCRITURA NA PREGAÇÃO AO CLERO

Em compatibilidade com suas obrigações de aulas e suas enfermidades, Pe. Gaspar, dedica-se com assiduidade e fruto à pregação aos sacerdotes em geral e aos ordinandos em particular. Em comparação com os numerosos cursos dados, os apontamentos que restaram são decididamente poucos e só alguns são completos.

A partir de 1810 por várias vezes desenvolve áspersas considerações sobre a negligência e a preguiça ao Colégio dos Acólitos, sempre trazendo amplos e apropriados trechos bíblicos e com o convite: "Examinai às Escrituras (Jo 5, 39) não superficialmente, mas em profundidade. Meditando se consegue a doutrina para dirigir as consciências" (MS,5327).

Também dos testemunhos diretos aparece a qualidade e a riqueza bíblica que impregnava suas palavras. "Lembro-me ainda que pregou repetidamente retiros mensais em nosso seminário diocesano, e que às vezes era até demorado. Lembro-me que a sua pregação era a sólida palavra de Deus, isto é Sagrada Escritura e S. Padres, S. Padres e Sagradas Escrituras, tendo em mira unicamente o aproveitamento das pessoas" (24).

Idênticas as apreciações do Cônego Vicente Bazzoni: "Várias vezes o vi e ouvi suas palestras nos retiros mensais que fazia no Seminário, nas quais mostrava o seu espírito todo de Deus, e o seu conhecimento perfeito da Divina Escritura e dos S. Padres; os jovens o ouviam de muito boa vontade" (25).

Em outubro de 1816 deu um duplo curso de exercícios espirituais ao clero de Mântua. O próprio Pe. Gaspar faz um aceno escrevendo à Naudet: "parece que a palavra de Deus foi ouvida com muita satisfação; queira Deus que também com bastante fruto" (26).

Quando fala ao clero Pe. Gaspar não é nada delicado, aliás habitualmente é incisivo contra os defeitos e as omissões: "Isto é próprio dos tíbios, porque não se comparam nem com o Evangelho, nem com a doutrina e exemplos dos Santos, mas com os mundanos" (MS 3210)

Denuncia e golpeia a mediocridade do sacerdote que não estuda, e que portanto não possui "nem as Escrituras, nem Livros de Moral, mas só Breviário esfarrapado" (MS 3648).

Alguns testemunhos. "Compreendi que de modo especial quando pregava os Exercícios Espirituais, tinha numeroso auditório, atraídos não tanto pela arte oratória, quanto pelo fervor quente de sua palavra" (27).

Um precioso flash sobre os últimos anos de Pe. Gaspar é do Pe. João Beltrame: "Eu recebi os santos Exercícios do mesmo (Pe. Gaspar) antes de ser ordenado sacerdote em 1849 e juntamente com alguns meus colegas de escola, e os recebi no quarto vizinho ao seu, onde ele se encontrava doente. A impressão que eu tive então das suas instruções permaneceu sempre em meu espírito, porque eram fecundas de sentenças da Escritura e dos S. Padres... falava sempre com tão modesta simplicidade fazendo concluir que sua finalidade não era outra senão imprimir na mente e no coração dos que o ouviam o mesmo espírito que o animava" (28).

Pe. Gaspar atinge a Palavra de Deus com gosto, com largueza e competência; entregava-se à sua eficácia radical, ao seu valor intrínseco com a convicção do crente a experiência do cultor.

4. O INGREDIENTE BÍBLICO NOS ESCRITOS PESSOAIS

As pinceladas mais floridas, os sinais mais íntimos e discretos do seu amor e estima pela Palavra de Deus Pe. Gaspar os apresenta nos escritos de caráter reservado e pessoal.

De julho de 1808 a maio de 1813 escreve salteadamente considerações e confissões espirituais íntimas em um caderno oblongo de formato contábil, de umas vinte páginas. Esta espécie de diário espiritual, conhecido como "Memorial Privado", está entremeado de mais de 40 citações das mais variadas fontes bíblicas. Aparecem como motivos que marcam o ritmo e o fio dos seus pensamentos e são um espelho direto dos princípios que informam e movem sua vida íntima. A luz da Palavra de Deus circula aí não por ostentação erudita, mas por osmose espontânea. Entre outras coisas, salienta: "É um grande perigo ouvir a palavra de Deus e não tirar fruto dela" (29).

Outro importante campo de pesquisa em grau de revelar em linha direta a esfera dos sentimentos e convicções pessoais, é a correspondência epistolar. As quase 200 cartas enviadas por Pe. Gaspar a Leopoldina Naudet, fundadora das Irmãs da S. Família, por muito tempo dirigida por ele no caminho de Deus, apresentam um tom e um caráter de comunicação espiritual de rara inteligência. Muitos dos temas e a própria seqüência dos pensamentos são orientados e apoiados pela colocação quase contínua, de apropriados trechos bíblicos. Eles refletem as vibrações do espírito, os reflexos de luz, as convicções que marcam de sabedoria sobrenatural as soluções aos vários problemas enfrentados. Não são citações atiradas artificialmente ou de maneira puramente mnemônica ou mecânica, mas se encaixam como perfume que tonifica e cria as orientações e certezas de onde desce para traçar as linhas e as conclusões operativas.

Um exame metódico das numerosas cartas enviadas à Naudet permite observar o valor, a propriedade e relevância dos trechos bíblicos usados por Pe. Gaspar. Pode-se verificar que os temas e os textos escriturísticos apresentados assumem a função de responder aos problemas e estado de ânimo trazidos pela correspondente, e não aparecem somente por simples costume devocional. Também ao dirigir e aconselhar a Naudet Pe. Gaspar se atém ao critério de avaliar os comportamentos e indicar as sugestões propondo escolhas e soluções encontradas e confirmadas mediante preciosos trechos bíblicos apresentados com propriedade, variedade e notável senso prático.

Numerosos trechos bíblicos levam à alegria, à confiança, ao abandono; ressoam muitas vezes versículos dos Salmos 30 e 14, entremeando-se com frases evangélicas e expressões muito freqüentes do Cântico dos Cânticos.

Em vários lugares aparecem também claras admoestações do princípio: "O texto do Evangelho é claro, aberto: e para mim ele é mais importante que qualquer raciocínio..." (30). "Eu não condeno a sentença de ninguém que não conheço, mas fico sempre com a verdade e a simplicidade do Evangelho" (31).

Com toda singeleza e confiança Pe. Gaspar se corresponde por carta com seu caríssimo Pe. Luiz Bragato, que passou dos Estigmas a capelão na corte de Viena e depois em Praga. Os poucos fragmentos, restantes de um copioso maço de papéis destruído em uma fogueira em 1867 por uma infeliz precaução política, revelam-se logo retalhos preciosos de um intenso diálogo espiritual alimentado por contínuos e longos trechos escriturísticos apresentados com inteligência e espontaneidade.

Eis uma das faíscas mais luminosas, um trecho dos mais característicos: "Feliz o homem cuja esperança é Deus. Oh, como a Palavra de Deus consola as almas fiéis! A sua bondade, a sua sabedoria, o seu poder, todo o seu Deus se oferecem em auxílio do homem que confia Nele... Confiemos em Deus, que é uma bela confiança, desconfiados totalmente de nós. É bom colocar em meu Deus a minha esperança" (32).

5. SENTENÇAS BÍBLICAS DEVOCIONAIS HABITUAIS

Da fraseologia bíblica Pe. Gaspar tirou temas para cunhar várias expressões, invocações, chistes e jaculatórias que lhe vinham espontâneas e costumeiras aos lábios nos momentos de prova, de sofrimento, nas noites muitas vezes passadas em oração. Estas fórmulas já estereotipadas afloravam também nos breves encontros com os visitantes levados até o seu quarto de enfermo. Elas mostravam a sua fé, louvor e aceitação da vontade de Deus nos momentos de alívio como de sofrimento. Eram fórmulas repetidas já por hábito, mas eram sempre um eco da sua interioridade; eram recursos edificantes e tonificantes.

Particularmente "ao dar os conselhos que lhe eram pedidos, jamais dizia: aconselho assim, ou aconselho assado; mas usava um ou outro texto da Escritura ou de qualquer S. Padre" (33).

A Palavra de Deus aparece assim autêntica fonte de vida, de oração e de conselho, útil para que o homem de Deus seja perfeito, apto para toda a obra boa (2Tm 3, 16).

TESTEMUNHOS E MENSAGENS

Ainda que Pe. Gaspar não tenha o estofo nem o intento de estudioso da S. Escritura em nível científico, destaca-se e aparece como cultor assíduo e fervoroso, apresentando pontos de sensibilidade quase profética e de pioneirismo no campo dos movimentos do despertar bíblico hoje em moda.

A sua suprema reverência e estima pela Palavra de Deus, o seu vasto conhecimento alimentado por assídua leitura, estudo e meditação, o recurso saboroso e amplo nas diversas formas de evangelização e na conversa familiar e epistolar, mostram uma dimensão do espírito pronta a colher e viver o primado do valor que cabe à Palavra de Deus.

Com tenacidade e alegria, com total confiança ele coloca a mensagem bíblica como fonte de sua fé, como base da sua inteligência, como norma da sua vida.

"Fizera abastecimento não somente pelo amor que tinha pela Palavra de Deus, mas para animar de espírito de fé todas suas ações e orientá-las em todas as situações e necessidades, com este sólido princípio e espírito todo divino. Por esta razão tinha sempre pronto e para o momento oportuno bem aplicados trechos da S. Escritura, e era o guia e a senha, que nas mais variadas circunstâncias da vida, o orientava para agir com segura confiança e tranquilidade.

E o que ele mesmo praticava, usava também fazer com os outros; os que em diferentes conselhos, exortações ou conversas, quando, eram por ele confortados, ficavam de tal modo envolvidos pelas suas palavras e citações escriturísticas, que parecia que o próprio Deus tivesse falado por sua boca. E tudo isso lhe era tão natural e espontâneo, que quase diria ter-se tomado sua natureza e seu sangue..." (34).

A terminologia um pouco empolada e devocional do seu primeiro biógrafo todavia tem o valor de entender e colocar em relevo a acentuada e específica tonalidade bíblica de Pe. Gaspar.

Ele descobre e cultiva os valores bíblicos com finalidade interior; os propõe e os apresenta colocando-os como centro da sua vida e da sua ação apostólica. Para esse mesmo culto e interesse ele orienta e educa todos os que se unem a ele para formar o punhado de missionários apostólicos por ele ideado.

E esta é uma das grandes heranças que deixou a seus filhos, aos quais não somente recomendava o respeito e o amor estudioso à Palavra de Deus ou à S. Escritura apresentada ou à Tradição, mas ordenava que sempre a lessem e consultassem em todas as necessidades, e que lhes servissem sempre de meditação diurna e noturna; e com maior insistência prescrevia aos seus jovens religiosos quanto cada dia devessem com maior empenho estudá-la e aprendê-la de cor" (35).

No dia da oração do Instituto, aos 30 de setembro de 1855, D. Riccabona, inspira-se na Escritura para delinear rapidamente a figura do Fundador e traçar o estilo e os motivos inspiradores da nascente Congregação. O Pe. Lenotti assim resume o momento da celebração: O Bispo "fez uma breve alocução elogiando o Fundador Pe. Gaspar Bertoni com as palavras do salmo: "Justus ut palma florebit, etc.", louvando o Instituto e animando seus religiosos para que imitassem o Pai, e prosseguissem na caminhada, que será aquela desejada pelos Bispos, e que o Sumo Pontífice lhe disse que desejava que esse "pusillus grex" aumentasse. E com o nome de Missionários Apostólicos, disse que devemos por isso mesmo imitar os

Apóstolos na pregação da Palavra divina e imitar-lhe o zelo, a caridade e a abnegação" (36).

Ao propor como ideal eclesialístico o serviço de Missionários Apostólicos em auxílio e cooperação com os Bispos nos diversos campos de evangelização, Pe. Gaspar aponta a si e aos seus um programa de vida e de ação centralizados nos valores radicais e decisivos da Palavra de Deus.

Colocando-se com convicção e intuição providente na esteira da luz da Palavra de Deus, ele governou-se e agiu com têmpera de profeta e coerência de testemunha. Tornou-se assim o homem sábio que construiu sobre a rocha.

"A atenção, o confronto, a reflexão sobre as palavras e obras de Deus é a fonte de toda a ciência e santidade" (MS 4669).

Em toda sua vida Pe. Gaspar se esforçou para assimilar religiosamente e para praticar fielmente a mensagem das Escrituras. Hoje ele goza no céu a recompensa e a felicidade dos servos fiéis, que ouviram a Palavra de Deus com o coração dócil e atenção operosa, tirando portanto muito fruto.

NOTAS

Os manuscritos de Pe. Gaspar são citados no texto com MS e o número relativo.

- 01 - J.B. Lenotti em Summarium Additionale della Positio super virtutibus del Bertoni, p. 181.
- 02 - Epistolário Bertoni, feito pelo Pe. José Stofella, Verona 1954 p. 100.
- 03 - Ib., p. 86.
- 04 - G. Giacobbe em Summ. Add., p. 506.
- 05 - Epist. Bertoni, p. 358.
- 06 - Summarium dela Positio s. virt. p. 99.
- 07 - Summ. Add., p. 182.
- 08 - Divo Barsotti, Magistero di Santi., A.V.E. 1971, p. 131.
- 09 - Summ. Add., p. 461.
- 10 - Ib., p. 328.
- 11 - Ib.
- 12 - Memórias autógrafas de D. Lieuti, 1812.
- 13 - C. Charlier, Lettura Cristiana della Bibbia, E.P,1961, p. 17.
- 14 - Summ. p. 53.
- 15 - Ib., p. 95.
- 16 - Ib., p. 96.
- 17 - Ib., p, 101.
- 18 - Summ. Add., p. 461
- 19 - Summ., p. 90.
- 20 - Summ, add, p. 396.
- 21 - Ib., p. 602.
- 22 - D. Barsotti, o.c. pp. 14 s.
- 23 - Summ. Add., p, 159.
- 24 - Pe. Paulo Gradinati in Summ., p. 105.
- 25 - Summ., p, 105.
- 26 - Epist. Bertoni, pp, 135 s.
- 27 -Pe. Augusto Siena in Summ, p. 122.
- 28 - Summ., p, 106.
- 29 - Memorial Privado in collectanea Stigmatina, vol. IV, p. 113; MS 9080. .
- 30 - Epist. Bertoni, p. 228.
- 31 - Ib., p. 269.
- 32 - Ib., p. 323.
- 33 - Summ., p.175.
- 34 - Summ. Add., p. 461.
- 35 - Ib., pp. 461 s.
- 36 - Breve cronaca della Congr. dei Preti delle Stimmate, Verona, 1917, pp. 94 s.

ENSAIOS SOBRE O ESPÍRITO DE SÃO GASPAR BERTONI

2

**PADRE GASPAR, DIRETOR ESPIRITUAL
PE. ROMOLO BERTONI, CSS**

**A DOENÇA COMO TEMPO DE GRAÇA
PE. GIAMPIETRO DE PAOLI, CSS**

Idioma original: Italiano

Tradutor para a Língua Portuguesa:

Pe. Benedito Andrade Bettini, CSS

Edição Impressa: 1983

Edição Eletrônica: Agosto de 2004

ÍNDICE

Pe. Gaspar, Diretor Espiritual	24
I - Clima da Direção espiritual	24
1. Clima de fé	24
2. Clima de fraternidade	25
3. Clima promocional	27
4. Clima de desapego	27
5. Clima comunitário	28
II - Estilo da Direção espiritual	29
III - Conteúdos da Direção espiritual	31
IV - Quem é apto para exercer a direção espiritual	32
V - Conclusão	33
A doença como tempo de graça	34
I - Na “Escola de Deus”	34
II - As vicissitudes da doença de Pe. Gaspar	35
III - A doença no plano de Deus	36
IV - O restabelecimento, sinal do amor de Deus	40
V - O abandono em Deus na doença e a alegria de se confiar Nele	41
Notas	44

PE. GASPAR, DIRETOR ESPIRITUAL

PE. ROMOLO BERTONI, CSS

Temos a possibilidade de reconstruir a imagem de Pe. Gaspar como Diretor Espiritual. Agradecemos a Deus, mas também à Serva de Deus Madre Leopoldina Naudet e às suas primeiras companheiras pelo atencioso cuidado de conservar as cartas do Bem-aventurado. Somos devedores também ao Pe. Stofella que reuniu em um EPISTOLÁRIO a correspondência do Fundador, onde faltam infelizmente quase todas as cartas enviadas ao Pe. Bragato, destruídas pelo medo de represálias policiais na época da anexação de Veneza à Itália (1866).

Este estudo torna-se apenas um trabalho de índice analítico; tem não obstante o valor de ser totalmente extraído do Epistolário. Relevos e observações, portanto, nascem dentro e vivem nas páginas de Pe. Gaspar; um estudo mais amplo, ao invés de provar, teria desclassificado a capacidade do autor, que escreve tão somente porque se trata mais de um “estudo afetoso” que científico.

As perguntas que se pretendeu responder são fundamentalmente as seguintes:

- 1 - qual é o contexto, o clima, a atmosfera da direção espiritual?
- 2 - que característica revela esta direção?
- 3 - que conteúdo transmite?
- 4 - que pessoas são dignas de exercê-la?

Conforme as perguntas, dividiremos também o texto em quatro artigos fundamentais.

I - CLIMA DA DIREÇÃO ESPIRITUAL

1. CLIMA DE FÉ(*)

(*) O "GIORNALE DELL'ANIMA de Leopoldina Naudet é citado com G e o número da página entre parêntesis; o EPISTOLÁRIO DE PE. GASPAR só com o número da página.

Trata-se de uma ligação querida por Deus. É o Senhor que ordena a Leopoldina escolher "o apoio externo" de Pe. Gaspar para "estar melhor" com Ele (G 44). Por que justamente Pe. Gaspar? Porque segue o mesmo caminho do abandono; e porque para dirigí-la não há necessidade de ciência, mas de experiência espiritual; porque não prescreve ordens fortes, porque não faz interrogatórios (G 47); porque é a mediação límpida da vontade divina (G 71 e 55).

Pe. Gaspar corresponde às exigências espirituais de Leopoldina. Ela deseja um diretor que seja "tal que eu possa confiar-me na consciência do seu juízo, e ser ao mesmo tempo ajudada na alma" (164). Parece-me - escreve no Giornale dell'anima - que Ele (o Senhor) me dizia que para dirigir-me não há necessidade de

ciência; porque só uma coisa age em mim, isto é o Amor; este é o principal trabalho. Quer, pois, aqui ajuda a isto: o que só se pode tirar da própria Fonte, e não da ciência" (G 44).

Pe. Gaspar sente uma inspiração idêntica, e anota no seu Memorial Privado: "Não deves estudar muito para a direção de N.N. Mas procure estar em contato com a fonte da luz. Isto certamente te fará muito bem. Jamais te antecipes ao Senhor; pelo contrário, deves segui-lo, pois Ele te ilumina e te sugerirá, mediante tua súplica, os meios para progredires e corresponderes a Ele" (12 de Janeiro de 1811).

A direção espiritual que Leopoldina recebe com fé é uma experiência de abandono, que lhe servirá de corda de apoio na escalada da montanha santa. Confiará nele em tudo (G 55, 73, 76) mesmo para combinar coisas externas (G 50).

Somente Deus é o autor da nossa santificação, a única fonte de luz e de amor; se reúne espiritualmente duas pessoas, é para que estejam melhor com Ele, para que o conheçam e o amem mais.

Só Ele é o "Dono do Espírito" (G 44), escreve Leopoldina. "Ele distribui seus servos como, quando, onde quer, porque sua família é bem grande" - responde Pe. Gaspar - (244); "e como para servir Sua divina Majestade vim para São José, assim, e com a mesma vontade, para servi-Lo retiro-me" (27).

2. CLIMA DE FRATERNIDADE

Entre a casa de Pe. Gaspar e de Naudet não são somente cartas espirituais que fazem entrelaçamento: vão e vêm livros, esquemas, rascunhos, traduções, remédios, relíquias, paramentos sagrados, recibos, orações.

O envolvimento espiritual é claramente envolvimento operativo, afetivo, humano. "Sempre humilde e muito respeitoso - escreve Pe. Stofella de Pe. Gaspar neste relacionamento (19) - parece-nos que tenha traços de viva cordialidade, um acento mais que fraterno, parecendo mesmo um irmão menor..." Entre os dois a palavra afeto ou amizade nunca aparece (enquanto existe muito nas cartas com Pe. Bragato), mas se percebem todos os elementos. Hei-los:

ATENÇÃO COM A SAÚDE. As cartas de Pe. Gaspar parecem responder a um contínuo e preocupado: como vai? E informa sobre estado de saúde, operações, tratamentos, preocupações; agradece pelas gotas (231) e permite-se brincar com os santos que são invocados em seu auxílio: "com a minha pequena fé arrisco mesmo aos Santos de fazerem má figura" (196). '

A GRATIDÃO. "Sou muito grato e reconhecido pela liberdade com que Vossa Senhoria me fala, pela caridosa solicitude que tem por minhas coisas..." (194). Agradece também as atenções cortesias... (165).

A ZELOSA SOLICITUDE. "Logo que tiver concebido uma idéia, serei solícito em comunicá-la, porque me interessa" (171). "A pressa em responder... me fez esquecer uma obrigação minha..." (229). Quando puder ir, ouvirei com prazer as novas..." (204). Tem "grande cuidado" de manifestar as boas notícias (58); desagrada-lhe não poder ir pessoalmente (102), mas assegura: "No primeiro momento que puder, estarei em São José" (98).

O SACRIFÍCIO. "Não tenho mais tempo de respirar" (201), "tenho a cabeça que nem sempre é minha" (198), "o cérebro cansado não me sugere nada" (211), "as perguntas são difíceis; eu tenho pouca cabeça e esta pouca mal me governa" (178); de qualquer maneira procurarei, com o pouco de cabeça e de tempo que sobra, pensar a respeito" (241). "A cabeça é pequena e a vista ainda menor, depois das longas enfermidades; e muito pouco me ajudam para escrever" (221), mas ainda assim... vou "preparando doutíssimos tratados" (124). Ofereça com sacrifício e com alegria, como agrada a Deus.

A SERENIDADE. Podem-se encontrar também "tiradas de espírito" no Epistolário, como diz ao Pe. Bragatto, de ter em conta e, nossa natureza para cantar com ela os louvares de Deus, porque foi Ele que nos fez assim e não nós. (315), assim manifesta de si aquela pitada de bom humor que não prejudica. A palavra brincalhona jamais tira a profundidade dos pensamentos e das preocupações, mas, como se diz hoje, as alegra. Assim o sentimos sorrir quando declara: "Os anos estão muito adiante e a ciência muito atrás" (117), ou quando recomenda que a Sofia não seja muito devota de S. Firmo, mas que seja, firme na decisão de seguir o Senhor; ou quando fala do bom Pe. Farinati que, em relação ao sentido lingüístico, é uma autêntica calamidade (60) ou quando vê a Canossa (oh! coitada dela) como uma fortaleza que deve ser destruída com bombas. Depois com um "perdão pela brincadeira" (230) e com a certeza também a brincadeira pode estar a serviço de Deus.

LEALDADE. A uma Fundadora que, embora admitindo ser "maçante" ou importuna (237), não pode ficar bem perturbá-lo porque "não sabe agir em nada sem seu conselho" (167), Pe. Gaspar responde começando assim: "vejo um assunto muito espinhoso, e que precisa de tempo, oração, conselho e prudência" (169); ou então assim: "De ontem à tarde, até agora, pensando, não encontrei solução..." (181); ou dá esta resposta humanamente frustrante: "Não encontro razões para dar o meu parecer mais a uma que a outra das duas partes..." (119). A uma irmã que lhe repetia: "sem sua solução não sei resolver-me" (172) responde: "Também eu vejo escuridão de todo lado..." (159).

Ainda há mais. Outras vezes é o próprio Pe. Gaspar que pede conselho. Não se sabe se é sinal de humildade, de confiança, de afeto, ou tudo junto, mas se lê expressões assim: "Não quis dar um passo sem primeiro ter o seu conselho" (122), ou definitivamente: "a sua prudência poderá enxergar melhor que eu" (211).

Para um homem chamado "anjo do conselho" estas expressões são o elogio mais belo da sua seriedade e honestidade profissional.

DELICADEZA. As respostas habituais de Pe. Gaspar são: "eu faria" (55) ou "o meu plano seria"(176), ou "não saberia o que dizer" (186). Os imperativos aparecem somente quando se trata de certezas básicas do edifício espiritual: "Abandone-se tudo em Deus... repouse Nele... não dê lugar senão ao amor..." (73).

3. CLIMA PROMOCIONAL

Não se encontra um termo mais apropriado para exprimir esta particular atitude de Pe. Gaspar com que ele aprecia e encoraja a elaboração e o amadurecimento pessoal das convicções de fé e das decisões seguintes. Desde as primeiras cartas reconhece e admira na irmã espiritual os dons de Deus: "Eu reconheço muito a virtude e o espírito eminente que Deus lhe deu" (26). Não se contenta em apresentar soluções, mas propõe, mais sabiamente, quase que princípios, pistas para soluções, confiando à "prudência celeste" (que se aprende na escola de Deus a tarefa do discernimento (56-57). Aprecio as decisões tomadas (ótimo o modo que foi seguido..."(48); "o conselho, de fato, me parece justo"... (51), quando não encontra "coisa contrária ao Espírito do Senhor" (51).

4. CLIMA DE DESAPEGO

Uma outra característica que explica o modo discreto, propositivo, da direção espiritual do Bem-aventurado é o desapego, vivido aqui como serviço precário.

Eu não sou profeta - escreve - mas sou seu servo e do Senhor..." (40). Porisso... "não tema Vossa Senhoria causar distúrbio aos servidores, se a senhora dá-lhes, antes, alguma oportunidade para que possam servir o seu Patrão; e muito menos creia-se obrigada a dever agradecê-los, sendo eles muito bem pagos, por um Senhor tão grande e bom. Por isso proponha... antes, mande francamente..." (72-73).

Aquele que na direção espiritual se declara "servo" de Leopoldina, porém também servo de Deus, sempre atento à sua vontade, sempre pronto a deixar agir diretamente o Patrão, que é único livre. Deus é livre de comunicar-se com a alma por caminhos não comuns (75). Deus é livre de falar diretamente com a alma, e seu servo não pode senão aprovar. "Seja bendito o Senhor! Ele falou ao coração de Vossa Senhoria. Que poderá o servo senão repetir as palavras do seu Patrão? Que poderá senão procurar o cumprimento da vontade do seu Senhor?" (30).

Deus chega também onde seu servo não consegue: "Respondo o que sei, Deus saberá e fará o restante" (178).

Deus pode fazer correr o seu servo ainda que doente "se Ele quiser utilizar-se do seu trabalho" (46).

Deus é livre de distribuir seus servos na sua grande casa a seu bel prazer (244). É livre de se dar ou retirar este auxílio espiritual. Mas se um diretor espiritual é necessário "Deus o fará vir, ainda que devesse criá-lo para isto" (244).

Um dia, Pe. Gaspar ouvirá da parte de Deus um "basta" que o fará interromper bruscamente a direção e o seu auxílio e o dos seus ao Instituto nascente. Não se pode replicar: "Quando Ele diz "basta", o outro não pode dizer "ainda" (244).

Como humildemente entrou na vida de Madre Leopoldina, assim agora sente a partida, sempre obediente ao sinal de Sua divina Majestade. Certamente reconhece a dificuldade em que se encontrará a Irmã, mas prevê na fé também um precioso momento para crescer na confiança e no abandono. E repete: "confie em Deus; confie plenamente em Deus (185). O Senhor a conforte com sua graça e sua predileção" (186). "É-me necessário uma pessoa - insiste Leopoldina - à qual possa dizer: faço assim e assim, vai bem ou vai mal? (168). E a resposta ainda é um incitamento para confiar somente em Deus: "Deus, onde for necessário à salvação da sua alma e das almas que estão a seu cuidado, não quererá negar a luz da sabedoria ao seu ministro...".(185).

5. CLIMA COMUNITÁRIO

Os dois Institutos, dos Estigmatinos e das Irmãs da Sagrada Família, que surgiam ao mesmo tempo há cinquenta metros de distância, e debaixo do mesmo Pai, não podiam senão sentir-se ligados por afinidade espiritual. Leiamos duas declarações esclarecedoras.

Leopoldina: "Parece-me que o Senhor ligou meu espírito à sua Obra e que nada pode tirar de mim o desvelo que tomei desde o início..." (163). Pe. Gaspar: "O amor à sua Obra - que por humildade quer chamar também minha - não diminuiu jamais, nem diminuirá, espero, ajudando-me a graça divina a amar as coisas do seu serviço" (166).

O relacionamento espiritual entre os Fundadores fluía espontaneamente nas duas comunidades, interessadas no mesmo ideal da glória de Deus e do serviço apostólico à Igreja. Sente-se, às vezes, toda a comunidade dos Estigmas envolvida no trabalho: Não escrevemos outra coisa, estamos parados, nos bastará..." (143; também Madre Leopoldina sente-se solidária com as companheiras nos sentimentos: "a sua caridade para conosco..." (147) confirma o intercâmbio de auxílios espirituais e concretos não só pessoais mas comunitários. Hoje dir-se-ia "socializar as amizades" ou seja tomar participantes dos nossos afetos também os Confrades; ontem, de qualquer maneira, já se praticava.

Como conclusão desta primeira parte podemos dizer que nos encontramos diante de dois personagens vivos que dão vida a um relacionamento dinâmico, talvez sofrido, talvez toldado por incompreensões, mas sempre amadurecendo. É um relacionamento no qual o dar e o receber não são definidos. Às vezes parece que

seja Pe. Gaspar que recebe mais benefícios espirituais que a Naudet. Pe. Gaspar tem "solicitude" (29), "disponibilidade" (27), empatia (39) e comunhão de atitudes (confiança, abandono...); as cartas lhe causam edificação (38), muita alegria (60) e auxílio espiritual (62). Ele tem plena confiança em Leopoldina; manifesta-lhe os sentimentos mais pessoais (37), confia-lhe as próprias trepidações (58) e desânimos (74); entrega-se à sua prudência (49) com plena simplicidade (37). Chama-se familiarmente "minha senhora" e, depois, aumentando a idade, "ilustríssima senhora". Nada falta para reconhecer neste relacionamento espiritual uma verdadeira e profunda amizade em Cristo, mesmo se o "meu caríssimo" for reservado somente ao Pe. Luiz (321).

II - ESTILO DA DIREÇÃO ESPIRITUAL

As cartas de direção espiritual revelam geralmente uma cadência, quase um ritmo mental que pode ser esquematizado assim:

- 1 - Evocação ao problema proposto ou doutrina a conceder;
- 2 - Referencia bíblica como orientação decisiva;
- 3 - Exclamação espontânea, quase uma saudação à Palavra encontrada;
- 4 - Outros critérios de discernimento espiritual, como a vida dos santos, o comportamento da Igreja, as palavras e as decisões do Papa;
- 5 - Anormalmente, provas de razões e de experiências.

Esta estrutura lógica, construída inteiramente sobre as fontes da fé que são a Palavra e a Tradição, é notável em um tempo de experiências. "As experiências - escreve o fundador - são confrontadas com as divinas Escrituras" (81).

Analisemos cada um dos elementos deste cadinho bertoniano do qual os conselhos saem purificados e preciosos.

1 - O problema proposto é dos mais variados. O conselho que Madre Leopoldina espera é sobre a via mística ou sobre ortografia; sobre como dispensar uma companheira ou como receber as visitas de Sua divina Majestade. Enfim, a cada "não sei fazer sem o seu conselho" (167) de Leopoldina corresponde um "preocupo-me como de uma coisa minha" (171 de Pe. Gaspar).

2 - A Palavra é o ponto de vista de Deus sobre os problemas da vida. O conhecimento profundo do livro sagrado permitia a Pe. Gaspar raciocinar com mentalidade bíblica. Cada resposta, portanto, é construída com textos e conceitos bíblicos. Como bom escriba sábio, Pe. Gaspar tira do tesouro do seu coração coisas novas e coisas antigas. Não é necessário citar textos para dar razão a este húmus bíblico no qual se desenvolvem as sementes do conselho; abra-se qualquer página de direção espiritual, e se encontra imerso na Palavra de Deus.

Pe. Gaspar preocupa-se de que seja Deus quem fale, porque não quer jamais colocar nada de seu. Porisso lhe escapa nos escritos: "exorto-a, ou melhor, Deus a exorta pelas minhas palavras..." ou então "eis nestas palavras de São Paulo infinitamente mais do que eu não saberia dizer" (113). Às vezes faz vibrar a pena e o

coração: "A senhora não sente com quanta força o evangelho nos grita "procurar primeiro..." (86).

3 - É preciso dizer que o coração dos santos é uma fornalha sempre acesa. De fato, cada palavra, cada pensamento, cada ação que se atira lá dentro, inflama-se e se toma perfume para louvor da glória de Deus. Cada raciocínio de Pe. Gaspar - que bela observação! - tem sempre um êxito comemorativo, quase litúrgico, contemplativo: "Seja, pois, bendito o Senhor!" (31); "seja também bendito o Senhor!" (33); "seja também bendito o Senhor por todos os séculos" (123). Muitas exclamações são ainda dos textos bíblicos, quase em um turbilhão de glória no qual a Sabedoria louva a si mesmo. Fora, portanto, somente nossas palavras, fora as soluções somente humanas ou psicológicas, fora a nossa estulta sabedoria!

4. Não se encontram no Epistolário muitas referências à vida dos santos, exceção feita a São Pedro e Santo Inácio de Loyola. A forte piedade cristocêntrica de Leopoldina não permite ao diretor espiritual exprimir seus conhecimentos hagiográficos, sobretudo patrísticos, porque o alimento é dado segundo a necessidade.

Mais característico ao contrário é o apelo ao critério eclesial da verdade. A atenção à posição da Igreja esposa de Cristo, seja no campo místico (99), como operativo e prático (55), é garantia de tranquilidade de consciência. Eis uma declaração que tem o sabor de um solene ato de fé: "Dei aquele conselho que diante de Deus acreditei que devia dar, como o mais conveniente às normas da Igreja, e o mais útil aos interesses do Senhor; e se não o tivesse dado assim, não poderia julgar-me seguro em consciência" (195).

Na Igreja, orientadora é a palavra do Papa, "nosso pai e mestre" (100) "O que é agradável ao Vigário de Cristo, a quem dos fiéis poderá desagradar em algo, ou parecer menos justo e conveniente?" (287).

Que dizer de tantas "interpretações" dos documentos do Papa feitas no confessional, no púlpito, nos livros? "Eu não condeno as sentenças de quem não conheço - talvez pudesse responder Pe. Gaspar - mas fico sempre com a verdade e simplicidade do Evangelho... e sempre aconselho isto aos outros" (269).

A Palavra de Deus, pois, na mão da Igreja, é o critério mais sólido para mostrar os caminhos e as perspectivas de Deus às almas: "o texto do Evangelho é claro, aberto...; eu prefiro isto a qualquer raciocínio, se a santa Igreja, ou claríssimos argumentos não demostrem que eu deva explicá-lo de outro modo..." (228).

5 - É necessário escutar também os conselhos da reta razão (100) e da experiência (93). E depois... fé em Deus e pé na tábua, como diz o provérbio brasileiro; ou "faça o que lhe ditar a sua prudência em cada caso e com liberdade, confiada na amorosa Providência de Deus" (156), como repete muitas vezes Pe. Gaspar.

Como conclusão desta segunda parte, parece-me dever dizer que o método de Pe. Gaspar na direção espiritual é o oferecimento de um auxílio espiritual que não substitui, mas confirma e eleva a obra de Deus na capacidade e nos carismas de cada um: "Vossa Senhoria amadureça o que a mim parece simplesmente ser proposto..." (245).

Respeitador da relação única de Deus com a alma, Pe. Gaspar reconhece o próprio campo de intervenção, limitado a predispor e a confirmar o trabalho do Senhor: "O Senhor poderia iluminar-me; e por que não mais rapidamente a Vossa senhoria? Ao contrário iluminará a Vossa Senhoria e também a mim; eu, para dispor Vossa Senhoria, porventura muito de longe, e receber as luzes; e, recebidas, para assegurá-las confrontando-as com a prudência das divinas Escrituras, da Santa Igreja Católica, dos seus santos e doutores; Vossa Senhoria, pois, para completar Nele, com Ele e por Ele aquilo que começou" (81).

III - CONTEÚDOS DA DIREÇÃO ESPIRITUAL

Queremos apenas elencar alguns temas e acenos de vida espiritual, nos quais explicita-se o ensinamento de Pe. Gaspar. Dizer "de Pe. Gaspar" é ofendê-lo porque as doutrinas que ele transmite são da mais genuína fonte bíblica e eclesial, porisso não suas. É claro que o "específico" de um conselho não é tanto o princípio geral a ser enunciado, mas a aplicação em cada caso na sua circunstância. Pe. Gaspar está convencido da delicadeza desta tarefa prudencial, e a ensina também a Madre Leopoldina que está distilando as Constituições: "Calcule as forças da sua comunidade, e determine aquilo que melhor lhe parecer estar a serviço de Deus com estas pessoas, nestas circunstâncias, nestes tempos, nestes lugares, etc." (229).

Transcrevemos pois algumas proposições que parecem ser significativas, sem pretender exaurir a riqueza dos ensinamentos de Pe. Gaspar.

A SANTIDADE: O Senhor... "dê-nos a graça de cumprir não em parte, mas no todo a sua vontade, onde está a nossa santificação, e o que é útil para nossos irmãos, e para sua glória" (123).

A LEI: "Vê-se claro que a ele (Deus) interessa mais colocar em seu ânimo a regra viva, que é o seu Espírito, e gravar em seu coração a lei inteira ou constituições da sua caridade e do seu amor" (67).

OS DEFEITOS: "Repare Vossa Senhoria que os nossos defeitos, imperfeições, faltas, que no tornam mais dignos de desprezo aos nossos olhos, por pouco que nos conheçamos, e aos olhos de Deus, que tudo vê, acontecem por um motivo, o mais eficaz ao coração de Deus, para que possa dar a graça, ou seja a misericórdia: porque estamos repletos de desprezo" (45-46).

O SEGUIMENTO: "O seguir Cristo Nosso Senhor é coisa além de compreensão, e vale tanto, que infinitas penas e longuíssimos trabalhos, não se podem comparar, com tão grande valor" (68).

O AMOR: "Vossa Senhoria não dê lugar senão ao amor, e se ofereça liberalmente ao amor, que quer dizer estar prontíssima a fazer o que sabe agradar a Deus, e não por temor, mas principalmente por amor. O amor não tem medo de coisa nenhuma... Abandone-se, pois, totalmente a Deus... não colocando limites, nem determinando objetos, nem tempos a Nosso Senhor" (73). "Seja bendito o amor de Nosso Senhor que é comunicado às almas por Ele redimidas, e justificadas por sua graça" (78).

A ORAÇÃO: "Quanto à oração... responde o mesmo Espírito Santo: rezai sem interrupção. Parece-me pois que a oração ajudará a oração". Portanto... "podemos também aqui na terra oferecer o sacrifício perpétuo e perene, e o holocausto que de si mesmos oferecem os bem-aventurados Espíritos e os Santos no céu diante de Deus... Assim o fizeram todos os servos de Deus exilados e peregrinos nesta terra. Com as mesmas forças e os mesmos auxílios que eles puderam, poderemos também nós. E já que isto agrada a Deus, e reverte-se para, sua glória, e Ele assim nos ordena, basta isso para que se possa fazer e para que se faça" (34).

A ESPERANÇA: Fixemo-nos neste tema, porque só uma forte dimensão escatológica "orienta" o auxílio espiritual; e o caminho torna-se peregrinação para a casa do Pai.

Pe. Gaspar não se limita a encorajar (37) nas tribulações, mas faz luzir o futuro arrastando... "até uma perfeita transformação de glória na vida feliz, à qual, por misericórdia do Senhor, cada dia percorremos, avizinando com alegria do nosso coração" (38). De fato: "temos gravíssimo mandamento de esperar que a nossa miséria será transformada um dia em tanta glória, e seremos semelhantes a Ele. Seja bendito, agradecido, amado para sempre" (54). Porisso "ajudai - para que possamos louvá-lo e servi-lo dia e noite, habitando juntos na sua casa por toda a eternidade" (325).

Envergonha-nos apresentar somente estes poucos acenos da riqueza de um mestre de espírito de calibre de Pe. Gaspar. Mas não era esta a principal intenção do presente estudo.

IV - QUEM É APTO PARA EXERCER A DIREÇÃO ESPIRITUAL

Juntemos, ainda que sumariamente, também os elementos que se refiram à imagem que Pe. Gaspar tem de um confessor e diretor espiritual.

Pe. Farinatti era um tipo muito delicado de consciência, e criava problema com seu modo escrupuloso de confessar. Pe. Gaspar mostra-se para com ele de uma coragem e de uma força inusitada: "Falem (às suas penitentes) que eu darei a razão, e nada mais. E se acaso Vossa Senhoria o achar bom, acrescentarei o restante: que será fazer-lhes conhecer a inutilidade, a vaidade, a mortificação destas memórias e destas perguntas que eu não sei de haver feito em quatro anos. Que venham, que vão, ele não deve esperar vez por vez senão ouvir e julgar as que

se apresentam" (47). Não quer caçadores de almas, nem investigadores de consciência, mas servos disponíveis, e basta.

Como diretor espiritual da comunidade devem ser: "todas pessoas moderadas, incapazes de criar confusões, cismas ou mexericos" (206).

Julga oportuno como confessor Pe. Mazza, porque "homem de muito talento e de muita caridade"(206); Pe. Fornaroli, porque é "homem pausado, corajoso, prudente" (206); Pe. Strabui porque "tem muita paciência e caridade" (206); Pe. Marchi, porque é "boa pessoa e de sã doutrina" (206) .

Como pregador de exercícios aprova a escolha de um sacerdote porque, além de corajoso, julga-o um homem de Deus (139).

Parece evidente, lendo globalmente estes acenos, que para Pe. Gaspar não é suficiente um diretor que seja corajoso, mas deverá também ser bom. Parece também que, se tivesse que escolher, escolheria o bom.

V - CONCLUSÃO

Creemos haver fornecido, sobretudo aos Confrades que se dedicam ao trabalho de formação espiritual permanente dos Sacerdotes e das Religiosas, um útil termo de comparação para avaliar a própria missão. Transformadas quase em slogans, as sugestões que nos vêm de Pe. Gaspar, diretor espiritual, podem ser estas:

- mais que pai, seja irmão espiritual;
- mais que mestre, seja discípulo do único Mestre;
- mais que definidor, seja procurador da vontade do Pai;
- mais que valente, seja homem de Deus;
- não se torne patrão, mas servo das consciências;
- não uni-las a você, mas a Deus;
- antes aprende o Livro, depois os livros;
- sirva como, onde e até quando Deus quiser;
- respeite a liberdade de Deus e a iniciativa da pessoa;
- alegre-se quando se tornar inútil;
- viva aquilo que fala;
- não pretenda saber tudo;
- não preceda, mas siga o Senhor.
- Amém! Amém!

A DOENÇA COMO TEMPO DE GRAÇA

PE. GIAMPIETRO DE PAOLI, CSS

I - NA "ESCOLA DE DEUS"

É uma expressão que parece familiar a Pe. Gaspar, retorna continuamente nos seus escritos, se nem sempre se refere a doença ou a provação, percebe-se que estes são os momentos privilegiados.

Reze Vossa Senhoria, por caridade, para que eu tire fruto da escola que o Senhor se digna apresentar-me, de tal modo que eu me disponha a servi-Lo" (1).

"Eis a escola, eis o Mestre" (2) escreve ainda. A dois professores do seminário que vão visitá-lo Pe. Gaspar assim se expressa; "Eis-me aqui na escola" (3). Ao Pe. Bragato, Pe. Gaspar escreve, referindo-se ao início das aulas nos Estigmas; "Recomeçamos nossas aulas... O Senhor que já está fora das aulas, mantenha-se na escola de Deus: 'todos serão ensinados por Deus' (Jo 6, 45); 'Feliz o homem a quem tu ensinas, Senhor, e os instruis na tua lei' (Sl 42, 12)" (4). Não se trata só de doença; de fato a imagem volta muitas vezes também na meditação sobre o I Livro dos Reis: "A escola através da qual Deus ensina são as vidas dos Santos, as SS. Escrituras e as luzes da oração" (5).

O sofrimento, porém, em particular, é a escola de Deus; este um pensamento capital no espírito de Pe. Gaspar (6), um tema que se fundamenta na teologia do Espírito Santo e nas ações dos seus dons em nós, dons de inteligência, de ciência, de sabedoria... (7); um tema particularmente iluminado na espiritualidade bertoniana, caracterizado pelo confiante abandono à ação de Deus.

"Rezemos ao Senhor para que aumente em nós sua luz, para que conheçamos mais a nossa miséria, atinjamo-la até o fundo, mesmo até o abismo. Então ocorrerá que um abismo chamará outro abismo e a profundidade corresponderá à altura daquele edifício que Nosso Senhor projetou... E por isto o fez cavar antes mais profundamente, a fim de que Vossa Senhoria conheça a razão da ação divina e não se perturbe, nem se maravilhe como daquilo que não se vê, ou se desespere de ver a razão, ou seja, a causa. Eis justificada a sabedoria de Deus até às nossas pequenas mentes" (8).

A pedagogia de Deus se mostra sem descanso em nossos confrontos; saber seguir estes pensamentos é o desejo e a oração de sempre.

"Quando, portanto, é noite para nós, é dia para Aquele que conhece o que deve ser feito. E nós devemos elevar as mãos para o céu, quando não sabemos onde colocá-las, e nem o que é melhor pedir a Deus. 'Durante as horas da noite levantai as mãos para o santuário (SL 133, 3). Este é o latim que Deus ensina a todos na sua escola. 'A noite vos é transparente como o dia' (Sl 138, 12). Eis um outro latim que o nosso bom Pai nos explicou desde o princípio, tirando a luz das

trevas, e que Ele queira, por sua bondade, clarear ao redor, tornando a escuridão, em que deixa nossos trabalhos, no esplendor admirável da sua glória. 'Espere no Senhor - portanto - e faça o bem' (Sl 36, 3)" (9).

II - AS VICISSITUDES DA DOENÇA DE PE. GASPAR

Os motivos de sofrimentos e de alegria que marcam as etapas da vida de Pe. Gaspar, são, como para todos, os mais variados. A atenção aqui está voltada unicamente para um aspecto de sua vida: a doença. Trata-se de um componente decisivo no amadurecimento de sua personalidade, no seu caminho de santidade.

É útil relembrar, mesmo rapidamente, as vicissitudes da doença de Pe. Gaspar para se tirar relevantes ensinamentos.

O início foi em 1812, quando Pe. Gaspar tinha 35 anos. Foi atingido por um ataque de "febre miliar"; a falta de repouso, as fadigas, o trabalho intenso talvez tivessem debilitado seu físico, tornando-o bastante vulnerável. A "febre miliar" era causada por um germe desconhecido; muitas vezes no século passado manifestou-se de forma violenta, com caráter epidêmico. Os sintomas eram febre alta, sensação de angústia precordial, constrição epigástrica, profunda sudorese...

As condições de Pe. Gaspar atingido pela febre no outono de 1812 logo se tornaram graves; no domingo 25 de outubro fez seu testamento. À sua cabeceira, entre outros, vieram o Pe. Fortis, que tanto influíra na formação espiritual de Pe. Gaspar, e o seu confessor o Arcipreste Galvani, que muito contribuiria para o desenvolvimento da obra bertoniana. Mas estávamos muito longe do fim! Ao passar de algumas semanas o doente se recuperou; à Naudet, que, como tantos, havia rezado fervorosamente, escreveu: "O Senhor recompense Vossa Senhoria pela caridade de tantas orações feitas e mandadas fazer" (10).

Uma convalescença no verão seguinte em Colognola, nos mostra que o mal não estava definitivamente superado; manifestar-se-á ainda, em altos e baixos: "Eu vou me recuperando pouco a pouco" (11), será uma notícia freqüente, como freqüentes as recaídas.

Uma intensa atividade marca a vida de Pe. Gaspar nos anos imediatamente seguintes, sinal que o restabelecimento era, ao menos temporariamente, bom. Nas não se devia iludir. Em maio de 1819 Pe. Gaspar estava novamente doente, e grave. Alguém já começava a ver ali as "brincadeiras da Providência"; a Bem-aventurada Canossa escrevia: "Não duvido que esteja para restabelecer-se", e tinha realmente razão. O susto renovou-se ainda em dezembro de 1821; mas ainda desta vez restabeleceu-se. Sua saúde, porém, estava destinada a permanecer precária para sempre.

Em 1824 houve uma reviravolta nas vicissitudes da doença de Pe. Gaspar. Na perna direita formou-se um tumorzinho que foi se desenvolvendo progressivamente até o joelho. Logo depois dos primeiros cuidados médicos,

começaram as intervenções cirúrgicas; foram numerosas e dolorosíssimas. Permaneceu "debaixo de ferros e facas" (12), como escreve o próprio Pe. Gaspar, até 1827; pode recomeçar por períodos, a celebrar a santa Missa. "recuperava um pouco, mas os cirurgiões sempre tiveram seu trabalho. Justamente no início de 1.828 aconteceu uma milagrosa melhora, depois de uma crise que fizera temer o pior, e por muitos anos Pe. Gaspar pode retomar suas atividades; o mal deu-lhe descanso por catorze anos. Podia dizer-se aliviado, mas era sempre um doente crônico. A vista fraca e a perna insegura limitavam sua mobilidade, e o temor de novos ataques (como no inverno de 1833) jamais foi superado.

O último período da doença de Pe. Gaspar começa em 1842, estava com 65 anos; os 11 anos que lhe restavam foram todos testemunhas do seu sofrimento causado pelo diminuir dos companheiros que o haviam seguido aos Estigmas: "Ó amorosíssima, se bem que ocultíssima, Providência de Deus! Quem terá medo vivendo em suas mãos e sob sua proteção? (Sl 90, 1)..." (13).

Quando se aproximou o fim Pe. Gaspar já estava consumido pela doença; os últimos 30 meses viveu em um estado que causava dó, segundo Pe. Lenotti, quase imobilizado. "Sobre o leito das suas inumeráveis dores aprendia as últimas lições, as mais sublimes. O desejo de progredir nesta escola de purificação agigantava-se sempre mais. Quando um confrade lhe sussurrou ao ouvido se precisava de alguma coisa, respondeu: "Preciso sofrer"(14).

III - A DOENÇA NO PLANO DE DEUS

Pe. Gaspar vive a doença na perspectiva da fé, em uma luz religiosa, no seu significado de salvação. Existem causas e remédios, mas estes são vistos só como realidade secundárias em respeito ao cumprimento da vontade de salvação de Deus, mesmo através das situações da doença.

A Bíblia chega a dizer que é Deus que fere (Ex 4, 6); (Jó 16, 12 ss...); que permite a doença (Ex 12, 23; Jó, 2, 7).

Não se preocupa em distinguir entre doença e sofrimento, À compreensão da doença parte da condição do doente, que se sente, sim, na ambigüidade da culpa que está na origem do sofrimento, mas que se sente, especialmente nas mãos de Deus.

"Felizes os que esperam nesta Divina Providência. Esses não temerão nada que obstacule ou se interponha aos seus desígnios. Ela vai suave e fortemente ao mesmo tempo dispondo cada coisa ao fim previsto; e todas as coisas, boas e adversas, e as vontades boas e perversas dos homens, igualmente lhe servem. 'Faz tudo que lhe apraz, no céu e na terra' (Sl 134, 6). 'Ninguém pode, Senhor resistir à vossa vontade' (Est 13, 9); e 'todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus' (Rm 8, 28). Se eu não tivesse tantos pecados que me devem fazer tremer, eu teria mais do que nunca a melhor satisfação, enquanto, não fazendo quase mais nada, fico vendo o que faz o Senhor. Oh! quanto Ele é bom! E como

supera todo o nosso louvor" (15). A contemplação da ação de Deus é fonte de ulterior alegria.

"Peço encarecidamente, escreve à Naudet durante a convalescença em Colognola ai Colli depois de uma nova crise da doença, usar a mesma caridade para minha pobre alma, que está doente por tantos defeitos, muito mais do que estava o corpo, a fim de que possa servir a Deus Nosso Senhor, e à sua Igreja como Ele me ordena" (16). Pe. Gaspar vê imediatamente, com simplicidade e confiança, a mão de Deus nas vicissitudes da sua doença: "O Senhor me mantém na cama e debaixo de ferros e facas. Seja bendito! 'Bendirei o Senhor em todo o tempo' (Sl '30, 2). Tanto quanto for servido e isto me basta" (17). "As pernas não vão bem; e a direita, ferida, incha um pouco, com uma certa dorzinha muda, que eu jamais quero ouvir. "Mas faça-se, porém, a tua vontade!". (18). "O Senhor tirou-me de uma vez, esta manhã, Missa e Ofício, porque começou a purgar o tumorzinho do joelho. Veremos o que Ele quer"(19).

Também o Pe. Marani está doente e nas mãos dos médicos e a atitude de Pe. Gaspar é sempre apresentada à Naudet "Às orações de Vossa Senhoria ilustríssima recomendo também Pe. João, que a Deus agrada mantê-lo com suas dores"(20).

Entre os frutos da doença o Senhor faz amadurecer a caridade dosãos: "É preciso, pois, dizer que o Senhor mortifica e depois vivifica, quando depois de haver flagelado aquele que bem o merece, suscita a caridade de outros como intermediários, para que ele use sua mão onipotente para curar as feridas feitas pelas suas próprias mãos" (21).

O Evangelho não suprime doença, chama de "feliz" o sofrimento. Jesus cura os enfermos como sinal da presença da graça salvífica do Senhor, motivo de alegre reconhecimento. Como todo sofrimento, a doença permite a participação no sofrimento redentor de Cristo (cf 2Cor 4, 10 ss, e 7, 4; 8, 2...). Neste enfoque Pe. Gaspar pode escrever: "Peço-lhe muito que me recomende ao Senhor; diria também para agradecê-lo, porque verdadeiramente a visita dos seus flagelos são enormes favores" 22).

"Alegro-me do grandíssimo dom que o Senhor lhe fez, de agradecer nas tribulações porque a paciência efetua sua obra perfeita (Tg 1, 4), e o ânimo agradecido mesmo nos males atrai sobre os homens, grandes bens, não havendo coisa que mais honre a Deus" (23).

Pe. Gaspar, chega, com S. Paulo, a "ficar cheio de consolação" pelo fruto copioso que o Senhor extrai das "nossas angústias e tribulações" (24).

A enfermidade pode assim se tornar ocasião de graça, instrumento de redenção: "Eu devo agradecer muito a caridade de Vossa Senhoria ilustríssima pelas orações feitas e mandadas fazer pela minha saúde. E embora o Senhor não as tenha ouvido inteiramente, pelos seus altos fins - daí eu devo dizer: 'Faça-se a tua vontade' - não obstante estou certo, pela grande confiança que sinto, na força da

oração e da bondade divina, que foi prevenido um perigo maior" (25). "Tudo o que Deus faz é sempre o melhor. Ó mãos sapientíssimas, quanto mais trabalham ocultamente. Confiemos sempre nele que jamais seremos confundidos. Quanto às coisas que o Senhor a fez conhecer na oração referente ao sofrimento, eu lhe comunico simplesmente meu pensamento. Quando eu estava muito mal, e, depois, quando vieram as outras proibições, parecia-me que o Senhor se servia de mim, como para uma jogada de sua amorosa Providência, com que exercitar Vossa Senhoria, o que então, e também agora, deixa-me contentíssimo, jamais podendo tomar parte no desprazer de Vossa Senhoria, pelo motivo do prazer que me parece revertia a Vossa Senhoria mesma.... Coragem, coragem! Esta é a melhor porção que Deus reserva aos seus mais queridos, e não é bocado para todos" 26).

É esta certeza da mão oculta da amorosa Providência que ilumina os acontecimentos, que faz motivos de salvação, que faz até mesmo gozar da cruz: "Agradeço-lhe - escreve ao seu caríssimo Pe. Bragato - que melhor bem poderia desejar fios seus verdadeiros amigos, senão as cruzes? A mim certamente não poderia agradar mais com outra coisa: não que eu tenha força de virtude para levá-las, mas o Senhor me dá a graça de apreciá-las..." (27).

Mesmo se não "é bocado para todos", a doença, como toda provação, pode tornar-se para quem vive à luz do sofrimento de Cristo, sinal de eleição, até mesmo dom. A cruz é companheira de vida do discípulo, que com Cristo "carrega a cruz" (Mt 10, 38), "bebe o cálice" (Mc 10, 38). Não é que a doença por si mesma configure o Cristo; ela ressoa sempre como consequência do pecado: "Castigai Senhor, castigai que tendes razão, castigar que eu mereço e mereço muito mais" (28). Mas Cristo associa a si os sofredores e os doentes que vivem sua situação com amor, unindo-se a si no ofertório.

Incorporado ao sofrimento e à morte de Cristo o doente vai ao encontro do Ressuscitado de cuja glória é chamado a participar. A doença mostra também a fraqueza e a precariedade da situação humana; se for bem compreendida ajuda a abandonar todo o presunçoso sentimento de auto-suficiência para confiar plenamente em Cristo, que extrai um fruto copioso das nossas angústias e tribulações.

Talvez seja útil conhecer o que o Pe. Nicolau Galvani escreveu atrás de uma carta, em 1801, a respeito da doença. Sua qualidade de diretor espiritual de Pe. Gaspar lhe deu um certo meio de transmitir estas ascendências ao seu filho espiritual.

"A fé ensina que as doenças são justas penas dos pecados, e muitas vezes um efeito da misericórdia.

Se Adão não tivesse pecado não haveria doença alguma. São efeitos da divina misericórdia: 'O Senhor castiga aquele a quem ama, e pune o filho a quem estima' (Prov 3, 12).

As doenças são ocasiões, que nos oferece a misericórdia de Deus para expiar muitíssimas faltas que cometemos, e não conhecemos, e não nos penitenciamos. Não se agradece a Deus pela saúde; não é usada, ao menos toda, para cuidar da obra da nossa salvação; perde-se tempo; cumprem-se as obrigações com negligência; nos esquecemos de Deus. Destas e de outras faltas, que penitência se faz? Quem se preocupa de expiá-las?...

Porque (Deus) nô-la manda? 1. Para que com muito menos espiemos aqui tantas faltas, por nós não reparadas, para cuja expiação seria necessário muito mais no outro mundo. 2. Para que paremos de fazer os pecados que faríamos, se estivéssemos sempre sãos. 3. Para que estejamos certos, que fazemos a vontade de Deus, sem intromissão da nossa vontade, de nosso interesse, de nossa satisfação. 4. Para que sejamos semelhantes a Jesus mortificado, crucificado, paciente, morto em obediência à vontade do Pai.

Nas doenças devemos:

1 - Aceitá-las com todas as suas conseqüências com perfeita submissão: "recebemos o que merecemos" (Lc 23, 41).

2 - Com sincero reconhecimento e gratidão para com Deus, que nô-las envia por um ato de sua misericórdia.

3 - Não devemos pensar muito em nossos males; mas, muito mais no que Deus, que é médico das nossas almas quer de nós.

4 - Devemos pensar na morte e nas suas conseqüências. Se estamos (ocupados) sempre em pensar na morte quanto mais, etc.

5 - Pedir a salvação com reta oração, sem muita ânsia.

6 - Devemos na convalescença (não julgarmo-nos dispensados de toda lei, de todo dever.

Os primeiros passos devemos dirigi-los à igreja para agradecer, etc., e não sermos semelhantes aos leprosos, etc." (29).

No momento em que Pe. Gaspar se achava doente pela primeira vez, Pe. Galvani estava presente com sugestões que talvez ecoassem estas notas, como também estava presente o Pe. Luiz Fortis que lhe sugeria "recebe Senhor, pelas mãos de S. Inácio, tosa minha liberdade, etc." (30).

Para compreensão do significado da doença são úteis também alguns testemunhos das Constituições escritas por Pe. Gaspar já no final da sua vida. Tanto ele nada exigia para si, escusava-se até dos incômodos que causava e pedia que não se incomodassem com ele, quanto queria que houvesse de delicadeza materna na caridade para cada enfermo.

Referindo-se a S. Bento, do qual copia a Regra no c. 36, quer que "o cuidado com os enfermos (esteja) antes e acima de tudo" (Constituição 236), de modo que (e é ainda uma referência patrística, entre as muitíssimas, das Constituições

Bertonianas, também sobre este argumento) "não sinta o desejo das comodidades da cidade nem os afetos maternos" (Const. 240).

Neste cuidado com os enfermos existe modo de exercitar a grande gama de obras de misericórdia, através das quais os confrades se auxiliam mutuamente (cf a Const. 234, que traz um texto de S. Basílio).

A doença é lugar de santificação e de graça para quem a vive unindo o próprio sofrimento ao sofrimento de Cristo, no abandono confiante à divina vontade, mas é ao mesmo tempo ocasião e motivo de santificação para o exercício da caridade dos que cuidam do doente.

Só debaixo da luz do sentido que a doença tem na história da salvação, nesta força santificante que pode brotar do mal que aflige o homem marcado pelo pecado e por suas conseqüências, pode-se entender expressões que à primeira vista parecem ao menos exageradas: "Tenho necessidade de sofrer" (31), ou: "Batei, Senhor, batei, que tendes razão e eu mereço muito mais ainda" (32).

Também Pe. Gaspar sentiu e, dolorosamente, a doença, até quase desesperar-se pelas dores, como ele mesmo diz, se a graça divina não o sustentasse: "Jesus, Maria! Ó Deus - exclamava - não posso mais" (38). A doença vem como "uma mina secreta de graça" ainda que possamos molhar o rosto de lágrimas, é considerada por Pe. Gaspar "escola de Deus" na qual progrediu de modo admirável e heróico.

IV - O RESTABELECIMENTO, SINAL DO AMOR DE DEUS

O restabelecimento da doença é um desejo instintivo; a luta contra a doença um esforço necessário. A saúde recuperada faz parte do mundo da graça, como realidade e como sinal de salvação. Pe. Gaspar sentiu a preciosidade do sofrimento, mas também desejou e gozou a cura; rezou e fez rezar para ficar melhor, à luz do estribilho que sempre acompanha as notícias boas ou más: "Faça-se a tua vontade". Como, por graça do Senhor, a doença não o abate, assim a cura não o exalta. Há sempre um certo desprendimento; o que conta é a vontade divina .

"O Senhor a recompense pela Novena. Era necessária. O Senhor quer multiplicar os milagres parecendo que nada fez. E no entanto 'muitos dizem muitas coisas', eu não digo nada e deixo que haja quem sabe agir. Basta que, 'quer vivamos, quer morramos', pertencemos ao Senhor (Rm 14, 8)" 34).

"Parece que a perna vai bem. Vejo que os cirurgiões estão satisfeitos. Mas já há necessidade do Senhor e dos merecimentos de seus servos, porque outras vezes as belas esperanças se desvaneceram" (35).

Muitas vezes durante os períodos da doença agradece Leopoldina Naudet pelas orações "feitas fazer", pela intercessão do "santo príncipe" (o príncipe sacerdote, e depois bispo Alexandre de Hohenlohe, 1794 -1868): "Agradeço muito a sua caridade pelas linhas e pelas ataduras, que espero nas orações do santo

príncipe, deverão bastar, se também o Senhor se digna somente abençoar o curso natural dos remédios" (36).

"Aproveito esta ocasião para agradecer-lhe a receita para o meu reumatismo, que parece amenizar um pouco, e de recomendar-me um muito às suas orações" (37). "Recomende-me ao Senhor, porque a perna não vai bem, e amanhã, creio me farão um belo corte" (38). "O Senhor me ajuda a tempo, contra meus merecimentos, com as orações dos fiéis. A coisa não havia começado bem; mas Ele me quer ferido, não morto. Assim eu posso servi-Lo e não abusar das suas graças, a fazer a penitência que me é necessária" (39).

O fruto destas orações se nota também, quando o mal não tem remédio, na capacidade de suportar, que consegue. Pe. Gaspar, quase gracejando diz, escrevendo à Naudet, enquanto lhe dá notícias de que o mal se agravou: "A minha pequena fé faz os santos fazerem triste figura; embora eu não posso negar que as orações do santo príncipe me ajudaram muito, vencendo os obstáculos de minha parte" (40).

Uma voz inspirada, registrada no 'Memorial Privado' de 18 de maio de 1811, teve uma profunda repercussão na vida de Pe. Gaspar a paciência e a fortaleza são provadas no saber sofrer: "Importa escolher um caminho espiritual mais estreito e de penitência. Eu poderei esquecer os seus pecados, mas lhe mostrarei o quanto será preciso sofrer por causa do meu nome".

V - O ABANDONO EM DEUS NA DOENÇA E A ALEGRIA DE SE CONFIAR NELE

O Epistolário de Pe. Gaspar, mesmo quando trate de outro argumento, aparece sempre impregnado por um espírito de absoluto abandono. É o tema de diversos trechos também do Memorial Privado; mas o que no Memorial poderia talvez soar como doutrina e propósito da vontade, no Epistolário é testemunho e heróica experiência cristã. Aqui interessa ressaltar o abandono à vontade divina nas vicissitudes da doença, vicissitudes que têm uma grande parte na santidade de Pe. Gaspar. O espírito de santo abandono impele a uma vida interior empenhada no exercício das virtudes teologais.

"Quanto a mim, parece-me, no Senhor, estar disposto a IR, onde Ele me disser: VÁ, como a Vir, onde Ele me disser: VEM. Parece-me que o Senhor queria que esta lição fosse bem repetida aos meus ouvidos quando, estando eu gravemente enfermo nos dias passados, fazia-me toda tarde, pela boca do meu antigo mestre Pe. Fortis, dizer aquela, tão excelente oração que eu seguia com o coração: 'Recebe, Senhor, pelas mãos de S. Inácio, toda minha liberdade, etc.'" (41).

Este abandono é uma das bases do ensinamento espiritual de Pe. Gaspar expresso no memorial Privado (18-05-1811) e em uma carta à Naudet, com palavras que ecoam e resumem S. Inácio: "Pouquíssimos são os que compreendem o quanto Deus neles realizaria, se Ele não encontrasse obstáculo a seus desígnios" (42).

"Estou vendo o que o Senhor faz... Oh quanto Ele é bom" (43). "O Senhor fará o que compete a Ele, e o fará daquilo que Ele é" (44).

"Eu vejo certas brincadeiras da Divina Providência que me deixam totalmente passado" (45). "Vai bem assim, porque assim Deus quer", escreve à Naudet (46). É convicção de Pe. Gaspar desde o início de seus males: "Estou de novo debaixo da obediência, antes, da observação cuidadosa, quanto à saúde, do médico e de Mons. Vigário, e me agrada não manifestar mais nenhum cuidado por S. José. O Senhor que solícito a isto... apressará também os momentos em que este miserável servo seu possa correr, se Ele quiser valer-se do seu trabalho. Quem terá maior solicitude, se o Senhor a tem tanta?"(47). Depois de haver enumerado as ordens do médico quanto ao trabalho, conclui: "Mas a vontade do Senhor é sempre melhor e mais útil. E porisso seja louvada e bendita agora e para sempre" (48).

No sermão A VERDADEIRA ALEGRIA (21-03-1804), falando da felicidade de quem se abandona em Deus, depois de haver indicado algumas graves provações que não podem desencorajar, acrescenta: "Mas caiu doente? Pois bem: ouça ainda o Sábio que o admoesta dizendo (Eclo 2, 4-5): Na doença e na pobreza confia em Deus. 'Pois no fogo se purifica o ouro, e, os homens agradáveis a Deus, no cadinho da humilhação...' E conclui seu arrazoado com um convite que pressupõe um salto de qualidade, na fé: "Ajustemos bem nossa vida, e jamais nos faltará uma sólida, estável alegria, que as adversidades do século jamais nos poderão tirar nem diminuir" (49).

"Para quem ama tudo é fácil, tudo é suave", diz no sermão sobre A LEI EVANGÉLICA (05-06-1803). É a alegria do Espírito que caracteriza aqueles que estão no Reino (cf Rm 14, 17)" (50).

"Ir ao encontro das coisas segundo o que o Senhor dispõe com a sua Providência" (51) é fruto da confiança colocada em Deus, que faz dizer ainda: 'Quem terá, maior solicitude, se o Senhor a tem tanta?' 'Não vos inquieteis com nada; apresentai a Deus as vossas preocupações" (cf Fil 4, 6)... Ó grande Deus! Quando será que vos amaremos com todo nosso coração, e vos conheceremos, e vos teremos por aquilo que sois?" (52)

É a "beatitude" que Pe. Gaspar descreve em uma carta ao Pe. Bragato: "Felizes os que fecham os olhos para sua visão; daí a sapientíssima mão de Deus toma a nossa para nos dirigir e governar" (53). A alegria espiritual fruto da confiança em Deus transparece em particular na correspondência com Pe. Bragato. Pe. Gaspar "Manifesta-se na posse plena da tranqüilidade imperturbável que é fruto da prática do Santo Abandono em tudo e por tudo no beneplácito do senhor. Disposições semelhantes aparecem também na sua Comunidade dos Estigmas, com a paz e a alegria difundida pelas múltiplas atividades mesmo nas tribulações e nas cruzes" (54). "O Senhor é meu pastor, nada me faltará... (Sl 22, 1). Deixai-vos em tudo e por tudo, como sábia, dócil e humilde ovelha, reger, guiar, apascentar por Ele" (55).

O abandono que encontra seu fundamento na esperança, é motivo de serena alegria... "Basta que 'quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao senhor' (Rm 14, 8)" (56).

Nada separará do amor de Deus (Rm 8, 38) o discípulo que sabe em quem colocou sua confiança: "amemos, pois a Deus e prestemos-lhe aquele serviço que podemos, assim como a cada um Ele nos fez, e segundo o espírito e a graça que Ele nos deu. E o nosso bom Deus ficará satisfeito. Seria então vergonhoso se nós não estivéssemos satisfeitos!... 'Servi ao senhor com alegria; diz Davi, entrai exultantes em sua presença sabeis que o Senhor é Deus: Ele nos fez e não nós a Ele' (Sl 99, 2 s)" (57). Na provação se "enche de consolação" em razão do "fruto copioso, ao menos no que se refere à nossa fraqueza, que Deus tira e extrai das nossas angústias e tribulações" (58).

As provações e os sofrimentos são assim riquezas e graça: "A presente vida de servir a Deus e de padecer por Ele, se vê por experiência não haver outras atrações que empenhem nossos desejos" (59). "Não vale a pena viver - comenta Pe. Stofella - se não para servir a Deus e sofrer por Ele" (60). Está na mesma linha a anotação do Memorial (22-10-1808): "Alegria com agradecimentos nas adversidades... e disposição para maiores opróbrios e penas, se aparecerem, para glória de Deus. Esta atitude de espírito é grande graça de que me acho completamente indigno."

A provação, portanto, é "bênção", salvação. No dia 16 de março de 1809 Pe. Gaspar no seu Memorial faz uma anotação sobre o sentido da cruz, como glória, consolação ou desespero referindo-se à cruz de Cristo, do bom ladrão e do mau ladrão, mas no início da anotação apresenta resumida uma expressão, talvez de S. Bernardo, que na sua crua força muito revela da compreensão que ele tinha da provação: "Aqueles que não se emendam nem com castigos, Deus os condenará eternamente" (61).

Notas :

- 01 - À serva de Deus Leopoldina Naudet, 01-06-1814 - (Epistolário Bertoni, preparado pelo Pe. José Stofella, Verona 1954, p. 109).
- 02 - À Naudet, 26-01-1813 (Ep. Bertoni), p. 56).
- 03 - G. Giacobbe, Vita del Bertoni, Verona 1858, na Posit s. virtutibus, summ. Add., p. 426.
- 04 - Ep. Bertoni, p. 326.
- 05 - Medit. 26, MS 5994.
- 06 - Cf Pe. Stofella in Ep. Bertoni, p. 109 nota 8.
- 07 - Cf. N. Dalle Vedove, Un modello di S. Abandono, Verona 1951, p. 241
- 08 - À Naudet, junho de 1814 (Ep. Bertoni, p. 115).
- 09 - À Naudet, 22-05-1829 (Ep. Bertoni, pp. 256 s.).
- 10 - À Naudet, 16,II,1812 (Ep. Bertoni, p. 24).
- 11 - À Naudet, 01-06-1814 (Ep. Bertoni., p, 109).
- 12 - À Naudet, 11-05-1827 (Ep. Bertoni, p. 209).
- 13 - Ao Pe. Luiz Bragato, nov, 1842 (Ep. Bertoni, p. 326).
- 14 - Summ Add., p. 301; Dalle Vedove, o.c., p. 245.
- 15 - À Naudet, 15-01-1813 (Ep. Bertoni, p. 54).
- 16 - À Naudet 24-08-1813 (" p. 93).
- 17 - À Naudet, 11-05-1828 (" p. 209).
- 18 - À Naudet, 09-03-1828 (" p. 225).
- 19 - À Naudet, 18-03-1828 (" p. 226).
- 20 - À Naudet, 29-06-1828 (" p. 251).
- 21 - À Naudet, 07-04-1828 (" p. 230).
- 22 - À Naudet, 29-06-1831 (" p. 279).
- 23 - À Naudet, 30-12-1831(" p. 284).
- 24 - À Naudet, 30-04-1828 (" p. 236).
- 25 - À Naudet, 19-03-1828 (" p. 227).
- 26 - À Naudet, 14-12-1812 (" p. 38).
- 27 - Ao Pe. Bragato, 29- 01-1840 (Ep. Bertoni., p. 318).
- 28 - Miscelânea Lenotti in summ Add., p. 144.
- 29 - Citação de N. Dalle Vedove, Vita e Pensiero del Beato G. Bertoni... Vol. II, pp. 411 s., do Arq. Geral Estigmatino, b. 23.
- 30 - Cf. Ep. Bertoni, p. 29: carta à Naudet, 26-11-1812.
- 31 - Summ. Add. , p. 301.
- 32 - Summ. Add. , p. 144.
- 33 - Cf. N. Dalle Vedove, Beato G. Bertoni, Roma 1975, P. 295.
- 34 - À Naudet, abril de 1828 (Ep. Bertoni, p. 229).
- 35 - À Naudet, abril de 1828 (Ep. Bertoni, p. 234).
- 36 - À Naudet, 20-07-1827 (Ep. Bertoni, p. 215; cf. também a p. 261, carta de 30-08-1829).
- 37 - À Naudet, 02-03-1831 (Ep. Bertoni, p. 274).
- 38 - À Naudet, 29-05-1825 (Ep. Bertoni, p, l80).
- 39 - À Naudet, maio de 1826 (Epist. Bertoni, p, 197).
- 40 - À Naudet, maio de l826 (Epist. Bertoni, p. 196).
- 41 - À Naudet, 26-11-1812 (Ep. Bertoni, p. 29).

- 42 - À Naudet, fevereiro de 1813 (Ep. Bertoni, p. 6l; cf também a note 2 de Pe. Stofella, que cita Bartoli como fonte de Pe. Gaspar, Vita di Sant' Ignazio, L. IV, c. 37).
- 43 - À Naudet, 15-01-1813 (Ep. Bertoni, p. 54)
- 44 - À Naudet, 28-08-1828 (Ep. Bertoni, p. 243).
- 45 - À Naudet, abril de 1829 (Ep. Bertoni., p. 234).
- 46 - À Naudet, sem data (Ep. Bertoni, p. 223).
- 47 - À Naudet, dezembro de 1812 (Ep. Bertoni, p. 46).
- 48 - À Naudet, 13-01-1813 (Ep. Bertoni, p. 52).
- 49 - Pagina di vita cristiana, Vicenza 1947, pp. 21e 23.
- 50 - Pagina di vita cristiana, p. 31.
- 51 - Medit. 32 sul I libro dei Re, citação em, Dalle Vedove, Un modelo di santo abbandono, p. 199.
- 52 - À Naudet, sem data (Ep. Bertoni, pp. 46, 3).
- 53 - Ao Pe. Bragato, 37-08-1840 (Ep. Bertoni, p. 322).
- 54 - G. Stofella., (Ep. Bertoni, p. 306).
- 55 - Ao Pe. Bragato, 29-05-1840 (Ep. Bertoni, pp. 319 s.).
- 56 - À Naudet, abril de 1828 (Ep. Bertoni, p. 229).
- 57 - Ao Pe. Bragato, 01-12-1837 (Ep. Bertoni, p. 315).
- 58 - À Naudet, 30-04-1828 (Ep. Bertoni, 140).
- 59 - À Naudet, 24-08-1813 (Ep. Bertoni, p. 93).
- 60 - Idem, nota 7.
- 61 - Cf, o comentário do Pe. G. Stofella em Collectanea Stigmatina, vol. IV, fasc. I, pp. 134 ss.

ENSAIOS SOBRE O ESPÍRITO DE **SÃO GASPAR BERTONI**

3

A EXPERIÊNCIA DE JESUS CRISTO NA VIDA DO PADRE GASPAR BERTONI

PE. JOSEPH CHARLES HENCHEY, CSS

DOCENTE DE TEOLOGIA ESPIRITUAL NA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE DE
S. TOMMASO, ROMA

Tradutor do idioma original Inglês para o idioma Italiano:

Pe. Giovanni Zampieri, CSS

Tradutor do idioma Italiano para a Língua Portuguesa:

Pe. Benedito Andrade Bettini, CSS

Edição Impressa: 1983

Edição Eletrônica: Agosto de 2004

ÍNDICE

Introdução	48
Primeira parte: Um encontro pessoal com Cristo	50
A - Os caminhos para uma experiência viva de Cristo	50
1. Contemplação	51
2. Estudo	51
3. Respeito pelo Magistério	52
4. Experiência espiritual	53
B - Cristo na Vida de Pe. Gaspar	54
1. O carisma	55
2. Desenvolvimento gradual	55
C - Cristo na oração de Pe. Gaspar	58
1. Disponibilidade ao Pai traduzida na oração	58
2. A oração revela e alimenta o progresso espiritual	60
Segunda parte: A serviço de Jesus Cristo	63
A - Cristo, o Servo do Pai	63
1. Os anos da juventude	63
2. O abandono como imitação concreta de Cristo, Servo do Pai	65
3. Cristo, obediente ao Pai até a morte, modelo de Santo Abandono	65
B - Cristo Esposo	73
1. Cristo, Esposo da Igreja	73
2. Cristo, Esposo da Alma	75
3. Abandono nupcial	77
Conclusão: O princípio nupcial	78
Notas	81

A EXPERIÊNCIA DE JESUS CRISTO NA VIDA DO PE. GASPAR BERTONI

PE. JOSEPH CHARLES HENCHEY, CSS

Introdução:

No início da carta de S. Paulo aos Efésios encontramos uma síntese maravilhosa de vocação cristã. Daí podemos facilmente concluir que a vida cristã desenvolve-se numa dupla reação: relação do homem com o Pai e com o Filho Jesus Cristo (Ef 1, 2ss).

1. As grandes linhas da espiritualidade de Pe. Gaspar, como a missionariedade, a humildade, o abandono desenvolvem-se na perspectiva do mistério da criação, objeto familiar de contemplação.

"É ao homem que pertence preparar a sua alma (Prov 16, 1) - diz a Escritura, e nosso Senhor também revelou a Vossa Senhoria. Portanto, com o auxílio divino, não digo que use diligência para preparar, mas sim que a use grande, delicada e finíssima para ter sempre preparada sua alma para as visitas de Sua Majestade. "Não deixes de rezar sempre" (Sl 18, 22), continua a dizer o Espírito Santo. A melhor preparação para ouvir a palavra suavíssima do nosso Criador é: o cuidado com o silêncio, o afastamento das conversas, e a fuga das futilidades (1).

Muitas vezes Pe. Gaspar invoca Deus como "Criador" e à medida que a história da sua vida vai se manifestando, pode-se perceber que ela está comprometida com o abandono à divina Providência, como criação em desenvolvimento. Dentro deste mistério ele, com profunda autenticidade, abandona sua vida nas mãos de Deus.

Também a vocação e especialmente o seu sacerdócio, Pe. Gaspar os vê sob a luz do mistério da criação.

"Criar é fazer do nada: nada de merecimento, nada de imposição nossa; porque o que temos é dom de Deus... Nós somos uma bela nulidade: os antigos pecadores. Estando com o que é nosso, não devemos elevar-nos acima dos nossos irmãos, mas, mantermo-nos humildes, como que revestidos de uma dignidade inferior à deles" (cf MS 2262 e 2263).

O sentido do pecado e da fraqueza humana são fatores importantes para Pe. Gaspar que o ajudam a descobrir a graça como "consortium", como relação íntima com o Criador.

Sempre na perspectiva do mistério da Criação, Pe. Gaspar vê o "progressus", o crescimento espiritual ao longo de toda a vida, como uma nova criação.

"Ah! Meu Criador! meu verdadeiro princípio e meu Deus! Eis que somente pela minha língua, todas as vossas criaturas, prostradas em vossa presença, confiantemente unidas em um único desejo, com nova e forte instância vos rogam: "criai-nos um coração puro" (Sl 50, 19)... quem jamais poderá tirar do nada e dar uma nova vida a alguma coisa - não direi coisa tão boa como a vossa graça, que limpa, purifica, que aformoseia nossos corações, se não somente vós, ó meu Deus...

E é por isso que, nós sabendo que vos são agradáveis os nossos bons desejos, ousamos pedir que renoveis um espírito reto em nosso interior... Renovar o nosso espírito, ó meu Deus... Fazei que seja novamente reto, com a retidão com que o criastes, elevando-o a grandes esperanças em Vós; para que cada um de nós possa provar quanto sois bom, ó meu Deus, para os que são retos de espírito (Sl 72, 1). E possamos, finalmente um dia, não mais debaixo de véus e à sombra escura da fé, como agora vos adoramos debaixo das sagradas Espécies, mas face a face, conforme prometestes aos puros de coração, contemplar-Vos, amar-Vos, possuir-Vos por todos os séculos, verdadeiro centro, único término e fim último aos nossos corações: cria um coração puro em mim, ó Deus, e renova o coração reto em meu interior" (2).

Mesmo no âmago da contemplação eucarística, Pe. Gaspar sente sua vida como "ofertório", oblação total, como "obséquio ao Criador":

"Festa do Sagrado Coração. Na Missa, durante a Consagração em toda a Ação de graças, muitas lágrimas de compunção e de afeto: em particular, na Comunhão, senti por um momento, o espírito como que desligado de toda a criatura em obséquio ao seu Criador" (3).

2. A nossa relação com Cristo se delineia em torno da fundamental mensagem bíblica do batismo, que apresenta a vida cristã como uma total inserção do crente na vida, paixão, morte e ressurreição de Cristo. (Cf Rm 6, 2 ss.; Fil 3, 10-21; Col 2, 12 ss.; Tt 3, 5 ss. – Somos novas criaturas - cf Rm 8,11; 2Cor 5, 17; Ef 2,15).

A presença de Cristo aparece de modo marcante no pensamento e na vida de Pe. Gaspar. - Ele - escreve no seu diário espiritual:

"Na bênção, sentimento de muita ternura, amor e criação; pude perceber como Cristo atrai nossos corações, exatamente como Ele mesmo disse: "atrairei todos a mim", assim também todo bem, sabedoria e suavidade, que há nas criaturas são todos dons dEle; porisso tudo, só Ele deve ser louvado e amado" (4).

Na Missa inspirações breves, mas vivas, grande sentimento da presença divina, confiança, amor, desejo de me transformar nEle e que Jesus viva em mim, não mais eu. Depois da Missa terminou esta graça de comum-união; mas retornou, como quando estava na igreja, durante o trajeto que percorri para realizar negócios da família"(6).

Através de um panegírico de S. Francisco aparece de modo evidente a experiência íntima e cotidiana de Cristo -

"..., chegou a tomar-se quase que um mesmo espírito com Cristo, de tal modo que finalmente pode dizer: "Vivo eu, já não eu, é Cristo que vive em mim" por uma total e perfeita transformação de amor: "ut Christus lucrificiam, et inveniar in ello", perdendo-se inteiramente, para encontrar-se totalmente em Cristo; de tal modo que não se possa mais encontrar Francisco, se não com Cristo, ou melhor, em Cristo; quase diria que nem se pode distinguir apenas Francisco de Cristo; desprezado como Cristo, pobre como Cristo, chagado como Cristo" (MS 1870).

De uma análise em conjunto dos escritos Bertonianos pode-se deduzir que o Hino Cristológico contido na carta de S. Paulo aos Filipenses (Fil 2, 6-11) teve uma grande repercussão no espírito de Pe. Gaspar.

S. Paulo nos apresenta uma síntese da vida de Jesus Cristo:

- existência desde toda eternidade
- uma Kenosis que atravessa toda vida terrena
- a exaltação e a volta ao Pai.

Pe. Gaspar tornou seu o modelo apresentado por Cristo. Ele estava profundamente convencido de ter sido chamado desde toda a eternidade para um plano divino; ele viveu a sua Kenosis durante toda a vida por mais de setenta anos; a tudo isto seguiu a sua entrada na glória, culminando com sua beatificação pela Igreja.

PRIMEIRA PARTE:

UM ENCONTRO PESSOAL COM CRISTO

A) OS CAMINHOS PARA UMA EXPERIÊNCIA VIVA DE CRISTO

O n.º 8 da Constituição conciliar "Dei verbum" apresenta os caminhos pelos quais a tradição da Igreja se desenvolve e se enriquece. Parece que esse trecho do documento sobre a Revelação esteja extremamente ligado e constitua um paradigma útil quando se quer enquadrar a experiência de Cristo, e, em geral, a espiritualidade de Pe. Gaspar. Os caminhos indicados pelo documento são:

- A CONTEMPLAÇÃO
- O ESTUDO dos fiéis que enriquecem e conservam no próprio coração as realidades da fé (Lc 2, 19-51)
- A EXPERIÊNCIA da vida cristã que leva a um profundo conhecimento das coisas espirituais
- O MAGISTÉRIO daqueles que receberam o carisma da verdade através da sucessão apostólica.

1. A CONTEMPLAÇÃO. O escopo da oração para um missionário apostólico é a união com Deus. Esta união com Deus, depois é repartida, colocada à disposição dos outros, à semelhança de Cristo.

Através da história da salvação a Sagrada Escritura nos apresenta grandes modelos de contemplação, como Moisés (Num 12, 6...), Jeremias (Jr 42, 1-10). Modelos que aparecem também na vida da Igreja.

É preciso fazer uma particular menção a S. Inácio devido à especial importância que este santo teve na espiritualidade de Pe. Gaspar.

Nos exercícios espirituais é lembrada a prática básica do discernimento da vontade de Deus que é chamada "Eleição". Este é um exercício que tende a penetrar o mistério da vontade de Deus, debaixo da ação dos dons do Espírito santo, particularmente dos dons do Conselho e da Sabedoria. A tradição dos Jesuítas diz que S. Inácio passou quarenta dias em oração com a finalidade de tomar a decisão se as igrejas oficiadas pelos jesuítas poderiam ou não receber ofertas. A razão desse problema era que S. Inácio e seus companheiros já haviam estabelecido que sua atividade apostólica fosse orientada pelo princípio "gratis omnino" e por isso surgia o problema se as igrejas por eles cuidadas poderiam receber ofertas. Neste ponto S. Inácio era de parecer contrário aos seus companheiros. Pode-se, pois, notar que toda a primeira parte do Diário espiritual é a crônica da busca da vontade de Deus a respeito desse problema. No final a decisão foi de não receber ofertas. Mas como se vê, a decisão que ilumina a constante atitude contemplativa de S. Inácio: "Isto era mais de acordo com o exemplo de Cristo".

O nosso Fundador é apresentado pelo seu primeiro biógrafo como exemplo de vida contemplativa e de oração em auxílio do apostolado dos outros e do seu próprio.

"E também nesse ponto nos deixou exemplos admiráveis: sempre que podia permanecia na igreja diante do seu Senhor Sacramentado em doce colóquio. Passava as noites em oração diante do Santíssimo sacramento, no convento de S. José e na capela do seminário. Pe. Giacobbe afirmou no processo diocesano: "Eu o vi muitas vezes, prostrado diante do Santíssimo Sacramento e celebrar a S. Missa, com tanta fé e piedade que parecia um S. Afonso de Ligório, ou um S. Neri...".

Faz parte do ideal Estigmatino ter uma vida de oração, aberta e interessada no apostolado dos outros. Ainda que dispersos e separados, por causa do lugar do apostolado, os Estigmatinos unem-se pela oração e através dela cada um participa pessoalmente do trabalho pastoral dos outros.

2. ESTUDO. Como congregação, como corpo social, o próprio Pe. Gaspar deixou um ideal bem claro para seguir: "Nesta congregação... é preciso uma ciência não ordinária... Ao mesmo tempo requer-se uma cultura científica não comum..." (CF 49, 159).

Talvez aqui, como em relação à vida interior aplica-se o princípio inaciano de "o mais". Esse comparativo não tem nenhum sentido de competição mas lembra-nos constantemente o "não ainda" da nossa vida espiritual e intelectual. Este princípio significa que toda a vida é uma procura para uma compreensão maior da verdade da bondade de Deus.

O ideal de Pe. Gaspar exige que todos aqueles que querem seguir este princípio, dediquem-se a uma permanente formação, tanto espiritual como cultural. Pe. Fiório, a este propósito diz: "Segundo o pensamento de Pe. Gaspar a nossa Congregação tem por fim especial o de preparar-se para ajudar os Bispos" com os vários ministérios próprios da sua vocação"; fim árduo e difícil, observa ele, e por isto terá cuidado de preparar e dispor os indivíduos, fornecer-lhes os meios e os auxílios necessários, e fortificá-los contra os perigos e as dificuldades: E a primeira disposição deles será o desejo da perfeição, o zelo pela glória de Deus, depois, uma séria aplicação ao estudo" (7).

Sobre o mesmo assunto temos um testemunho precioso do Pe. Marcos Bassi, quando se refere ao tempo em que o Fundador estava ocupado em redigir as constituições "em pequenas gotas".

"Igual cuidado usou (Pe. Gaspar) quando se tratou de escrever as Constituições para a nossa Congregação. A este respeito prodigalizou totalmente sua solícitude amorosa, seus severos estudos, longas meditações e orações contínuas; e com a ajuda daquele Deus, em cuja presença ele as concebia e escrevia, burilou-as e as aperfeiçoou, até conseguir a aprovação de teólogos de renome e o decreto de sumo louvor do Papa reinante. E, depois de seus exemplos, estas são a mais preciosa herança que nos deixou seu coração paterno"(8).

O exemplo do Fundador é uma experiência para ser vivida e um modelo para ser imitado. As graças concedidas ao Fundador são "gratiae gratis datae" (graças concedidas gratuitamente), portanto graças que Deus concedeu não só ao Fundador, mas em certa medida, a todos os que pretendem seguir o seu carisma.

3. RESPEITO PELO MAGISTÉRIO. Como foi muitas vezes salientado, o âmago do Carisma de Pe. Gaspar é "o abandono nas Misericordiosas mãos de Deus", uma oferta feita a Deus através das estruturas visíveis da Igreja, e dos seus bispos. Esta idéia principal de Pe. Gaspar tem muitas ramificações de caráter prático.

a - Seguindo o pensamento de S. Inácio, Pe. Gaspar estava profundamente convencido de que, desde o momento da encarnação, tudo o que Deus é e faz, chega ao homem através de um rigoroso processo de "encarnação". O mistério e o paradoxo da Igreja, até sua estrutura jerárquica estabelecida por Cristo, entra nesse grande projeto de encarnação querido por Deus.

b - De certo modo o próprio Espírito Santo, a Pessoa Amor entre o Pai e o Filho, encontra-se presente na Igreja jerárquica. Através dos séculos esteve sempre

presente a tendência de acentuar um ou outro aspecto do grande paradoxo que é a Igreja: a tensão entre estrutura e carisma, entre opção pessoal e comunidade, entre especialização e disponibilidade, entre letra e espírito, entre lei e discernimento, entre obediência e personalismo.

c - Entre estas tensões sempre presentes na Igreja, a escolha de Pe. Gaspar é clara: missionários apostólicos "in obsequium" dos bispos. Na tradição estigmatina "obsequium" é uma palavra chave, tirada do espírito inaciano. O termo significa a singular relação de Jesus, sujeito ao Pai, e do Espírito Santo que procede do Pai e do Filho. S. Paulo parece referir-se ao mesmo termo quando exorta os cristãos a "oferecer os próprios corpos como uma hóstia viva" (Rm 12, 1), como uma espécie de ofertório eucarístico.

S. Inácio usa o termo "obsequium" para definir o relacionamento da Companhia com o Papa. Para o Estigmatino o mesmo termo define o relacionamento do Missionário apostólico com a igreja através dos Bispos.

Em última análise "obsequium" exprime o relacionamento da Igreja-esposa com Cristo. Nesse sentido "obsequium" e Santo Abandono são termos que se integram; como a Igreja-esposa se abandona ao Esposo, assim a "squadra volante" com a multiplicidade da missão apostólica, mantém-se em estreito relacionamento de disponibilidade com os Bispos.

4. EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL. A experiência espiritual conduz o Fundador a uma sublime "experiência de Deus através de Jesus Cristo, no Espírito Santo". Pe. Gaspar viveu profundamente a vocação cristã configurada no Cristo sobre o fundamento do batismo (Rm 6, 1 ss.).

Na perspectiva da vocação cristã, comum a todos, Pe. Gaspar viveu a sua configuração em Cristo de modo particular. Esta singular experiência de Cristo é um elemento qualificador do Carisma Estigmatino.

"Na Missa inspirações breves, mas vivas, grande sentimento da presença de Deus, confiança, amor, desejo de me transformar nEle e que Jesus viva em mim, não mais eu" (9).

"Desejo de imitar Cristo na pobreza e nas aperturas da pobreza... (10)".

A experiência de Cristo que o nosso Fundador viveu, foi marcada pelos sagrados Estigmas, como fundamento de esperança e confiança. A cruz pessoal do Estigmatino é continuação da cruz de Cristo; as feridas dolorosas do Estigmatino estão intimamente ligadas aos sofrimentos de Cristo.

"O Senhor somente nos mostra a cruz, para que tenhamos o merecimento da boa vontade em aceitá-la por seu amor, pois no fim é Ele mesmo quem a carrega por nosso amor" (11).

No decorrer dos anos o espírito de Pe. Gaspar radicou-se e se enriqueceu na família estigmatina; de modo particular a tradição estigmatina oferece uma grande

riqueza de reflexões sobre a festa titular dos Sagrados Estigmas. Num certo sentido podemos considerar os Sagrados Estigmas como a bandeira sob a qual lutamos e aplicar a nós mesmos as palavras de S. Inácio:

"Quem em nossa Companhia, que desejamos distinguida com o nome de Jesus, queira trabalhar para Deus sob a bandeira da cruz e servir ao único senhor e à Igreja, Sua Esposa, sob o comando do Romano Pontífice, Vigário de Cristo na terra, feito os votos solenes de perpétua pobreza, de castidade e de obediência., determine-se fazer parte de uma Companhia, instituída principalmente:

- a - Para a defesa e propagação dá fé; e
- b - para benefício das pessoas e da doutrina cristã, mediante: pregações públicas; aulas; e qualquer outro ministério da palavra de Deus; exercícios espirituais; ensinamentos das verdades cristãs às crianças e aos rudes; atendimento de confissões; e administração dos outros sacramentos para conforto espiritual dos fiéis cristãos.

Mais ainda:

- 1 - reconciliar os dissidentes;
- 2 - auxiliar e servir plenamente os encarcerados e hospitalizados;
- 3 - exercer as demais obras de caridade:
tudo gratuitamente e sem receber nenhum pagamento pelo próprio trabalho em todas as atividades enumeradas" (12).

É através do estudo da experiência de Cristo vivida por Pe. Gaspar que podemos chegar a fazer uma idéia mais precisa de sua cristologia.

De fato, como fundamento de toda espiritualidade, há uma experiência que constitui o ponto vital de tudo. Esta experiência básica não fica restrita à vida pessoal do Fundador, mas é destinada a ser transmitida aos discípulos para ser por eles vivida, conservada, aprofundada e constantemente desenvolvida em sintonia com o Corpo de Cristo, em perene crescimento" (13).

B - CRISTO NA VIDA DE PE. GASPAR

O carisma de um fundador é uma unidade composta de vários elementos, inspirados pelo Espírito santo, segundo a índole do indivíduo.

Entre os fundadores existem muitos elementos comuns: grande fé, esperança e caridade em Deus e pela humildade; devoção eucarística, a Nossa Senhora, aos santos. Alguns desses elementos são predominantes, conforme cada um dos fundadores, como por exemplo: o elemento trinitário, cristológico, pneumatológico, eucarístico ou mariológico. Assim podemos notar que os fundadores dos trinitários ou Missionários do Espírito santo, ou dos servos do Paráclito salientam o elemento pneumatológico, enquanto os fundadores da Companhia de Jesus, dos

Redentoristas salientam o elemento cristológico. Muitas congregações ou ordem têm um carisma claramente mariano.

1. O CARISMA. O carisma é uma realidade extremamente complexa. Alguns fatores são determinantes no processo de formação do carisma:

- O fator-pessoa do fundador com todas suas qualidades naturais.
- O fator-história. Trata-se do particular período sócio-cultural em que uma certa espiritualidade aparece e se desenvolve.
- O fator-graça, como elemento que inspira, move e amadurece o trabalho da fundação da família religiosa.
- O fator-seguimento. Trata-se de uma virtude particular ou aspecto da vida de Cristo que se torna inspiração e motivo determinante do seu seguimento.
- O fator-apostolado. Trata-se da atividade particular que o fundador se propõe na missão geral da Igreja. Este elemento influencia muitos dos elementos precedentes.

2. DESENVOLVIMENTO GRADUAL.

a - Existem na vida de Pe. Gaspar algumas atitudes espirituais que servem de perspectiva e motivo inspirador de toda sua experiência de Cristo.

É um dado certo na tradição estigmatina que o Fundador viveu em uma atmosfera de perfeito abandono nas mãos de Deus. Em Pe. Gaspar havia verdadeiramente uma consciência profunda do próprio nada. Uma atitude derivada de diversos fatores, entre eles o de um sentido muito vivo da própria condição de criatura, dentro do mais vasto mistério da criação.

Daqui se desenvolvem alguns aspectos freqüentes na vida espiritual de Pe. Gaspar: temos reverencial, terno amor, firme confiança. Neste grande tema do Santo Abandono entra um outro aspecto da vida de Pe. Gaspar. Na ascese bertoniana há uma vigorosa atitude de desapego das coisas terrenas, até a renúncia do próprio pensamento e da própria vontade.

Nos seus escritos Pe. Gaspar exprime com clareza a substância do Santo Abandono.

"Deixemos Deus agir - Ele sabe agir e fará a sua parte – Deixemos agir Deus que sempre dispõe tudo muito bem".

Também o Pe. Marani nos dá um testemunho sobre o princípio bertoniano do Santo Abandono:

"Devemos seguir Deus e jamais precedê-Lo, dizia freqüentemente e constantemente praticava o meu muito amado Pai e Fundador" (14).

Foi próprio dele um santo abandono praticado através dos freqüentes e dolorosos acontecimentos de sua vida. Pe. Gaspar não foi um "estigmatizado" no sentido técnico como S. Francisco de Assis ou S. Catarina de Sena, mas talvez podemos considerar alguns sofrimentos da sua vida como fatos de "estigmas" vividos.

a - A morte que visitou a família Bertoni durante os primeiros anos da vida do Fundador.

- A separação dos Pais.
- A dificuldade para estabelecer a Congregação.
- Uma longa experiência de sofrimentos físicos.
- As graves limitações à sua atividade apostólica.

b - Na formação do carisma bertoniano pode-se facilmente notar uma constante acentuação trinitária. Para confirmar bastam alguns pensamentos tirados do seu diário.

"Sentimento de gratidão à Santíssima Trindade e de correspondência ao amor de Cristo" (15)

"À tarde, contemplando diante de uma imagem da SS. Trindade, fiquei possuído de um grande respeito e amor para com as três Pessoas Divinas. O eterno Pai, que estava com os braços abertos, explicava-me a sua misericórdia e a fácil comunicação de suas luzes..." (16).

"Sentimento de grande amor da Santíssima Trindade em nos dar o Filho..." (17).

O aspecto da autodoação da SS. Trindade tão fortemente sentida pelo Pe. Gaspar, coloca-se perfeitamente dentro da mensagem bíblica (cf Jo 3, 16); Rm 8, 32; Gal 4,4 ss.; 1Jo 4,9).

Em particular o nosso fundador vê esse aspecto de autodoação de Deus em Cristo.

"Meditação: Reino de Cristo. Acentuado movimento de seguir a Nosso Senhor de perto, a custo da vida, na pobreza e na ignomínia..." (18).

"Desejo de imitar Cristo na pobreza e nas aperturas da pobreza..." (19).

Pe. Gaspar vê sempre em Cristo o caminho de acesso ao Pai no Espírito santo.

"E este Espírito "ajudará a nossa fraqueza" (Rm 8, 26): de tal modo que possamos ainda aqui na terra, oferecer o sacrifício perene e perpétuo, e o holocausto que de si mesmos oferecem os Bem aventurados no Céu, diante de Deus; "o fogo arderá sempre sobre o meu altar" (cf Lev 6, 12). Todos os servos de Deus, exilados e peregrinos aqui na terra, fizeram isso. Com a mesma força com que eles conseguiram, também nós conseguiremos" (20).

c - Mas o ponto principal no gradual crescimento de Pe. Gaspar é a Pessoa de Cristo. Em Cristo todos os elementos da sua espiritualidade fundem-se numa só unidade, encontram profunda inspiração, a própria razão de ser. Um trecho tirado de um sermão sobre a Epifania, é de grande interesse a esse respeito.

"Os Magos tendem a Cristo: procuram Cristo em Jerusalém... Que quer dizer isto? Se não que também nós tendemos a Cristo, isto é, à verdade, à vida? "Eu sou a verdade e a vida". Mas essa verdade, essa vida, fim último dos nossos anseios, está fora, isto é, acima de todo intelecto humano. "O olho não viu, ó Deus, o que preparaste para os que em ti esperam" (Is 54, 4). ... Essa estrela é o próprio Cristo, o qual, como é verdade e vida, também é caminho para chegar, à verdade eterna e à vida que esperamos... Mas esta palavra do Verbo, é dura para a razão humana "dura é a palavra". A Palavra de Deus é a regra única e infalível para o nosso pensar, para o nosso agir, para atingir o fim sobrenatural e divino aos quais somos chamados" (21).

"Mas vendo Jesus, não vejo o meu Deus? Amando Jesus, não amo o meu Deus? Aquele tão perfeito em toda espécie de perfeição? (MS 413).

"E o que quer dizer Jesus senão Salvador, isto é um Deus que para manifestar ao homem o excessivo amor com que o ama "ab aeterno", desceu do céu para que o homem lá pudesse subir, vestiu a nossa carne para fazer-nos consortes da sua própria natureza, morreu, finalmente, para nos dar a vida e a vida eterna? (MS 598).

Mas duas conotações particulares caracterizam a presença de Cristo na espiritualidade de Pe. Gaspar. Antes de tudo uma conotação Eucarística:

"Durante a Missa recebi do Senhor, de presente e com muita suavidade, um atual e continuo desejo de oferecer seu trabalho unido ao sacrifício de Jesus Cristo" (22).

Em segundo lugar uma conotação eclesial; Ele sente a realidade da Igreja como comunhão de amor em Cristo:

"Tenham todos como escopo e sinal da sua vocação aquela palavra de Nosso Senhor Jesus Cristo: "Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros" (CF 187)

"Isto depende sobretudo do aproveitamento espiritual interior, pelo qual, enquanto a verdadeira caridade, isto é o amor para com Deus e para com Cristo Senhor, aumenta também a unido fraterna, enquanto cada um se une a Deus e a nosso Senhor cresce e se aperfeiçoa" (CF 221).

C - CRISTO NA ORAÇÃO DE PE. GASPAR

1. DISPONIBILIDADE AO PAI TRADUZIDA NA ORAÇÃO.

Pe. Gaspar procurou realizar na sua vida a imagem de Cristo na sua disponibilidade ao Pai e na sua condição de esposo da Igreja. Esta disponibilidade a Deus, a Jesus, à Igreja e aos acontecimentos do seu tempo e da sua vida encontrou em Pe. Gaspar a forma sublime do Santo Abandono.

O clima natural para o desenvolvimento e a maturação desta disponibilidade é a oração e a contemplação. É neste clima que a disponibilidade de Pe. Gaspar atinge sua mais alta expressão.

Se queremos traçar as características de disponibilidade de Pe. Gaspar devemos voltar nossa atenção para sua intensa vida de oração.

A disponibilidade, enquanto comunica ao ideal apostólico o caráter de mobilidade, imprime na oração a forma de uma busca da vontade de Deus no plano da salvação. Por sua vez a oração, como busca em perfeita disponibilidade, sugere a idéia de desenvolvimento com vários estágios.

a - PRIMEIRO ESTÁGIO. Neste primeiro estágio a disponibilidade exprime-se essencialmente em uma assimilação profunda em Cristo.

Para cada Estigmatino a disponibilidade começa com o desenvolvimento de um relacionamento pessoal com Cristo através do Espírito Santo. Neste estágio a oração pessoal, em todas as suas formas, é um meio essencial para tornar-se instrumento dócil nas mãos de Deus. A oração pessoal dispõe cada um para ser guiado pela vontade de Deus. A oração permite a cada um de se transformar, configurar-se mais a Cristo, de tal modo que o Senhor possa dispor livremente da pessoa que vai procurando a sua face na oração.

b - SEGUNDO ESTÁGIO. A disponibilidade realiza-se em situações concretas, insere-se nos momentos históricos precisos, toma corpo.

Neste estágio requer-se um esforço contemplativo constante e concreto para que a disponibilidade seja um autêntico abandono a Deus. A vocação estigmatina é um convite urgente para fazer experiência de Cristo através de uma crescente familiaridade com a sua pessoa, dentro das legítimas estruturas da Congregação e da comunidade. Além disso nos é pedido um esforço contínuo para "procurar Deus em todas as coisas", para ver Cristo, o Nosso Senhor, nas pessoas a quem obedecemos. Tudo isto faz parte do ideal estigmatino como vem delineado nas constituições do Fundador (CF ns. 139, 143, 196).

Parece que o Fundador pensava numa disponibilidade mais radical, em um crescente abandono a Deus através dos Bispos da Igreja em tudo o que se refere à missão apostólica.

Mas a obediência, como requisito essencial da missão apostólica, insere-se e se desenvolve dentro de uma constante atitude de contemplação da Pessoa de Cristo.

"Todos obedecerão como se obedecessem a Cristo" (CF 139).

"Todos se apressem e voem para fazer a vontade do seu Senhor" (CF143).

As constituições que citamos vêem a obediência como algo que brota da contemplação de Cristo.

A missão apostólica exigirá sempre a aceitação da autoridade do próprio Cristo ainda que só seja visível através da pobreza da autoridade humana. O ideal estigmatino exige para a legítima autoridade, um respeito que se exprime como adesão responsável aos Bispos da Igreja no que se refere à missão apostólica (Cf 2, 185) Todavia a disponibilidade do estigmatino, segundo o ideal do Fundador, manifesta-se não só e menos principalmente, na obediência às ordens da autoridade, mas ainda mais e muito antes pelo ato de obediência concreto, como atitude contemplativa de fundo. É atitude contemplativa que nos permite transmitir o conhecimento profundo de Cristo em nossa missão apostólica. Deste modo, o Pai, ainda hoje manda seu Filho Jesus Cristo, através da nossa atividade apostólica.

c - TERCEIRO ESTÁGIO. Neste ponto a disponibilidade transforma-se inteiramente em contemplação. É próprio da essência da contemplação alcançar uma tal intimidade com Deus que leva os crentes a entregarem-se inteiramente a Ele. Isto requer uma atenção da pessoa toda e leva, gradualmente para um nível de vida mais profundo. Um relacionamento desse tipo, ao mesmo tempo contemplativo e ativo desenvolve uma qualidade de vida que se exprime (é expressa) em uma profunda dependência de Deus e tende a orientar tudo para Ele.

Através dessa disponibilidade, o estigmatino é levado a considerar sua existência pessoal, por mais fugaz que seja, sobretudo como escuta e resposta.

A realização dessa disponibilidade compromete toda a pessoa e, conseqüentemente, qualifica a nossa ação coma a de Cristo. Deste modo a missão apostólica torna-se participação da vida de Cristo, aceita como graça e vivida como resposta.

Quando a disponibilidade é vivida em tal profundidade podemos dizer que o Estigmatino realiza, como uma única realidade, as duas características de "contemplativos em casa" e de "missionários fora" (contemplativo em ação), proposta pelo Pe, Lenotti (cf "a more della cella"), (23) e põe em prática a "contemplação no Amor proposta por Pe. Gaspar (24).

É difícil colocar este ou aquele trecho dos escritos de Pe. Gaspar em cada um dos estágios da disponibilidade como os expusemos. Por isso apresentamos aqui

alguns textos que salientam os aspectos de absoluta disponibilidade na oração de Pe. Gaspar.

Em primeiro lugar apresentamos uma oração muito querida por Pe. Gaspar e que é atribuída a S. Inácio.

"Recebe, ó Senhor, toda a minha liberdade. Recebe a minha memória, a minha inteligência, toda a minha vontade. Tudo o que tenho me foi dado; restituo tudo a Ti e o coloco à disposição da Tua vontade. Dá-me somente o teu amor e tua graça e serei muito rico e não precisarei de mais nada".

Há também a oração à Virgem, muito conhecida na tradição estigmatina e que encontramos transcrita no Memorial Privado no dia 24 de maio de 1808:

"Bom dia, minha Mãe, dai-me a vossa bênção. Abençoar a mim e a esta minha casa. Dignai-vos entregar a Deus tudo o que hoje tenho de fazer e sofrer, em união aos vossos méritos e aos de vosso Santíssimo Filho. Ofereço-vos e vos dedico todo o meu ser e tudo o que me pertence, entrego à vossa disposição para servir-vos, pondo-me inteiramente debaixo do vosso manto. Impetrai-me, Senhora minha, pureza de mente e de corpo a fim de que não faça, neste dia, coisa alguma que possa desagradar a Deus. Suplico tudo isto pela vossa imaculada concepção e pela vossa intata virgindade, real antes, durante e depois do parto".

Numa carta se refere nestes termos em relação à oração:

"Quanto à oração, e ao "abri a minha boca e respirei" (Sl 118, 131), o próprio Espírito Santo responde como se pode fazer: "Não deixeis de rezar sempre" (Sl 18, 22). "Importa rezar sempre e não cessar" (Lc 18,1). "Orai sem cessar" (I Tess 5, 17). Parece-me que a oração ajudará a oração: a diligência em fazê-la atrairá maior abundância do Espírito. E este Espírito "ajuda a nossa fraqueza" (Rm 8, 26): de tal modo que possamos, ainda aqui na terra, oferecer o sacrifício perene e perpétuo, e o holocausto que de si mesmos oferecem os Bem-aventurados no Céu, diante de Deus: "o fogo arderá sempre sobre o meu altar" (Lev 6, 12)" (25).

2. A ORAÇÃO REVELA E ALIMENTA O PROGRESSO ESPIRITUAL

Toda a vida de Pe. Gaspar e a sua espiritualidade se movem ao redor da idéia do "progresso". A sua oração é uma prova. Pela análise dos escritos Bertonianos pode-se notar como o progresso espiritual na oração substanciam-se em alguns elementos dominantes, que também encontramos na vida e na espiritualidade de S. Inácio 26):

a - A ORAÇÃO COMO PURIFICAÇÃO. A oração foi para Pe. Gaspar, uma contínua purificação que o levou a respeitar a iniciativa de Deus na sua vida e no seu período histórico, mesmo quando tal iniciativa não lhe era muito clara.

Pe. Gaspar passou sua vida toda "aos pés do Mestre", sempre atento à procura da Sua vontade para melhor servir à Igreja. Parece-me que "ao tomar decisões", ao escolher" Pe. Gaspar tenha tido mais uma atitude passiva que ativa. Mais precisamente a ação divina teve um peso preponderante nas decisões do Fundador. Pe. Gaspar em relação a Cristo, sente-se como um discípulo diante do Mestre. Este divino Mestre ditava suas lições não somente através da sua Palavra, mas muitas vezes, através dos acontecimentos da vida. Por isso o Fundador fala do seu sofrimento como de escola (27), assim como o era a Palavra de Deus e a Eucaristia (28).

Ele dedica um de seus sermões a Jesus Mestre (MS 1781). É na escola de Jesus que Pe. Gaspar aprende a renunciar às próprias idéias. Esta renúncia de si mesmo, vivida através anos de "atrozes sofrimentos", levou Pe. Gaspar a adquirir habilidade na escolha e seleção dos meios necessários para o fim, em uma crescente conformidade com a vontade de Deus.

b - A ORAÇÃO COMO ABERTURA PARA O TRANSCENDENTE E PROCURA DA VONTADE ENCARNADA DE DEUS.

Desde o início Pe. Gaspar chegou a ver que o que importa, o transcendente, é servir a Deus. A oração serviu-lhe como caminho para ver Deus presente na experiência cotidiana. De um modo mais amplo, Pe. Gaspar procurou considerar a história como uma encarnação da vontade de Deus, que se faz sempre mais evidente. Assim através da sua oração Pe. Gaspar chegou a respeitar a vontade de Deus, com docilidade e crescente disponibilidade.

É típico da espiritualidade bertoniana o pensamento de que Deus intervém por meio do que é tangível e visível. Para Pe. Gaspar a vontade de Deus torna-se manifesta na Igreja encarnada, concreta através dos Bispos. Na sua longa existência sob o signo da obediência e do serviço (obsequium) aos Bispos, Pe. Gaspar viveu em atitude constante de busca do maior serviço de Deus, expresso por um constante esforço de discernimento e oração sobre os modos e os meios da missão apostólica.

Deste modo podemos notar uma progressiva encarnação do carisma Bertoniano. A sua opção por Cristo substancia-se numa atitude fundamental de abertura e docilidade, própria de quem chegou a entender que o problema da eleição, da escolha implica em deixar-se guiar pelo Espírito santo presente na Igreja e representado, segundo Pe. Gaspar pelos Bispos escolhidos pelo próprio Espírito que inspirou as Escrituras.

Fundamentalmente, o "obsequium" Estigmatino seja em relação a Deus e ao Cristo, seja em relação à Igreja, tende a tornar-se encarnado no sentido que, segundo Pe. Gaspar, a vontade de Deus tende a manifestar-se através de sinais visíveis. Na vida de Pe. Gaspar alguns desses sinais tomam-se particularmente evidentes: o santo escolhido como modelo, a legítima autoridade, seus diretores espirituais.

Estes são ainda, para Pe. Gaspar, sinais de salvação, e caminho para um esclarecimento da vontade concreta de Deus.

c - ALGUNS TEXTOS COMO COMENTÁRIO. A procura de Deus, através de um contínuo progresso, implica para Pe. Gaspar um esforço constante para descobrir e entender profundamente o que Deus quer dele. E ele realiza isso com uma íntima união com Cristo, sobretudo no seu abandono e na sua disponibilidade ao Pai. Essa procura atinge seu momento culminante na decisão de Pe. Gaspar de confiar a sua missão apostólica em auxílio dos Bispos. O primado absoluto de Cristo na vida de Pe. Gaspar o levou a uma profunda esperança e confiança. Eis alguns textos que esclarecem os elementos que analisamos acima.

- Do seu Memorial Privado.

"Os que são muito inclinados à ação devem ser alertados para a oração; os que se apegam demais à oração convém impeli-los à ação" (29).

"Procurar somente a Deus, ver Deus em todas as coisas, isto é tornar-se superior a todas as coisas humanas". "Tudo se resume em servir a Deus custe o que custar. É necessário, pois, precaver-se das veleidades. A veleidade diferencia-se da vontade no seu efeito: a primeira começa a ceder diante das dificuldades e faz a gente se desencorajar; a segunda insiste, firma-se e se fortalece"(30).

"Procurar somente a Deus e nada mais, nem consolações, nem condescendência" (31).

"Pedir a graça de segui-Lo, de ser zeloso pela sua glória e pela salvação de nossa alma" (32).

"O nosso mundo é um grande Hospital de doentes: todos se queiram, mas ninguém acaba sarando mesmo quando há um remédio adequado. E este é a oração. A qual ou não se faz ou se faz normalmente mal:

isto porque ou quem pede é mau e pede coisas más, ou não sabe pedir direito; ou então não pede para si, não pede o Reino de Deus, ou ainda, sua oração não é piedosa e perseverante" (33).

- Do Epistolário.

"Digamos ao Senhor com grande confiança amorosa: "Dá o que mandas e manda o que quiseres" (S. Agostinho, Confissões, X, 29). Essas são todo o espírito. Que faremos nós? "Abri a minha boca e seguirei" (Sl 118, 131). Abrir a boca pela oração e atrair a abundância do Espírito. De fato lemos que "batizado Jesus, e estando em oração abriu-se o céu e desceu sobre Ele o Espírito Santo" (Lc 3 21). "É ao homem que pertence preparar a sua alma" (Prov 16, 1), diz a Escritura, e Nosso Senhor fez Vossa Senhoria ficar sabendo. Portanto com o auxílio de Deus, não direi que use diligência para preparar, mas quase grande e especial e finíssima diligência, para ter sempre sua alma preparada para a visita de Sua Majestade. "Não cessar de rezar sempre" (Sl 18, 22), continua a dizer o Espírito Santo. O cuidado com o silêncio, apressar as conversas, evitar as futilidades; é estar preparado para ouvir a voz suavíssima de Nosso Criador" (34). "Amadureça a coisa com Deus, rezando e fazendo rezar, para não atrasar nem prevenir a

Providência" (35). "Com a oração, porém, se consegue tudo que não seja contra a vontade de Deus, nem ao nosso bem, porque o Senhor nos ama, e nos ama de verdade..." Eis o meu pequeno projeto. A oração, a diligência, a fé poderão executá-lo se ele é fato razoável e condizente com o serviço de Deus" (36).

SEGUNDA PARTE:

A SERVIÇO (obséquio) DE JESUS CRISTO

Pe. Gaspar, seja por disposição natural ou por uma especial graça de Deus, viu no mistério de Cristo, principalmente a sua disponibilidade e abandono ao Pai. É este aspecto de Cristo que ele procurou traduzir na sua vida. O Cristo que vai se delineando na alma de Pe. Gaspar é o Servo do Pai, humilhado e glorificado (cf Is 53; Flp 2, 5-11).

A – CRISTO, O SERVO DO PAI

A figura de Cristo foi-se delineando na mente e no coração do Fundador gradualmente. Nesse processo espiritual a imagem que se foi formando é a de Jesus, servo do Pai, humilhado em seguida glorificado na ressurreição. Tudo isso levou Pe. Gaspar a refletir de modo particular sobre a paixão e morte de Jesus e sobre seus estigmas... Todavia Pe. Gaspar não para na contemplação da paixão e morte de Cristo, mas guiado pelo Espírito Santo, passa a contemplar a ressurreição e os estigmas, mostrado aos Apóstolos no momento da Missão Apostólica (Jo 20, 9 ss.). Esta espiritualidade dos Estigmas foi-se formando durante a longa vida de Pe. Gaspar.

1. OS ANOS DA JUVENTUDE

a - Um elemento de grande importância na formação da espiritualidade de Pe. Gaspar parece ter sido a série de mortes de pessoas queridas durante sua juventude.

"Da sua adolescência, há sinal de um fator que julgamos tenha tido uma acentuada influência na sua vida espiritual. No breve espaço de 7 anos (1783-1791), a morte bateu sete vezes na porta da casa Bertoni. Esses lutos certamente produziram um eco profundo na natureza reflexiva de Gaspar, deixando impressa uma sombra em sua alma, já por si mesma impressionável em aceitar e manter a influência de outras pessoas.

Não há dúvida de que, nessa escola de tão dolorosas separações o jovem Gaspar compreendeu a fugacidade do tempo, tema que surgirá freqüentemente nas suas pregações" (37).

É difícil imaginar o que deve ter provocado nele a morte da irmãzinha. É esquisito que seu primeiro biógrafo não soubesse da existência de uma irmã, pois se refere a Pe. Gaspar como "o único fruto do matrimônio de Francisco Bertoni e Brunora Ravelli (38)

Certamente esses lutos devem ter produzido uma grande repercussão, se, como parece, ele mudou notavelmente em seguida.

"... Como jovem era muito vivaz, mas tornou-se mais sério e refletido nos anos seguintes, quando o Senhor o quis "ferido" mas não morto" (39).

- b - Indicações mais claras para o desenvolvimento da espiritualidade bertoniana, como espiritualidade centralizada em Cristo e no seu serviço ao Pai, já encontramos na juventude de Pe. Gaspar. Na época de sua primeira Comunhão ele compôs um soneto que preludia de modo impressionante o tema do sponsalício e das feridas, tema que será desenvolvido durante sua maturidade. Também para quem não tem familiaridade com as formas literárias italianas e o sistema escolástico do tempo de Pe. Gaspar, torna-se difícil acreditar que uma poesia desse gênero tenha sido escrita pelo jovem Bertoni.

"Dai di' che Amor in valle erma romita
sul margine de una fonte a specchio assiso
a contemplar mi diedi il suo bem viso
languo d'indimenticabile ferita
Poiché già nol vidi: e sol l'ignita
freccia rimase ond'è il mio cuore inciso
ahi lasso cor! da l'alma tua diviso
qual mai sperar potevi tu, quai vita!
Gemea coprendo a tutti il mio dolore
che niun potea salvar, salvo quel solo
che mi ferì; ma pur chi'l crederia?
Veder ch'oggi al trionfo dell'amore
segue di cuor trafitti un lungo stuolo
a medicar basta la piaga mia".

É fácil encontrar nessas expressões de Pe. Gaspar alguns traços do cântico espiritual de S. João da Cruz "cf St. 2, 1.5; St, 1, n. 20). Em um outro soneto, provavelmente posterior Pe. Gaspar traduz da sua maneira, os lamentos da esposa contidos no mesmo Cântico espiritual de S. João. Ele desfalece por "inesquecíveis ferimentos" desde que pôde contemplar no espelho de uma fonte "a sua bela imagem", o rosto do Amado. Com o coração separado da alma por aquela "flecha ardente", não pode revelar sua dor a ninguém, porque ninguém pode curá-lo, exceto Aquele que o feriu. Há em tudo isso uma forte reminiscência bíblica:

"Cura os corações despedaçados, e enfaixa suas feridas" (cf Sl 147, 3).
"Piedade de mim Senhor... cura-me..." (Sl 6, 2).
"Ele nos feriu, e ele nos curará..." (Os 6, 2).

2. O ABANDONO COMO IMITAÇÃO CONCRETA DE CRISTO, SERVO DO PAI.

O abandono total nas mãos de Deus é fruto de uma longa caminhada de crescimento da Esperança cristã e é sua mais alta expressão... Assim também é para Pe. Gaspar. Através de reverente temor diante da Majestade do Criador e Redentor, ele chega gradualmente a um nível sublime de disponibilidade ao plano de Deus, debaixo da ação do Espírito Santo. Numa de suas meditações sobre o primeiro livro de Samuel, Pe. Gaspar assim se exprime:

"Um homem de oração não faz mais que ir ao encontro das coisas conforme o Senhor as dispôs com sua Providência. Não previne, não se antepõe; tudo é ordem, tudo é tranqüilidade. Não é precipitado, nem apressado. Aguarda o tempo, as circunstâncias, tudo seguindo Deus".

Nestas poucas linhas temos, pode-se dizer, todo o pensamento de Pe. Gaspar sobre o Santo Abandono. O princípio aqui expresso mostra a atitude de quem vai experimentando a vida como algo que se manifesta e atinge a pessoa pela Providência. Um dos maiores obstáculos na tentativa de harmonizar a própria mentalidade com a divina Providência, é o de não saber esperar quando o plano de Deus não é totalmente claro. No pensamento de Pe. Gaspar muitas vezes, o concluir a vontade de Deus é comprometido pela pressa de agir. Pe. Gaspar ao invés, pelo santo Abandono chegou a uma posição em sua vida, que o levou a saber esperar. Um saber esperar que se alicerça numa esperança altamente desenvolvida, capaz de garantir a maior segurança em relação ao futuro. A esperança, de fato, dá força a uma certeza inabalável de que a onipotência de Deus foi colocada à nossa disposição depois de uma Sua maravilhosa condescendência (39 bis).

Sabemos que os autores espirituais têm pareceres diversos sobre o fundamento teológico do Santo Abandono. Há quem, como S. Francisco de Sales, vê no Santo Abandono uma forma superior de caridade; De Caussade concebe o santo Abandono como o estado de fé pura, de pura esperança e de pura caridade (40).

A nós, parece que Pe. Gaspar motiva e plasma o santo Abandono partindo da virtude teológica da Esperança (41)

3. CRISTO NA SUA OBEDIÊNCIA AO PAI, ATÉ A MORTE, MODELO DE SANTO ABANDONO.

Um exegeta moderno, A. Feuillet, mostra que há só dois textos em S. João, em que Cristo fala expressamente do seu amor pelo Pai e ambos se encontram no discurso da última ceia, exatamente antes da paixão.

"... Mas é preciso que o mundo conheça que amo o Pai e que faço como Ele me ordenou..." (Jo 14, 31).

"Se observardes os meus preceitos, permanecerei no meu amor, como eu observei os preceitos de meu Pai e permaneço no seu Amor" (Jo 15, 10).

Nestes textos, como em tantos outros (Jo 4, 34; 5, 30-43; 6, 38; 10, 18; 12, 49ss.) o amor de Cristo pelo Pai coincide com o seu incondicionado acatamento à vontade do Pai. E é justamente a aceitação dessa vontade que traz a redenção ao mundo (42).

O estado de abandono não é senão a madura imitação da disposição espiritual de Cristo na cruz. S. Francisco de Sales apresenta Cristo, como modelo de Santo Abandono em todos os estágios da sua vida, mas principalmente nos sofrimentos (43).

Quando a vontade de Deus é tomada em si mesmo, não ligada a um mandamento particular, a conformação com ele torna-se uma obrigação que compromete toda a vida, de tal modo que cada pecado assume a conotação de uma recusa à vontade de Deus. Esta rendição total à vontade de Deus, como se pode notar na vida de Pe. Gaspar, fundamenta-se na persuasão de que Deus, nas suas promessas, é poderoso e misericordioso acima de qualquer medida.

De tal persuasão nasce a segurança para o presente e para o futuro imprevisível; e esta segurança é algo que supera qualquer resultado na própria vida pessoal.

"Que Pe. Gaspar tenha visto em Cristo crucificado o insuperável modelo de santo Abandono, pode derivar-se da espiritualidade de seus diretores espirituais, certamente o Pe. Fortis, primeiro Geral da reconstituída companhia de Jesus, deve ter exercido uma grande influência sobre Pe. Gaspar, especialmente por dois aspectos da Cristologia Inaciana, que propõe Cristo como Servo do Pai e Esposo da igreja.

E ainda podemos deduzir que Pe. Gaspar foi totalmente atingido por um manuscrito de Pe. Galvani. O manuscrito se intitula: "Recordações de uma santa alma para as pessoas que querem viver como verdadeiros seguidores do Cristo Crucificado".

O caminho no qual Pe. Galvani orienta Pe. Gaspar seminarista e jovem padre, vem delineado nos seguintes pensamentos:

- "1. Lembra-te, cristão, que fora da Cruz todo esforço é inútil. Carrega a tua cruz que ela te fará chegar ao monte santo com muita rapidez. A Cruz que é levada com alegria faz provar as maiores satisfações do Paraíso.
2. Não procurar descanso neste mundo, mas sim trabalho... olhar a Cruz com o espírito... porque é um grande dom da misericórdia de Deus.
8. ... O sofrimento nos toma de certo modo semelhante ao divino Filho feito homem...

67. Quem quer seguir o Crucificado, deve procurar que lhe falte alguma coisa, mesmo do que é necessário...

84. Portanto, com todo o esforço procure sempre este amor forte... "Senhor, dai-me um forte amor sofredor... Senhor, fazei-me viver na Cruz e nela morrer, como o vosso amado Filho feito homem" (44).

a - A PAIXÃO DE CRISTO, EM GERAL, NA VIDA DE PE. GASPAR

"Eu estou crucificado, eu estou morto; mas nem com tudo isto é válido o meu amor, se não pregado na Cruz com Cristo, na mesma cruz de Cristo".

"É uma resoluta decisão minha seguir-te de perto, quanto mais melhor possível e de imitar-te em suportar toda injúria, todo vitupério e toda pobreza, tanto real como espiritual" (45).

Como se percebe, Pe. Gaspar não considera a perfeição cristã em abstrato, mas procura imitar Cristo através de experiências concretas, encarnadas na história, em uma época, em um país, em uma determinada estrutura psicológica.

O nosso Fundador vê os diversos estágios da perfeição cristã justamente nessa semelhança com Cristo, na sua filial relação com o Pai e na sua missão, totalmente expressa na paixão e na morte.

"Mostra, pois, a essas almas que devotamente contemplam aquelas cruéis chagas que te fizeram os mesmos cravos que antes dilaceraram as mãos e os pés de Jesus. Mostra o lugar onde em ti reclinou expirando... amigo fiel, irmão muito terno, esposo amabilíssimo, gentilíssimo. Mostra, finalmente o sangue espalhado por seu amor..." (MS 430).

"... Ele não tem somente as mãos e os pés dilacerados pelos cravos que o magoam, mas todas as outras partes do corpo, todas feridas, sofreu dores acerbíssimas..." (l. c. n. 460).

O Crucifixo é apresentado na primitiva regra como valor fundamental. "Assim como o Apóstolo diz: "Não creiais em saber outra coisa entre vós senão Jesus Cristo e este crucificado" e assim como Cristo disse de si mesmo: "Eu sou o Alfa e o Ómega, principio e fim"; por isso todos os irmãos comecem absolutamente daqui" (cf CF 51).

A paixão de Cristo é, na verdade, uma constante que invade toda a vida de Pe. Gaspar.

"E todavia sabemos - diz Pe. Giacobbe - quando ele era apaixonado pela literatura e belas artes, quanto gostasse da harmonia, e nascido para exprimir o belo e o agradável. Em tudo isto conservou sempre aquela sobriedade do não "saber mais do que é necessário saber"; e jamais permitiu que a sua sabedoria

se desviasse daquela ciência sublime de saber unicamente o seu Senhor Crucificado... " (46).

Desde os primeiros anos de sacerdócio sabemos como Pe. Gaspar era embebido no "seu Senhor Crucificado", e quanta devoção tinha pela Paixão de Cristo. O seu primeiro biógrafo deixa indiretamente transparecer como o Crucifixo entrou desde esse tempo na vida de Pe. Gaspar com uma espécie de santa invasão, quando fala da "Via Sacra" que todos os domingos, juntamente com alguns jovens, fazia antes da aula de catecismo (47).

Parece que justamente por causa dessa sua "Identificação" com a Paixão de Cristo, Pe. Gaspar foi escolhido, entre cerca de cinquenta padres que viviam na paróquia, para fazer o sermão da sexta-feira santa de 1801 (48).

Chegou até nós a descrição de como se desenvolvia o domingo do jovem Pe. Gaspar em Campo Marzio. Ao primeiro toque do sino que chamava para o catecismo, Pe. Gaspar entrava na igreja de S. Paulo e com alguns dos seus fiéis e escolhidos do oratório fazia a Via sacra "com tal piedade e devoção, mostrando com sinais evidentes, como estava profundamente compenetrado da compaixão pelos sofrimentos de Cristo". Depois saía da igreja uma pequena procissão precedida por um crucifixo. A procissão ia se engrossando de jovens enquanto passava pelas ruas da paróquia e encaminhava todos para o catecismo. Os catequistas eram os mesmos jovens que faziam a Via Sacra com Pe. Gaspar. O seu fervor tinha sido renovado pela meditação dos sofrimentos da Paixão de Cristo.

b - A PAIXÃO DE CRISTO NO APOSTOLADO DE PE. GASPAR

Nos momentos mais difíceis da sua missão apostólica, particularmente quando encarregado pelo Bispo devia orientar sacerdotes em condições difíceis, recolhidos no seminário de Verona, Pe. Gaspar sentiu nervosismo e dificuldades, mas diz-se que considerava os sofrimentos físicos e as dificuldades no apostolado como um estar na "escola de Deus":

"Terminada a Missão de S. Firmo, continuou a confessar ainda por muito tempo e para conservar o fruto dela, todos os dias fazia a Via Sacra. Mas como desde o início resolveu que esse exercício da Via Sacra fosse uma continuação da Missão, preparou material que servisse para converter pecadores e para consolidar os bons. Portanto com uma seqüência admirável, cada dia, no momento oportuno, sabia fazer novas "invocações", adaptadas para isso e convenientes com o mistério que se meditava em cada estação. Cada dia, para essa Via Sacra, concorria um grande número de pessoas, e percebia-se o fruto pelas muitas conversões e pelo aumento da piedade"; e nessas ocasiões, muitas vezes, foram vistas pessoas chorando, tal era a solidez dessas pequenas práticas e a unção e o fervor com que se fazia"(49).

Toda sexta-feira, à tarde, a partir de 1822, a convite do Bispo, Pe. Gaspar fazia um Pio Exercício em honra dos Sagrados Estigmas, o esquema era o seguinte: No início cantavam-se o "gradual" (algumas antífonas) da Paixão do Senhor. Segue-se pelo espaço de meia hora uma palestra de cunho moral tirada de um livro da Bíblia. A palestra, além de ser uma exortação para as virtudes cristãs, tinha como finalidade suscitar a devoção ao Crucifixo e às Chagas do Senhor, o pio exercício terminava no altar do Crucifixo, com a adoração das Cinco Chagas e orações apropriadas.

Em toda sua pregação Pe. Gaspar mostra o Senhor presente na sua vida e procura, por meio de suas palavras, torná-lo presente neles.

"Por isso nada mais devo fazer que, expondo com toda simplicidade os fatos como naturalmente aconteceram, tornar a Paixão de Cristo bem próxima, não só do vosso pensamento, mas dos vossos próprios olhos, para que ela muito enternecedora em si mesma, torne-se objeto atual da vossa mais terna compaixão" (MS 428).

Damos assim mais um exemplo desse aspecto da sua pregação com a seguinte "invocação à Cruz":

"Santa Cruz, que eu devo adorar como a única que foste digna de amparar aquela augusta vítima que, em ti foi crucificada pelas nossas culpas, eu bem sei que muitos e vários afetos tu podes despertar nos corações destes ouvintes, tu que agora te tornaste o estandarte da sua fé, o fundamento das suas esperanças, o conforto dos pobres, o desejo dos justos, o terror do inferno" (50).

A paixão, em geral, e os Estigmas em particular são temas freqüentes também nas suas relações epistolares. Muito significativo, para isso, alguns trechos das cartas ao Pe. Bragato.

"Se não podes em casinha com o corpo (a casa dos Estigmas), esteja com o espírito "in caverna maceriae" nas chagas do nosso sensibilíssimo Salvador, onde te deixo, abraçando-te com todo o coração" (51).

Também o modo significativo com que termina uma carta à Naudet:

"Deixo-te nas Chagas amorosíssimas de Jesus onde desejo que habites" (52).

c - OS ESTIGMAS E OS SOFRIMENTOS DE PE. GASPAR

É uma clara característica de Pe. Gaspar considerar os sofrimentos físicos e os insucessos no apostolado, à luz da Paixão em geral e dos Estigmas em particular. Quando um decreto do governo interrompeu uma Missão em S. Firmo que estava tendo grande sucesso, Pe. Gaspar sentiu desprazer. Porém, procurou salvar o que pôde da Missão, dedicando-se dia e noite, durante alguns meses, a atender

confissões. Conseguiu, também, substituir as pregações oficiais proibidas com a via Sacra comentada (53).

Não é fácil elencar todos os elementos da vida de Pe. Gaspar que mostram o seu contínuo esforço em perder a sua personalidade. O modo com que Pe. Gaspar reagia e se exprimia durante os longos períodos de isolamento e de sofrimento físico é um caminho privilegiado para uma compreensão profunda do seu espírito invadido de autêntica esperança. Acontece muitas vezes que o sofrimento e o isolamento fazem transparecer o verdadeiro interior de uma pessoa. Porém em situações tais, Pe. Gaspar não se deixa levar a grandes afirmações sapienciais. "Pode-se dizer que foi verdadeira humildade - escreve o Pe. Giacobbe - o não mostrar nada de si, nem singular, nem extraordinário em toda sua doença; o não expandir-se em peregrinas exclamações ou sapienciais sentenças" (54). Ao contrário, ele confessa toda a sua fraqueza e suas limitações por ocasião do sofrimento:

"Seja a debilidade da minha mente fatigada pela doença, pelo medo e pela dor de sorte que me fizeram esta manhã, seja o negócio difícil em si mesmo, como acredito, eu, de ontem à tarde para cá, pensando, não encontro soluções sendo com conseqüências desagradáveis".

Apesar de tudo isso Pe. Gaspar permaneceu solidamente firme na paciência e no espírito de Santo Abandono (55). Segundo seu primeiro biógrafo, eram freqüentes suas expressões de amor a Jesus na cruz. A sua ânsia constante era participar sempre mais profundamente do grande drama da Paixão de Jesus Cristo. O seu grande escopo, durante toda a vida, foi de associar-se ao Senhor no Calvário (56). Justamente aí estava o segredo da sua força de espírito. Ele traduzia na sua vida a expressão de S. Paulo: "Trago no meu corpo os Estigmas do Senhor" (Gal 6, 17); e ainda: "Completo na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo seu corpo, que é a Igreja" (Col 1, 24).

Permanece significativa para nós a expressão de Pe. Gaspar sofredor: "Eis-me na escola". De 1842 até sua morte em 1853, não mais saiu de casa. Não se conhece a natureza da sua doença. Todavia o mal e as freqüentes operações certamente fizeram-se presentes nesses últimos anos de vida. Pe. Gaspar sofreu uma terrível artrite, distúrbios estomacais e uma debilidade geral. Mas ele aceitou toda esta situação como uma espécie de mistério, sinal de um particular desígnio da Providência. O seu sofrimento era como dar vida a um sacerdócio delineado sobre a imagem de Cristo Crucificado, marcado pelas Cinco Chagas.

Mas deixemos falar o próprio Pe. Gaspar, através de suas cartas, para descobrir com que sentimentos ele viveu essa dolorosíssima experiência.

"O Senhor colocou-me no leito..." (57)

"O Senhor tirou-me a Missa e o Ofício esta manhã, porque começou a purgar aquele tumorzinho no joelho. Veremos o que Ele quer" (58).

"Parece que a divina Providência, se não for minha pouca fé, quer dar-me vez por vez aquela pouca santidade que me é necessária para continuar a viver e fazer alguma coisa. Tem razão, não uma, mas mil" (59).

"Ele me quer ferido, não morto. Assim eu posso servi-Lo e não abusar de suas graças, e fazer a penitência que me é necessária" (60).

Nesta experiência Pe. Gaspar não estava muito longe do seu chagado Mestre, como ele mesmo o descreve em uma pregação:

"O suplício de Jesus excede, ou por assim dizer, transcende todos os suplícios. Não somente das mãos e dos pés, mas de todas as partes do corpo todo chagado - Ele recebe num mesmo instante dores agudíssimas, muito mais dolorosas, porque essas feridas tinham sido reabertas... Os carrascos de Jesus que não lhe deixaram nenhum membro sem ferimento, não permitiram que nenhum dos sentidos ficasse sem um tormento particular" (61).

d - OS ESTIGMAS E A ESPERANÇA DE PE. GASPAR

Firmado na grande inspiração paulina de que estamos mortos e sepultados com Cristo, mas que com Cristo somos chamados a uma nova vida, Pe. Gaspar, em toda sua vida, abriu-se aos grandes horizontes da esperança.

"Se nós estamos plantados na semelhança da sua morte, também o estaremos na ressurreição... Assim como o corpo de Cristo sepultado na terra deu como fruto a salvação do mundo, assim também, sepultados novamente na penitência, conseguimos os frutos da justiça, da adoção, da santificação, de inúmeros dons; conseguiremos também, em seguida, o dom da ressurreição" (MS 1308).

Pe. Gaspar prossegue desenvolvendo a alusão feita ao mistério pascal:

"Não temais os vossos adversários, se Deus está do vosso lado, não temais vossas fraquezas se Deus está convosco. Resolvi, determinai, prometei. Este é o ponto. O glorioso triunfador Jesus Cristo já ressuscitou depois de ter vencido com sua morte o pecado e o demônio. Aumentai a glória do seu triunfo, fazendo que Ele vença o pecado e o demônio, também em cada um de vós em particular..." (MS 917).

Nos exercícios espirituais aos clérigos e sacerdotes Pe. Gaspar condensa sua mensagem de esperança na seguinte expressão:

"Cristo entrou com as cicatrizes das Chagas: eis o preço pelo qual adquiri este reino; tem que ser valorizado".

No final de uma longa labuta por uma fiel Missão apostólica abre-se aos grandes horizontes da esperança.

"Sirvamos Àquele que por todos os títulos é nosso Patrão, e que muito bem comprou a nossa servidão servindo-se Ele mesmo a nós por primeiro, com tantas fadigas, tantas humilhações, tantas penas, e que finalmente nos promete conservar a nossa servidão fazendo-nos sentar junto com Ele sobre o próprio trono de sua glória" (62).

"O nosso amável Mestre Jesus Cristo entra no meio dos seus discípulos para consolá-los com o testemunho real da sua gloriosa ressurreição dando-lhes a sua paz: Pax vobis!; sou eu, não temais... Quantos não são os cristãos modernos que convidados a chegarem mais perto do seu Deus - isto é de servi-lo, no seu estado, com maior perfeição - afastam-se amedrontados! ... A verdadeira devoção consiste em uma vontade pronta de entregar-se a Seus e dedicar-se às coisas que mais pertencem ao seu serviço" (63).

Referindo-se à imagem dos Estigmas como sinal pascal, Pe. Gaspar leva seus ouvintes pela estrada da esperança:

"Imaginaí vê-lo como apareceu a alguns discípulos, tão vivo e luminoso, e com as cicatrizes das Chagas, convidando-vos também para o céu, para onde pretende voltar: vou preparar-vos um lugar... (64).

Encontramos a grande esperança baseada na ressurreição em uma pregação do domingo in Albis, dia 5 de abril de 1807:

"Terminados nos dias passados os lamentos da penitência, consumada nesses dias a vossa justificação, celebrada, como creio, por todos vós a Páscoa no dia de hoje: eu vos vejo, pois, ressuscitados com Cristo caminhar na vida nova, apressar-vos solícitos com discípulos para ver Cristo na Galiléia.

Falo, pois, com homens que do temor da contrição atingem com segurança a confiança na divina misericórdia; que da alegria do século e da consolação do mundo, pela compunção e pela tristeza que é de Deus, já passaram para uma santa e devota exaltação, para um vivo e espiritual prazer no Espírito Santo; o que não somente faz entristecer com a lembrança das faltas passadas, mas alegra a memória e aumenta o desejo dos prêmios eternos... Continua o Apóstolo: não sabeis que todos que fomos batizados em Cristo Jesus (acrescentai vós: ou lavados no sangue de Cristo pela penitência) na sua morte somos batizados? Eis como se dá essa morte: o Batismo, a Penitência, se torna a nossa Cruz; e também o nosso sepulcro. Somos de fato, nos diz, v. 4, sepultados com Ele pelo batismo da morte, até que cada um de nós morra como Ele morreu, se bem que não nas mesmas coisas. Ele na carne foi morto e sepultado; nós o fomos no pecado. Um e outro morreram mas não do mesmo tipo de morte. A morte de Cristo é da carne, a nossa é do pecado: E tanto uma como outra são verdadeiras mortes. Embora seja verdade, é conveniente que façamos tudo aquilo que da nossa parte devemos. E acrescenta: assim como Cristo ressuscitou dos mortos para a glória do Pai assim também nós devemos caminhar pela vida nova. Proposta a futura ressurreição, S. Paulo exige de nós

uma outra ressurreição; uma nova instituição na vida presente, pela mudança dos costumes..."

A alegria, fruto da esperança, tem um significado especial nas Chagas:

"Quanto ao mais sede alegres; e quando vos suceder um pouco de alegria voai com o pensamento ao quartinho do Pe. Miguel: se não tendes sempre as asas prontas para elevar-se acima das nuvens no seio do vosso Deus, e nas Chagas gloriosas do vosso Salvador. - Buscai as coisas do alto, onde Cristo está (Col 3, 1). - Sentai-vos aí como um do seu povo na beleza daquela paz: pois tudo acaba depressa, mas aquela paz eterna jamais tem fim" (65).

B. CRISTO ESPOSO

1. CRISTO ESPOSO DA IGREJA. A imagem de Cristo esposo da Igreja é familiar a Pe. Gaspar. Naturalmente parte do pensamento de S. Paulo, tão maravilhosamente expresso na carta aos Efésios (Ef 5, 21 ss.). Não há dúvida porém que Pe. Gaspar desenvolve essa imagem de Cristo Esposo da Igreja também à luz do pensamento de S. Inácio:

"Quem deseja servir como soldado de Deus sob a bandeira da Cruz, em nossa Companhia, que queremos chamar com o nome de Jesus, e servir somente o Senhor e a Igreja sua Esposa..." (66).

A presença permanente do esposo para Pe. Gaspar é motivo de grande esperança para a Igreja.

"E sendo (a Igreja) fortemente governada pela graça do seu Esposo, mas ao mesmo tempo suavemente, numa cooperação mútua, acontece que também ela se governa e se rege. E porque singularmente por meio das tribulações consegue a finalidade do seu governo que é a perfeição da graça nessa vida e da glória na outra, assim nós a consideramos na maneira deste governo admirável, no qual surgirá igualmente a admirável Providência do seu Esposo que a rege e as singulares virtudes da Igreja, com as quais ela sempre se dirige conforme o seu espírito" (MS 4909). "Pelas tribulações temperadas com as consolações interiores... a Igreja sofre de um modo que não se deixa observar pela tristeza, ouvindo a voz do seu Esposo" (MS 4914). "Fazei que nós vindo trabalhar nesta casa, nos conformemos como espírito dos Patrões, com o Espírito do Esposo e da sua Esposa, a fim de que usando do mesmo modo as aflições que esta vossa casa, tendo diante dos olhos a adorável intenção da vossa Providência, possamos colher os frutos da vossa misericórdia, que é a nossa justificação e perfeição, para vossa maior honra e glória" (MS 4930).

Sempre à luz de Cristo Esposo da Igreja, Pe. Gaspar exorta a não dilacerar a Igreja, mas servi-la com os dons do Espírito Santo.

"Com o dom do intelecto o sacerdote não lacera a Igreja... o nosso Juiz... manterá sempre os direitos de sua Esposa, como seus, ou, ainda com maior zelo" (MS 2559).

Escrevendo à Naudet Pe. Gaspar insiste sobre o mesmo pensamento: "Eis a linha que o Senhor exige, e a seu tempo fará um belo tecido, para vestir a sua Igreja no dia das bodas. Louvado seja Deus, pelo que ensinou Vossa Senhoria escrever e por tudo quanto Ele está para fazer" (67).

Justamente porque é a Esposa de Cristo, Pe. Gaspar acha importante seguir o espírito da Igreja e imitá-la como seus filhos.

"Senhor, tendo nos chamado para a casa do Vosso Filho, onde nos prevenis das perseguições por meio dos Apóstolos: "Quem quer viver piamente em Jesus Cristo sofrerá perseguições", fazei que nós adquiramos o costume da Igreja, para que possamos nos preparar, e não nos tornemos ingratos ou filhos e servos indignos; mas ao contrário, imitadores dela como ela é do seu Esposo e nosso Senhor. Fazei que conheçamos o Espírito da nossa Esposa, a Igreja, a fim de que conhecendo o amemos, amando o desejemos, desejando abramos a boca para pedi-lo a Vós e o coração para atraí-lo. "Abri a minha boca e aspirei" (Sl 118, 131)" MS 4933.)

Pe. Gaspar desenvolve ainda este tema da imitação da Igreja, como modelo e inspiração do trabalho apostólico.

"Senhor, conhecemos as tribulações da vossa Igreja, onde se distingue a admirável Providência de vós, seu Esposo, e a prudente e virtuosa conduta de vossa Esposa. Nós adoramos o vosso sapientíssimo governo e vos pedimos que nos ajude a imitar a Vossa Esposa na conformidade com tudo e em nos conduzirmos bem neste: "quem quiser vir após mim, tome sua cruz" (Mt 16, 24). Fazei que carreguemos, não arrastemos a cruz, e carreguemos de boa vontade, para que cheguemos a gloriarmos nela, e a levemos com tanto amor para alcançarmos a não nos gloriarmos senão nela "longe de mim gloriar-me senão na Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo" (MS 4963).

Sobre tudo Pe. Gaspar exprime sempre a sua inabalável fé na presença do Senhor na Igreja.

"Senhor, vós atraís todas as coisas aos desígnios adoráveis da vossa Providência, com a suavidade e a eficácia da vossa graça, fruto precioso da vossa casa. "E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim" (Jo 12, 32). Assim vós atraís a vossa Esposa, a Igreja, nossa mãe, e vossos filhos que somos nós" (MS 5005).

"Mas a vossa Esposa Vós a atraís (quase) pela mão, pela vossa direita, pois ela não tanto vos segue, mas Vos acompanha: "Leva-me" (Cant 1, 3). Já que quase dividis com o seu materno cuidado a execução da vossa paterna Providência sobre nós. Nós, como tenras criancinhas não podemos correr convosco, que não dais passos, mas saltos e saltos de gigante: "Exultou como um gigante percorrendo o caminho"(Sl 18, 63 . Corremos também atrás de Vós: "corremos atrás de ti", ao perfume das vossas graças: "ao perfume dos ungüentos" e dos ensinamentos, das disciplinas e dos exemplos de nossa Mãe, que são graças vossas" (Ms 3659).

Pe. Gaspar mostra a força e a beleza da Igreja, Esposa de Cristo, na unidade.

"A Igreja, Esposa de Jesus Cristo é uma imagem viva da divindade, revelando-nos os traços principais: a Unidade: "Pai santo, guarda aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós... para que sejam todos um, como tu Pai, o és em mim, para que também eles sejam um em nós, a fim de que o mundo creia que tu me envias-te (Jo 17, 11-21). A unidade é para a união o entrelaçamento das partes, faz a beleza imutável e a força invencível da Igreja, "formosa como a lua, brilhante como o sol, terrível como um exército formado em batalha" (Cnt 6, 9). (MS 3659).

Mas Pe. Gaspar, coerente com sua espiritualidade, vê sobretudo a Igreja como modelo de Santo Abandono, que é pois uma característica própria da Igreja como Esposa.

"A esperança que o Senhor dá, a demonstração da sua caridade, em suma a consolação divina, se, no que diz respeito ao nosso trabalho, ainda estamos no escuro, nos mantém firmes para esperar o momento da luz para trabalhar; se estamos no claro, nos anima no trabalho. Esta parece a prática da sua Esposa, que é a Igreja. Garantida pela certeza da promessa divina da assistência do Espírito Santo, jamais cessa de procurar luz para trabalhar, ou em defesa da verdade a ela confiada, ou, da disciplina. E quando distingue claro, não para de procurar, de estudar, de consultar, para prosseguir mais na luz e no trabalho. E nas duas situações é sempre uniforme o seu abandono em Deus. Este, se eu não me engano, é o perfeito modelo do nosso abandono no Senhor. Bela virtude é abandonar-se nos braços potentes da Divina Providência, quando não podemos agir; mas mais perfeita e consumada virtude, quando podendo e devendo, não deixar igualmente de abandonar-se total mente a ela" (68).

2. CRISTO ESPOSO DA ALMA. A realidade da união de Cristo com o crente, expressa através da imagem nupcial, torna-se particularmente importante quando nos encontra empenhados na própria santificação e na dos outros. Pe. Gaspar acreditava no princípio "a força unida é maior", quando pensava num grupo de zelosos missionários apostólicos. O princípio é ainda mais verdadeiro quando se considera a relação entre Cristo e o missionário apostólico e pode ser mais completamente expresso no princípio paulino: "Quem está unido ao Senhor é um só

espírito com ele" (1 Cor 6, 17). É por isso que Pe. Gaspar considera esta voluta, íntima união com Cristo o ideal para a Congregação.

"Cada um, pois tenda com todo o esforço àquela perfeição da Castidade que convém a pessoas cujo ofício é angélico que são para unir os de Cristo, nosso Senhor, e cuja alma desposada com Ele, deve ser apresentada a Cristo como virgem casta, isto é pura de mente e de corpo" (CF 109).

Este princípio de união não se limita à vida de celibato mas, segundo o Fundador, é o princípio básico de santidade pessoal e da atividade apostólica.

"Se é devido tanta honra às igrejas porque são templos materiais da majestade de Deus, como será honrada pelos anjos e pelos homens, um templo vivo, esplêndido, interior, onde se realizam castíssimas e sublimes núpcias entre Deus e a alma? Eu te desposarei, já anunciava desde o tempo dos profetas, te desposarei na fé (Os 2, 20), na justiça, na caridade, já que estas são as três pedras preciosas com que a enfeita. Se quereis ver tomem o hábito desta esposa celeste, São Paulo o mostrará: Oh Deus! Quão esplêndido! "revesti-vos" - diz ele - e de que? "revesti-vos do Senhor Jesus Cristo" (Rm 13;14). Que beleza pode ser comparada com a de uma alma que Deus enfeita para ser sua esposa? Faltam-me cores para colori-la; somente vos direi assombrado como o Apóstolo, que quem se une a Deus com uma união tão profunda, torna-se pela transformação amorosa um só espírito com Ele" (69).

A união do crente com o Cristo é consumada no sangue preciosíssimo do Senhor, derramado para a nossa redenção.

"Ah! Irmãos! Um olhar só a essa cruz: ela vos mostrará como o homem-Deus comprou caro o vosso coração com o preço de todo o seu sangue. A nossa alma é filha adotiva de Deus, de quem trás impressa a ilustre aparência e a imagem clara; é dignificada pela graça superior à sua natureza divinizada, deificada, a quem os anjos estão dispostos a servir com ambicionado cortejo. Cristo é seu irmão, e a alma tem em comum com Ele a herança e o reino. A uma alma de tão alta origem, ornada de inefáveis qualidades a quem daremos como esposa? A que, senão ao amor divino? Amemos a Deus, amemos a Deus" (70) .

Toda a vida de Pe. Gaspar é invadida pela espera do Esposo que vem para contemplar e selar a união.

"O tempo é breve; e a aparência deste mundo logo acabará. Nós, no entanto, a passas largos, cada dia, nos aproximamos de uma eternidade estável. Tudo o que devemos fazer, convém fazê-lo logo e com bastante pressa. Esperamos por acaso que a noite nos colha, para começar a trabalhar? Esperamos que venha o Esposo, para abastecer de óleo as nossas lâmpadas já quase apagadas? Esperamos que nos chamem para as núpcias, para então tecer o pano da veste nupcial? "Eis que venho depressa, nos faz saber o Patrão e o Esposo: Eu estou

aqui convosco e comigo trago a minha recompensa": "e a minha recompensa está comigo" (Apoc 22, 12). Feliz a alma que já estiver bem preparada, e disposta a recebê-Lo, "vem", ela ouvirá, "vem minha esposa, recebe a coroa que o teu Senhor preparou desde a eternidade" (71).

Também a conversão é vista por Pe. Gaspar como uma celebração nupcial e a atividade apostólica como uma preparação às núpcias. Pe. Gaspar desenvolve esse tema referindo-se a Isaac que procura uma esposa.

"Isaac simboliza o Unigênito Filho de Deus que é o esposo das almas fiéis. O servo mandado para buscar a noiva simboliza os pregadores, que enviados para anunciar aos povos a Palavra de Deus, tornam-se procuradores dessas felizes núpcias. Por certos sinais eternamente predeterminados, os pregadores reconhecem ora esta ora aquela alma eleita por Deus, e figurada em Rebeca. A esta alma insinuam doces desejos de se converterem a Cristo e de as unirem a Ele pela graça; e apresentam ricos penhores em Seu nome, até ela consinta plenamente, seguindo a pregação, de chegar até Cristo. Então, com grande alegria, levam a noiva ao seu Senhor" (72).

Sempre sobre o tema nupcial Pe. Gaspar faz simples mas profundas considerações sobre a fecundidade do missionário apostólico.

"Em quantos sacerdotes se verifica esta esterilidade, porque nunca atingem a idade madura da perfeição, "o estado do homem perfeito, segundo a medida da idade completa de Cristo" (Ef 4, 13). "Não têm meios" (Cant 8, 8), de caridade, "ou têm peitos secos", como Deus os reprova em outra parte da Escritura (Os 9, 14), porque nunca se alimentam com a oração. "Meu coração secou-se, porque até me esqueci de comer meu pão" (Sl 101, 5). Áridos para si e para seus filhos. As mães e as amas que amamentam comem bastante e são dispensadas do jejum. Os sacerdotes morrem de fome, como poderão alimentar os filhos? "A ciência incha os seios, a devoção os abastece" (MS 4881).

3 - ABANDONO NUPCIAL. Parece-nos possível notar que no pensamento do Fundador há a tendência de colocar juntas as suas duas devoções fundamentais do Estigmatino, os sagrados Estigmas e os Santos Esposos, dentro da perspectiva unificante do ABANDONO NUPCIAL. Nessa perspectiva o tema dos estigmas e do sangue de Cristo se desenvolve em íntima conexão com o tema nupcial. Eis alguns exemplos dos escritos do Fundador:

"Mostra, pois, às almas que devotamente te contemplam, aquelas aberturas cruéis que te fizeram os mesmos cravos que antes dilaceraram os pés e as mãos de Jesus. Mostra aquele lugar onde em ti reclinou a cabeça expirando este teu pai amoroso, ou melhor, amigo fiel, irmão muito terno, Esposo muito gentil e amável. Mostra enfim aquele sangue derramado por seu amor, do qual tu ainda em longas estrias tinges e gotejas. Faz com que a impressão que neles possa causar a tua vista se unam também às vozes deste sangue eloqüente, como o chama o apóstolo (Hb 12, 24), para que por ti se produza no coração de todos

nós aquela comoção tão grande que eu acredito muito bem ver, mas não consigo reproduzir nas minhas palavras" (73).

E ainda em uma carta:

"Mas onde se aprende esta prudência não humana, mas celeste? E quem pode fazer leis e ensinar? Eis a escola, eis o mestre, que a Escritura nos indica: "o Rei introduziu-me nos seus aposentos interiores, eu me regozijarei" (Cant 1, 3). É preciso deixar-se levar por este Rei que nos chama, nos convida, espera-nos até que entremos na cantina do seu Amor com aquelas belíssimas palavras: "Escuta ó filha, vê e inclina o teu ouvido, esquece-te do teu povo e da casa de teu pai, e o rei cobiçará tua beleza (Sl 44,11). "Tendo a alma chegado até aqui, para grande sorte sua, a inebria com o vinho de sua caridade. Este vinho precioso alegra, fortifica, transporta a alma fora de si, e unindo-se com Deus a dispõe perfeitissimamente: "eu me regozijarei". Portanto uma luz de admirável sabedoria e divina prudência, se espalha pelo intelecto, para julgar quanto atribuiu o Deus como efeito, ou como meio para conseguí-lo no futuro, e glorificá-lo no presente" (74).

É em um sermão sobre Nossa Senhora:

"Maria é realmente virgem, virgem santa de corpo e de mente, virgem perpétua, templo de Deus por união, por adesão ao seu Esposo divino. Sacrário do Espírito Santo pela consagração e pela dedicação que fez totalmente de si mesma a sua Divina Majestade... Àquelas mesmas que, revestidas da glória do Amado, quase rainhas, são convidadas para a ceia das núpcias do Cordeiro, todas concordemente elevam suas vozes para louvar-te, para elogiar-te, e obsequiosas oferecem seus brancos lírios e os depõe aos pés do trono da tua grandeza" (75).

Conclusão

A seqüela generosa de Cristo nos vem apresentada por Pe. Gaspar como algo que emerge naturalmente da mensagem rica e intimamente ligada às nossas devoções Estigmatinas.

Os Estigmas do Senhor são a manifestação do amor de Deus para conosco, o amor mútuo de Maria e José para o Estigmatino uma lição, um modelo de correspondência com total comprometimento e coerência com Cristo, o Servo do Pai e Esposo da Igreja.

As duas devoções constituem um encorajamento nas difíceis obrigações da vida apostólica e comunitária, e do aperfeiçoamento pessoal. Mas as duas são uma espécie de "memorial", um sinal permanente de que Deus está conosco, que Cristo é uma só coisa conosco na missão apostólica e que o Espírito Santo habita em nossa vida.

Um dos aspectos fundamentais da seqüela de Cristo assim como emerge das nossas devoções é o que poderia ser definido como PRINCÍPIO ESPONSAL.

Tal princípio é uma formulação, a nosso ver mais adaptado à sensibilidade moderna, do pensamento de S. Inácio sobre a idéia de INSTRUMENTO. S. Inácio em uma carta a um seu provincial assim exprime o seu pensamento: um instrumento ordinário faz coisas extraordinárias quando está unido intimamente ao artista. Pe. Gaspar reformula este pensamento na perspectiva nupcial. Para Pe. Gaspar a mais alta seqüela de Cristo é a de quem se une a Cristo como Esposo; e é esta união íntima, esponsal que garante a fecundidade, apesar da pobreza da pessoa. Eis um texto fundamental do Fundador para compreender este pensamento:

"Muitos seguem o Cristo por RECOMPENSA TEMPORAL. Mas o mercenário chegado à porta, recebe e fica fora da casa "recebeste a tua recompensa" (MT 6, 2).

Muitos seguem o Cristo COMO SERVOS POR TEMOR: estes seguem, mas de longe e estando longe não participam dos segredos do seu Patrão. "O servo não sabe o que faz o seu Senhor" (J.o 15, 15).

Alguns seguem o Cristo como FILHOS, POR AMOR UM POUCO INTERESSADO na herança; mas os filhos são muitas vezes mais amados que amantes; muitas vezes chegam a desprezar o Pai, se este ordena alguma coisa contrária ao seu gosto, que é útil para eles, mas difícil e pesada: "Criei filhos e engrandeci-os, porém eles desprezaram-me" (Is 1, 2).

Poucos seguem Cristo como AMIGOS, que fundamentam seu amor na comunicação mútua dos bens; mas se acaba, por uma disposição talvez oculta, mas sempre justa da Providência, a doce influência desses bens, e se substitua pela amarga participação dos males do amigo: "Todos tendo-o abandonado, fugiram" (MT 26, 56); os mesmos que eram amigos declarados de Cristo: "Todos buscam os seus próprios interesses e não os que são de Jesus Cristo" (Fl. 2, 21).

Pouquíssimos seguem Cristo como AMANTES, que ao primeiro ímpeto do fogo do seu terno amor seguem Cristo onde quer que Ele vá, ou no Tabor ou ainda no Calvário, e ao odor dos seus perfumes, das consolações internas e inspirações, correm, porém atrás Dele; não chegam a correr no mesmo passo, nem podem concorrer em igual velocidade com Ele, que dá não passos, mas saltos de gigante, percorrendo o caminho. "Exultou como um gigante" (S.l. 18,1). Mas a esposa adulta na escola do amor, não é atraída pelo perfume, mas pela mão direita do esposo: "Leva-me" (Cant 1, 3), estreitando-se fortemente a Ele e apoiando-se na sua força, vai com passo igual e com Ele não corre, mas voa: "apoiada sobre o seu amado" (Cant 8, 5).

(Chegamos) a nos tornar quase um mesmo espírito com Cristo, de um tal modo que finalmente (chegamos) a poder dizer "vivo, mas já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim" (Gal 2, 20), por uma total e perfeita transformação de amor: "para ganhar o Cristo e ser encontrado nEle (Flp 8, ss.), perdendo-se totalmente para encontrar-se todo em Cristo; de tal modo que não se possa mais encontrar (nós mesmos), se não Cristo, ou melhor em Cristo; nem diferenciar, eu quase diria, (nós mesmos) de Cristo; desprezado como Cristo, pobre como Cristo, chagado como Cristo (MS 1865-1870).

†
†††
†

NOTAS

Os manuscritos de S. Gaspar são citados no texto com MS e número correspondente. CF significa: Constituições do Fundador.

- 01 - Epistolário Bertoni, p. 68.
- 02 - Pagine di vita cristiana, p. 128, seg. Cf modelo de Santo abandono.
- 03 - Memorial privado, 02 de Julho de 1808.
- 04 - " " 16 de março de 1809.
- 05 - " " 24 de julho de 1809.
- 06 - " " 25 de outubro de 1808.
- 07 - O Espírito do B. G. Bertoni, G. Fiorio, p. 107, n. 72.
- 08 - " " " p. 15 ss.
- 09 - Memorial privado, 25 de outubro de 1808.
- 10 - " " 22 de outubro de 1808.
- 11 - " " 03 de dezembro de 1808.
- 12 - Fórmula dos Jesuítas.
- 13 - Mutuae relationes, n. II.
- 14 - N. Dalle Vedove, Um modelo de Santo Abandono, p. 210.
- 15 - Memorial Privado, 27 de setembro de 1808.
- 16 - " " 24 de agosto de 1808.
- 17 - " " 28 de setembro de 1808.
- 18 - " " 25 de setembro de 1808.
- 19 - " " 22 de outubro de 1808.
- 20 - Epistolário Bertoni, p. 33 as.
- 21 - Pagine di vita cristiana, p. 251 ss.
- 22 - Memorial privado, 24 de Julho de 1808.
- 23 - Collectanea Stigmatina III, p. 548 ss.
- 24 - " " II, p. 236 ss.: (Contemplatio ad amorem spiritualem in nobis excitandum).
- 25 - Epistolário Bertoni, p. ,33.
- 26 - Of Costa, SJ.: Aspetti dello stille di elezione, Roma CIS Subsidia, 6).
- 27 - Epistolário Bertoni, p. 109.
- 28 - " " p. 256.
- 29 - Memorial Privado, 12 de julho de 1808.
- 30 - " " 30 de julho de 1808.
- 31 - " " 23 de dezembro de 1808.
- 32 - " " 29 de fevereiro de 1809.
- 33 - " " 06 de março de 1809.
- 34 - Epistolário Bertoni, p. 68.
- 35 - " " p. 140.
- 36 - " " p. 160-161.
- 37 - P.G, Ceresatto, Il Volto e l'anima dei Ven. G. Bertoni, p. 28 Bs.
- 38- Cf Summarium Additionale, 307.

- 39 - N. Dalle Vedove, Um modelo de Santo Abandoni, p. 239.
- 40 - Dictionaire de spiritualité, Vol. I, "Abandonament".
- 41 - N. Dalle Vedove, cf Um modelo de Santo Abandoni.
- 42 - Cf Feuillet, Le Mystere de l'amour divin dans la theologie johannique, Paris; Gabalda 1972, p. 69 ss.
- 43 - Cf. L'amore di Dio, BK IX, c. 15. cf DS I col 6.
- 44 - Cf N. Dalle Vedove, La giovinezza dei Ven. G. Bertoni, p. 429ss. 432 ss.
- 45 - N. Dalle Vedove, Um modelo de Santo Abandoni, p. 8P..
- 46 - Summ. Add., p. 518.
- 47 - Cf N. Dalle Vedove, Vita e pensiero dei B. G. Bertoni, vol. I, p. 294.
- 48 - Para maiores detalhes cf Lenotti, Summ. Add., p. 132, 147; Giacobbe, p. 348. Sobre a prática da devoção aos Sagrados Estigmas de N.S.J.C. , que se fazia todas as sextas-feiras à tarde durante os anos que Pe. Gaspar morou nos Estigmas: cf Summ. Add. , p. 6l ss.
- 49 - Cf N. Dalle Vedove, Beato G. Bertoni, Roma 1975, p. 185.
- 50 - Cf N. Dalle Vedove, Vita e pensiero del Beato G. Bertoni, I, p. 71.
- 51 - Epistolário Bertoni, p. 312, carta 2.
- 52 - N. Dalle Vedove, Dalla corte al Chiostro, p. 18.
- 53 - Cf Summ. Add. , Doc. XXVI, p. 377; Note per servire alla storia del Ven. Gaspare Bertoni, serie Vp. 39. E cf N. Dalle Vedove, um modelo de Santo Abandoni, p. 172.
- 54 - Cf. Summ. Add. Doc. XXVI, p. 420.
- 55 - N. Dalle Vedove, Beato G. Bertoni, Roma1975, p. 212.
- 56 - Cf Ibid. , p. 222.
- 57 - Epistolário Bertoni, carta 147.
- 58 - " " " 142.
- 59 - " " " 104
- 60 - " " " 99
- 61- Pagine di Vita cristiana, p. 282.
- 62 - " " " p. 215.
- 63 - " " " p. 200 ss.
- 64 - Collectanea Stigmatina I, p. 230.
- 65 - Epistolário Bertoni, p. 318.
- 66 - Formula 3.
- 67 - Epistolário Bertoni, p. 81.
- 68 - " " p. 99.
- 69 - Pagine di vita cristisna, p. 306.
- 70 - " " " p. 174.
- 71 - " " " p. 206.
- 72 - " " " p. 232.
- 73 - " " " p. 272.
- 74 - Epistolário Bertoni, p. 56
- 75 - Pagine di vita cristiana, p. 325-326.

ENSAIOS SOBRE O ESPÍRITO DE **SÃO GASPAR BERTONI**

4

A SENSIBILIDADE SOCIAL DE SÃO GASPAR BERTONI

PE. GIANCARLO BREGANTINI, CSS

DOCENTE DE HISTÓRIA DA IGREJA NO SEMINÁRIO REGIONAL PIO X
EM CATANZARO

Idioma original: Italiano

Tradutor para a Língua Portuguesa:

Pe. Benedito Andrade Bettini, CSS

Edição Impressa: 1983

Edição Eletrônica: Agosto de 2004

ÍNDICE

Introdução	86
1. O ambiente histórico	86
2. A sensibilidade social: natureza e critérios	87
Primeira parte - A preparação	87
1. Na família	87
2. “A evangélica fraternidade”	88
3. O estudo	88
4. As primeiras pregações	89
Segunda parte - As primeiras respostas às necessidades do tempo	91
Preâmbulo	91
Capítulo I - Os oratórios Marianos	91
1. A estrutura interna dos oratórios	92
a. Formação global	92
b. Um líder respeitoso	93
c. Com os jovens operários	93
d. Gratuidade de caminho	94
2. A supressão política das congregações marianas	95
Capítulo II - O trabalho no seminário	97
a. Os fatos: linguagem de Deus	98
b. Gratuidade e desinteresse	98
c. Livres dos poderosos	100
d. Honestidade e coerência	100
Capítulo III - Padres e riquezas	101
Terceira parte - As escolhas feitas nos Estigmas	104
Preâmbulo	104
1. A vida comunitária	104
2. A construção do convento dos Estigmas	105

3. Escola gratuita	106
a. Método usado nas escolas do Bertoni	107
4. As escolhas em relação ao dinheiro	109
a. Diante das heranças	109
b. Relacionamento com os dependentes	110
c. Atenção para com os pobres	110
d. Assistência aos moribundos	111
5. Gratuidade	111
6. A fundação dos “Abandonados”	112
7. As escolhas de Pe. Gaspar	113
a. O catecismo da Quarta classe	113
b. Entre os contagiosos	114
c. Entre os condenados à morte	115
d. Com os soldados	115
8. O homem do conselho	116
9. A atitude com a política	118
10. Das suas Constituições	120
a. A preparação das pessoas	120
b. Equilíbrio e sabedoria	121
c. A conversação familiar com o próximo	123
Conclusão	124
a. A sensibilidade social e as devoções Estigmatinas	126
Notas	128

A SENSIBILIDADE SOCIAL DE SÃO GASPAR BERTONI

PE. GIANCARLO BREGANTINI, CSS

INTRODUÇÃO

1. O AMBIENTE HISTÓRICO

Uma vista sobre o ambiente histórico no qual agiu Pe. Gaspar, ajuda a compreender o seu estilo, suas escolhas, sua posição nos confrontos sociais e políticos.

Pe. Gaspar (1777-1853), ordenado sacerdote em 1800, viveu em dois momentos diferentes, muito distintos entre si. Verona, a sua cidade, sofreu na realidade dois domínios opostos:

a) O domínio francês: direto (1800 -1805) e indireto (1805 -1814) no qual Verona cidade do Reino da Itália, sofreu a invasão dos exércitos de Napoleão e a tentativa de formação de uma cultura revolucionária. Os fatos e os personagens mudam repentinamente, as fronteiras são modificadas após cada vitória do conquistador, os valores tradicionais são abalados, o conflito, aos quais muitas vezes se unem carestia e pestilências, semeia destruição e morte. A juventude é ao mesmo tempo protagonista e vítima dessas tumultuosas mudanças.

Aqui se coloca o primeiro, Pe. Gaspar, o padre jovem, corajoso, bem preparado, aberto às transformações, mas ao mesmo tempo capaz de compreendê-las no íntimo com profundidade, ativo com os jovens, através da incisiva organização dos oratórios Marianos.

b) o domínio austríaco: (1814 -1866) caracterizado por uma forte linha de restauração, feita pela estabilidade e segurança sócio-política, repressão ideológica e controle cultural, ausência de guerras nos primeiros 30 anos e economia centralizada na agricultura e no artesanato.

Para Pe. Gaspar, este período coincide com o começo e o desenvolvimento da Congregação, a sistematização do convento, a individualização do próprio carisma, a aquisição dos fundos de Sezano, a preparação das Constituições e a vivência do conselho. A maturidade, enfim.

Este, portanto, o quadro, em rápidas pinceladas, dentro ao qual agiu Pe. Gaspar. Cada homem é de fato filho do seu tempo, na duplicidade de uma correlação dialética, entre ambiente e personagem, pela qual o ambiente influencia sobre o personagem e o personagem modifica o ambiente.

2. A SENSIBILIDADE SOCIAL: NATUREZA E CRITÉRIOS

É certamente oportuno explicar o que se entende por "sensibilidade social" de Pe. Gaspar. Neste estudo, é tomada no sentido amplo. É antes de tudo a capacidade de entender, em termos positivos e abertos, o próprio tempo, com todas as provocações culturais e espirituais.

Torna-se assim a capacidade de intervir e incidir no próprio ambiente social, político, religioso, seja direta ou indiretamente. É pois, o dom de fazer amadurecer as pessoas, de exteriorizá-las, dê torná-las protagonistas da própria história, cada uma segundo a própria missão.

É finalmente, o carisma de transmitir sinais inequívocos de esperança e de serviço aos mais pobres, aos afastados, aos marginalizados, aos pecadores.

O atual estudo não insiste, pois, tanto sobre momentos ou episódios particulares, mas tenta captar uma atitude presente em toda a espiritualidade e ação de Pe. Gaspar. Trata-se de traçar uma linha, e não pontos isolados.

PRIMEIRA PARTE

A PREPARAÇÃO

1. NA FAMÍLIA

Cada homem é marcado pela sua família. Pe. Gaspar também o foi.

Embora originário de uma família da médio-burguesia, rica de tradições profissionais ligadas ao ambiente da nobreza de Verona, pelo egoísmo mesquinho de um pai incapaz de administrar, passa lenta, mas progressivamente, para um teor de vida frugal em certos momentos realmente pobre. Sofre assim na própria pele a tremenda passagem sociológica, então muito em voga, de uma nobreza antiga e cheia de dignidade, ainda que altiva, para uma burguesia empreendedora e capaz, mas ávida e rapinante.

Uma outra duplicidade está presente na vida do jovem Gaspar: cresce entre o afeto forte e possessivo de pessoas idosas, que porém ele vê morrer uma a uma, mas sem o afeto constante e diário de uma família unida e serena. Pelo contrário, assiste a contínuos conflitos que terminam em processos e sentenças.

Bens e afetos assumem, pois, na juventude de Pe. Gaspar um sentido de EXTRAORDINÁRIA RELATIVIDADE. Ficarão marcados por toda a vida, possibilitando-lhe de ler com esta visão também as tremendas mudanças do seu tempo.

Encontra-se pois, plenamente envolvido nos fatos sociais, ainda antes de poder analisá-los.

2. "A EVANGÉLICA FRATERNIDADE"

Experiências amadurecedoras, portanto, as de dentro da família. Como também experiências plenas de coragem e sensibilidade se originam na militância da "Evangélica Fraternidade", fundada em 1796 pelo Pe. Leonardi.

"Belas provas de ânimo forte deu o Pe. Gaspar desde jovem sacerdote, principalmente na assistência aos pobres enfermos nos hospitais, onde ele encontrava todas as suas delícias, dividindo com outros generosos companheiros as fadigas e as penas", escreve o Giacobbe na sua "Vida" (1). E o Bresciani que, freqüentara os hospitais desde a sua juventude, como bom Camiliano, nos dá este testemunho direto: "... vede-o nos hospitais, nos cárceres, junto aos condenados, nos leitos dos enfermos pela caridade" (2).

Aprendeu assim a estar próximo do sofrimento, e amar e cuidar dos enfermos com "doçura e complacência", sobretudo os incuráveis.

Atualmente discute-se em nível historiográfico a importância que teve em Verona a "Evangélica Fraternidade", na formação e na têmpera de pessoas corajosas, amadurecendo-as para o carisma da "fundação"(Bertoni, Canossa, Steeb). Uma coisa é certa: esta experiência abriu ainda mais os olhos de Pe. Gaspar, em um momento delicado de sua vida que era a imediata preparação ao Sacerdócio e as primeiras experiências pastorais.

Desta atitude nos resta um estupendo testemunho nas suas Constituições, que são o vértice do caminho espiritual de Pe. Gaspar:

"No cuidado com os enfermos, que deve ser o primeiro e o mais importante, compreendem-se todas as obras de misericórdia, com as quais os confrades socorrem-se mutuamente, ora cuidando dos enfermos, ora consolando os aflitos, ora ajudando os cansados, ora confortando os vacilantes, ora corrigindo e levantando os caídos" (3)

É também precioso um testemunho inédito, de fonte leiga. Nas margens do Ádige, perto da Torre al Batello della Vittoria, "foi instituído um Hospital provisório dos Prisioneiros pobres, com o objetivo de tratá-los". (...) Porém "há falta de todo o necessário em questão de mobília como de alimentação..."E então eis a solução: o responsável da coisa pública "procure entender-se com o exemplar religioso, Sr. Pe. Gaspar Bertoni não somente pelas esmolas, mas também para assistir o Hospital e inspecionar os mantimentos dos doentes e suas necessidades..." (4). Nasce, desse modo, também uma imagem nova de Pe. Gaspar: um organizador estimado e procurado no campo da caridade. Fruto, não pequeno, certamente, dos diversos anos de militância na "Evangélica Fraternidade".

3. O ESTUDO

Junto com a experiência familiar e a dos familiar entre os que sofrem, Pe. Gaspar faz uma grande experiência com os livros: "... quando clérigo estudava 10

horas por dia, além das aulas..." (5) ia "ao seminário durante o inverno em algumas salas destinadas a uma biblioteca que deveria ser formada. As tais salas eram realmente abandonadas e porisso o frio era tão intenso que se tornava quase intolerável. Todavia ele ali permanecia firme muitas horas..." (6). Os testemunhos poderiam continuar. Basta uma prova: "A colheita de textos sobre o 'Primado de Pedro', cerca de 1800 páginas in 8º grande, 'todas manuscritas de próprio punho, extraídos com rara diligência e nitidez de caracteres de códigos de documentos pontifícios e das mais conceituadas coleções' " 7).

Aqui se quer, sobretudo, apresentar uma atitude e um método de trabalho, que manifesta um caráter: ir à fonte das coisas, informações de primeira mão, rigorosa preparação para a vida.

Os frutos virão mais tarde, mesmo porque a finalidade constante de Pe. Gaspar é sempre aquela de "querer saber para poder construir: esta é de fato a caridade" (8).

4. AS PRIMEIRAS PREGAÇÕES

Verona vivia em 1801 um ano terrível: o enfurecimento da guerra, a fronteira no Ádige e a conseqüente divisão do território veronês, a permanência de uma terrível carestia. A cidade estava reduzida à fome, "desolada", como as crônicas a descrevem.

Neste contexto, Pe. Gaspar, com somente 24 anos, fez um panegírico sobre São Luiz, que é um autêntico programa de renovação social. Aí se vislumbra um critério que abrange tino e uma indicação de método de solução.

Entre os vários "dons" de que o santo é rico, Pe. Gaspar sublinha aquela virtude que mais fala ao coração do povo em tais circunstâncias: "eu vos proponho de imitar em S. Luiz o maior destes dons que é a caridade, complemento e coroa de todas as virtudes" (9).

Esclarecimento inicial: "A caridade é uma perfeita amizade, que existe entre nós e Deus, a qual, porém, em vista de Deus se estende também ao nosso próximo, como coisa toda de Deus e que a Deus pertence" (ms. 525).

Nem horizontalismos, nem verticalismos, mas fusão harmônica dos dois aspectos do amor.

Entre todas as qualidades da caridade descritas por Paulo (1 cor 13, 4-7), Pe. Gaspar, comentando-as, escolhe uma, típica: "A caridade não busca seus próprios interesses". É o desinteresse, a gratuidade, a doação, todos temas muito queridos a Pe. Gaspar: "Quem ama, de fato, com verdadeira amizade, deve procurar o que é útil ao amigo; enquanto alguém procura o útil e o prazer próprio, no amigo, não ama o amigo, mas a si mesmo" (ms. 529).

Eis, pois o exemplo de S. Luiz: "Tendo ocorrido em Roma aquele contágio tão mortífero, ele demonstrou cuidar tão pouco de sua própria vida, expondo-a para conforto do aflito, seu próximo, onde justamente com maior força aquele mal agia, nos Hospitais públicos: por isso a perdeu em pouco tempo, colhido pelo mesmo morticínio comum. "A caridade não busca seus próprios interesses" (ms. 530).

A alusão direta aos hospitais manifesta uma simpática nota autobiográfica e um estilo de vida feito de heroísmo. É um pedaço do mundo de Pe. Gaspar e ainda mais de tantos amigos seus: Pe. Carlos Steeb e Pe. Mateus Farinatti. Encontrar-los-emos.

Mas aquele modelo torna-se também um claro exemplo de intervenção no social, nos problemas do povo; sobretudo uma chave para a solução. "Quem de fato entre nós, está não direi disposto a dar também ele deste modo a vida por amor do seu próximo, já que isto é próprio dos perfeitos, mas que doe de boa vontade o supérfluo daquelas riquezas, que dissipa, para sustentar o seu irmão, enfraquecido muitas vezes pela fome" (ms. 539).

Eis nestes traços a descrição de Verona naquele ano: pobres desnutridos e riquezas dissipadas, grandes necessidades e muitos corações fechados em seus próprios interesses:

"Mas, oh Deus! Todos hoje em dia nada mais procuram além dos seus interesses, do seu prazer, da sua utilidade. Omnes quaerunt quae sua sunt" (Ms. 533).

O horizonte alargou-se assim improvisamente. Da escolha individual passou-se a toda a sociedade. E Pe. Gaspar, então, propõe o critério de solução para toda a questão social:

"Eu vos digo que jamais podereis conseguir o vosso proveito, quanto não tomardes todo o cuidado com o vosso próximo. Deus, fato uniu todas as nossas vantagens, ao cuidado que devemos com o nosso próximo" (ms. 535).

E conclui com uma séria advertência

"Guardai bem na mente: quem quer conseguir o próprio proveito, deve procurar o proveito do seu Próximo; e o que o não procurar o que é próprio, como ensina a caridade, é justamente o verdadeiro ou melhor o único caminho para consegui-lo" (ms. 542).

Isto ultrapassa a simples perspectiva ascética individual. É um verdadeiro programa social, bem delineado, baseado na lei da SOLIDARIEDADE. Se queremos uma sociedade diferente, devemos construir uma sociedade solidária.

Encontra-se aqui uma grande parte do futuro Magistério social da Igreja, que brotará de reflexões de pensadores e de papas durante este fatídico século

dezenove que apenas se inicia. E encontramos muitas temáticas que nos agradam nos debates destes anos, em todos os níveis.

Um aceno quase nostálgico de advertência: "Parece-me - anota Pe. Gaspar, no fim da vida, com setenta e quatro anos completos, na apreciação de um Catecismo - que se devesse mostrar como a base da sociedade está na CARIDADE (...) que a sociedade consiste na caridade ou amizade e amor mútuo dos súditos e de quem governa, fundado em uma comunicação de bens" (10).

A pregação torna-se assim a arma, eficaz e profunda, para a transformação positiva da sociedade. Trouxemos apenas um aceno, uma parte da abundantíssima atividade de pregador do Pe. Bertoni.

SEGUNDA PARTE

AS PRIMEIRAS RESPOSTAS ÀS NECESSIDADES DO TEMPO

PREÂMBULO

"Quem não conhece a catástrofe militar, política e religiosa do noventa e seis? O golpe foi dado além dos Alpes e toda a Europa foi atingida (...) Verona o sabe; mas talvez suas perdas religiosas não foram suficientemente percebidas". É o retrato que o contemporâneo Pe. Camilo César Bresciani, faz do terrível impacto que produziu sobre a "Fedele Verona" a Revolução Francesa. A tonalidade é oratória e as tintas são carregadas, mas a realidade não deve ter sido muito diferente.

Eis que nesta difícil situação, Pe. Gaspar não fica só observando, nem se faz de moralista. Não se retira em casa, mas sai para a luta, agindo em dois setores vitais: os Oratório Marianos e o Seminário. Duas instituições aptas para formar homens para novos tempos. A resposta de Pe. Gaspar não vai pois, curar as feridas de uma sociedade em dramática transformação, não age no fim do processo social, mas vai às origens, lá onde se "gera" o homem.

Para usar uma imagem plástica do Bresciani., "mirou, em duas empreitadas, os jovens e o clero, as plantas e os cultivadores" (11).

CAPÍTULO I

OS ORATÓRIOS MARIANOS

Escreve o Pe. Dalle Vedove: "Os destinos da população veronesa no final do ano de 1800 não podiam ser mais tristes e além disso as condições da juventude não podiam ser mais lastimáveis. Abandonada quase completamente a instrução pública, tornada impossível a manutenção nos asilos dos meninos órfãos ou

abandonados, as ruas pululavam de pequenos delinqüentes, aos quais ninguém conseguia colocar um freio. O Pe. Bresciani, que foi testemunha ocular, lembrava:

"... era uma comoção universal e uma indignação, ver pelas ruas, misturados, jovens da roça e da cidade, que vagabundeavam atrevidamente e sem detença, esmolando, praguejando e roubando em toda parte e expondo-se contra o pudor, as misérias e necessidades de todo tipo" (12).

A primeira resposta de Pe. Gaspar foi a amizade com os rapazes e a aproximação dos seus problemas:

"abaixava-se até sua pequenez, assim mantinha-se ao lado deles e dos seus estudos e inclinações, para infundir-lhes o espírito daquela vida que devia transformá-los em homens fortes pela graça de Cristo e a seu tempo dar frutos de virtudes cristãs" (13).

Mas não bastava certamente uma atitude pessoal de compreensão! Eram necessárias instituições educativas e formadoras estáveis, que enfrentassem de modo orgânico os problemas dos jovens. Não remédios isolados mas curas radicais. Eis, então caminhadas novas por velhos caminhos, quase esquecidos:

"Sacerdote jovem ainda, quis e conseguiu o que outros, mais acostumados em empreendimentos sociais, não tiveram nem mesmo a coragem para tentar" (14).

Nascem assim os ORATÓRIOS MARIANOS, uma instituição de antigo modelo jesuítico, mas reapresentada de modo novo, para responder a novos problemas.

Inícios humildes: do convite do pároco Girardi ("sejas o seu missionário") no alpendre vizinho da casa paroquial de S. Paulo até a Igreja das Irmãs Terciárias Mínimas de S. Francisco de Paulo, envolvendo progressivamente os meninos, os jovens e também os adultos, "chegando em breve tempo a cerca de 400 jovens" (15). E do Oratório de S. Paulo (1802-1807) "norma e exemplo de todos os outros oratórios" (16), ao de S. Firmo (1816-1819) e finalmente aos dos Estigmas (1819). Depois a cidade inteira e boa parte da diocese (17). "Uma centelha que se incendiou rapidamente e quase como um milagre pela cidade e pelos campos de Verona" (18).

1. A ESTRUTURA INTERNA DOS ORATÓRIOS

O restante é conhecido. Mas observando profundamente e no interior desta organização, que manifesta-se subitamente apostólica e social ao mesmo tempo, podem-se colher algumas normas vitais, que mostram a visão distante e a importância das obras dos Oratórios.

a) Formação global

O escopo é a formação global dos jovens. Toda sua vida e seus interesses estão comprometidos. Basta dar uma olhada nas várias derivações presentes, para calcular. A "Coorte Mariana" é dividida em "8 presidentes":

Além do Presidente para o "Espírito" que é o primeiro, o segundo que é para a "Hospitalidade" insinua logo as excursões de propaganda para a fundação de outros Oratórios: o 3º (para os "Estudos") insinua os auxílios de repetição aos alunos estudantes; o 4º (para os "Divertimentos") insinua o Recreatório Mariano"; o 5º (para a "Música") preside as "bandas, cantores e tocadores"; o 6º, o 7º e o 8º (Instruções, Catecismo, Caligrafia) supõem um início de três classes de aulas festivas ou noturnas.

O "Oratório dominical e festivo de manhã avançava, pois, durante o resto do dia e ao menos algumas reuniões noturnas feriais" (19).

O Pe. Dalle Vedove (20) anota e comenta: "É aqui que transparecem com mais evidência as analogias com o que se verificará na Ação Católica do final do século XIX e no Movimento escoteiro do início do século XX. Pe. Gaspar foi verdadeiramente um genial precursor destas instituições não só no plano organizador, mas muito mais no educativo".

b) Um líder respeitoso

Pe. Gaspar - na verdade - "para atrair os jovens e controlá-los a seu bel prazer, parece que tinha algo de mágico" (21). Todavia este grande dom ele o unia com uma extraordinária capacidade de comprometimento de outras pessoas, sobretudo de outros sacerdotes, na sua atividade educativa. Eis uma preciosa anotação do seu diário espiritual: "É de grande vantagem para uma obra espiritual, encontrarem-se duas pessoas unidas pelo mesmo sentimento" (22).

Sabia e fazia colaborar: O entendimento entre os colaboradores era tal que rompia todo ciúme, e constituía um "cabo de admirável concórdia entre eles e pelo qual se ligavam tão docemente os corações da juventude, que uma vez atraída não mais se desligava do seu lado" 23).

Era, pois, um líder, mas não um centralizador nem um verticista. Sobre tudo inspirava nos colaboradores um sentido de desinteresse, de gratuidade: "Quem for colocado num cargo, guardar-se-á de toda sombra de vaidade e de ambição; não considerar-se-á de modo algum como superior aos outros mas como irmão" (24).

c) Com os jovens operários

Os jovens provinham de todas as camadas sociais. Eram muitos os operários. A advertência básica era bem clara: "não se toleravam ociosos ou desocupados, ou faziam todo esforço para que se dedicassem a alguma arte ou ofício" (25). Mas havia também um esforço, para encontrar trabalho para todos.

E eis uma simpática página do Giacobbe, que narra específicas iniciativas organizadas pelos jovens operários. É uma pedra, que fundamente muito as atividades dos estigmatinos no meio dos jovens do mundo do trabalho, especialmente no glorioso "Patronato dos Estigmas.

"Em certas festas fazia uma espécie de competição. Como os que freqüentavam aquelas reuniões fossem quase todos operários, a fim de excitá-los ao trabalho estabelecia concursos entre os vários ofícios, cada um tinha de lhe levar uma amostra e naturalmente a mais perfeita possível, da própria habilidade; por exemplo, uma chave, um sapato, uma roupa, ou outro objeto qualquer. Havia uma espécie de exposição, que durava vários dias, e no fim faziam uma pequena cessão, durante a qual o autor do trabalho, que era julgado o melhor, era festejado com música e canto e com os aplausos de todos os moços do oratório. Uma tal demonstração era mais apreciada do que uma medalha, ou outro qualquer presente. Além disto os trabalhos premiados ficavam durante algum tempo expostos à admiração do público. Desse modo o sábio diretor, além de recompensar a atividade e a diligência dos moços, sustentava e excitava neles o amor ao trabalho e ao cumprimento do próprio dever. E com tão santas indústrias tornava-se benemérito não só dos jovens e das famílias, sendo também das fábricas e oficinas, às quais fornecia empregados honestos, diligentes e entendidos, com grande incremento das artes, o que era muito apreciado pelos patrões, que muito agradecidos se mostravam ao Pe. Gaspar" (26).

d) Gradualidade de caminho

A gradualidade e a articulação interna eram um outro ponto a favor dos Oratórios Marianos. Passava-se de uma base comum para todos os inscitos, compreendendo as "devoções essenciais" e a Doutrina cristã, à progressiva formação de uma elite, de um grupo restrito de "militantes", diríamos hoje, com momentos de crescimento próprio, também na casa do próprio Pe. Gaspar lições, práticas piedosas, Exercícios espirituais, alegres reuniões noturnas, encontros com outros grupos... o objetivo era o de criar "elementos aptos para formar e preparar também novas congregações Marianas" (27).

Eis, pois, a sabedoria educativa de Pe. Gaspar:

"Se no princípio para atrair os jovens a fim de que entrassem para o Oratório mostrava e punha-lhes diante a isca de uma fruta, uma vez, porém, que os tinha firmes na virtude e nas suas mãos, queria que o pão fosse aspergido com um pouco de cinza da mortificação e com o óleo da caridade" (28).

Para completar as informações, deve-se dizer que a Pe. Gaspar "são creditadas algumas congregações Marianas femininas: as de S. Paulo in campo Marzio, de S. Firmo Maior e a congregação interna do colégio das Terezas de L. Naudet" (29).

Compreensível, pois, sintetizando, a admiração do Giacobbe:

"Quem, pergunto, considerando só isto, poderá avaliar as vantagens, que de uma juventude assim educada, conseguem as famílias, as artes, o comércio, a pátria, a Igreja?" (30).

2. A SUPRESSÃO POLÍTICA DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS

Realizada aos 26 de maio de 1807, é o episódio que mais demonstra a importância social das congregações Marianas.

As dificuldades jamais faltaram. Testemunha o Giacobbe:

"De fato não foram poucos, nem leves os obstáculos e os aborrecimentos que lhe foram provocados pela malícia e inveja dos inimigos do bem comum contra a sua santa obra do Oratório Mariano" (31).

O estudo acurado e muito bem informado do Pe. Dalle Vedove (32) narra todo o intrincado acontecimento. Aparecem, porém, alguns episódios e testemunhos de primeira mão, extremamente importantes. Já em setembro de 1804 as suspeitas das Autoridades francesas se mostravam nesta observação ao Diretor Geral da Polícia, Guicciardi: "As vigiadas companhias merecem a mais seria atenção, seja pelo caráter dos seus Diretores, seja pela sua rápida propagação, seja finalmente pela sua mútua correspondência".

Com a anexação de todo o Vêneto ao Reino da Itália, as investigações e os controles se intensificam. As congregações Marianas são definidas "as principais e as mais perigosas", nas quais se exige "uma submissão ilimitada da pessoa e uma obediência aos superiores". Assim, pois, concluía o Guicciardi "... que o caráter destas Congregações seja contrário ao sistema o demonstram o caráter das pessoas que figuram no lugar mais importante e se deduz da época em que foram iniciadas e do seu ministério (...)" (19 de novembro de 1806).

Uma observação interessante, pois, completada com a batida que comparava as Congregações "com uma maçonaria religiosa criada com verdadeiro espírito jesuítico (...)" 27 de fevereiro de 1807).

O decreto de supressão dos Oratórios Marianos de 27 de maio de 1807 outra coisa não foi, senão a conclusão formal de uma atitude de perseguição que o governo francês colocara em prática nos seus confrontos.

Mas nem mesmo após a supressão, cessaram as pressões contra Pe. Gaspar. No dia 17 de junho, o prefeito do Departamento do Âdige recebeu de fato, do próprio Guicciardi a ordem de "manter sob a vista particularmente as ações daqueles Diretores ou Chefes de Congregações ou Companhias, assim chamadas de S. Luiz, Marianas (...) que poderiam estar nesse departamento".

Foi envolvido num episódio de oposição ao regime francês naqueles dias "o padre Pagani, vice-pároco de Campo Marzio". Fe. Gaspar estava, pois, na mira.

O episódio mostra, portanto, de um lado a força de organização de Pe. Gaspar e a importância da sua obra no meio dos jovens; de outro coloca um grande problema, sempre discutido: qual foi a atitude de Pe. Gaspar nos confrontos com o governo francês? E vice-versa, como o governo francês viu esse grupinho de sacerdotes zelosos, ativos, no meio dos jovens?

A resposta pode ser colhida em algumas observações oficiais das autoridades francesas. Particularmente importante à esta análise que o Ministro do Interior Aldini fazia ao Imperador Napoleão em 1805, a propósito dos "ministros do culto". Sente-se aí uma ressentida zanga por não ter conseguido envolver o clero no programa político francês:

"A conduta dos ministros do Culto, embora não possa dizer-se absolutamente má, é sempre, porém, tenebrosa e animosa. Esta classe de pessoas, não obstante a mística afetação com a qual procura cobrir-se, deve em geral ser vista como não ligada à nova ordem das coisas. (...) Algumas proposições, alguns traços que escapam dos lábios de zelosos Pregadores e Missionários no fervor das suas pregações, provam a verdadeira índole e as disposições desta Classe" (33).

A imagem final que se tem do Pe. Gaspar aparece de modo claro das oito advertências que ele observou fielmente e recomendava à todos os diretores dos Oratórios, como muito importantes e muito necessárias para o bem que eles, esperavam da juventude". Eis as principais:

"1. O Diretor jamais faça questão do número de jovens, mas sim de sua virtude.

4. Não limite o Diretor a vigilância sobre os seus jovens somente no Oratório, mas estenda também à escola e às oficinas (...).

5. Não mexa no bolso dos jovens, nem dos seus pais, por menor quantia que seja para as despesas de culto do Oratório, nem para qualquer outro objetivo de piedade ou de caridade. O bem material do Oratório prejudicaria o bem espiritual deles. Nada mais deve o Diretor querer deles que a diligência no comparecimento e a piedade no cumprimento dos deveres; e nada mais.

6. No caso de que algum jovem pobre tivesse necessidade de ser ajudado, o Diretor, ainda que seja rico e possa socorrê-lo com seu dinheiro, não o faça porém pessoalmente, mas por meio de algum dos seus sacerdotes ou de outro prudente cooperador. Pois de outro modo sobrecarregaria com um peso acima de suas forças, o Diretor que o sucedesse (...) ou atrairia ao Oratório os jovens necessitados só por interesse; ou ostentariam certos direitos e pretensões, o que em ambos os casos, ninguém que temia experiência, pode esperar algum bem".

Estas e muitas outras - diz o Giacobbe - eram as prudentes e sábias advertência... "
(34)

E o Pe. Stofella simpaticamente comenta: "Obrigado! Mas para nós interessaria também essas "muitas outras". Mas já que é assim, não nos resta que ficar agradecidos ao biógrafo por aquilo que nos conservou e tirar proveito" (35).

CAPÍTULO II

O TRABALHO NO SEMINÁRIO

Retomemos a lapidar frase do Bresciani: "Interessou-se pelos jovens e pelo clero, pelas plantas e pelos cultivadores".

Examinemos alguns traços característicos de conteúdo social do múltiplo trabalho que Pe. Gaspar desenvolveu constantemente no Seminário diocesano de Verona a partir de setembro de 1810. A sua tarefa era, de fato, a de Padre Espiritual, ("digno guia dos Clérigos e Pai espiritual"), com Exercícios, meditações dominicais, direção espiritual, assistências ocasionais(...). Coisas que fez também no vizinho Colégio dos Acólitos, uma antiquíssima instituição para o serviço da Catedral.

A situação do Seminário, era, naqueles anos, muito deplorável. Eram tempos "de toda subversão pública e privada".

"As tempestades políticas, as diversas mudanças de condutores dos povos, as guerras e as batalhas (...) a espada afiada que para si quis reivindicar o direito canônico e da Igreja, os escândalos muito abertos de arrasamento de claustros e de destruições sacrílegas... arruinaram as belas e simples normas inocentes da milícia clerical".

A Igreja veronesa foi particularmente atingida:

"Rompido o nó da unidade pela divisão e quase desmembramento da diocese; levantadas cátedras de cá e de lá do rio pátrio; assustado e indeciso o velho Pastor (Avogadro), deformada a disciplina, a vela vinha do Senhor ameaçava irreparável ruína" (36).

É a empolada mas realística descrição que faz o Bresciani da triste situação encontrada pelo novo Reitor, Pe. Luiz Alberquini, no momento de sua elevação ao cargo (1807). Sobre tudo a "economia desequilibrada" e a "disciplina afrouxada" metiam medo. Com todas as consequências do caso. Não obstante ao passar de poucos anos - segundo o testemunho do Sommacampagna em 1815 - "O seminário é um mosteiro de monges, mais de que jovens eclesiásticos" (37).

Nessa reação geral teve uma parte importante o trabalho de Pe. Gaspar. Um padre espiritual é a alma de um seminário. A sua importância é imediatamente percebida.

Examinemos aqui algumas linhas de intervenção de Pe. Gaspar no meio dos jovens seminaristas. Lembramos antes de tudo que muitas vezes as suas intervenções eram precedidas de noites insones de oração e reflexão. Eis alguns princípios básicos.

a) Os fatos: linguagem de Deus

Pe. Gaspar acostuma os jovens seminaristas a "ler" os sinais dos tempos. Abre-lhes os olhos, não fala de coisas abstratas nem fica sobre nuvens. Entra no fundo das questões. É este o critério: "A vontade de Deus se conhece pelas circunstâncias, lendo-a nos acontecimentos, que são a linguagem de Deus" (ms. 5364).

E os fatos eram dramáticos: a prisão de Pio VII, a sua resistência ao déspota, isto é Napoleão, a divisão entre Cardeais Negros e Cardeais Vermelhos, bispos aprisionados, dezenas de dioceses sem pastor, prelados intrusos e depostos, escândalos no alto e no baixo, fraquezas e divisões. Sob estas perspectivas, Pe. Gaspar desenvolve uma reflexão corajosa. O texto de meditação é a história vivíssima do povo de Israel no tempo dos Reis, tirada do livro do Samuel, comentado por um grande padre da Igreja, S. Gregório Magno, homem forjado por históricas agitações, mas capaz de ler à luz de Deus. Pe. Gaspar torna-se assim um habilíssimo mestre de espírito, que sabe unir de modo fecundo a Escritura, os Padres e a história do seu tempo, provocando nítidas tomadas de posição. De fato, não se podia naquela condição, ficar neutro. A reflexão sobre a Palavra torna-se assim critério de ação. Os seminaristas são habituados à tomada de posição, preparados para as "perseguições em tempo de guerra e as aflições em tempo de paz". E Pe. Gaspar apontava-lhes o exemplo concreto de dois corajosos padres, bem conhecidos de todos, Pe. Pedro Lombardi e o cônego Luiz P. Pacetti, presos por dois anos "unicamente por causa do seu zelo apostólico missionário" (38).

Ele mesmo saía de uma experiência muito dura de relacionamento com as autoridades políticas francesas, a respeito dos Oratórios Marianos.

Justamente naqueles dias ele anotava no seu memorial privado: "Jamais te antecipes ao Senhor; mas deves segui-Lo" (39). É o estilo típico de Pe. Gaspar, formado de atenta reflexão e oração, mas que se torna súbito compromisso, fadiga, testemunho ainda contra-corrente. E com o mesmo estilo forma os seus padres.

d) Gratuidade e desinteresse

Como condição para esse compromisso e testemunho, Pe. Gaspar exige os padres formados com profundo sentido de desinteresse, da gratuidade e da pobreza.

É o tema de todo o curso de Exercícios espirituais, feito no final de setembro de 1810, a 168 seminaristas (40).

Pe. Gaspar não poupa golpes. Intervém de um modo duro, para poder formar:

"Ó se tantos sacerdotes dos nossos dias procurassem este nobilíssimo fim (a glória de Deus) (...) ó quanto lhes desagradaria os teatros, os bailes, os banquetes, as casas dos grandes, o fazer figura no mundo como galanteadores, o possuir muito nos campos ou nos cofres (...)" (ms. 2238).

E ainda com muita sagacidade anota:

"Os padres às vezes são mais avarentos nos lucros mais escassos e mais ignominiosos... com o abuso da graça exterior e beleza das criaturas, para agarrar-se à terra (...) para namorar até no santuário, mesmo com o sangue de Cristo na mão" (ms. 2254).

Acrescenta violentamente:

"Ó quanto o interesse domina!" (Ms. 2374).

Constata todavia, com decidida abertura social:

"Refleti, ó sacerdotes (...) quantos pobrezinhos viveriam lautamente, se vós não desperdiçásseis com excessos danosos também para a saúde. Resolvi jejuar alguma vez na semana. Contentai-vos com o que aparece quotidianamente à vossa mesa, sem queixas" (ms. 2384).

Ou então ironiza, comentando S. Lucas, 2, 43:

"Amor de sacerdote à igreja, não à caça! De certos sacerdotes, pode-se afirmar 'remansit' (ficou) no bar, no jugo, na conversa (...)" (ms. 2483).

"Os sacerdotes vivem de olho no temporal, sem o que não celebrariam todo dia, nem pregariam, nem assistiriam às funções. Quando vão pregar nas vilas, procuram primeiro a renda, a hospedagem, o tratamento. Passam almoçando de casa em casa, por causa da gula (...)" (ms. 2491).

Pe. Gaspar coloca aqui as bases de um seu estilo fundamental de apostolado: "servir a Deus e à igreja 'gratis omnino' ". Com evidentes reflexos sociais, brotados deste estilo de gratuidade absoluta.

No mais ele mesmo, naqueles anos, dava o exemplo em primeiro lugar, "veja no Retiro S. José; onde não aceitava nem mesmo um copo d'água, seja no seminário, onde pelos registros econômicos não se constata que ele tenha jamais recebido qualquer pequeno pagamento pelos seus préstimos" (41).

Um reflexo social no apostolado diretamente mostrado pelo próprio Pe. Gaspar:

"Não devo ocupar-me do meu amor próprio, não devo procurar o meu interesse, gosto, mas o interesse pela glória de Deus. Nas confissões, principalmente de

homens rudes, idiotas, crianças, não há interesse nem gosto, mas há Deus. Das mulheres nem falo! 'Todos buscam os seus próprios interesses, poucos os que são de Jesus Cristo' (Flp 2, 21 " (ms. 2493)"

Pode-se notar quantas destas admoestações que ele dava ao clero passarão depois para suas Constituições, que se tornam assim a síntese de um ensinamento e de um exemplo.

c) Livres dos poderosos

Outro ponto sobre o qual Pe. Gaspar bate continuamente para poder formar padres corajosos capazes de uma grande influência também no social e no político, é a liberdade de espírito.

A situação política do momento, caracterizada pelo desencontro entre Napoleão e Pio VII exigia da parte de todos opções, claras e corajosas. Não se podia ficar neutro. Mas uma escolha do lado do Papa significava muitas vezes miséria e impopularidade. Eis, então a crítica pungente de Pe. Gaspar:

"Quão desobedientes os padres aos párocos, aos Bispos, ao Papa (...), serão, pois, sem envergonhar-se escravos de um rico Senhor, de uma corte, de um senhor temporal (...) e, deixando um jugo e um peso doce, suave, leve, glorioso, oneram-se com um jugo duro, indeclinável, pesadíssimo, ignominioso" (ms. 2494-95).

E comenta:

"Vendem sua liberdade por um nada! Não ousam ter outra idéia senão a do patrão, ainda que repugne à sua ciência e à sua consciência também. E tornando-se livres apenas de um patrão do céu, colocam-se como escravos, com os pés na corrente, de um patrão da terra, ou melhor, do inferno" (ms. 2496).

Pe. Gaspar compreendeu, de fato, que somente formando padres corajosos e, autenticamente livres, era possível que se tornassem depois também libertadores!

d) Honestidade e coerência

Surge uma outra importante exigência, das Meditações que cada domingo, de manhã Pe. Gaspar dirige aos clérigos: formar pessoas honestas e coerentes. Pe. Gaspar ataca sobretudo a divergência entre pregação e vida, com ironia impiedosa:

"Apenas ordenado sacerdote, procura licença para ler livros proibidos e aquele que não leu os bons, pensa em ler os maus sem perigo! (ms. 2257).

"(...) Impaciente na adversidade, dá admiráveis consolos aos moribundos, aos atribulados. Fala do desprezo ao mundo, enquanto ele segue a soberba das riquezas. Exagera e louva a ignominia da cruz e ele se guarda contra as mais

leves censuras do mundo. Ó sacerdotes! Até quando fareis blasfemar por vossa causa o nome de Deus entre os seus inimigos?" (Ms. 2258)

E ainda parafraseando os Padres, como slogans:

"Levam a escada, outros sobem: eles permanecem em baixo, sempre (ms. 4859).
"Fabricantes da arca, enquanto salvam os outros, ficam fora" (ms. 2244).

Conclusão

Aparece claramente evidente a viva atenção que Pe. Gaspar dedica ao social, mesmo observado em termos mediatos. Não tem, de fato, o olho do sociólogo, mas do padre, semelhante ao profeta do Antigo Testamento, que arranha e chacoalha, mas sempre como voz de Deus, trabalhando em profundidade.

Pe. Gaspar educador de sacerdotes; é assim que muda radicalmente as pessoas e, portanto as estruturas e as coisas.

CAPÍTULO III

PADRES E RIQUEZAS

Antes de passar à análise das escolhas feitas por Pe. Gaspar nos Estigmas, quero aprofundar um problema específico, muito importante à finalidade deste estudo: a correlação padre-riqueza, ministério sacerdotal-bens terrenos. É um tema grandemente atacado por Pe. Gaspar em outubro de 1816, durante os Exercícios Espirituais ao clero de Mântua e repetido em muitas outras ocasiões, às reflexões feitas têm um extraordinário sabor de síntese e de programa ao mesmo tempo, porque apresentadas poucas semanas antes do ingresso nos Estigmas 42). Merecem, por isso, uma consideração atenta.

O próprio Pe. Gaspar fala destes Exercícios Espirituais em uma carta a Leopoldina Naudet: "(...) pode-se dizer que todos os padres da cidade acorreram (...) com muita edificação. Esta diocese tem muitos jansenistas e também um dos ex-Padres do Sínodo de Pistoia. Toda a minha pregação foi bater lá: e parece que foi ouvida a Divina Palavra com muita satisfação; o Senhor faça também com fruto" (43).

Partindo de uma premissa fundamental (nós somos pobres, sem poder, sem favor, sem nobreza, sem literatura secularesca (...) não sabemos senão pregar simplesmente a doutrina de Jesus Cristo (...) (ms. 3266), apresenta imediatamente aos Sacerdotes o imenso amor de Deus:

"Há já um bom tempo que Deus te ama e tu ainda não sabes" (ms 3300).

"Deus entrega-se cada dia às vossas mãos (...) vós não vos entregareis ao menos uma vez às suas? Pouquíssimos são os que sabem o que Deus faria deles, se não fosse por eles impedido nos seus desígnios" (ms. 3288).

Mas colocadas essas premissas tranquilizadoras, Pe. Gaspar passa imediatamente ao ataque:

"A ignorância e os vícios do povo devem ser atribuídos aos descuidos do sacerdote, que não leu nem as Escrituras, nem os livros de Moral, mas possui só um breviário surrado (...)" (Ms. 3649).

Quantos padres não profundamente descritos com a imagem do "breviário surrado", padres "que espreitam para esvaziar os bolsos dos súditos, ao invés de extirpar-lhes os seus vícios" (Ms. 3650).

Entra depois diretamente na correlação com os bens da terra, atingindo com vigor certas atitudes infelizes. Eis algumas:

"O perigo não está na muita ou pouca renda, mas na aspereza ou dureza em exigi-la, na afeição e sórdida avareza com que a usa, no escândalo que, depois de havê-las acumuladas, deixa tomar por herdeiros profanos os bens consagrados aos usos sagrados (ms 3729).

O padre se transforma assim de "pastor em cobrador duro, inexorável e um abjeto mercenário (...) tranqüilo a respeito da salvação ou perda do seu rebanho e preocupado unicamente com o lucro sórdido e temporal que tira dele, como a prensa, que não pára enquanto não tira até a última gota das azeitonas (...)" (ms. 3731).

Eis o desvio do centro desinteresse na vida de um padre:

"Que as pregações não produzam frutos, que em toda sua vida não tenha ganho uma alma, o seu zelo continua muito tranqüilo; não se queixa (...) mas que as suas funções não lhe rendam o preço vil e abjeto que esperava, isto lhe dói, isto o excita muito (ms. 3732).

Eis as conseqüências sociais:

"Desta dureza mercenária nascem contrastes escandalosos e os tribunais leigos vibram com a vergonha do sacerdócio (...)" (ms. 3733).

Também o aspecto externo das igrejas torna-se sinal desta dureza mercenária". Aproveitemos toda a veemência do profeta nesta tremenda descrição, uma das mais cortantes do seu ministério de pregador:

"Esta é a causa por que se mantém a igreja como um depósito de feno, sem nem mesmo dar uma leve mão de cal, em todo o desbotamento a que ela

chegou; que a sacristia não se distinga de uma casa saqueada por ladrões; que as vestes sagradas estejam todas em desordem, sem armários onde colocá-las, sem cômodas onde guardá-las, que o augustíssimo Sacramento fique muitas vezes com a lâmpada apagada que as âmbulas, patenas, cálices, se um dia foram dourados, hoje não são mais; os corporais imundos, os sanquinhos rasgados; que não haja nem mesmo um pratinho para as galhetas, que sejam mais sujas as toalhas do altar em cada capela que as toalhas da mesa de uma bodega" (ms. 3735).

Infelizmente, muitas destas tão vivas imagens, chegam também até o nosso presente! Ao contrário, aparece bem claro o exemplo oposto de Pe. Gaspar, que deu sempre à sua igreja dos Estigmas uma atenção, um decoro e uma beleza incomparável.

Como síntese, eis um slogan freqüentemente repetido por Pe. Gaspar: "Se o padre tiver qualquer outro interesse fora do Senhor, o Senhor não será sua recompensa" (ms. 3738).

Responde também a falsas desculpas e objeções dos padres:
"Mas nós damos a parentes pobres (...)"!

E Pe. Gaspar com cuidado analisa todas as várias "tentações muito ocultas, difíceis de serem reconhecidas à primeira vista", demonstrando que "outros pobres, reduzidos à extrema necessidade ou quase, devem ser preferidos (ms. 3749) (...) ou que os parentes podem ser sustentados em igual necessidade, jamais em desigualdade" (ms. 3750): concluindo enfim com esta incisiva orientação:

"Para dar o exemplo, que nos convém, é preciso mostrar que se quer mais os pobres do que os parentes" (ms. 3752).

Com sacerdotes assim formados, as conseqüências sociais são lógicas! Eis porque o Dalle Vedove conclui assim este fundamental capítulo

"Pe. Gaspar mostrará seu espírito de silencioso contestador quando, abrindo ao público a igreja dos Estigmas, exclui qualquer cofre para esmolas, proíbe absolutamente que se recolham ofertas durante as Missas e nas cerimônias e não permite que se criem capelarias perpétuas de Missas. O seu ministério e o dos seus filhos deve ser inteiramente gratuito" (44).

TERCEIRA PARTE

AS ESCOLHAS FEITAS AOS ESTIGMAS

Preâmbulo

Nos Estigmas a vida foi implantada segundo o estilo Monástico, sintetizando no lema "Contemplata aliis tradere". Toda a vida de Pe. Gaspar e do Estigmatino está aqui. Mesmo as escolhas mais estritamente sociais jorram desta nascente.

Em rápidos traços, apresentaremos algumas.

1. A vida comunitária

Realizada segundo o estilo de uma verdadeira fraternidade, vivida porém em uma franca alegria, que temperava os grandes e os pequenos acontecimentos. Sejam suficientes os traços dos "Fioretti" e ainda mais a clássica descrição do Schlor. "...um só espírito anima todos, uma só vida em todos, por assim dizer, se difunde. Se você conversa com eles, percebe que cada um, no pensamento, nos sentimentos do coração, no comportamento exterior é o perfeito retrato do outro" (45).

Em uma Verona dividida, fragmentada, muitas vezes inquieta, eis que uma comunidade de padres recolhidos no convento dos Estigmas se torna um fortíssimo estímulo para a reconciliação, para a fraternidade, ao perdão, ao serviço mútuo. Sua vida comunitária toma-se espontaneamente, pela torça do sinal, um convite para construir uma sociedade diferente. A força social do sinal comunitário da vida religiosa é muito bem descrita por este número da Constituição do Pe. Gaspar:

"Uma vez que parte importante da caridade é prevenir um ao outro na prestação de serviço, honra e benefício e uma vez que o espírito de cominação e de mando ou qualquer outra manifestação disso é reprovável e separa muito os espíritos: todos especialmente os que não são superiores) fujam de todo desejo de mandar e de todo modo imperioso porque tem jeito de soberba e não concilia a caridade. Se alguém em qualquer situação for obrigado a servir de guia, mostre de não impor mas de indicar o que deve ser feito: todos sirvam-se um ao outro, de modo que se verifique o que São João Crisóstomo muito bem escreveu dos antigos monges: "Não se pode ouvir algum deles fazer ou receber injúria, dar ou receber ordem: mas todos estão no número dos que servem"" (46).

Das Regras que Pe. Gaspar reservou para a "unidade do Instituto (uma parte muito consistente) poder-se-ia desenvolver outras indicações úteis e fecundas para resolver positivamente tantos problemas de convivência social em todos os níveis, como máximo respeito pelas origens e tradições de cada um (47), a procura da unidade na pluralidade de opiniões e juízos (48), o amor indistinto para com todos e a atenção aos mais débeis e fracos (49).

A este propósito, nos parece particularmente importante esta regra, tirada de S. Bento, que constitui um ótimo critério para a solução de tantos problemas, seja dentro de um convento, ou no âmbito de toda a sociedade:

"Não diremos que se faça distinção de pessoas - Deus nos guarde disto! - mas que se tenha em conta a enfermidade. Aquele que tem menos necessidade agradeça a Deus e não se entretença e o que tem mais necessidade, humilhe-se pela sua enfermidade, não se orgulhe pela caridade que lhe é feita e assim todos os membros viverão em paz" (50).

Aplicada à nossa sociedade, esta regra faz aparecer tantos pretensos equilíbrios de igualdade social; para criar o critério de igualdade não é de fato a matemática, mas a quantidade de amor que cada situação requer!

2. A construção do convento dos Estigmas

Renunciando exemplarmente ao direito de "tirar a Senhora Leopoldina Naudet do Mosteiro de S. Teresa", Pe. Gaspar se preparou é o Bragato que escreve - para "uma grande empresa, isto é começar pelos alicerces uma nova casa que fosse suficiente para uma comunidade e provida de todas as classes necessárias para um curso inteiro de estudos e além disso a restaurar e embelezar muito decentemente a igreja anexa" (51).

A construção, com todos os seus problemas, aborrecimentos e escolhas, faz aparecer claramente as orientações, nas quais Pe. Gaspar se inspirava, límpidas e precisas ainda hoje:

a) - Não pediu auxílio a ninguém, "recusando aceitar até mesmo os auxílios espontaneamente oferecidos por pessoas ricas e religiosas, que santamente se alegravam vendo surgir no silêncio uma obra da qual esperavam viessem muitas glórias ao Senhor e grande vantagem para sua Igreja" (52).

b) - O critério que sempre guiou Pe. Gaspar era este: "Quem quer fazer bem às almas, deve deixar os bolsos em paz" (53).

c) - Trabalhou ele próprio, manualmente, ao lado dos operários, juntamente com seus sacerdotes, "fazendo de serventes a eles, como se fossem profissionais" (54). Com um certo toque de imediatismo, assim os descreve o Pe. João Lona, que recolheu várias notícias históricas : "Oh! como era bonito, edificante, vê-los imediatamente após as aulas, deixando os livros e as penas, colocarem-se no lado dos serventes e ajudá-los a carregar reboco e tijolos e esforçar-se com eles" (55).

d) - os trabalhos foram feitos devagar, devagar, conforme as possibilidades e as situações, "uma ala depois a outra, sem sinal de avareza ou de economia, em uma sólida e bem feita construção" (56).

Nos trabalhos, ele soube unir com grande equilíbrio, pobreza e elegância, exiguidade de meios e harmonia de linhas, austeridade na tradição monástica e alegria no estilo neoclássico.

A sua perícia também no campo estritamente técnico é confirmada, incidentalmente, pela correspondência do padre jesuíta Ferrari ao seu superior Pe. Roothaan, a propósito das obras para o noviciado dos jesuítas em Verona, aos 27 de setembro de 1840:

"Faltam ainda os vidros nos caixilhos e eu estou pensado em mandar colocar vidraça comum de um palmo com chumbo, como em Roma e em outros lugares geralmente, apoiado nisto também pela opinião do santo homem Pe. Gaspar Bertoni, Superior dos Sacerdotes dos Estigmas" (57).

As suas constituições registram a atenção ao trabalho: "Não é ofício secular escutar alguma arte, o que fizeram os antigos Monges e o próprio S. Paulo" (58).

e) - Soube suportar todos os incômodos conseqüentes, devidos à contemporaneidade da construção do Convento e da continuação das atividades, principalmente das aulas. Tornou-se clássica a descrição da situação feita por Pe. Gaspar à Naudet:

"ter que fazer fogo e cozinhar tudo em um só fogareiro, numa só sala, pois no momento não tenho outra cozinha para mim e muito menos para os pedreiros; e lavar a louça em um outro quarto de dormir e comer em uma outra - que é meu quarto e sala de aula - sobre as mesmas mesas que servem para os alunos (...)" (59).

3. Escola gratuita

Pe. Gaspar sempre gostou de escola. Compreendia plenamente sua grande importância social e educativa. E dedicou-se a ela com, uma paixão e uma experiência toda sua.

O empenho e a decisão são demonstrados por uma série de fatos. Entrando nos Estigmas no dia 4 de novembro de 1816, abriu aí a Escola no dia 13, uma semana depois, apenas com o tempo de arrumar mais ou menos as coisas. Múltiplas dificuldades concretas, criadas pelos locais pequenos e frios, anexos à igreja. Dificuldades que cresceram, como se viu, com a contemporânea construção do convento. Assim mesmo o empenho foi levado avante com constância, aliás, progressivamente, segundo o aumento do número de alunos.

Como é sabido, a escola era gratuita. Constituída quase uma marca registrada. Era claramente uma escola com forte caráter social. Aberta aos rapazes do bairro, da periferia da cidade, mas estendendo-se também aos rapazes do centro. "A do Bertoni apresentava-se como a única escola masculina privada gratuita, e a única escola livre, por quando era possível sob o regime da ocupação austríaca" (60).

Da detalhada e sempre interessante análise histórica que o Dalle Vedove faz sobre a instrução escolar em Verona, aparece claro que a iniciativa de Pe. Gaspar se insere no filão já iniciado com os Oratórios Marianos, onde "eram ativas escolas noturnas e dominicais" (61) e continuado depois com as "escolinhas" abertas em 1810 por três anos pelo Pe. Galvani, com despesas por sua conta, no coro da igreja dos Estigmas (62). A benéfica iniciativa, interrompida pelas operações militares de 1813, que usaram os Estigmas como "oficina para reparo das carruagens francesas" (63) foi continuada pelo bom Bellotti em outubro de 1815, retomada depois pelo Pe. Galvani, na morte prematura do Bellotti (27 de julho de 1816).

A breve crônica-história salienta algumas importantes características:

- a instrução de base (elementar-primária) era então muito pouco difundida e geralmente era sempre paga por conta própria;
- a região: "um afastado ângulo da cidade" (64);
- a iniciativa: é assim comentada, numa folha de despesa, do próprio Galvani:

"O local dos Estigmas também serve para uso das escolas gratuitas e dos RR. Mestres que com total satisfação dos moradores daquele e dos bairros vizinhos ensinam sem nenhum ganho provindo dos alunos aqueles pobres meninos sem possibilidade de se instruírem com professores mercenários" (65).

É um testemunho preciso do estilo e da finalidade da escola, que continuará sempre, até sua suspensão em 1843.

a) Método usado nas escolas do Bertoni

Pela análise das Constituições do Fundador e do seu Epistolário, consegue-se uma série de indicações sobre o que Pe. Gaspar entendia verdadeiramente por escola e como a fazia. Sente-se presente toda a sua preciosa experiência, conseguida em mais de 25 anos de magistério.

Antes de tudo Pe. Gaspar esclarece a finalidade de toda ação escolar: "educá-los na disciplina e no caminho do Senhor" (...) fora dessa finalidade e esperança, penso que isto não será aceito por Deus nem conveniente e vantajoso para nós" (66). Derivam daí os precisos concelhos sobre a vida de piedade, constituída de Missa quotidiana, confissão mensal, instrução semanal (...), utilizando ainda todas as ocasiões para "levar os escolares ao respeito e no amor de Deus e das virtudes" (68) e finalmente todas as ações do dia (69).

Acrescenta, pois, algumas indicações mais diretas:

- nos professores "se requer habilidade e diligência, de modos que sejam não somente preparados, mas, ainda assíduos e cuidadosos com o aproveitamento dos alunos" (70).

- "Observe-se muito o método", seja na aula como nas tarefas para a casa ("Os alunos estudam privadamente") (71).

- Quanto aos castigos, Pe. Gaspar adverte para distribuí-los "de acordo com a qualidade e a capacidade dos alunos", acautelando porém os sacerdotes, para que eles jamais apliquem pessoalmente castigos corporais" (72).

- Estimulem-se os estudantes através de "prêmios", mesmo pequeninos, mas logo em seguida, para evitar costumes ou exageros: "o sistema observado seja honesto e religioso". Mas sobretudo, "a honra alimenta as artes". Portanto o estímulo atinja o coração dos estudantes (73).

Outras preciosas indicações aparecem no Epistolário, nos conselhos que Pe. Gaspar dava à Naudet. Pe. Gaspar era um propagandista convicto do método indutivo ou experimental, em uma época que preferia o método dedutivo, seu objetivo era realmente o de formar do vivo, partindo dos fatos, analisando-os com cuidado e profundidade, refletindo ao mesmo tempo sobre os acontecimentos que cada dia apareciam. Eis uma prova: tratava-se de estudar as tragédias de Corneille:

"Não aprendam nada de cor; mas leiam com muita atenção e releiam, onde for necessário, de modo que possam prestar contas: 1.º - da ação e dos seus motivos; 2.º - da trama, ou seja do entrelaçamento, dos obstáculos e das suas causas; 3.º - do desfecho, ou seja a catástrofe e suas causas. Aprendam a distinguir os fatos, os diálogos que entram na ação principal, dos que são acidentais, que estão fora da ação principal, mas são ligados; e percebam a conexão e a sua utilidade. Distingue ainda os caracteres dos personagens (...)" (74).

Uma outra recomendação, que muitas vezes aparece nas cartas de Pe. Gaspar à Naudet, é a clareza na exposição:

"Diga à senhora Sofia que o modo de ensinar é bom, mas que se apresse o mais que puder; forneça às meninas poucas idéias e só as necessárias, mas bem claras e distintas; de modo que, podendo fazer logo a análise de uma oração, ela poderá facilmente unir vez por vez, também as idéias úteis conforme forem aparecendo as oportunidades" (75).

Poderia se objetar que são conselhos praticamente óbvios. Mas a aparência engana. O modo como são apresentados, a fineza do aviso, o estilo doce e sério ao mesmo tempo, a marca personalíssima presente nos conselhos fazem dessas observações um modelo de promoção humana e de serviço social.

Para aprovar tudo isto basta citar o grande número de vocações e de pessoas muito bem preparadas que saíram das aulas de Pe. Gaspar e do seu seguidores.

Termina com um ponto, hoje muito batido: Pe. Gaspar exigia uma colaboração constante entre escola e família: "queria que os pais viessem muitas vezes se interessar pelo aproveitamento dos seus filhos" (76).

4. As escolhas em relação ao dinheiro

A orientação teórica de Pe. Gaspar quanto ao dinheiro é acenada apenas de maneira suficiente, em uma carta à Naudet:

"O dinheiro não pode ser oferecido a juros, o que seria abertamente usurário. Receba-o e o conserve até que possa usá-lo para alguma utilidade frutuosa ou algum outro contrato lícito" (77).

É a clássica posição da moral social do século XVIII. "Parece - anota Pe. Stofella sobre este trecho - manter-se fiel à disciplina mais antiga, que, em se tratando de dinheiro, não aceitava como lícita a percepção de renda em razão do próprio empréstimo, isto é, por motivos intrínsecos, mas só por motivos extrínsecos" (78).

Esta posição teórica é, no fundo, a razão orientadora para a aquisição das propriedades de, Sezano, que custou 160.000 libras austríacas.

Além da "utilidade frutuosa", as propriedades de Sezano foram adquiridas por Pe. Gaspar para que a obra fosse durável e não passageira com a sua morte" (79).

Foi escrupuloso de tudo que conseguiu relacionado à gestão dos bens eclesiásticos resgatados, incluindo as causas em tribunal com um "mar de litígios e confusões", Mas a razão orientadora não era aproveitar-se da vitória legal sobre o contendor e sim a escrupulosa manutenção dos bens pertencentes a Jesus Cristo e à Igreja, dos quais ele era somente o representante.

"Não é lícito liberar de um "aluguel" em prejuízo do legítimo dono, que no caso proposto, é Cristo Nosso Senhor e do administrador, a Igreja" (80).

É mais que a manifestação de uma informação jurídica: é sobretudo a expressão de uma atitude de desinteresse e de espírito de serviço que Pe. Gaspar manifesta mesmo em relação aos próprios bens pessoais. Justamente a atitude precisa e fiel do administrador!

a) Diante das heranças

As escolhas de Pe. Gaspar diante do dinheiro aparecem claramente nas suas tomadas de posição na firme recusa de qualquer herança, de qualquer oferta extraordinária e de toda doação particular. Só aceitava as ofertas das Missas! Os fatos são bem conhecidos. Alguns são mesmo "clássicos" como a recusa da herança Cartolari, cuja aceitação seria muitíssimo "justificada", já que o Pe. Cartolari, era membro legítimo da Comunidade. Bem diferente portanto o caso da bolsa de ouro deixada sobre o altar e a oferta de 100 taleres, chegada num momento crítico, justamente quando Pe. Gaspar estava começando a construção do convento, mas

igualmente recusadas, embora pudessem usar de muitos motivos plausíveis para a aceitação (81).

A atitude de Pe. Gaspar era pois plenamente compartilhada por toda a sua comunidade.

Além do mais Pe. Gaspar se acostumara a este tipo de escolha diante do dinheiro desde a sua juventude, experimentando, nos conhecidos problemas de sua casa, a fugacidade e a precariedade dos bens terrenos. O "Pai nosso" invocado com espírito franciscano, tornara-se um símbolo (82). E a este costume havia habituado os seus clérigos nas meditações dominicais: "desejar o Céu e nunca os bens da terra, nem as honras do mundo" (83).

b) Relacionamento com os dependentes

O Pe. Lenotti conserva um precioso testemunho de como Pe. Gaspar tratava os seus dependentes na propriedade de Sezano.

"Quase toda a renda que tirava das suas terras, a consumia na conservação das torrentes, e feitas sem miséria e com toda a solidez e perícia em grandes plantações, na conservação das terras e na restauração precisa e sólida das casas dos seus colonos e em outros mil trabalhos na roça e na cidade, que eram infinitos, assim trazia grandes vantagens aos artífices e aos "bóia-frias", os quais encontravam junto de Pe. Gaspar um serviço em qualquer estação do ano, com grande lucro e conforto para eles" (84).

É de extraordinária atualidade aquele inciso "encontravam junto de Pe. Gaspar um serviço em qualquer estação do ano". É a imagem de uma atitude de justiça social ativa, empreendedora, "promocional, quase empresarial, Pe. Gaspar não tem medo do dinheiro, administra-o porém com atenção e com dedicação social. Não é S. Francisco, mas tem um espírito franciscano.

e) Atenção para com os pobres

Pe. Lenotti conservou também este testemunho sobre o relacionamento com os pobres que diariamente batiam à porta do Convento dos Estigmas:

"Em certas ocasiões e circunstâncias era tão generoso, que parecia pecar por prodigalidade. Além das esmolas diárias, que há muitos anos fazia na porta a uns 50 e depois 70 pobres, aos quais cada dia dava uma tira de polenta (como se continua até hoje), continuamente abria a mão a muitas outras pessoas necessitadas que vinham pedir-lhe auxílio, alguma das quais levavam grossas esmolas (...) embora seja verdade, alguma vez, ou para por um limite de discrição ou por circunstâncias daqueles que pediam, ou por outras razões de sua prudência, sempre com reta finalidade, também negasse a alguns" (85).

Mesmo permanecendo na linha da caridade e assistencial, Pe. Gaspar demonstra uma solicitude verdadeiramente grande, para poder prover diariamente a um número tão grande de pobres!

f) A assistência aos moribundos

Ligado ao uso do dinheiro, está o sistema de enfrentar um problema bastante espinhoso: "o modo de visitar e assistir o próximo em perigo de morte". Pe. Gaspar dedica-lhe um capítulo especial nas suas Constituições. Aqui não nos interessa tanto o aspecto pastoral, quanto o humano e social. E o caso torna-se uma abertura típica de uma sociedade e de uma sensibilidade.

Pe. Gaspar antepõe uma costumeira chamada de atenção a todos: "Quando um dos nossos for chamado para assistir um enfermo, seja pobre ou rico, com esta ou aquela doença, em qualquer hora do dia ou da noite, atenda imediatamente" (86).

É conhecido, porém, como muitos sacerdotes caíssem na tentação de intrometer-se, muitas vezes com interesse pessoal, na compilação do testamento. A caça ao testamento é uma das acusações mais agudas, lançadas ao clero, pelos romances e pelo povo.

Eis então as prudentes prescrições de Pe. Gaspar: "exorte o enfermo a dispor dos seus bens (...), a redimir suas culpas com esmolas, a perdoar as ofensas recebidas (...). Exorte (...) mas não insista a "compilação do testamento" (87).

Há também um aceno às eventuais exortações no caso: "restituir os bens alheios, pagar as dívidas, garantir os herdeiros necessários de tal modo que se evite toda ocasião de rixas e demandas (...) mas não convém descer aos pormenores" (88). Sábias exortações, como cada um de nós muito bem o sabe!

Quanto porém "àqueles bens que o enfermo pode dispor livremente" com a máxima firmeza Pe. Gaspar prescreve ("observem as conseqüências"): "Nenhum dos nossos permita-se incitar alguém a deixar esmolas perpétuas a igrejas ou casas da Congregação" 89).

5. A gratuidade

Como muitas vezes se afirmou, a sensibilidade social de Pe. Gaspar às vezes se une tão estreitamente às atividades pastorais, que se torna um elemento essencial constitutivo. Pois bem, mesmo nos confrontos da sua Congregação surge uma constante linha de gratuidade, que impressiona.

O estilo com que de fato Pe. Gaspar fundou e dirigiu sua congregação foi sempre um estilo de profundo amor, mas também de desapego e desinteresse. Eis algumas amostras:

- jamais fez proselitismo para a sua congregação. Das cerca de 80 vocações religiosas e sacerdotais que surgiram nas suas escolas, somente três foram para os Estigmas. É conhecido o seu lema: "em questão de vocação, ao invés de forçar, é bom deixar o cuidado para Deus";
- trilhou o caminho da fundação com muita prudência, talvez lentidão, parecendo quase relutância ("Jamais prevenir a Deus...");
- jamais deu um passo preciso e oficial para o reconhecimento da sua obra;
- à chegada dos jesuítas em Verona (1837), quis imediatamente oferecer-lhes não só a hospitalidade em alguns lugares (Abandonados ou Trindade), mas até mesmo o próprio Convento dos Estigmas;
- coloca aos pés do Papa Gregório XVI as "Propriedades de Sezano, apenas adquiridas, disposto a qualquer decisão do Papa, em relação àqueles bens;
- a lenta distilação ("gota a gota") das Constituições, mostra a penetrante e sofrida maturação do projeto.

São alguns momentos de uma vida vivida em estilo de doação e desinteresse.

Hoje o seu ensinamento é particularmente considerado. Sobretudo o Estigmatino que trabalha no meio da juventude ou no mundo sócio-político, encontra na ação gratuita de Pe. Gaspar uma forte motivação teológica e espiritual. Um estilo que se torna hoje escolha e instituição no "voluntariado", na educação para o trabalho civil, no costume de dar sem pretender retorno, no desinteresse na política, na colaboração gratuita (de dinheiro e de merecimento) para a consecução de iniciativas promovidas por outras (pessoas ou instituições , (...) num modo profético e antecipador de administrar bens e ofertas dentro das paróquias. São somente alguns exemplos, para mostrar como são fecundas as instituições de Pe. Gaspar!

Costumava repetir: "O espírito de pobreza, o desinteresse, corta a raiz de todos os vícios, e levando à humildade, introduz todas as virtudes, e nisto consiste a perfeição" (90).

6. A fundação dos "Abandonados"

A Comunidade dos Estigmas, à partida do Pe. Bragato (5 de julho de 1835) para a missão de Viena, estava em pleno florescimento, contando com 12 sacerdotes, 4 irmãos e dois clérigos estudantes. Era natural, pois, um impulso, na fundação. Por providencial coincidência, a casa dos "Abandonados" ficava livre justamente naquele ano. Pe. Gaspar a recebera como herança em força do legado do Pe. Galvani. Tratava-se de uma casa - fundada em 1573, pelo esforço do Bispo Cardeal Agostinho Valério, com a finalidade de recolher meninos que vagavam pedindo esmolas pelas ruas (91) - e de uma "igrejinha mal acabada e necessitada de imediata reforma", sob o título de S. Maria del Giglio. A região era um dos bairros mais populares e pobres de Verona. Foram grandes as insistências do pároco de S. Estevão, Pe. Caetano Martinelli, para conseguir este providencial auxílio.

E assim seguidas de todas estas circunstâncias surgiu a primeira fundação dos Estigmatinos.

Escreve o simpático Pe. Gramego:

"1.º de março de 1836. Foi feita a missão nos Abandonados em S. Estêvão para começar a fazer um pouco de bem àquela paróquia, se assim for agradável a Deus; pois foram para lá definitivamente o Pe. João Maria Marani, com Paulo Zanolli: o primeiro com pouca saúde, o segundo bastante cansado e bastante acabado" (92).

É muito significativo o fato de ter sido escolhido justamente um bairro popular, abandonado e extremamente necessitado. Diria quase, que foi e continua sendo um gesto paradigmático, para qualquer tipo de nova fundação, na Itália e no exterior.

Ainda muito significativo o fato de ir para aquela região os melhores elementos, os mesmos que haviam colaborado com Pe. Gaspar na fundação dos Estigmas. O trabalho, como é sabido, foi continuado depois com muitos frutos pelo Pe. Francisco Benciolini. Que tornou-se, com o Oratório e o confessionário, o Apóstolo daquelas bandas.

Um flash da atividade do Pe. Marani, empenhado nos problemas do bairro e da cidade, é fornecido pelo Pe. Gaspar em uma carta ao Pe. Bragato (1.º de dezembro de 1837):

"Pe. Marani (...) nos dias de aula está nos Estigmas, à tarde e nos dias feriados nos Abandonados (...) onde confessa muito e com grande fruto para aquele bairro. Nas outras tardes mantém uma conferência moral (...) resolve os casos mais intrincados (...) examina os clérigos e continua recebendo penitentes de todo tipo, à toda hora, interrompendo o almoço, a janta, retardando o repouso" (93).

Nesta última frase, está todo o estilo do serviço do Estigmatino: máxima doação e plena disponibilidade aos outros, a qualquer hora e em qualquer circunstância, principalmente com os pobres. Uma escolha que se tomou confirmada, mesmo em nível institucional, com esta nova fundação.

7. As escolhas de Pe. Gaspar

Tudo quanto se disse a propósito da gratuidade e da sensibilidade de Pe. Gaspar, encontra uma imediata correspondência em alguns fatos concretos, que se tornam como que a concretização pastoral da linha espiritual e teológica de Pe. Gaspar.

a) O catecismo da Quarta Classe

Tratava-se de uma especial instrução catequética, que se fazia em Verona entre as duas festas da santa Cruz (invenção: 3 de maio e exaltação: 14 de setembro), dirigida sobretudo para o povo mais pobre e mais rude (94).

Pe. Stofella afirma que esta é "talvez a obra mais importante do apostolado de Pe. Gaspar", porque segundo o testemunho do Pe. Lenotti, "este ministério estava-lhe profundamente no coração" (95).

Não podemos aqui seguir as várias instruções feitas por Pe. Gaspar a seus primeiros filhos. Elas são apresentadas com especial cuidado, e em grande quantidade, pelo Dalle Vedove. Saliente aqui somente o reflexo que esta importante atividade teve nas Constituições: "É sua obrigação não somente ensinar as verdades necessárias ou úteis para conseguir a vida eterna, com pregações, exercícios, aulas, mas também explicar os primeiros elementos de fé e de moral especialmente às crianças e às pessoas ignorantes nos oratórios e nos catecismos públicos e privados. Esta ação é também sumamente útil à Igreja; e por isso seja-lhes sumamente recomendada" (96).

Especificamente depois muito claramente: "É sua obrigação ouvir as confissões de todo tipo de pessoas, especialmente dos pobres e das crianças, e orientá-las para a devida freqüência aos sacramentos" (97). Indicações assim tão clara, encontram hoje, aplicação imediata em qualquer plano pastoral de qualquer comunidade estigmatina!

b) Entre os contagiosos

Dramático era o problema das doenças contagiosas, flagelo que periodicamente dizimava cidades e campos. Também aqui os Estigmatinos têm um sinal, aqui têm o seu primeiro mártir, Pe. Mateus Farinati, "o mais afortunado - dizia Pe. Gaspar - entre todos os seus filhos dos Estigmas" (98).

Entrando ao 1º de Janeiro de 1817, para consolação de todos, "ainda que de poucas palavras", anota Pe. Gramego, ele, por um pedido do Bispo e do Mons. Vigário Dionisi, se ofereceu, e o Pe. Gaspar o aceitou, para assistir os atingidos pelo tifo nas cadeias públicas. Estava bem consciente do gravíssimo risco a que se expunha. Mas não hesitou, embora fosse de caráter tímido e talvez ansioso (99). Contraiu uma doença, que nem mesmo os ares benéficos da aldeia natal conseguiram debelar. Morreu aos 17 de setembro de 1820.

Pe. Gaspar, no dia de sua morte, escreveu à Naudet:

"Não deixei de pedir ao Senhor pelo motivo que Vossa Senhoria me recomendou, nem deixarei. Mas agora eu devo pedir a V. S. pelo pobre Pe. Farinati, que o Senhor chamou hoje para si, logo depois que eu o visitei. Adoremos em tudo a Divina Providência Paterna de Deus. Mas sabemos pela fé, que O mesmo que aflige, também consola" (100).

Pe. Giacobbe assim comenta a sua morte:

"Pe. Mateus Farinati (...) tornava-se útil sobretudo com aquela caridade, da qual não existe outra maior, que é dar sua vida pela dos seus irmãos e amigos; estes foram para ele os doentes atingidos pelo pestilencial tifo que em 1816, e no ano

seguinte, foi uma calamidade em Verona; e ele atingido pela sua admirável e assídua assistência, morria por eles, vítima do zelo e da caridade" (101).

c) Entre os condenados à morte

Nos tempos dramáticos e duros de repressão a outra face do paternalismo iluminado da Áustria no Lombardo-Vêneto, surgiu uma nova e triste necessidade, acolhida por Pe. Gaspar através da palavra do Bispo - a assistência aos condenados à morte.

Pe. Gaspar já havia tido uma experiência direta neste campo com a conversão do ex-religioso e apóstata, condenado à morte por parricídio, que se converteu e morreu abençoando. Uma noite de oração abriu-lhe as portas do seu coração.

Mas também os seus filhos, na barafunda de 1848, tiveram que provar as angústias do cárcere e quase da morte. Esclarecido o equívoco, os padres dos Estigmas utilizaram sua experiência, transformando-a num ponto certo de referência e de conforto para tantos infelizes.

"Falou-se de uma assistência profundamente amorosa e de uma caridade que nas necessidades se sobrepujava", comenta Pe. Giacobbe, concluindo com argúcia, que "Pe. Gaspar teve a honra e a glória de ter filhos que souberam ser confessores tanto no trono como no patíbulo" (103).

É o estilo multiforme do Estigmatino, que sabe assumir também "uma árdua mas frutuossíssima e necessária obrigação" (103).

d) Com os soldados

Nem mesmo os soldados foram esquecidos pelo atento cuidado de Pe. Gaspar e dos seus companheiros. Em Verona eram muitíssimos, porque, parte da resistência da Áustria, "que não era mais que um exército aquartelado". Quartéis em todo canto. Até no térreo dos Estigmas, depois dos casos de 1848, de 06.05.1850 a 24.07.1854. No andar de cima, 4 doentes, o mais grave era o próprio Pe. Gaspar. "Meus pobres confrades - comenta amargamente o Pe. Bragato - para eles a tranquilidade e o sossego se foram" (104).

Todavia mesmo nesta situação aparece a capacidade do Estigmatino, neste caso o irmão coadjutor Paulo Zanoli, de se aproximar com ânimo corajoso e ao mesmo tempo humilde do mundo militar. Um apostolado feito de atenção, de testemunho e de doçura ("com suas doces maneiras"). E assim uma desventura se transforma em providência.

Poder-se-ia continuar. São somente fatos. Estes exemplos podem se tornar para nós hoje, estímulo à coragem, para nos entregarmos, como indivíduos e como comunidade, aos novos pobres, aos drogados (= os empestados de hoje), aos marginalizados, aos doentes graves "condenados à morte" por doenças incuráveis,

mesmo com o risco da própria saúde, na contínua busca de um apostolado que, fiel aos sinais dos tempos, mostre aos homens de hoje a doçura da caridade de Deus.

8) O homem do Conselho

A saúde de Pe. Gaspar, como é conhecido, jantais foi maravilhosa. Ao contrário, depois de 1825 foi obrigado, por períodos cada vez mais longos, a permanecer na cama. Esta realidade modifica radicalmente o projeto de Pe. Gaspar. Não é mais o apóstolo dos jovens, nem o missionário Apostólico, nem o fundador infatigável dos Oratórios Marianos. A polícia pode ficar tranqüila! Parecia ter desaparecido. Sem saída social. E, ao contrário, eis que surge um novo filão: "O Homem do Conselho", que o torna igualmente presente - mesmo de maneira indireta - na vida religiosa e no contexto social do seu tempo.

A primeira coisa que se encontra agora em Pe. Gaspar é o acolhimento. Assim o descreve nas suas Constituições: "A caridade antes de tudo deve-se demonstrar no acolhimento, que deve ser acompanhado dos sinais externos da maior amizade (...) sem poupar trabalhos ou despesas (...)" (105). É o retrato fiel da Comunidade dos Estigmas: "Se quer saber o que é mais notável neles, é a humildade, a caridade e um tratamento muito afável" (106).

O Bresciani assim nos retrata Pe. Gaspar: "Um sacerdote com uma veste pobre, quase um anacoreta (...) que desde a entrada da porta atrai o visitante com a afabilidade do encontro e uma saudação reverente, quando ao invés de mostrar-se dono do quarto, prefere ser o criado" (107).

Os testemunhos sobre esta atividade são infinitos. Eis alguns: "Quantos eclesiásticos, de todas as classes e com todos os vínculos, vinham aconselhar-se com ele (...) uns para resolver casos de consciência, outros para assuntos e negócios de máxima importância, outros ainda para sua particular direção espiritual." (108). E não só eclesiásticos, mas "qualquer um que tivesse problemas em alguma questão de momento" (109). Nobres, burgueses, povo, magistrados, profissionais, estudiosos, qualquer estado e qualquer condição. Típica a afirmativa de um magistrado, depois de uma conversa: "Aqui se vem para aprender" (110).

Uma nova missão social, portanto, que atinge o mais profundo das pessoas e das instituições.

A sua importância social se alarga, pois, em progressão geométrica, no instante em que Pe. Gaspar se torna "alimentador de todas as obras de religião que surgiam na cidade (111), sobretudo daquelas que têm uma finalidade direta de promoção humana e social entre os pobres. Mostraremos o seu apoio ao trabalho para com as meninas pobres de Teodora Campostrini (1829), os preciosos conselhos dados ao Pe. Nicolau Mazza, "sacerdote veronês ardente da caridade para com Jesus Cristo e a juventude", fundador do Instituto de educação doméstica para as meninas pobres e em perigo", cuja encolha e decisão amadureceu (1829)

por providencial circunstância justamente aos pés de Pe. Gaspar: "Que devo fazer? Eu não sei com que meios. E ele encorajou-me dizendo: Faça, faça!" Um conselho que vale uma obra (112).

Diga-se o mesmo do Pe. A. Provolo: "sempre que estava em dúvidas recorria ao Pe. Gaspar e sempre foi orientado para o caminho certo" (113).

Uma palavra sobre a amizade, feita de diálogo sincero, de respeito recíproco mas também de trabalho e dificuldade que houve entre Pe. Gaspar e Pe. Antônio Rosmini.

Encontraram-se em 1826: o Rosmini tinha 29 anos e Pe. Gaspar andava pelos 49. Mas a admiração e a estima são imediatas:

"permita sua caridade - escreve o Rosmini - que chegue até você, depois de ter pessoalmente, talvez fazendo-o perder preciosos momentos. A única razão que me leva a escrever-lhe é de aproveitar suas luzes e seus conselhos (...) Expus-lhe, então o meu pensamento geral e o envio agora para que o veja, e queira ter a caridade de fazer em cima, todas as reflexões que lhe parecerem (...)" (Milão, 15 de março de 1826) (114).

A resposta de Pe. Gaspar foi também muito clara quanto cortês. É uma das cartas decisivas, na elaboração do carisma, tanto de Pe. Gaspar quanto do Rosmini:

"(...) É preciso ter cuidado para que os párocos não percam o espírito da disciplina em que forem formados e não desperdicem, restringindo sua caridade a um pequeno cuidado, os desígnios de uma caridade mais difundida e universal e tirando para si e para a parte do rebanho de Cristo que eles apascentam, os auxílios que porventura bastariam, se bem distribuídos, a toda uma diocese". (De Verona, no dia 27 de março de 1826) (115).

É uma intervenção profunda. Aparecem duas linhas, claramente distintas: a perspectiva diocesana do Pe. Gaspar e a dimensão paroquial do Rosmini. O pensamento de Pe. Gaspar foi rebatido alguns anos depois, justamente quando o Rosmini estava para ser nomeado arcebispo de Rovereto: "Mas Pe. Gaspar Bertoni não quer ceder e consentir, e as razões que apresenta são justíssimas, porquanto, ele o vê em um estado mais ajustado a trabalhar para a glória de Deus não estando ligado à paróquia, que estando ligado" (19 de junho de 1834) (116).

Pe. Dalle Vedove comenta: "Quando apenas um ano depois, o Rosmini renunciou a paróquia, todos compreenderam que Pe. Gaspar tinha razão (117).

É o perfil de uma amizade feita de sinceridade recíproca os acontecimentos sucessivos, sobretudo nos meses que precederam à publicação (1848) da famosa obra do Rosmini "As cinco chagas da S. Igreja", com a conseqüente intervenção do Índice (1849), abalaram esta amizade, com momentos também de tensão e preocupação em Pe. Gaspar. A questão é complexa. Pe. Stofella no seu Summarium Additionale e apresenta nas linhas principais (118). A nós, aqui, o fato

nos traz uma pergunta: "Até que ponto Pe. Gaspar foi sensível aos problemas da renovação e transformação das estruturas eclesiais?" Problema angustiante para o Rosmini, e muito menor para Pe. Gaspar, seja porque cresceu durante uma fase de violento ataque à Igreja, nos tempos da Revolução Francesa e da ocupação napoleônica, seja porque profundamente, inserido em uma Igreja local positiva e ativa no plano das respostas aos problemas do tempo (cfr. as numerosas fundações de congregações religiosas surgidas em Verona, naqueles anos, para resolver os dramáticos problemas sociais do tempo), seja enfim porque a Igreja, no contexto de Restauração, assumiu uma tarefa de sistematização ideológica e social, que não desagradava Pe. Gaspar. "Abominava o espírito de novidade, e também da indocilidade. E como consequência, contra o volátil espírito da opinião variável e oscilante, opunha o antigo bom senso uniforme dos santos Padres (...) e contra o presente espírito de sistematizada indocilidade, colocou exemplo assaz luminoso na sua ótima Congregação de padres livres, que dos seus exemplos já há bem trinta anos dependiam em tudo (...) " (119).

Agrada-me concluir este espinhoso episódio, com este testemunho de Rosmini escrito ao Pe. Bragato em março de 1846:

"Pe. Gaspar, tendo lido minhas regras, deu-me um eficaz impulso para começar, dissipando todas minhas dúvidas: de tal modo que o instituto nasceu justamente na casa dele" (120).

9. A atitude com a política

Pe. Gaspar nasceu em uma época fortemente caracterizada por fatos políticos: Napoleão e a restauração. Viveu a primeira na idade juvenil, a segunda na maturidade e na velhice. Diversa pois a sua colocação. Acompanhou com paixão e documentação, sentindo também pessoalmente a primeira fase.

Como bom veronês, que encontrou as "novidades" através das "Páscoas Veronesas" (1797), custou para aceitá-las. Ao contrário, pela sua corajosa atividade no meio dos jovens com os Oratórios Marianos, foi logo suspeito. Em 1806 foi vigiado pela polícia, sofreu a supressão dos Oratórios em maio de 1807, teve que agir com extrema cautela. Afirmando com o Sommacampagna: "Suportou muitas dificuldades do Governo francês" (121).

Quanto às vicissitudes de Pio VII e Napoleão, com as consequências dolorosas em nível de Igreja local, Pe. Gaspar mostra-se perfeitamente informado. Escreve de próprio punho documentos importantíssimos. Um exemplo. "A relação da prisão e deportação do Sumo Pontífice Pio VII acontecida no dia 6 de julho de 1809" escrita por Pe. Gaspar é bem diferente da que se encontra na Biblioteca de História Moderna e contemporânea de Roma (122). Um particular não secundário, a demonstração de um Pe. Gaspar apaixonado e bem documentado, mesmo em uma época em que os documentos circulavam de modo clandestino (123).

Esta atitude de atenção e de documentação torna-se clara tomada de posição, nas exortações dominicais aos Clérigos do seminário: "vergonha de mendigar honras e benefícios, cortejando pessoas de alta categoria, de tornar-se escravos da opinião do mundo ou do respeito humano, na sua vida, na pregação, no confessional" (ms. 2238).

Por isso, na sua documentação privada, encontram lugar de desanque aqueles documentos que enfeixam as corajosas tomadas de posição de grupos de Bispos, que enfrentam o modo de agir de Napoleão, profeticamente afrontado (Se nós calássemos a verdade por motivos humanos, nos conspurcaríamos diante de Deus (...)) (124). Máxima liberdade e altivez de espírito, portanto.

Os acontecimentos mudaram, vieram os Austríacos. Foram inevitavelmente recebidos como elementos de tranqüilidade. Mas foi bem depressa uma tranqüilidade aparente. Os problemas, velhos e novos, agitaram sempre os ânimos. Eis então uma sábia e previdente observação de Pe. Gaspar: "O próximo tempo - escreve à Naudet em 1828 - em que os ânimos estarão ocupados com temor de agitação política, poderia ser talvez o mais ajustado para as coisas de Deus. Os bons abrem os olhos, os maus distraem-se com outras coisas. Rezai sem parar: eu fiz e farei fazer aquilo que posso. É preciso rezar e não parar" (125). Não mais existe um tempo neutro. Deus sempre age e escreve, sobretudo nos momentos de crise.

Poder-se-ia logo alargar o conceito espiritual de "Escola de Deus", que na espiritualidade bertoniana normalmente é ligado com o mistério do sofrimento. Também os acontecimentos sociais e políticos são para o Bertoni. "Escola de Deus"!

Também diante da visita dos soberanos austríacos às Escolas dos Estigmas [1825], instante que poderia ter sido utilizado para a própria ambição, foi ao invés considerado à luz da Palavra:

"parece que foi marcada pela Providência para estes dias; mas lembrar-se: É melhor esperar no Senhor do que esperar nos Príncipes" (126).

O ano de 1848 reservará à Comunidade dos Estigmas tristes surpresas: "as más línguas se soltaram... e os Estigmas foram alvo de tramas e insídias dos "libertinos", que haviam ficado de olho nos bens e procurado sua ruína" (127). Pe. Gaspar, mesmo naquela hora "teve coração para rezar e insistir - diz Pe. Lenotti - sobre a máxima católica da fiel sujeição devida aos Soberanos e a todas as Autoridades" (128). No final, Pe. Gaspar aborrecia o pecado de "revolução" como "um dos pecados mais graves", ou "o maior de todos, porque trazia consigo todas as conseqüências" (129). Não atraiu, pois as simpatias dos "libertinos", embora um tardio, mas objetivo testemunho de um liberal: "foi dito que eles - os padres dos Estigmas - eram contrários a todo o nosso trabalho para construir um povo livre. Não sei o que pensam no seu coração, mas tenho o direito de perscrutar. Eu vou ao fruto da árvore e quando ela dá bom fruto faço votos que prospere" (130). Tudo isto terá um eco nas Constituições onde, entre os meios para a própria perfeição, Pe. Gaspar colocará: "a perfeita observância de todos os preceitos divinos e humanos, eclesiásticos e civis" (131).

Debaixo de uma análise atenta, o termo "conservador" que freqüentemente se aplica ao Pe. Gaspar, embora tecnicamente exato, é de fato profundamente inadequado. Fica-lhe muito restrito. Bem mais além vai a sua atividade. Na verdade quis e soube ser um tenaz, se bem que cordato, "contestador", nos momentos em que era necessário. E sobretudo sua ação foi constantemente voltada para uma verdadeira e real promoção do homem, através de uma autêntica evangelização, muito acima dos entusiasmos fáceis ou dos repentinos abalos.

10. Das suas Constituições...

Aproximando-nos da conclusão deste trabalho, é útil colher diretamente alguns textos das Constituições, destiladas "gota a gota" por Pe. Gaspar. Contém como num escrutínio, o suco central do seu pensamento. Examinaremos somente alguns filões, aliás muito ricos, de grande reflexo social.

n) A preparação das pessoas

A preparação do Estigmatino foi logicamente o cuidado constante de Pe. Gaspar. Basta ver a atenção e o amor dedicados ao Lenotti. Aparece imediatamente uma escrupulosa observância do equilíbrio entre oração e estudo. Mas, por duas vezes, no seu epistolário, Pe. Gaspar cita uma frase importante de S. Gregório Magno, sobre a importância dos estudos humanísticos e científicos:

"Deus é o Senhor das ciências; e sem o auxílio destas ciências naturais, não se pode chegar à sublimidade das coisas Espirituais, como diz claramente S. Gregório; e eu ousa acrescentar que nestas circunstâncias, tal e tão delicado é o trabalho da obra, que, embora agora se construa, não se poderá manter sem o apoio de muito saber nos seus vários membros; e que o primeiro germe de corrupção desta grande Obra será a ignorância - isto equívale também ao saber muito - o saber mal, que é a perda do Bom Gosto" (132).

Colocada esta premissa sobre a importância da preparação, vem logo a finalização: "Nesta congregação clerical, que tem por finalidade não só a contemplação, por si, mas também transmitir aos outros as verdades contempladas, é necessário uma ciência não ordinária, mas perfeita..." (133).

Não se estuda por si mesmo, mas para transmitir, "para estar em posição de iluminar os espíritos que estão nas trevas, de se opor aos assaltos das heresias, de saber dar a razão da própria fé..." (134).

É uma praxe profunda, que ilumina todas as ações do estigmatino. Com este espírito deve-se entender a especialização: não a obtenção de um ideal de perfeição particularista, mas é cada um aceitando alegremente o "estar a serviço" de um projeto maior que ele, no qual se prepara com competência e ao qual sacrifica eventualmente projetos pessoais.

Mas também aqui aparecem alguns toques Bertonianos:

a) - a especialização é maleável, mutável, aberta "aos sinais dos tempos": "apliquem-se a estudos particulares por mais longo tempo e com maior diligência (...) segundo as diversidades dos tempos e das circunstâncias" (135);

b) - não esquece o contato e a referência aos mais pobres: "sem omitir qualquer estudo particular (...) exercitem-se em catequizar os meninos e as outras pessoas ignorantes, em ouvir as confissões dos jovens e dos adolescentes" (136).

Quanto ao PLANO DE ESTUDO a ser feito para os alunos, é constante a referência que Pe. Gaspar faz à "lei da encarnação":

"Estudem-se (...) os Concílios gerais e particulares, especialmente da diocese onde os nossos estão; os Decretos universais e particulares do sumo Pontífice e dos Bispos, especialmente da Diocese onde está (...) " (137).

E ainda: "Apliquem-se também com diligência ao estudo da História eclesiástica e civil e busquem um certo conhecimento da história particular dos lugares onde se encontram" (138).

O próprio Pe. Gaspar demonstra particular competência na matéria. Aconselhava: "Para a história de Verona há o Moscardo (História de Verona em 12 livros) que é muito boa" (139). Muitas vezes até determina: "A história de Verona do Moscardo ou do Mafrei, jamais a do Carli" (140). Sinal de um estudo atualizado e crítico!

O acabamento da preparação e a sua extrema concretização é também muito delineado, em texto já clássico:

"Igualmente apliquem-se (...) à História natural, à História da Literatura, adquirindo também alguns conhecimentos ("aliquid delibantes") de medicina e de outras artes liberais e mecânicas, de agricultura, desenho, arquitetura, caligrafia, ortografia" (141).

Tendo, pois, que traçar um programa preciso para a educação das MOÇAS do seu tempo, Pe. Gaspar, escrevendo à Naudet, usa uma carta inteira (142). Pe. Stofella anota aí: "Pe. Gaspar exige nestas alunas-professoras (normalistas) uma formação literária mais séria que a que naquele tempo se pensava para as mulheres" (143). É a consequência prática de uma colocação oblativa da vida.

b) Equilíbrio e sabedoria

"Eu sempre digo que braços não faltam, mas o que falta é cabeça; cabeça nunca é demais; e quem tem cabeça, consegue ter dois braços; mas os braços nem sempre têm boa cabeça" (144).

É uma passagem típica, que mostra a argúcia e a sabedoria de Pe. Gaspar ao encontrar e analisar pessoas e fatos da vida. Este sábio equilíbrio aparece de modo evidentíssimo nas suas constituições. Trato disto aqui, porque me parece que constitui a tonalidade dominante em toda a pintura bertoniana nas questões sociais dentro e fora do Convento.

A sabedoria aparece na administração da penitência (não haja uma palavra única a todos (...)) (145, na relação estudo-vida, no comportamento exterior:

"A norma do comportamento exterior aplica-se não somente segundo a conveniência da pessoa que age, mas também, segundo o que requerem as circunstâncias externas, pessoas, serviços, lugares; conforme o elogio, com que nas Sagradas Escrituras os santos são louvados pelo Espírito Santo como aqueles que têm o culto do decoro. E ter o culto do decoro significa dar a cada um o que lhe convém" (146).

Citação um pouco longa, mas fundamental pela equilibrada síntese entre as exigências subjetivas e objetivas, entre pessoa e circunstâncias, entre o homem e o seu ambiente. É pois, um claríssimo ponto de referência no campo diretamente social, justamente porque põe no centro de tudo a dignidade da pessoa humana ("dar a cada um"), considerada não de modo particular, mas na dimensão social ("o que lhe convém").

Referindo-se à pobreza, Pe. Gaspar demonstra um equilíbrio ímpar, que facilmente pode ser estendido a todo o campo social, muito além dos muros de um convento:

"... segundo a conveniência e a necessidade nada falte e nada se aproxime do luxo" (147).

"Deve-se fugir de todo o descuido que impede a diligência e o esforço exigido para o cuidado da pessoa como se convém; e evitem aquela ostentação que pode existir até mesmo na tristeza usada como luto; coisa tão mais perigosa, enquanto se apresenta em nome do serviço de Deus" (148).

Alguns exemplos. O traje: "seja simples e decoroso, apresente pobreza e se adapte aos vários ministérios e pessoas, limpo e não esfiapado" (148).

A mesa: "deve-se usar daquele asseio que é sempre necessário e uma certa elegância" (150).

Motivado, pois, o belo testemunho do Schlor:

"Vivem assaz pobres e mortificados. "Simplicíssimos são seus quartos e toda a mobília; mas por toda a casa se vê um ar de limpeza que é uma beleza admirável" (151).

Daqui surge aquela famosa página do Pe. João B. Tomasi (24 de outubro de 1916), que pôde falar de "um espírito (...) pelo qual os filhos de Pe. Gaspar puderam conciliar ao mesmo tempo (...) um heróico desinteresse um verdadeiro espírito de pobreza, com as despesas da construção da casa e da Igreja, terminadas sem dívidas, e ao mesmo tempo cuidando sem poupança da propriedade e do decoro" (152).

c) A conversação familiar com o próximo

Expressão intraduzível. Mas capaz de sintetizar toda a vida de Pe. Gaspar.

Aqui chega o ponto final destas reflexões. Dos 30 números (267-297) que Pe. Gaspar dedica a este assunto nas suas Constituições aparecem as preciosas indicações sobre a finalidade, o estilo, os perigos, os frutos no modo de agir socialmente. Responde, portanto, à pergunta: "como encontrar-se com as pessoas? Como chegar-se até elas?".

Cada encontro - responde Pe. Gaspar - é uma doação daquilo que cada um possui, para o "bem do próximo" (153). Também a vida contemplativa (154).

Este estilo de doação torna-se aproximação das pessoas, nos seus concretos problemas de cada dia ("é necessário descer um pouco até o nível deles" - n. 279); torna-se encontro direto, pessoal, encarnação, trabalho constante e solícito com o povo, "para que os contatos gerais, ou sejam os sermões e práticas, que embora necessários onde há comunidade, se não forem aquecidos e quase digeridos pelo calor da conversação familiar, facilmente são esquecidos" (155).

Só deste modo se valoriza a vida e a espera de cada um: "é necessário descer das generalidades, segundo o modo, a medida e as circunstâncias particulares convenientes a cada um" (156).

Ninguém é massa, ninguém é sem nome. Pe. Gaspar quer que cada encontro seja bem caracterizado, personalizado. Não generalizações fáceis, mas respostas precisas.

Este modo de aproximação pessoal, pode modificar definitivamente o hábito, com uma consistência perturbadora. Não obstante rejeitando algumas ações "inconvenientes e impróprias ao estado religioso" (157), Pe. Gaspar determina: "Bem diferente é vestir um traje de mercador e fingir-se tal para abrir o caminho para a pregação da fé (...) assim também é lícito passar muitas vezes no meio dos hereges vestido de militar ou de secular (...) e é coisa indiferente e livre a todos exercitar alguma arte, o que fizeram os antigos monges e o próprio S. Paulo, para garantir o próprio sustento e as necessidades de outros (...)" (158).

Hoje nós podemos acrescentar "vestir roupa de operário...", e teremos uma estupenda concretização da tendência espiritual e pastoral das indicações de Pe. Gaspar.

As orientações de Pe. Gaspar possuem, pois, uma extraordinária capacidade de aclaração e, se bem aplicadas, desencadeiam uma notável carga de transformações.

Não faltam os perigos, sobretudo os da dispersão, que toda atividade, principalmente no campo social, traz consigo. Pe. Gaspar os mostra, mas sobretudo dá alguns critérios de solução: "Cada um cuide primeiro da própria alma e depois das dos outros" (159), segundo o clássico conselho de São Bernardo. Mas sobretudo é indispensável o exemplo de Jesus Cristo, "que levou uma vida de habitual contato com os homens, mesmo comendo e bebendo com eles; e não somente observando a perfeição, mas levando um estado de vida perfeitíssimo" (160).

E ao exemplo de Cristo, Pe. Gaspar junta o dos Apóstolos. E aqui Pe. Gaspar coloca profeticamente um slogan que - parece-me - resume toda sua vida e é ao mesmo tempo a mais digna conclusão destas minhas reflexões sobre a sensibilidade social de Pe. Gaspar:

"... fazer-se tudo a todos, para levar todos a Cristo" (161)

CONCLUSÃO

Explicação:

Uma explicação, ao final destas reflexões parece-me necessária. É feita não para polêmica, mas para fecundo e construtivo confronto dialético.

Dante Gallio, em um acurado estudo (162) sobre "Fundações religiosas em Verona no início do oitocentos", apresenta uma interessante leitura dos singularíssimos fenômenos que viveu aquela Igreja local. 16 novas congregações religiosas ali surgiram, realmente, de 1808 a 1894. O fenômeno é estudado com desembaraço pelo Gallio; sente-se aí além disso um tom leigo na leitura e interpretação dos fatos e se tira a capacidade de enquadrá-los nas atuais orientações da historiografia sobre fundações religiosas da época moderna. Mas aí vê-se também - segundo meu humilde juízo - os limites de um não completo acesso às fontes (163), o esforço de certas interpretações sumárias (cada fundação é de fato dificilmente redutível) e talvez também a estreiteza de certas, análises redutíveis e preconcebidas.

Pe. Gaspar é definido "formador de uma escola" (p. 272) de colaboradores e discípulos, com uma precisa "função de coligação e de estímulo para outros fundadores veroneses" (p. 273). Mas também lhe é imputado de ser integralista" (p.

278), "limitado na perspectiva eclesial" (p. 287), "assistencialista" (p. 289). Uma palavra de esclarecimento talvez seja útil.

Certamente Pe. Gaspar acreditava na força moralizadora e transformadora da religião católica. Ele mesmo já havia feito experiência direta nos difíceis anos da ocupação francesa em Verona. Os Oratórios Marianos foram a concretização explícita. Para uma sociedade em profunda crise, eis uma resposta orgânica e renovadora, baseada diretamente em uma estrutura religiosa. Integralismo ou renovação?

Durante o período da Restauração, lia de boa vontade os escritos do De Maistre, La Mennais, Bonald, "três grandes homens enviados pela Providência de Deus neste século para reanimá-lo" (164). Aquele "reanimá-lo" é de difuso sabor "integralista" nas relações Igreja-sociedade. Mas não é senão o eco de toda uma época, toda propensa a se difundir sobre novas bases!

Assim também Pe. Gaspar sentia vigorosa a missão de segurança desenvolvida pelo Papa em um momento de grandes revoluções éticas. Pio VII tinha sido realmente o único a opor-se ao absolutismo de Napoleão, pagando sua coerência moral com anos de perseguição e humilhante isolamento. Lógica, pois, também por isto, sua veneração pelo Papa, que lhe faz dizer expressões aparentemente chocantes: "Ouçamos nós Cristo e seu vigário - escreve à Naudet em 1829 e se ficássemos também sozinhos como Noé, que ficou só CONTRA TODOS, nós, poucos e sozinhos, nos salvaremos dentro da arca, fora da qual sabemos não haver salvação" (165). É talvez "um convite ao isolamento" (Gallio, 276) ou não será muito mais uma clareza de princípios básicos?

Concluindo, destes poucos trechos, parece-me poder afirmar que, se bem colocado no contexto o adjetivo "integralista" torna-se decididamente inadequado (e talvez anti-histórico?). Pelo contrário, pode tornar-se capacidade de ler todos os acontecimentos diários com chave religiosa", como salienta o mesmo Gallio, em tom positivo (272).

Quanto à sua "perspectiva eclesial", era certamente diferente da do Rosmini, como já acenamos antes, por muitas causas, que se reduzem no fundo à diferente perspectiva histórica dos dois personagens, distantes entre si por uma geração. Ao Rosmini, seja como for, o merecimento do profético "derrubar", ao Pe. Gaspar o de "construir"; os dois portando, instrumentos nas mãos de um Deus que conduz a história.

O Gállo finalmente define um pouco "assistencialísticas" todas as fundações veronesas deste período. "Não estamos em situação de registrar - chega a afirmar com um juízo apodítico e sumário - nenhum conteúdo de renovação social neste interesse pelos pobres...; pois, onde se fala de pobres, não se fala de modificar a organização social. As fundações parecem exercitar uma missão de conservações de imobilidade social" (289). Um juízo que não pode senão nos deixar perplexos; não estamos realmente diante de tentativas remendadas, mas diante de obras grandes e duradouras saídas das mãos de um Pe. Pedro Leonardi, Pe. Nicola Mazza, Madalena di Canossa, Pe. Antônio Provolo, Pe. Carlos Steeb, Pe. Daniel Comboni (para citar os mais importantes)!

Agrada-me aqui citar um juízo de longa visão do grande historiador da Igreja, Roger Aubert, sobre a vida católica sob o "Pontificado de Pio IX":

"De outro lado pasma ver como os cristãos desse tempo, que tanto demoraram para compreender a justiça social, souberam praticar a caridade sob todas as formas, inclusive as mais penosas. Também é preciso fazer reservas sobre os métodos empregados, deve-se admirar a intensidade e a largueza da devoção com que se consagraram à vasta empresa de restauração religiosa, à qual o seu século se dedicara com tanto entusiasmo. O ardor apostólico desta época, cujos grandes santos foram párocos, missionários e religiosos educadores, faz perdoar muitas coisas e convida a julgar com maior compreensão a irradiação da verdade" (166).

a) A sensibilidade social e as devoções Estigmatinas

Uma última observação: parece-me oportuno ligar expressamente estes acenos sobre a sensibilidade social do Bertoni com a rica tradição das devoções Estigmatinas: os SS. Esposos e os Estigmas do Senhor.

São as duas faces da mesma medalha: a conformidade no Cristo, sentido como Esposo ("meu coração foi atraído... pela voz gentil de um casto esposo: a ouvi, queimou-me, quase a vi..."), um Esposo, porém, que deixa em nossos membros e em nossa história os "sinais tangíveis" da sua vida e do seu amor. Os sinais dos Estigmas - segundo a tradição mística de S. Catarina - tornam-se assim os sinais visíveis da "conformidade como Esposo".

Assim as duas devoções são também o sustento da sensibilidade social. A atenção á Paixão do Senhor habitua e educa Pe. Gaspar (e depois dele, todo Estigmatino) a entender as chagas abertas e dolorosas da sociedade em que trabalha, a senti-las vivas na própria carne, a compartilhar lágrimas e dores. E ao mesmo tempo, a atenção às dores do homem o leva à contemplação das Chagas do Senhor Jesus, oferecendo, no entanto, a certeza e o sinal da Ressurreição. O pobre e o sofredor encontram nas "cicatrices das chagas" o convite para o céu (167), já que "se nós fomos plantados na semelhança de sua morte, o seremos também na ressurreição" (ms, 1308).

Sobre as chagas abertas, como um Bom Samaritano, Pe. Gaspar derramou óleo da espiritualidade sponsal. O amor cura as feridas abertas, trazendo saúde, verdadeira vida nova, ressurreição.

Os Santos Esposos Ihe são modelo. Eis então o nascer da exigência de um sinal alternativo de vida, um modelo visível de comunidade, realizado por um grupo de sacerdotes e religiosos, em um convento fora dos muros de Verona, debaixo da imagem do amor feito sacramento de Maria e José, colocada no altar mór da sua "igrejinha": "Se você conversa. com eles, percebe que cada um, no pensamento, nos sentimentos do coração, no comportamento exterior, é o retrato fiel do outro" (168).

E concluo com um texto precioso de Paulo VI, que me impeliu, e iluminou neste trabalho; texto "histórico", porque pronunciado no dia da Beatificação de Pe. Gaspar (1º de novembro de 1975) e de quatro outros Bem-aventurados:

"Todos sofreram... como somente que cai na terra e morre para produzir fruto abundante. E com a mesma dedicação amarram os que são mais marcados pela Cruz, os pobres, os doentes, descobrindo neles a face desfigurada de Cristo. Lição atualíssima, quando hoje a maré do hedonismo, a procura do bem estar a todo custo, a surdez pela necessidade dos outros ameaçam fazer esquecer que a maior parte da humanidade padece, de males materiais e espirituais. A civilização de um povo é medida por sua sensibilidade aos sofrimentos alheios e sua capacidade de aliviá-los" (169).

NOTAS

ABREVIACÕES: ms., Manuscritos Bertoni, citados no texto com os relativos números.

CF, Constituições do Fundador, São Gaspar Bertoni.

- (01) - Summarium Additionale della Positio super virtutibus del Betoni, P. 537.
- (02) - Ib., p. 208.
- (03) - CF 263-234.
- (04) - N. DALLE VEDOVE, Vita e pensiero del Beato Baspere Bertoni, parte I, pag. 472.
- (05) - Summ. Additionale, p, l17.
- (06) - Ib. , p. 279.
- (07) - Ib. , p. 466.
- (08) - Cfr. G. STORELLA, il Venerabile Gaspare Bertoni, p. 34.
- (09) - Cfr. ms. 523, in N. DALLE VEDOVE, o. c. , parte I, p. 90-95; cfr, também o texto completo, ligeiramente adaptado, in Pagine di Vita Cristiana, Vicenza 1947, p. 174-183.
- (10) - Epistolario Bertoni, editado pelo P. G. Stofella, Verona 1954 p. 357.
- (11) - CESARE BRESCIANI, Orazioni funebri, Verona 1866, II, 19, citato in Summ. Add. , p. 206.
- (12) - In N. DALLE VEDOVE, o. c. , parte I, p. 39.
- (13) - Summ. Add. , p. 338
- (14) - Ib. , p. 206.
- (15) - Ib., P. 341-343.
- (16) - Ib. , p. 358.
- (17) - Ib. , p. 354.
- (18) - Ib. , p. 207-359.
- (19) - Ib, p. 621.
- (20) - N. DALLE VEDOVE, o. c. , parte I, p. 379.
- (21) - Summ. Add. , p, 145.
- (22) - Memorial Privado - 20 de dezembro de 1808.
- (23) - Summ. Add. , p. 342.
- (24) - Ib. , p. 627.
- (25) - Ib. , p. 343. .
- (26) - Ib. , p. 352-353.
- (27) - Ib. , p. 373; 149.
- (28) - Ib. , p. 354.
- (29) - Ib. , p. 624.
- (30) - Ib. , p. 343.
- (31) - Ib. , P. 471.
- (32) - N. DALLE VEDOVE, o. c. , parte I, p. 538-549.
- (33) - Ib. , p. 561-562.
- (34) - Summ. Add. , p. 357-358.
- (35) - G. STOFELLA, o. c. , p. 150.
- (36) - Cfr. N. DALLE VEDOVE, o. c. , parte II, p. 213-214.
- (37) - Cfr. Ib., p. 215.

- (38) - Cfr. Summ. Add. , p. 532 e N. DALLE VEDOVE, o. c. , parte II, p. 667.
- (39) - Memorial Privado - 12 de janeiro de 1811.
- (40) - Cfr. Ampla síntese in N. DALLE VEDOVE, o. c. , parte II. p. 122-172.
- (41) - Ib. , p. 147.
- (42) - Ib. , p. 704-728.
- (43) - Epist. Bertoni, p. 136.
- (44) - N. DALLE VEDOVE, o. c., parte II, p. 721.
- (45) - Summ. Add. , p. 65-67.
- (46) - CF. , 195.
- (47) - Ib., 193.
- (48) - Ib., p. 197-207.
- (49) - Ib., 208-217.
- (50) - Ib 233.
- (51) - Summ. Add. , p. 284.
- (52) - Ib. , p. 284.
- (53) - Ib. , P. 285.
- (54) - G STOPELLA o. c. , p. 128.
- (55) - N. DALLE VEDOVE, Il Beato Gaspare Bertoni e l'Istituto delle Stimate, parte I, p. 356.
- (56) - G. STOFELLA, o. c., p. 127.
- (57) - N. DALLE VEDOVE, o. c. , parte II, p. 598.
- (58) - CF. 287.
- (59) - Epist. Bertoni, p. 236.
- (60) - N. DALLE VEDOVE, o. c., parte I, p. 29.
- (61) - Ib. , p. 32.
- (62) - Summ. Add. , p. 381.
- (63) - N. DALLE VEDOVE, o. c., parte I, p. 37.
- (64) - Ib. , p. 37.
- (65) - Ib. , p. 39.
- (66) - CF, 166.
- (67) - Cfr. N. DALLE VEDOVE, o. c. , parte. I, p. 400-407.
- (68) - CF, 172.
- (69) - Ib. , 173.
- (70) - Ib. , 175.
- (71) - Ib. , 176.
- (72) - Ib. , 178.
- (73) - Ib. , p, 180 -181.
- (74) - Epist. Bertoni, p, 116.
- (75) - Ib. , p. 138.
- (76) - Summ. Add. , p, 165; 394 .
- (77) - Epist. Bertoni o, 234.
- (78) - Ib. , p. 234, nota 3.
- (79) - Ib. , p. 340.
- (80) - Ib. , p. 214.
- (81) - Summ. Add. p. 178.
- (82) - G. STOFELLA, o. c. , p. 72.
- (83) - Meditazione 14, in G. STOFELLA, o. c. , p. 82.

- (84) - Summ. Add. , p. 177.
(85) - lb. , p. 177.
(86) - CF, 392.
(87) - lb. , 293 e 294.
(88) - lb. , 295.
(89) - lb. , 297.
(90) - ms. 4929: in N. DALLE VEDOVE, o. c. , parte II, p. 505, nota I03.
(91) - Cfr. in N. DALLE VEDOVE, vita e Pensiero del B. Gaspare Bertoni parte I, p. 39, nota I05.
(92) - N. DALLE VEDOVE, Il B. Gaspare Bertoni e l'Istituto delle Stimate, p. II, p. 486.
(93) - Epist. Bertoni, p. 316.
(94) - fr. N. DALLE VEDOVE, Vita e Pensiero del B. Gaspare Bertoni., parte I, p. 551-563.
(95) - Collectanea Stigmatina, III, p. 58.
(96) - Cf. 182.
(97) - lb. , 183; cfr também CF 165.
(98) - Summ. Add, p. 537.
(99) - N. DALLE VEDOVE, Il B. Gaspare Bertoni e l'Istituto delle Stimate, parte I, p. 188.
(I00) - Epist. Bertoni, p. I5I -152.
(101) - Summ. Add. , p. 373.'
(I02) - lb. , p. 160.
(103) - lb. , P. 161.
(104) - G. STOFELLA, o. c., p. 271.
(105) - CF, 246-247.
(106) - Summ. ,Add. , p. 65.
(107) - lb. , p. 207.
(108) - lb. , p, 156-157.'
(109) - lb. , p. 215.
(110) - lb. , p. 496.
(111) - lb. , p. 614.
(112) - lb. , p. 590; 593.
(113) -lb. , p. 611.
(114) - lb. , p. 79-80.
(115) - lb. , p. 81.
(116) - lb. , P. 83.
(117) - N. DALLE VEDOVE, o. c., parte II, p. 398.
(118) - Summ. Add. , p. 76-79.
(119) - Testemunho do Pe. Sorio, editada pela Foglio ufficiale di Verona, aos 13 de junho de 1853, in summ. Add. , p. 94-97.
(120) - Summ. Add. , p. 84.
(121) - lb. , p. 621.
(122) - Cfr. in N. DELLE VEDOVE, Vita e pensiero del B. Gaspar Bertoni, parte II, p. 66, nota I50.
(123) - Cfr. N. DALLE VEDOVE, o. c. , parte II, p. 59.
(124) - Cfr. fl. Dalle Vedove, o. c. , parte II, p. 66-67.

- (125) - Epist. Bertoni, p. 241.
- (126) - Ib. , p. 175.
- (127) - Summ. Add. , p. 173.
- (128) - Ib. , p. 179.
- (129) - Ib. , p. 172.
- (130) - G.B. MONTANARI, *Che faro?* Verona 1866, p. 44, citado pelo P. STOFELLA, o. c. , p. 265.
- (131) - CF, 48.
- (132) - Epist. Bertoni, p. 75.
- (133) - CF. 49.
- (134) - Ib. , 50.
- (135) - Ib. , 57.
- (136) - Ib. , 72.
- (137) - Ib. , 53.
- (138) - Ib. , 54.
- (139) - Epist. Bertoni; p. 140.
- (140) - Ib. , p. 139.
- (141) - CF. 54.
- (142) - Epist. Bertoni, p. 108-110.
- (143) - Ib. , p. 108, nota 4.
- (144) - Ib. , p. 219.
- (145) - CF. 43.
- (146) - CF. 131.
- (147) - CF. 135.
- (148) - Ib. , 136.
- (149) - Ib. , 137.
- (150) - Ib. , 249.
- (151) - Summ. Add. , p. 47.
- (152) -Cfr. G. STOFELLA, *Constituzioni del Ven. Servo di Dio don Gaspare Bertoni*, Verona 1950, p. 23-24.
- (153) - CF. 283.
- (154) - Ib. , 274 - 275.
- (155) - Ib. , 278.
- (156) - Ib. , 278.
- (157) - Ib. , 285.
- (158) - Ib. , 286 - 287.
- (159) - Ib. , 283.
- (160) - Ib. , 271.
- (161) - Ib. , 272.
- (162) - D. GALLIO, *Introduzione alla storia delle Fondazioni religiose a Verona nel primo Ottocento*, in *Chiesa e Spiritualità nell'Ottocento italiano*, a cura di PAOLO BREZZI, Verona 1971, p. 227-310.
- (163) - O Gallio por exemplo, dos escritos de Pe. Gaspar, leu somente o Epistolário e as Constituições (P. 293-295). Hoje os grandes volumes do Dalle Vedove tornaram acessíveis muitos outros escritos de Pe. Gaspar, aumentando assim os horizontes, sem esquecer que uma oportuna contextualização os agroximou muito mais.

- (164) - Epist. Bertoni, p. 232.
- (165) - Ib. , p. 262.
- (166) - R. AUBERT, Il pontificato di Pio IX (1846 -1878), Torino 1976, p. 714-715.
- (167) - Cfr. Collectanea Stimmatica, I, p. 230.'
- (168) - Summ. Add. , p. 66.
- (169) - Acta Apostolicae Sedis, 1975, p. 660 seg.

ENSAIOS SOBRE O ESPÍRITO DE **SÃO GASPAR BERTONI**

5

A ORAÇÃO NO ENSINAMENTO E NA EXPERIÊNCIA DE SÃO GASPAR BERTONI

PE. IGNAZIO BONETTI, CSS

DOCENTE DE TEOLOGIA
NO STUDIO TEOLOGICO INTERRELIGIOSO PUGLIESE, BARI

Idioma original: Italiano

Tradutor para a Língua Portuguesa:

Pe. Benedito Andrade Bettini, CSS

Edição Impressa: 1983

Edição Eletrônica: Agosto de 2004

ÍNDICE

Primeira parte: Oração e vida	136
a. A respiração da alma	137
1. Por que uma respiração da Alma?	137
2. “Converter a estadia na terra em um esboço do céu”	137
3. O espírito de Oração	138
4. Coerência entre ensinamento e esforço pessoal	139
5. Recolhimento e silêncio	139
b. Oração contínua e atividade cotidiana	140
1. A escolha missionária de Pe. Gaspar	140
2. Também o Leigo é chamado à oração contínua	141
3. Um teste exemplar: a correspondência Bertoni - Naudet	142
4. O “único necessário” e “as bagatelas”	143
c. Da abundância do coração	144
1. Vôos do espírito	144
2. Tudo é graça	146
Segunda parte: A oração e as orações	146
a. A meditação da Palavra de Deus	147
1. Necessidade da meditação	147
2. Espírito interior e Obras externas de caridade	148
3. O método de oração	149
b. Liturgia	151
1. A Eucaristia	151
2. Eucaristia e contemplação	151
3. Eucaristia e vida	153
4. O Ofício divino	154
5. Zelo para com o aparato litúrgico	155

c. Piedosos exercícios	156
1. A via sacra	156
2. O exercício da Boa Morte em honra da Paixão	157
3. O rosário mariano	158
Terceira parte: O sacerdote e a oração	159
a. Os negócios de Deus	159
1. O sacerdote instrumento de Cristo para a salvação dos irmãos	159
2. União com Deus e ministério da Palavra	160
3. “O que de menos cuidam os sacerdotes: a oração”	161
b. Como “levar a escada” não só para os outros	162
1. O exercício do ministério deve antes de tudo santificar o sacerdote	162
2. A celebração da Eucaristia, fonte principal de santidade sacerdotal	163
c. Empenho de coerência entre o dizer e o fazer	164
1. Cultura e piedade no sacerdote	164
2. Não bastam belos projetos: são necessárias obras	165
Notas	167

A ORAÇÃO NO ENSINAMENTO E NA EXPERIÊNCIA DE SÃO GASPAR BERTONI

PE. IGNAZIO BONETTI, CSS

O material disponível sobre o tema do ensinamento e experiência de Pe. Gaspar, em relação à oração é relativamente abundante.

Além de numerosos testemunhos ocasionais, seus e de contemporâneos, existem ainda muitos escritos seus, nos quais o argumento da oração, em geral ou em particular, é apresentado de maneira orgânica.

A nossa intenção aqui não é fazer um estudo sistemático sobre a doutrina bertoniana relativa à oração; mesmo porque Pe. Gaspar limita-se propositalmente a expor os ensinamentos tradicionais de maneira muito eclética; não obstante com uma preferência marcada pela espiritualidade inaciana. Pode-se dizer que seus escritos são mais uma antologia de textos extraídos da Bíblia, das obras dos Padres, dos Teólogos, dos Místicos.

Tentaremos, ao invés, ressaltar alguns aspectos do seu ensinamento e da sua experiência pessoal que se apresentam, sentindo nosso parecer, mais característicos; seja porque citados com maior insistência, seja porque coligados com mais íntima coerência aos temas fundamentais da sua espiritualidade.

I PARTE

ORAÇÃO E VIDA

"A Oração é como a vida da nossa vida e alma da nossa alma. É como a respiração: "Abri minha boca e atraí teu espírito" (1). Assim em poucas palavras essenciais e incisivas, Pe. Gaspar anunciava um princípio que é, talvez, a base de todo o seu ensinamento sobre a oração: isto é, a exigência que a oração esteja estreitamente unida com a vida vivida, de tal modo que todos os momentos da existência e da atividade humana tornem-se impregnados da presença de Deus, e assim se possa realizar o ideal da constante união com Ele, da oração contínua.

Ao princípio doutrinal junta-se o testemunho dado pelo seu primeiro biógrafo sobre a experiência por ele vivida. Escreve o Giacobbe: "A oração, tanto vocal como mental, era-lhe familiar, ou direi melhor, por uma prática e hábito contínuo..., conatural. Aquela mente que de fato desde jovem, habituara-se a informá-la e fecundá-la na inexaurível e puríssima fonte das Escrituras divinas, aquele grande coração que não era capaz de outra coisa senão do amor de Deus e das coisas divinas, sentiam uma necessidade imensa, uma irresistível tendência de incendiar-se naquele grande fogo divino que é a meditação das verdades celestiais. E fruto desta sua meditação, era o que se sentia nos seus sermões, nas exortações públicas e

privadas nas quais, ao mesmo tempo em que te inspirava admiração, te induzia, também, à prática daquilo que ele pregava" (2).

Se se toma em consideração o fato de que o Concílio Vaticano II quis renovar profundamente a oração, litúrgica e não litúrgica, e o fez sobretudo com a finalidade de superar o ritualismo e o formalismo para favorecer ao máximo a união entre oração e vida (3), pode-se dizer que o testemunho, oferecido por Pe. Gaspar com sua doutrina e sua experiência apresenta também um notável caráter de atualidade.

a) "A RESPIRAÇÃO DA ALMA"

1. POR QUE UMA RESPIRAÇÃO DA ALMA?

A imagem da "respiração" com que Pe. Gaspar exprime o significado profundo da oração, "vida da nossa vida e alma da nossa alma" parece extremamente eficaz para indicar a estreita conexão que estabelece entre a oração e a vida. Como a respiração, a oração é destinada a oxigenar todo o organismo da vida humana, compenetrando-lhe as fases e os momentos com a presença do Espírito; e para poder operar efetivamente tal compenetração deve ter, como a respiração, um ritmo de incessante continuidade. Trata-se, como é conhecido, de uma imagem absolutamente tradicional, e bem familiar a toda a espiritualidade cristã. Mas o ensinamento de Pe. Gaspar, a propósito, caracteriza-se pela forte insistência com que retorna sobre este tema e sobretudo pela riqueza dos motivos, doutrinários e práticos, com que soube desenvolvê-lo.

À L. Naudet, em um momento para ela difícil em que estava preocupada com o problema de garantir para seu grupo a continuidade da direção espiritual (4), Pe. Gaspar recomenda naturalmente rezar. "Digamos ao Senhor - assim em uma das primeiras cartas à fundadora das Irmãs da S. Família - com grande confiança amorosa: "Dê o que manda e mande o que quiser (5). Aquelas palavras são todas espírito. Que faremos nós? "Abri minha boca e atraí teu espírito". Abrir a boca para a oração, é atrair a abundância do Espírito" (6). Mas, como se vê, a oração sugerida por Pe. Gaspar não é somente um pedido para obter de Deus a concessão de uma graça; ele é o encontro filial com Deus, cheio de abandono, que visa antes de tudo introduzir o Pai com seu Espírito no contexto da vida, para que esta seja iluminada pela Sua luz e compenetrada pelo Seu dom de amor e confiança.

2. "CONVERTER A ESTADIA NA TERRA EM UM ESBOÇO DO CÉU"

A piedosa fundadora, que por sua conta já agia em sintonia com o diretor espiritual - justamente naqueles dias estava empenhada, como aparece no seu *Giornale*, em "estar com o espírito sempre no alto, apoiada e repousada sempre Nele, mantendo aqui na terra só o corpo, espiritualizando assim todas as ações..." 7) - pegou no ar a sugestão oferecida por ele, e pediu logo que lhe explicasse o significado com palavras mais detalhadas. Pe. Gaspar respondeu imediatamente: "Quanto à oração, e ao abrir minha boca e atrair teu espírito, o Espírito Santo responde como se pode fazer: Nada te impeça de rezar sempre. É necessário rezar

sempre sem se cansar. Rezai incessantemente (8). Parece-me que a oração ajudará a oração: o cuidado em fazê-la atrairá maior abundância do Espírito. E este Espírito ajuda a nossa fraqueza (9); de tal modo que possamos, ainda aqui na terra, oferecer o sacrifício perpétuo e perene, e o holocausto que de si mesmos oferecem os Espíritos Bem-aventurados e os Santos, no céu, diante de Deus: O fogo deve sempre manter-se aceso sobre o altar (10). Todos os Servos de Deus, exilados e peregrinos nesta terra, assim o fizeram. Com a força e os auxílios que eles conseguiram, também nós conseguiremos. E já que isto agrada a Deus, e torna-se em glória para Ele, e Ele nos ordena, basta isto para que se possa fazê-la". (11).

A atitude sugerida por Pe. Gaspar à Naudet é pois a de uma oração contínua: que realize já sobre a terra, quanto seja possível, "ó sacrifícios perpétuos e perene dos Santos no Céu diante de Deus". Esta é uma idéia que Pe. Gaspar reforça ainda. "Neste breve tempo em que esperamos a nossa assunção ao deu Reino - escreve à Naudet - vivemos como Anjos, embora sejamos ainda homens, e convertamos a estadia na terra em um esboço do Céu; para mostrar como devemos começar a viver, ainda na terra. Seja bendito e glorificado seu Santo nome pelas nossas línguas e pela nossa vida, para sempre" (12).

Nestes textos Pe. Gaspar mostra também com clareza e precisão, embora com palavras simples e sem pretensões sistemáticas, o fundamento teológico objetivo em que apoia a visão da oração como "respiração" da alma. Se a vida eterna na perfeita e beatífica comunhão com o Pai e com os irmãos é o ponto de chegada e a coroação de um caminho iniciado já aqui na terra com o Batismo e levado adiante com o empenho de amadurecer constantemente em Cristo o germe da vida nova, compreende-se como esta mesma vida terrena do Cristão deva transformar-se "quase em um esboço do céu", e seja mesmo possível "também aqui na terra oferecer o sacrifício perpétuo e perene, e o holocausto que de si mesmos oferecem os Bem-aventurados Espíritos e os Santos no céu, diante de Deus", tornando assim a vida, já aqui, uma incessante oração.

3. O ESPÍRITO DE ORAÇÃO

Além do fundamento teológico, Pe. Gaspar parece sugerir nos textos agora citados, também uma indicação concreta sobre o significado preciso que se deve atribuir à imagem que representa a oração como "respiração" da alma.

Dizendo que "a oração ajudará a oração; a diligência em fazê-la atrairá maior abundância do Espírito", Pe. Gaspar parece referir-se claramente à distração que é posta entre oração entendida como exercício de uma atividade espiritual bem determinada, desenvolvida em tempos certos e com formas próprias, e a oração entendida ao invés como "espírito de oração", que é uma atitude de fé e de amor destinada a animar todas as atividades e todos os momentos da existência cristã, e que se apresenta, portanto não como um fato episódico, embora assíduo, mas como uma dimensão constante da vida.

A imagem da "respiração" aplica-se em sentido próprio e direto, evidentemente, ao espírito de oração; ao qual compete animar toda a vida e atividade do cristão. O exercício de determinadas orações tem uma função essencialmente relativa a respeito do espírito de oração - "a oração ajudará a oração", diz justamente Pe. Gaspar e é portanto, instrumento para alimentar aquele mesmo espírito.

4. COERÊNCIA ENTRE ENSINAMENTO E ESFORÇO PESSOAL

O que ensinava aos outros Pe. Gaspar procurava seriamente executá-lo na sua experiência espiritual. "Ele caminhava sempre na presença de Deus", afirma dele o Pe. Lenotti (13). "Em tudo o que havia em si, ou fora de si, não via outra coisa senão Deus - afirma por sua vez o Pe. Giacobbe - e Deus lhe falava em tudo. Por isso era visto muito freqüentemente andar com a cabeça descoberta pelas ruas...; e em qualquer lugar jamais foi surpreendido senão comportado e quase em atitude de oração diante da divina Majestade, que pela sua fé viva, ele via e sentia presente em todo lugar" (14). É sintomático o fato de que ele anotasse com tom de autocrítica as circunstâncias em que se encontrava "distráido" da sua habitual caminhada na presença de Deus, e procurasse imediatamente renovar o bom propósito. "Lendo eu algo sobre a presença interior de Deus, isto é, se Ele está dentro de nós, não há necessidade do sair fora para procurá-lo..., provei com isso muito sentimento e grande recolhimento, que durou algum tempo depois, ainda que, como de costume, tenha-se distraído um pouco; e grande desejo de agradar em tudo Sua Divina Majestade" (15). Ao final de um dia talvez um pouco mais sobrecarregado que de costume, ele renova assim o seu propósito: "Amanhã vou procurar ser mais diligente, realizando todas as atividades por puro amor e para agradar a Deus" (16).

Como comentário desta última nota do Memorial Privado, o Pe. Stofella observa: "Dir-se-ia o objeto do seu exame particular" (17). A verossimilhança da hipótese do Pe. Stofella confirma-se com o fato de que pouco antes Pe. Gaspar havia marcado a mesma obrigação como objeto do exame particular à L. Naudet, quando assumiu a direção espiritual da piedosa fundadora. De fato ela anota no seu "Giornale", pela metade de janeiro de 1811, que o diretor espiritual lhe havia "prescrito para exame particular: considerar-se sempre na presença de Deus, e fazer o que se sabe ser do seu agrado" (18).

5. RECOLHIMENTO E SILÊNCIO

À luz dessa exigência de base compreende-se também a atenção assídua com que Pe. Gaspar cuidava do recolhimento e do silêncio, da modéstia do comportamento exterior, da prudência no trato com o povo, embora sem sombra de peso ou de misantropia. "O cuidado com o silêncio - escreve à L. Naudet - a brevidade nas conversas, o esquivar-se dos modos burlescos; é ter o ouvido pronto para a palavra suavíssima do nosso Criador" (19). Interessante, também sua observação sobre o comportamento exterior: "Quem deseja um recolhimento interior, deve buscá-lo na modéstia exterior; não distraído-se com olhares, nem

movimentando-se inconvenientemente" (20). "O nosso andar - escrevera um pouco antes no mesmo dia - deve ser pausado, e não apressado e afetado" (21).

Nas Constituições ele inserirá uma sessão inteira, a III sessão da VII parte, sobre o tema da "quádrupla modéstia"; vista antes de tudo na sua natural relação com a castidade consagrada, mas também na perspectiva mais profunda como coeficiente importante na relação com Deus, "Cultivem todos a modéstia em tudo - prescreve a CF 120 - de tal modo que ela apareça aos olhos de cada um, em casa ou fora, para o louvor de Deus". Fazem parte da quádrupla modéstia, segundo Pe. Gaspar - que segue de perto o ensinamento de S. Tomás neste ponto - a humildade, a estudiosidade, a moderação dos sentidos, a moderação na aparência externa (22). Os testemunhos que ilustram o comportamento de Pe. Gaspar são muito eloqüentes, e impressionam também pela sua continuidade. No Memorial Privado, que reflete a idade ainda jovem, são numerosas as anotações relativas ao cuidado com o recolhimento; que é sentido como um dom de Deus, talvez ainda ligado com algum fenômeno de provável natureza mística, mas que ao mesmo tempo traz consigo um grande esforço pessoal de correspondência. "Lágrimas durante a missa e recolhimento após; e silêncio": assim no dia 10 de outubro de 1808 (23). De Pe. Gaspar, já idoso, o Pe. Lenotti testemunha, depois de ter dito que caminhava sempre na presença de Deus: "Porisso quando andava pela cidade podia ser visto com o chapéu na mão... De quando em quando, havendo ocasião, saía com certos afetos devotos, e sentimentos ternos e fortes de compunção, com um tal brilho externo dos olhos, na compostura da pessoa, no rosto, que dava conforto e devoção, e mostrava suficientemente o espírito do Senhor do qual estava repleto" (24).

b) ORAÇÃO CONTÍNUA E ATIVIDADE COTIDIANA

1. A ESCOLHA MISSIONÁRIA DE PE. GASPAR

Para poder apreciar plenamente o alcance das indicações de Pe. Gaspar sobre a oração contínua, capaz de tornar "vida da nossa vida", "alma da nossa alma", "respiração" do cristão, é bom lembrar que ele escolheu para si não a vida contemplativa, mas a apostólica e missionária; e que o seu ensinamento sobre a oração é dirigida a confrades empenhados como ele na missão apostólica, a sacerdotes com o cuidado de almas, a pessoas que como Leopoldina Naudet, estavam mergulhadas no trabalho e nas preocupações inerentes a grandes responsabilidades. É neste contexto de vivo empenho pela atividade que se coloca o apelo de Pe. Gaspar à oração contínua. Ao contrário, pode-se afirmar sem mais que a força e a firmeza de tal apelo está justamente nisto: em lembrar que o ideal da oração contínua, destinado a "converter a estadia na terra em um esboço do Céu", não é reservado àqueles poucos que tiveram a vocação privilegiada à vida contemplativa, mas é acessível a todos os cristãos. Para todos, de fato, é possível através da atuação de um oportuno programa de exercícios de piedade, animar a própria vida e atividades com um constante espírito de oração.

Que Pe. Gaspar tomasse a sério a sua vocação missionária e o empenho na atividade, fica bem claro do que dele escreveu seu biógrafo. Mas impressiona o fato de que ele coloque a base, mesmo em nível de reflexão teológica e de direção espiritual, sobre a exigência de aplicar-se ao próprio trabalho com fidelidade e dedicação; mesmo a custo de interromper, quando urgir a necessidade, o exercício da oração. "É necessário que Vossa Senhoria com muita discrição abandone os sentidos - escreve à Naudet, que o interrogara como devesse regular-se quando sentia-se atraída pela oração até o êxtase e o abandono, justamente dos sentidos - lá onde é suficiente estar o coração só por poucos momentos. Virá o dia em que coração e sentidos ficarão inebriados por aquela fonte de felicidade. Mas no entanto, para conseguí-la - sendo paga e prêmio - convém trabalhar em servir este Deus tão bom, ajudá-lo na sua obra, pela qual enviou Ele ao mundo até o Seu Filho... Se quer um exemplo, o encontrará no Santo que a Senhora quer imitar, o qual deixou a doce solidão em que tinha tão doces entretenimentos com seu Senhor e a mais doce contemplação, pela ação mais viva e eficaz no meio do mundo" (25). Nesta linha coloca-se também a reflexão anotada no Memorial Privado, relativa ao não fácil problema prático de estabelecer um justo equilíbrio entre o tempo a ser dedicado aos exercícios de piedade e o de empenhar-se no trabalho. "Os que são muito inclinados à ação - havia anotado no dia 12 de junho de 1808 - devem ser alertados para a oração; os que se apegam demais à oração convém impeli-los à ação" (26).

Mas no mesmo ato que sustenta assim decididamente a importância do empenho na ação, Pe. Gaspar revigora com não menor decisão e clareza a necessidade de que a ação seja animada pelo espírito de oração; para que se possa realizar o ideal da oração contínua.

2. TAMBÉM O LEIGO É CHAMADO À ORAÇÃO CONTÍNUA

Em uma das belíssimas pregações juvenis, extraídas da Filotea de S. Francisco de Sales e inspirada no seu "humanismo devoto", ele exprime com paixão a certeza de que é possível ao verdadeiro cristão - e se percebe claramente que o discurso é dirigido a um auditório de leigos - realizar a oração contínua compenetrando toda atividade com o espírito de oração; e é também significativo que já neste texto se encontre um aceno ao fundamento teológico de tal possibilidade, enquanto a vida terrena do cristão quer ser um esboço do paraíso. "A devoção tem igualmente asas para voar ao céu - afirma o jovem Pe. Gaspar - e pés para caminhar na terra; e enquanto tem as mãos continuamente em movimento para agir, sabe também repousar tranqüilamente com seu coração em Deus. Tem olhos para velar, para presidir, para dirigir-se nos deveres temporais; e tem também um outro olhar mais agudo de sua mente com o qual jamais perde de vista seu último fim, para conciliar-se com o divino beneplácito em toda sua ação e para endereçar tudo para Sua glória. Tem língua para falar com os homens e também secretamente na alma, quase como outras tantas bocas, todas suas potências interiores, para não mais cessar de louvar e bendizer o seu Deus. Trata assim com o mundo e conversa com seu espírito nos céus, emulando por assim dizer aqueles bem-aventurados concidadãos. Antes, atraindo o seu Deus para si por amor, encontra-se em si e o possui na abundância de paz, e desfruta ainda na terra um outro paraíso" (27).

3. UM TESTE EXEMPLAR: A CORRESPONDÊNCIA BERTONI - NAUDET

A alentada correspondência epistolar de Pe. Gaspar com L. Naudet (28), da qual já retiramos algumas das mais profundas amostras do princípio, apresenta-se também como um teste no qual é possível colher ao vivo e nos termos mais concretos o significado da oração contínua, do entrelaçamento entre atividade cotidiana e espírito de oração, como era concebida, ensinada, vivida por ele. Impressiona em tal correspondência, sobretudo a naturalidade com que Pe. Gaspar passa da atenção dos aspectos mais práticos e mesmo técnicos dos problemas - que ele toma sempre muito a sério, demonstrando interesse, competência e habilidade muitas vezes surpreendentes - à perspectiva da fé, que o faz encontrar sempre o meio de inserir no âmago dos problemas e dos afazeres a presença do Espírito.

O período de tempo, daquela correspondência compreende os anos cruciais da fundação, pela Naudet, do Instituto das Irmãs da Sagrada Família; e nas cartas da fundadora a Pe. Gaspar apresenta-se com enorme variedade de problemas, que giram do campo da direção espiritual ao da escolha das novas vocações para o Instituto, da formação cultural e religiosa das Irmãs à procura de uma casa apta para a comunidade que se desenvolve, das relações com a B. Madalena de Canossa (29) à série de práticas para obter a aprovação do Instituto por parte das autoridades e até mesmo no campo administrativo.

Nas suas cartas de resposta Pe. Gaspar enfrenta todos estes problemas. Aí se encontram sugestões sobre como fazer os Exercícios Espirituais, critérios para discernir as vocações religiosas autênticas, orientações para a compilação das regras da nova Congregação. Muitas vezes Pe. Gaspar alonga-se na ilustração dos métodos didáticos para a formação das professoras e das alunas, indicando também os textos escolares mais adaptados e colaborando ativamente na elaboração do Plano de estudos. Com particular atenção se interessa pelo delicado problema da separação do grupo da Leopoldina do Retiro Canossa e do encontro de um lugar adaptado; acompanha pessoalmente as práticas feitas pela fundadora para obter a aprovação jurídica do Instituto e redação do texto das petições a serem enviadas a Viena e a Roma. Encontra ainda o meio de inserir aqui e ali, para não desmentir o bom sangue "scaligero", uma pitada de humor.

Uma das melhores companheiras de Leopoldina, Sofia Gagnère, temia que deixando o Retiro Canossa para seguir a fundadora na clausura, não teria mais a possibilidade de ir ter com Pe. Gaspar em S. Firmo (30). Pe. Gaspar interveio prontamente: "Diga, se achar bom e oportuno, à senhora Sofia, que é preciso acostumar-se a tudo... Eu desejo que se firme na sua vocação, que é de ir a tolos os lugares, e não se detenha em S. Firmo, que está sempre em um lugar (31). Acenando a uma inocente fraqueza do amigo e colaborador Pe. Matteo Farinati, confia à Naudet: "Pe. Farinati terá nestas notícias um prato agradável à sua curiosidade. Ele está como um cão no rasto, farejando sempre, e algumas vezes raspando a terra, e sempre conseguindo alguma coisa para levar adiante e ruminar,

meditar e conferir na sua fantasia" (32). Mesmo em relação à Marquesa di Canossa Pe. Gaspar permite-se alguma piadinha. Fala dela como de uma "fortaleza munida de muitos terraplenos, fossos e paliçadas" (33); e tratando-se do convencê-la em consentir que uma companheira de Leopoldina, uma certa Cristina Scalfo, que a Marquesa visava para seu Instituto, seguisse sua vocação de irmã da S. Família, sugeriu à Naudet: "Talvez um assalto bem dirigido e forte - e algumas bombas atiradas dentro da fortaleza - poderia, se não vencê-la, angustiá-la e fazê-la capitular... Mas Vossa Senhoria - conclui, desta vez seriamente Pe. Gaspar - considere a coisa também diante de Deus"

Eis: é justamente esse apelo a Deus e uma visão de fé alimentada pela oração - apelo contínuo e colocado com naturalidade mesmo no meio de um assunto sobre escola ou sobre as Regras, ou até mesmo numa saída chistosa - que constitui a característica mais relevante das cartas escritas por Pe. Gaspar à Naudet.

4. O ÚNICO NECESSÁRIO" E "AS BAGATELAS

Nas suas cartas Pe. Gaspar sabe também impelir a piedosa fundadora, sobretudo nos momentos mais difíceis e penosos até o vértice da mística sponsal; e isto não certamente para fugir das imperiosas exigências das situações concretas, mas para haurir da presença do Esposo a luz e a força necessárias para afrontá-las. Ora, esta mesma dinâmica é constantemente aplicada por Pe. Gaspar, ainda nas mais ordinárias situações da vida; com o convite repetido de maneira verdadeiramente martelante para ver todas as coisas à luz de Deus, para atingir a fonte da oração e energia e a coragem necessárias para as orações cotidianas.

"As obras desse tipo são o fruto principalíssimo da oração - pesquisemos, pois, alguns testemunhos entre os muitos que ocorrem na correspondência de Pe. Gaspar à Naudet. - Esteja atenta, porém, Vossa, Senhoria em não sobrecarregar as próprias forças no trabalho destas constituições... além do que possam suportar. A senhora refletiu muitíssimo bem que o coração do Rei está nas mãos de Deus. Deve-se ter os olhos principalmente em Deus, e feito o que lhe agrada, tudo irá bem: "tenho meus olhos sempre fixos no Senhor, porque Ele livrará dos laços os meus pés... se compraz na lei do Senhor... e por isso todas suas obras prosperarão" (35). Em uma outra carta - dedicada quase por inteiro ao assunto da responsabilidade de uma superiora na orientação da vida espiritual da comunidade: é uma das mais belas - escreve: "Em suma, o tudo, em última instância, restringe-se a uma fé viva, e a uma incessante oração. Deixemos que Deus entre livremente e possua esta alma que Ele tanto ama e procura uní-la a Si. Conheçamos o tempo de sua visita. Supliquemos a todas as criaturas e aos nossos sentidos que não perturbem esta alma, quando ela estiver repousando no tálamo do seu Senhor. Nada mais se requer. A seu tempo ela produzirá um fruto tão precioso, tão sublime, tão nobre, digno de núpcias tão santas e tão sublimes" (36).

E ainda: "Ótimo sim é o modo que Vossa Senhoria teve na oração, afirmando Cristo Senhor nosso que: só uma coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte (isto é, de tender ao necessário) que não lhe será tirado. Todo o restante, de fato,

não é mais que bagatela. Parece que o Senhor faz como certos senhores deste mundo, que reservando para si as preocupações dos grandes negócios, deixam a administração das coisas domésticas livremente confiadas à direção prudente de suas esposas... e ao primeiro sinal dizem logo; façam vocês, tudo será bem feito. Eis porém a que tende o providente cuidado de Nosso Senhor: fazer-nos viver do espírito, espiritualizar todas as coisas, de modo que... estejamos de tal modo com ele e confiados na sua infinita misericórdia e bondade, que não nos deixemos remover dela por nada que aconteça aqui em baixo. Este é o nosso melhor bem; e deste, Nosso Senhor se ocupa plenamente e com toda solícitude. Os seus bens - que são os que nós oferecemos e consagramos a Ele - deixa livremente à administração de nossa pequena prudência, e não quer ouvir nem uma palavra" (37).

Entendamo-nos: não é que Pe. Gaspar queira desvalorizar o fardo concreto das obrigações cotidianas. Apenas se viu como ele esteja sempre ao lado da Naudet na multidão e variedade de tais obrigações, colocando sempre à disposição dela o seu operoso interesse e sua competência. Se as classifica como "bagatelas" é para lembrar que é preciso respeitar uma hierarquia de valores; na qual cada coisa tem seu valor e é tomada a sério, mas sabendo distinguir entre o que é relativo e o que é absoluto.

Simbólica, em tal sentido, a atitude assumida por Pe. Gaspar em relação a algumas autênticas bagatelas. "Advirta Vossa Senhoria - escreve no dia 5 de junho de 1815 - de guardar cópia destas cartas que ela responde; e cuide ainda de escrever possivelmente de modo que torne útil se for a carta apresentada. O Senhor abençoará seguramente estas pequenas atenções, que se usam para servi-Lo: onde não se procura senão o melhor interesse de Sua glória. Ele da sua parte fará as coisas grandes. E nós o bendiremos e o agradeceremos" (38). Numa carta escrita alguns meses antes, se preocupava diretamente com a ortografia da sua correspondente. "Diante do plural dos nomes que começam com consoante coloca-se LI...; GLI coloca-se diante dos que começam com vogal... Console-se com a senhora Sofia que melhora muito a sua ortografia. E também isto é necessário para a Divina Glória" (39). Tudo importante, mesmo a ortografia; mas em tudo o que realmente conta e dá valor absoluto é que seja visto à luz da fé, seja animado pela oração, e seja dirigido para a glória de Deus.

c) DA ABUNDÂNCIA DO CORAÇÃO

1. VÔOS DO ESPÍRITO

Até que ponto realizou-se efetivamente na vida de Pe. Gaspar esta constante e amorosa atenção à presença de Deus, esta continuidade do espírito de oração, pode-se avaliar, entre outros, por fenômeno bastante singular e todavia muito significativo: isto é, pela facilidade e pela frequência com que ele se eleva quase improvisamente da trama e dos pensamentos e das ocupações ordinárias a intensos ímpetos de altíssima contemplação, que se apresentam como vôos do espírito (40).

O fenômeno é documentável, sobretudo através de um exame no Epistolário. Em uma carta do final de 1812, enquanto está tratando de um eventual retorno seu ao Retiro Canossa, depois da doença, e antes de passar a examinar os casos um pouco intrincados de algumas companheiras da Naudet, tem um súbito arrebatamento, ocasionado provavelmente por uma citação bíblica sobre a divina Providência: "Ó grande Deus! Quanto sois bom e inclinado a amar a nós miseráveis vermes! Quando será que nós vos amaremos com todo o nosso coração, e vos conheceremos e temeremos por aquilo que sois? Meu Deus e meu tudo" (41). Em outra carta escrita poucos dias depois, aos 15 de janeiro de 1813 enquanto ainda está preso no quarto convalescendo, procura encorajar à Naudet que se encontra no momento em dificuldade, prometendo a própria oração e lembrando o estilo da divina Providência que sabe dispor "cada coisa ao fim previsto"; depois acena à sua própria condição de enfermo que "não fazendo quase nada, fica vendo o que o Senhor faz". E aqui explode: "Oh como Ele é muito bom! E como supera todo o nosso louvor! Devemos, portanto não parar de louvá-Lo quanto podemos... E temos ainda um gravíssimo mandamento de esperar que nossas misérias sejam um dia transformadas em tanta glória, e sermos semelhantes a Ele. Seja agradecido, bendito, amado para sempre" (42).

Em agosto daquele mesmo ano de 1813 quem se encontra em dificuldade é justamente ele, Pe. Gaspar, em razão de uma suposta nomeação sua como vice-reitor do seminário (43). Em uma carta de 31 de agosto de 1813 ele expõe a situação à Naudet, pede-lhe auxílio da oração, apresenta-lhe também alguma discreta intervenção junto aos médicos através do fiel amigo comum, Pe. Farinati. Faz imediatamente um apelo, naturalmente, num lance de fé: "Vê-se que Deus quer que nos lembremos dele, Nele esteja todo o nosso pensamento e afeto, perpetuamente firme e recolhido. Afinal de contas, nós somos sempre diligentes quando amamos a Deus" (44). E com este aceno a Deus o coração se expande espontaneamente em um ímpeto: "Feliz aquele que se perde neste abismo! Que se atira corajoso e naufrago, neste oceano! Nunca está mais segura uma criancinha do que, quando aconchegada no colo da mãe, abandona todo pensamento e cuidado de si mesma. Ela não vê, não ouve, não fala. Mas por ela vê, ouve, fala e age a mãe. E, quando ela quer, sabe e pode acordá-la, estando perto" (45).

Semelhantes ímpetos repentinos do coração para com Deus, encontram-se também nos fragmentos restantes da correspondência entre Pe. Bertoni e Pe. Luiz Bragato.

"Oh que bom Pastor! - exclama em uma carta de 29-05-1840. Deixe-se em tudo e por tudo, como sábia, dócil e humilde ovelha, sustentar, guiar, apascentar-se por Ele" (46). E ainda "Confiemos em Deus, que é uma grande confiança, desconfiados em tudo de nós. É bom colocar no meu Deus a minha esperança. E por muitas tribulações... não obstante as temos, esperamos com toda firmeza, a entrada aberta para Sua glória, onde continuamente suspira o nosso coração... Nós cantamos: creio em um só Deus. E canta-se não somente com a voz, mas também e com mais fervor com o coração... E o maestro deste canto celeste não é Guido

Aretino, mas o Espírito Santo. Ele encha seu espírito com suas consolações, para que não cesse este canto, tão doce aos ouvidos de Deus. Passe bem e reze" (47).

Existem testemunhos de contemporâneos que confirmam como fossem freqüentes em Pe. Gaspar estes lampejos de chama: demonstrando que no seu coração continuava constantemente aceso, mesmo debaixo da cinza das ocupações cotidianas, o fogo do espírito de oração. Pe. Carlos Fedelini, que por doze anos foi seu assistente e enfermeiro, atesta: "Falando um dia aos seus discípulos sobre coisas religiosas, exclamou improvisamente: Basta! O pecado é um grande mal! E começou a chorar" (49).

2. TUDO É GRAÇA

Juntamente com este fenômeno é lembrada também uma atitude marcada como característica pelos biógrafos de Pe. Gaspar: isto é o freqüente recurso que ele fazia à oração de agradecimento pelas diversas circunstâncias, agradáveis ou menos agradáveis, da vida. "Era-lhe tão familiar este ato de religião - escreve Pe. Giacobbe - e queria, tanto que fosse amado e praticado pelos seus, que conforme o testemunho deles, não deixava jamais a ocasião de qualquer acontecimento importante, que não se dirigisse a eles dizendo: Oh! sejam dadas graças ao Senhor por tudo o que Ele fez na sua infinita misericórdia! Sejam dados louvores a Ele, que nos tratou como Pai que é; sim agradeçamo-lo de tudo e cantemos-lhe um solene Te Deum. Assim acostumava seus filhos a serem agradecidos a Deus pelos benefícios recebidos dele, fossem quais fossem; e assim queria que a Deus e à sua graça eles referissem toda a glória de algum bem operado, ou de qualquer vitória, conseguida sobre a matéria" (50). Pe. Giacobbe sublinha ainda que Pe. Gaspar "manteve constante e sincero" o agradecimento a Deus, "Não somente nas coisas prósperas, mas também nas adversas, e mesmo nas bem dolorosas" (51).

Agradecer a Deus não é somente um gesto de boa educação, mas é um profundo ato de piedade, de fé, de amor; enquanto equivale a reconhecer que "tudo é graça" e a sentir a presença da mão amorosa do Pai em todos os acontecimentos. A atitude de agradecer sempre o Senhor apresenta-se também como uma das expressões mais verdadeiras do espírito de oração que tende a animar de fé e de amor os momentos da vida cotidiana. Se Pe. Gaspar era tão inclinado e assíduo em cultivar esta atitude quer dizer que o seu coração possuía verdadeiramente em abundância o espírito de oração, o dom da oração contínua.

II PARTE

a) ORAÇÃO E AS ORAÇÕES

Passamos agora a estudar o papel que na vida de oração de Pe. Gaspar ocupam alguns destes determinados exercícios de piedade, litúrgicos e não litúrgicos, que segundo a tradição da espiritualidade cristã são destinados a alimentar o espírito de oração. Veremos assim como entendia e praticava a

meditação da Palavra de Deus, a Eucaristia e o ofício divino, e também outros particularmente queridos por ele como a Via Sacra, o Rosário mariano, a função da sexta-feira.

No que se refere, em particular, às celebrações litúrgicas, deve-se ter presente o fato de que no tempo de Pe. Gaspar a grande reforma realizada pelo Vaticano II, e mesmo o próprio movimento litúrgico que a preparou, estavam muito longe de chegar. Não deverá portanto ser surpresa se alguma atitude sua não for plenamente de acordo com os critérios evocados pelo Concílio; especialmente no que concerne ao caráter comunitário da oração oficial da Igreja. Mas ao invés, parece merecedor de atenção o fato de que, não obstante os condicionamentos da mentalidade ritualística e devocionista então vigente, Pe. Gaspar tenha conseguido intuir e realizar mesmo neste campo, como veremos, a ligação entre oração e vida, que é um pouco, alma de todo o seu esforço espiritual.

Deve-se salientar o fato de que Pe. Gaspar tinha clara percepção da proeminência e da centralidade da liturgia, em particular da Eucaristia, no rol das obrigações de piedade. Há um sinal - entre tantos que veremos - insistência com que exigia que normalmente a meditação precedesse a celebração da S. Missa; "recomendava grandemente a meditação - afirma Pe. Lenotti - e procurava o mais que podia que os seus a fizessem antes da missa, apesar da urgência das confissões, ao menos uma parte, e depois se completasse em outra hora" (52).

a) A MEDITAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

1. NECESSIDADE DA MEDITAÇÃO

Fica-se logo atingido pela energia com que Pe. Gaspar afirma a importância da meditação para a vida espiritual e apostólica, e portanto a necessidade de manter-se fiel diariamente com firme intransigência. "Pe. Gaspar - escreve a este propósito Pe. Giacobbe- estava sempre unido com Deus, por uma santa meditação. E isto ele praticava muito fielmente, convencido da enorme necessidade para um eclesiástico, recomendava, pois a todos, e com grande calor às pessoas consagradas ao Senhor. Aconselhava isto a todos, mesmo aos jovens do Oratório por ele fundado, muitos dos quais, principalmente dos seus primeiros alunos e companheiros, deram frutos prodigiosos por este santo exercício. Mas para com seus religiosos, não era somente conselho, ou exortação, mas um dever e muito rigoroso; porisso teria tolerado neles a omissão de qualquer outro dever, jamais da meditação. E se alguma vez uma obrigação urgente e mais grave tivesse ocupado o tempo da meditação da manhã, queria, porém, a todo custo e o mais rápido possível, que eles cumprissem a meditação, mesmo no lugar de outra ocupação ou ministério também importante" (53).

Entre as motivações colocadas como base de tal insistência de Pe. Gaspar sobre a fidelidade à meditação, a que ocorre com mais frequência está estreitamente ligada à sua vocação missionária, e é a exigência de que a atividade apostólica e

caritativa seja constantemente animada pela fé e pelo amor, daquele espírito sobrenatural que pode torná-la verdadeiramente frutuosa..

Já sabemos que por sua vez Pe. Gaspar achegava-se com assídua leitura e meditação à Palavra de Deus para encontrar nela a "regra única e infalível do pensamento e da ação" (54). À L. Naudet que no sofrimento andava amadurecendo a fundação do Instituto a que sentia-se pessoalmente chamada, Pe. Gaspar indica na meditação da Palavra de Deus o manancial para atingir a luz, a coragem, a força necessárias naquelas difíceis circunstâncias. "Consolo-me com suas catacumbas ou, realmente, com seu Cenáculo de portas fechadas - escreve em uma carta de 1814. - O Espírito descerá aí e tudo arderá. Permaneceu na cidade, até que sejais revestidos da força do alto. (55). S. Gregório Magno nota que a abundância e o aumento da Caridade, é o sinal decisivo e definitivo do momento que se deve começar a apresentar os trabalhos, concebidos já há bastante tempo nas luzes secretas e nas inspirações ocultas do Espírito Santo, e fomentadas com o calor da oração e nutridas e amadurecidas com muitas meditações" (56). E ainda, sempre à Leopoldina Naudet: "Onde se aprende esta prudência não comum mas celestial? E quem pode legislar ou ensinar? Eis a escola, eis o Mestre, que a S. Escritura apresenta-nos: "Introduziu-me num celeiro, e o seu estandarte, que levanta sobre mim, é o amor (57). É preciso deixar-me bem introduzir por esse Rei que nos chama, nos convida, nos espera até que entremos na Cantina do seu amor... Chegada a alma aqui, por grande sorte sua, a inebria com o vinho da sua caridade. Este vinho precioso alegra, fortifica, tira a alma fora de si, e unindo-se com Deus a dirige perfeitissimamente... Em seguida uma luz de admirável sabedoria e divina prudência se espalha no intelecto, para julgar tudo que é relacionado com Deus ou como efeito, ou como meio para conseguí-lo no futuro, ou glorificá-lo no presente. Pretendo com isto animar sempre mais a caridade de Vossa Senhoria e compreender toda a sua força na oração; de onde conseguir luzes oportunas nas circunstâncias difíceis para clarear os caminhos que deve palmilhar" (58).

2. "ESPÍRITO INTERIOR" E "OBRAS EXTERNAS DE CARIDADE"

Há uma preciosa anotação do Memorial Privado - de 16 de novembro de 1808 - toda centralizada no tema da necessidade da oração mental bem feita, vista como condição indispensável para conseguir, na ação exterior, "frutos sazoados e maduros de caridade". A nota é tanto mais interessante enquanto contém indicações bem concretas para que no caminho da oração, destinado com certeza a levar até o vértice da contemplação, evitem-se as fáceis ilusões e nos disponha a percorrer todas as etapas necessárias ao verdadeiro progresso. Algumas pessoas na vida espiritual começam a construir às avessas. Partem do fervor da obra externa de caridade, onde de caridade há pouco, mas muito de natureza; consequentemente aparecem neles uns sinais de oração sobrenatural, apenas superficiais, que se revelam como tais pela inconstância e pouca duração, ou pela ausência dos firmes resultados que acompanham aquela oração mais sublime. Estando nessa situação, vivem no puro ócio, sem proveito algum; convém, pois, a eles mudar de oração e voltar ao ponto de partida, visto não haver sólido fundamento no que estão fazendo. Verdadeiro fundamento é o espírito interior que a seu tempo produzirá frutos firmes e

maduros de caridade. Até lá deverá ser guiada por uma disciplina mais rígida de obediência e por uma oração mais prática que estimula a vontade" (59).

Observe-se o modo original, e quase paradoxal, com que Pe. Gaspar alerta contra a eterna tentação do ativismo, e relembra o papel essencial no que respeita a oração como alta da atividade exterior. Ele admite justamente que ainda quem começa "às avessas", isto é "do fervor da obra externa de caridade", possa eventualmente experimentar em si "uns sinais de oração sobrenatural" (isto é, de ordem mística); mas nota imediatamente, que, mesmo admitindo tal eventualidade, trata-se de sinais "apenas superficiais, que se revelam como tais pela inconstância e pouca duração, ou pela ausência dos firmes resultados que acompanham aquela oração mais sublime", isto é, a verdadeira oração mística. Só através de um caminho autêntico de oração, que parta do "sólido fundamento" do "espírito interior" - dando assim uma clara proeminência à oração em relação à atividade exterior - será possível o progresso através dos vértices da contemplação e garantir portanto à ação apostólica a fecundidade de "frutos sazonados e maduros de caridade". No contexto, pois, deste caminho autêntico de oração se insere, junto com o cuidado do "espírito interior", a aceitação de "uma disciplina mais rígida de obediência" e o exercício de "uma oração mais prática": condições indispensáveis para atingir a oração mais sublime.

Nestas expressões do jovem Pe. Gaspar se colhe o eco dos ensinamentos feitos pelos grandes mestres da oração. S. Teresa d'Ávila reconhece precisamente na oração contemplativa do mais alto grau - a união transformante ou "matrimônio espiritual", alcançada na sétima mansão do Castelo interior - a fonte mais fecunda das obras de caridade. "Para isto tendo o matrimônio espiritual: para produzir obras e obras, sendo estas, como disse, o verdadeiro sinal para conhecer se se trata de favores e de graças divinas" (60). Por outro lado S. Inácio de Loyola não se cansa de prevenir contra a fácil ilusão de poder atingir com facilidade as culminâncias de contemplação; e evoca constantemente a exigência de percorrer todas as etapas discursiva e metódica.

2. O MÉTODO DE ORAÇÃO

A propósito do "método de oração", que há alguns séculos foi introduzida sistematicamente na tradição espiritual - graças ao qual se chegou muitas vezes também a identificar, praticamente, a meditação com a oração mental metódica - Pe. Gaspar assume uma posição que merece ser assinalada. Digamos logo que sobre este ponto ele se atém com absoluta fidelidade à doutrina de Santo Inácio. Mas a sua é uma fidelidade global e dinâmica; enquanto ela não só assentua o valor do método, mas sabe salientar também os limites e indica também, sempre nas pegadas de S. Inácio, a utilização mais sábia.

Nas instruções dos exercícios espirituais ao clero Pe. Gaspar ilustra amplamente o método inaciano de meditação, expondo e comentando, com escrupulosa adesão no texto dos Exercícios, todas as indicações contidas no clássico livrinho (61). Mas ao mesmo tempo ele mostra que sabe colher de seu mestre as orientações práticas

de onde aparece que o método é um meio e tem pois um valor relativo, não absoluto. À L. Naudet, referindo-se diretamente dos mesmos exercícios espirituais - mas é evidente que o assunto serve também para a meditação, que constitui a ossatura dos exercícios - escreve: "Parece-me da nossa parte, que o método do retiro de oito dias não poderá ser melhor, que tirá-los dos Exercícios de S. Inácio. Disse da nossa parte, porque, da parte de Deus Nosso Senhor será conveniente deixar-lhe toda liberdade, sem restringi-lo nem a horas, nem a temas, nem a métodos, nem a dias. O que importa, a meu parecer, é que quando a alma não está atualmente atraída por Deus, ela deve preparar-se segundo o que prescrito no livro autêntico de S. Inácio, e observar diligentemente o horário, o método, o tema, a ordem e o que mais ali houver; mas quando o Senhor o atrai, não convém observar outra coisa, mas seguir-lhe quanto o apraz" (62). Poucos dias depois foi reforçada a mesma diretiva: "Quanto ao falado sobre os caminhos dos Exercícios, deve ser assim entendido, que ao mesmo tempo prudente e discretamente, Vossa Senhoria, sabendo que o Senhor não se atém a caminhos, o siga mesmo fora de caminho e fora de tempo (63).

O método pois é sem dúvida um instrumento válido, até mesmo normalmente indispensável, para aprender a difícil arte da oração mental. Mas, diferentemente de qualquer arte puramente humana, a oração é sobretudo um dom gratuito de Deus, e o progresso para as formas e os graus mais elevados de oração é marcado por uma gradual preponderância de iniciativa divina com respeito à atividade humana; a tal ponto que, nos graus mais sublimes da contemplação mística, o homem torna-se admiravelmente "passivo" diante da orientação do Espírito Santo. Porisso pode-se também dizer que o melhor método para, a oração mental é o que dispõe mais eficazmente a alma para acolher em si a iniciativa divina e a torna sempre mais disponível a ela. É este, de fato o pensamento genuíno de S. Inácio; que reconhece a proeminência absoluta da "virtude divina" sobre o raciocínio humano no caminho da oração mental, e ensina que "o muito saber não sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e provar as coisas internamente" (64).

É significativo o fato que justamente sobre esta indicação de S. Inácio insista Pe. Gaspar - escrevendo ainda a L. Naudet - quando trata da "preparação da meditação". "Quanto à preparação da Meditação - a carta é de 6 de março de 1813 - o sentimento interno e de recolhimento é melhor que o intelecto. No primeiro caso o intelecto sem discorrer com raciocínio, vê de um golpe de vista; e sem divagar de uma coisa para outra, firma-se no objeto principal; e ele sem andar adiante e voltar depois atrás da vontade, a tem por companheira e talvez a previna. Aquele (isto é o intelecto o raciocínio) fica, juntamente com o auxílio de Deus, em nossa mão; este (isto é, o sentimento interno) com o nosso consentimento, depende de Deus. Aquele é usado pelos homens na terra; este mais se assemelha ao que faremos perfeitamente no Céu. Daí eu havia prevenido Vossa Senhoria de não colocar as mãos diante de Deus, embora devesse preparar os caminhos, segundo os utilíssimos detalhes de S. Inácio" (65). Na mesma direção é colocada também uma outra indicação de Pe. Gaspar, desta vez para si mesmo, e que atinge diretamente o conteúdo da meditação- "Na oração comece por Cristo e sua Paixão - anota no Memorial Privado - e depois, se Deus se dignar atraí-lo, deixe à larga o espírito" (56).

Uma certa tendência de impor o catálogo do método para a meditação se fez sentir, como é conhecido, na tradição espiritual e formativa destes últimos séculos com o resultado de frear talvez o ímpeto contemplativo da oração mental e de introduzir aí traços de formalismo e de legalismo. Isto também, provavelmente, contribuiu para determinar um certo processo de ritualização e de separação da vida vivida que se encontra exposta não só a oração litúrgica, mas o próprio exercício de meditação. O ensinamento de Pe. Gaspar enquanto reforça com incomum firmeza a necessidade desta indispensável forma de oração, apresenta-a, por outro lado, ao seu mais genuíno significado.

b) A LITURGIA

1. A EUCARISTIA

A celebração eucarística "era a maior delícia do seu coração - escreve o primeiro biógrafo de Pe. Gaspar, testemunha ocular; - aqui seu espírito encontra a fonte de graças e de dons celestes que parecia transformá-lo em outro homem... Daí é que suspirava de longe por esta bendita hora de celebrar e, quando ela chegava, inebriava-se totalmente nela" (67). O mesmo Pe. Giacobbe atesta no Processo ordinário: "Eu o vi muitas vezes prostrado diante do SS. Sacramento e celebrar a S. Missa animado de tanta fé e piedade que parecia um S. Afonso de Ligório ou um S. Felipe Neri" (68). Sua má condição de saúde impedia-lhe muitas vezes, e mesmo por longos períodos, a celebração da Eucaristia. Mas nem por isso ele renunciava à "mais bela delícia do seu coração", e pedia que alguns dos seus sacerdotes celebrasse a S. Missa na capela doméstica, vizinha do seu quarto, dando-lhe assim sempre a possibilidade de um encontro cotidiano com o SS. Sacramento. Conta-se a tal respeito, um episódio curioso: que certamente fica bem enquadrado na moldura do seu tempo. Um dia em que o confrade encarregado de celebrar na capela doméstica foi mandado celebrar numa igreja pública, Pe. Gaspar insistiu para que não o abandonasse: "os outros têm as pernas sãs - foi o seu argumento - podem procurar este benefício em outro lugar. Mas eu como poderei, se você não mo trazer?" (69).

2. EUCARISTIA E CONTEMPLAÇÃO

Parece que precisamente no contexto da celebração eucarística Pe. Gaspar tenha feito as experiências mais íntimas de união com Deus, provavelmente ao nível místico da contemplação infusa: firmando-se ao menos no testemunho do Memorial Privado que é a fonte mais consistente, mesmo limitado no tempo (de julho de 1808 a junho de 1813), sobre a vida interior de Pe. Gaspar. "Durante a Missa, nas secretas e ao Memento, pareceu-me que meu espírito estava iluminado para ouvir quem falava; senti, então, um grande afeto e abertura de amor ao rezar as orações. Depois certas aspirações e ímpetos da alma para Deus, como de uma pessoa que ao receber um grande amigo que há muito tempo não via, ao vê-lo sente vontade de atirar-se sobre ele para abraçá-lo. Então, desejei que se tornasse mais clara a visão e mais forte o ímpeto para alcançar de vez o bem supremo; mas, receando algum

sentimento de vaidade, por estar diante do público, desci à consideração dos meus gravíssimos pecados, e aí pude conhecer melhor a divina bondade, aumentando também o amor, até se de afazer em lágrimas controladoras, que continuaram depois da comunhão. Entretanto a fé e a confiança cresciam juntamente com a humildade e a reverência afetuosa para com Deus. Finalmente, na comunhão experimentei uma intensa devoção e afeto como no dia da minha primeira comunhão, o que nunca mais havia sentido depois. Assim fiquei durante uma hora, ou melhor, durante toda aquela tarde" (69a).

Esta anotação do Memorial Privado abre uma visão muito significativa sobre a sumidade da união com Deus, a que a graça elevou Pe. Gaspar. Encontram-se apresentados aí alguns fenômenos que os teólogos consideram normalmente como indicativos de um nível místico da vida interior: como o sentimento da presença de Deus, o dom das lágrimas, uma certa experiência de êxtase. Outras anotações do Memorial Privado ilustram mais detalhadamente a experiência feita pelo Pe. Gaspar daqueles dons.

A propósito do sentimento da presença de Deus encontramos escrito no dia 11 de julho de 1808: "Depois da Missa, durante a ação de graças, um sentimento mais vivo de fé na presença de Nosso Senhor e muita confiança" (70). E mais adiante no dia 25 de outubro: "Na Missa inspirações breves, mas vivas, grande sentimento da presença divina, confiança, amor, desejo de me transformar nEle e que Jesus viva em mim, não mais eu. Depois da Missa terminou esta graça de comum-união; mas retornou, como quando estava na igreja, durante o trajeto que percorri para realizar negócios de família" (71). Ainda no dia 4 de dezembro do mesmo ano: "Na Missa, vivo sentimento da presença de Jesus Cristo que me excitou uma breve, mas profunda confiança Nele. O recolhimento ainda durou um pouco, depois, mas a devoção o dia todo" (72).

O dom das lágrimas já é atestado em uma das primeiras notas do Memorial Privado, marcada no dia 2 de julho de 1808, Festa do S. Coração: "Na Missa, durante a consagração, e em toda a ação de graças, muitas graças de compunção e afeto: em particular na comunhão senti por um momento, o espírito como que desligado de toda a criatura, em obséquio ao seu Criador" (73). Aos 10 de outubro de 1808, muito brevemente: "Lágrimas durante a Missa, e recolhimento após; e silêncio (74). Ainda aos 30 de maio de 1812 está anastado que "a alma se expandiu em doces lágrimas durante a S. Comunhão" (75).

A experiência dos êxtases, que na anotação supracitada de 9 de outubro de 1808 aparece um pouco refreada pelo desejo de evitar qualquer singularidade durante a Missa, parece expandir-se livremente em um momento de oração antes da celebração; como aparece na anotação de 30 de maio de 1812, cujo texto agora apresentamos por inteiro. "Rezando antes da Missa e sentindo um pouco de sono, ouvi uma voz saída do crucifixo dizer-me ao coração: 'Contempla este meu coração'. Este pedido iluminou-me, subitamente, a inteligência e proporcionou-me um grande e imprevisto ardor no coração. Em seguida, voltando-me com os olhos e em espírito para contemplar o amável ponto indicado, senti correr um arrepio pelo corpo todo, a

boca e os olhos se me fecharam, enquanto que a alma me parecia plenamente absorta e cheia de alegria. Tive a sensação de que ela estava para separar-se do corpo; como que morrendo, mas, ao mesmo tempo, plenamente vivificada. Voltando-me novamente para ouvir quem falava, repetiu-se o arrepio como o de uma morte doce e lenta. Enquanto a alma continuava incerta do que devia fazer, pareceu-me que, se o fenômeno continuasse ainda por mais tempo, teria morrido ou, ao menos, seria separada do corpo. Estando assim como que paralisada, permanecia entretanto, jubilosa nas mãos do Senhor, e se naquele momento tivesse eu morrido, continuaria ela totalmente serena. De repente ela voltou a recuperar o uso dos sentidos como antes. A consequência disto tudo foi a presença de uma terníssima devoção ao Sagrado Coração e de um respeito amoroso durante a Missa. A alma se expandiu em doces lágrimas durante a Santa Comunhão. Depois, grande recolhimento e suavidade que durante o dia todo, além da prática esmerada das três virtudes teologais" (76).

Os testemunhos pessoais de Pe. Gaspar sobre a piedade eucarística ficam limitados no breve período das anotações do Memorial Privado. Mas que a forte carga interior daquela piedade tenha continuado viva depois, e que com a idade madura tenha se fortificado ainda, evidencia-se com suficiente certeza nos testemunhos acima citados pelo Pe. Giacobbe, que ainda escreve: "Os que tiveram a sorte de assistir seus divinos sacrifícios, confessam que era tanto a modéstia e devoção, como o recolhimento, e um certo arrebatamento em Deus, que não se podia vê-lo sem ser tocado pela compunção e ternura de coração" (77).

3. EUCARISTIA E VIDA

Foi visto na I parte quanto fosse importante a Pe. Gaspar a ligação entre oração e vida: seja como ensinamento, seja na prática do esforço pessoal. Agora é interessante salientar como aquele princípio encontre uma aplicação particularmente coerente constante na esfera da piedade eucarística. Aqui acenaremos somente na incidência que a Eucaristia exerceu na vida vivida por Pe. Gaspar; mais adiante teremos ocasião de referir também qualquer alusão doutrinal a propósito (78).

Os textos do Memorial Privado onde são anotadas as experiências mais íntimas de união com Deus vividas na celebração eucarística terminam muitas vezes - como se pode observar nos textos citados - com a indicação de que aquelas experiências continuam depois, de algum modo, durante o curso do dia e vão impregnar da presença de Deus a atividade ordinária.

Pode-se também determinar que se, o mais das vezes aquelas anotações acentuam a continuidade entre eucaristia e vida estabelecida por Pe. Gaspar, graças, justamente, ao prolongamento das experiências contemplativas vividas na celebração sacramental, não faltam acenos eloqüentes das quais transparecem além disso um influxo direto da Eucaristia também nas opções operativas no campo da atividade.

Em particular evidencia-se do Memorial Privado que da Eucaristia Pe. Gaspar tirava grandes estímulos à generosidade para enfrentar o sacrifício, à operosidade apostólica ao exercício da caridade missionária. "Depois da Missa durante a ação de graças... um sentimento também de me oferecer para sofrer com Ele qualquer vexame"; assim termina a anotação, já citada do dia 11 de julho de 1808 (79). "Durante a Missa - esta anotação é de 24 de julho de 1808 - recebi do Senhor, de presente e com muita suavidade, atual e contínuo desejo de oferecer meu trabalho unido ao sacrifício de Jesus Cristo" (80). Neste contexto pode-se introduzir-se também uma outra nota, na qual é feita uma aproximação entre a Missa e "os exercícios de caridade externa": mesmo que o sentido entendido diretamente por Pe. Gaspar seja outro. Escreve, pois, no dia 11 de setembro de 1808: "No final da Missa, grande recolhimento e modéstia; durou pouco, porque tive que me ocupar do exercício da caridade externa" (81). Comenta com agudeza o Pe. Stofella: "Graça preciosa da oração... De ser desviado logo daí, parece que ele chama de culpa. Nós lhe diremos que aquilo, bem lá no fundo, (afinal de contas) não foi outra coisa senão deixar Deus por Deus" (82): como para dizer que justamente o encontro com Deus na Eucaristia impelia, na realidade, Pe. Gaspar ao encontro com Deus, nos irmãos, mediante aquelas obras de caridade missionária e social das quais sua vida é muito rica.

4. O OFÍCIO DIVINO

A respeito do Ofício divino os testemunhos dos contemporâneos salientam, antes de tudo, o grande apego que Pe. Gaspar tinha por esta forma de oração e o cuidado intenso com que ele procurava ser-lhe fiel diariamente, apesar das dificuldades provenientes das suas precárias condições de saúde. "Recitava sempre com grande devoção o ofício divino mesmo quando estava doente - assim uma testemunha do Processo Ordinário - fazendo-se auxiliar por algum dos seus; para induzÍ-lo a deixá-lo era preciso uma ordem do médico" (83).

A propósito da devoção de Pe. Gaspar na oração litúrgica o Pe. Giacobbe pôde constatar pessoalmente "com que espírito, com que mente, ele rezava e dizia os salmos" (84). E por sua conta observa ainda, com notável acuidade, que aquela devoção tinha raízes profundas: não só no seu espírito de piedade, mas também no conhecimento da S. Escritura, que conseguira graças a um estudo assíduo. "Sua devoção na recitação do Ofício - escreve o primeiro biógrafo - não foi passageira nem de breve duração, mas a conservou cada vez mais crescente até o último dia de sua vida; e ainda conseguia alimento com aquele profundo conhecimento, que um estudo contínuo, conseguira nas Sagradas Escrituras, de onde são tiradas e compostas aquelas divinas orações" (85).

Os aspectos, digamos assim, rituais da oração litúrgica era objeto de particular cuidado de Pe. Gaspar. "Recitava o Ofício com a maior diligência - afirma uma testemunha - começando com a observação do calendário, até a pronúncia destacada de cada uma das palavras, observando escrupulosamente até mesmo as pausas dos asteriscos" (85). Para isso ele havia criado algumas regras, que mantinha escritas em um marcador do breviário e que transmitiu também a seus

filhos (86). Hei-las: 1.º - Consultar o calendário; 2º - Marcar todas as partes do ofício; 3º - Tomar a atitude conveniente interna e externa.; 4º - Rezar o ofício em pé ou de joelhos, ou mesmo sentado, mas só por necessidade e decentemente; 5º - Recitá-lo com suficiente pausa; 6º - Pronúncia bem clara, notando qualquer falta a esse respeito; 7º - Ler com atenção para não ter que repetir palavras; 8º - Não parar para entender alguma frase, o que poderá ser feito após a recitação" (87).

Mas além da observância destas formas rituais - que já revela, embora em condições diferentes das nossas, uma alta consideração para o valor do divino Ofício, e o empenho pela dignidade da celebração - nota-se em Pe. Gaspar a atenção de fazer que a oração litúrgica seja, além disso, fonte de piedade e de espírito de oração. "A recitação do Ofício divino - atesta ainda Pe. Giacobbe - não a via somente como um dos seus principais deveres eclesiásticos, mas além disso como uma doce conversa com Deus...; conformando-se o mais que pudesse com a distribuição canônica das horas do dia" (86). Este aceno do fato que Pe. Gaspar se apegava quanto mais possível à canônica distribuição das partes do Ofício divino segundo as horas do dia, é muito significativo. Em um tempo no qual por motivo da mentalidade legalística largamente difundida, era normal cumprir o "dever do dia" acumulando seis horas do Ofício divino em uma recitação continuada que facilitasse o cumprimento da obrigação com uma economia de tempo e de trabalho, Pe. Gaspar mostra ter uma clara idéia de que a oração litúrgica foi providencialmente distribuída em vários momentos do dia com a finalidade de alimentar a vida cotidiana com o necessário espírito de oração (89). Que Pe. Gaspar entendesse também verdadeiramente a oração do Ofício divino como "uma doce conversação com Deus", capaz de enriquecer a vida de piedade, é confirmado ainda por este testemunho, apresentado em Processo Ordinário: "Pode-se afirmar que a recitação do Ofício era para ele uma meditação" (90). Perdoaremos a ambigüidade de linguagem do testemunho; mas o significado da afirmação é bem válido e profundo.

Uma outra anotação de notável interesse refere-se à solicitude com que Pe. Gaspar cuidava também da forma comunitária da celebração do Ofício divino. "A recitação familiar em comum das Matinas e Laudes, como também das Vésperas e Completas, era uma prática reservada desde os tempos do Sr. Pe. Gaspar" atesta Pe. Lenotti; o qual evoca justamente a autoridade do Fundador para devolver ao uso um costume que durante o tempo de dispersão subsequente 1866 tinha decaído um pouco (91). Segundo uma tradição doméstica estigmatina, o Pe. Fundador queria que seus Missionários Apostólicos fossem "monges em casa". O costume de celebrar comunitariamente as horas principais do Ofício divino - seja mesmo de forma, familiar e sem o vínculo jurídico do coro - se mostra certamente como uma significativa duração daquela vontade.

5. ZELO PARA COM O APARATO LITÚRGICO

Para completar estas notas relativas ao comportamento de Pe. Gaspar no que se refere à liturgia deve-se acenar também a um aspecto do seu espírito litúrgico que impressionou fortemente os contemporâneos e ainda hoje nos deixa admirados; isto é, o cuidado verdadeiramente excepcional para com o decoro da igreja, dos

paramentos, dos vasos sagrados, de tudo o que se refere à celebração do culto divino. "Quanto amava a frugalidade da sua mexa e a pobreza nas roupas e na mobília de uso dos seus - escreve Pe. Giacobbe- tanto queria suntuosa e esplêndida a mesa divina; e o sacerdote que devia subir ao altar ricamente vestido; e os vasos sagrados de matéria preciosa; queria que os vasos, os paramentos, a roupa branca, as sagradas alfaias e todos os objetos necessário, tudo enfim que é ligado ao altar e é necessário para a celebração, tudo transpirasse elegância, decoro, propriedade" (92). Ainda hoje é possível constatar, na exposição permanente onde se conservam as alfaias litúrgicas que Pe. Bertoni havia preparado para a igreja dos Estigmas, como as palavras do Pe. Giacobbe não têm nenhum exagero. E também isto, certamente, é uma confirmação eloqüente da seriedade do espírito litúrgico cultivado pelo Pe. Fundador.

c) PIEDOSOS EXERCÍCIOS

1. A VIA SACRA

Juntamente com a meditação da Palavra de Deus e a liturgia ocupam um lugar de relevo no programa espiritual de Pe. Gaspar, como já acenamos, alguns exercícios de piedade não litúrgicos. As testemunhas que falam sobre o assunto confirmam como também nestas formas de oração esteja sempre presente o seu estilo que já conhecemos; de fidelidade, e de intensa piedade, de esforço para tirar de cada uma das orações o alimento do espírito de oração.

Particularmente ligado com a devoção de Pe. Gaspar ao mistério da Paixão do Senhor é o pio exercício da Via Sacra. A sua estima e o seu apego por esta forma de oração já aparecem do que ele mesmo escreveu à L. Naudet, que lhe havia pedido um conselho para a ereção Via Sacra no coro da igreja de S. Teresa: "O bem é grande, e não deve ser descuidado, e eu sei disso por experiência de muitos anos" (93).

Interessante salientar como a Via Sacra tenha sido vista e praticada por Pe. Gaspar justamente assim: não somente como um excelente meio para exprimir a devoção, mas também como fonte de um "grande bem" para as almas, como eficaz instrumento para dispô-las à evangelização e à conversão, como válido apoio também à ação missionária. Jovem sacerdote, teve oportunidade de inserí-la no programa do Oratório Mariano. "Ao primeiro toque do sino que chamava para a Doutrina Cristã - diz Pe. Giacobbe - entrava na igreja de S. Paulo e aí, naquele meio tempo entre o primeiro sinal e o início da Venerável Aula, com alguns dos seus mais fiéis e provados oratorianos, e dos que gostavam de unir-se a ele, fazia o exercício da Via Sacra com aquela piedade e devoção que terminava o mais das vezes em lágrimas de dor e compaixão para com o seu pacientíssimo Redentor. Terminada esta meditação, com aquele fogo de amor divino que em si e nos seus queridos havia despertado, dava-se início à aula de Doutrina, para a qual não eram necessários nem professores nem assistentes: pois todos os que participavam do exercício da Via sacra estavam já prontos e bem dispostos para aquela obrigação de caridade e paciência cristã" (94).

Pe. Gaspar recorreu à Via Sacra para manter vivo o fervor aceso na Missão em S. Firmo. "Terminada a Missão em S. Firmo - atesta Pe. Lenotti - ele continuou a confessar por bastante tempo, e para manter o fruto dela todos os dias fazia a Via Sacra; mas desde o princípio tendo prefixado que este exercício da Via Sacra fosse uma continuação das missões, preparou tal matéria que servisse para converter os pecadores e confirmar os bons. Portanto com uma conexão admirável cada dia, no momento, sabia fazer as Estações novas, mas adaptadas a este fim e convenientes ao mistério que em cada Estação se meditava. A este exercício na Via Sacra concorria um grande número de pessoas, e se percebia o fruto com muitas conversões e com grande afervoramento de piedade...; tal era a solidez daquelas, digamos assim, pregaçõeszinhas e a unção e o fervor com que ele as fazia" (95).

Que Pe. Gaspar estivesse atento para tirar antes de tudo para si mesmo frutos concretos de fervor espiritual da rica fonte daquele piedoso exercício, fica patente, por exemplo, desta simples anotação do Memorial Privado: "Fazendo a Via Sacra, na primeira estação pude ouvir: 'Se eu, inocente, deixo-me condenar, porque você, réu de mil culpas, deseja, com tanta solicitude, ser justificado por tudo perante os homens?'" (96).

2. O EXERCÍCIO DA BOA MORTE EM HONRA DA PAIXÃO

O mesmo espírito de devoção e de solidez se encontra no exercício da Boa Morte, que Pe. Gaspar começou a celebrar desde quando foi reaberta a igreja dos Estigmas, em outubro de 1822, e que sempre constituiu um encontro fixo para a comunidade religiosa e para os fiéis daquela igreja, todas as sextas-feiras, à tarde. Segundo testemunho do próprio Pe. Gaspar, o piedoso exercício era feito assim: "Antes de tudo cantam-se os "gradi" da Paixão de N. S. Jesus Cristo; depois, durante meia hora, se faz um sermão morar para promover todas as virtudes cristãs, mas especialmente a veneração e a devoção para com Nosso Senhor Crucificado; e logo em seguida - no altar do Crucifixo - a adoração das Cinco Chagas, que consiste em algumas orações próprias" (97).

Pe. Gaspar era muito afeiçoado a este piedoso exercício; tanto que sempre reservou para si, enquanto lhe foi possível, a meia hora de meditação, e pediu repetidamente à S. Sé a concessão de copiosas indulgências em favor dos participantes. Não temos nenhum esboço escrito daquelas suas meditações. Mas um testemunho do Cardeal Luiz di Canossa - que quando jovem era assíduo freqüentador, juntamente com sua família e várias outras personalidades daquele tempo, da função da sexta-feira à tarde nos Estigmas - nos dá uma luz sobre o ensinamento espiritual dado por Pe. Gaspar naquela ocasião: "Nos sermões que fazia nas sextas-feiras e que eu ouvi muitas vezes, falava com tanto zelo e suavidade, que o coração de quem ouvia ficava não só persuadido, mas comovido e penetrado de modo especial" (98).

3. O ROSÁRIO MARIANO

Uma palavra ainda sobre a devoção de Pe. Gaspar pelo Rosário Mariano; a cujo respeito existem testemunhos que merecem ser apresentados. Que se tratasse de uma oração diária para ele aparece pelo modo com que ele fala dela, por exemplo no Memorial Privado - "afeto na recitação do terço" (99) - que é o mesmo com que ele fala da S. Missa e do Ofício divino: isto é, como um dos atos de piedade que fazem parte do programa espiritual diário (100).

Interessa principalmente salientar o espírito com que Pe. Gaspar fazia esta oração. "Uma vez indo visitar um irmão enfermo - afirma Pe. Lenotti - para que não se cansasse sugeriu-lhe rezar a Ave Maria, mas meditando-a como faço eu também, disse, quando não posso dormir, que rezo o terço, mas medito as palavras da Ave Maria, empregando aí uma hora e mais, e o mesmo faço com o Pai nosso, e assim as noites passam " (101). É de ficar pasmado diante da profundidade contemplativa de um homem que sabia passar horas meditando a Ave Maria e o Pai nosso; trata-se certamente de um dom extraordinário. Mas fica confirmada a atitude fundamental que tinha Pe. Gaspar no exercício das várias orações, mesmo vocais; a contemplação da Palavra de Deus, procurando tirar daquela inexaurível fonte a luz destinada a iluminar a vida vivida.

Já vimos como desde jovem cooperador de S. Paulo Pe. Gaspar costumava praticar com este espírito, juntamente com os jovens do Oratório, a Via Sacra (102). A respeito da recitação do Rosário, sempre com os jovens do Oratório, atesta Pe. Lenotti: "Toda tarde cerca de uma hora por noite reuniam-se em sua casa muitos dos mais escolhidos, e aqui os fazia recitar o Rosário, e ainda fazia-lhes uma pregaçãozinha, uma meditação" (103). Parece lógico ligar com esta atitude ao mesmo tempo contemplativa e prática que caracteriza a sua devoção pelo Rosário, também a exortação à caridade para com os enfermos feita a um confrade por Pe. Gaspar, e inspirada no segundo mistério gozoso: "Aprendamos isto de Nossa Senhora. A mim sempre impressionou o que fez Maria com S. Isabel, que apenas avisada pelo Anjo da gravidez dela logo partiu, pensando ir visitá-la e assisti-la nos incômodos daquele estado. Partiu imediatamente, e depressa como diz o Evangelista, embora o caminho fosse tão longo e difícil, tanto era o seu desvelo em ajudar aquela necessitada, e sua caridade para com ela. E quando chegou, ficou não um, dois ou três dias, mas três meses contínuos assistindo-a nas suas necessidades" (104).

Concluamos estes acenos ao piedoso exercício mariano por excelência que é o Rosário, apresentando aqui o texto de uma oração a Nossa Senhora particularmente cara a Pe. Gaspar e por ele rezada todas as manhãs. Com o Rosário ela apresenta uma profunda analogia; enquanto parece orientada a impregnar da presença de Maria a vida de cada dia, que é oferecida a Deus com tudo que ela reserva, em união com os próprios méritos da mesma virgem e de Cristo. Hei-la: "Bom dia, Minha Mãe, dai-me a vossa bênção. Abençoei a mim e a esta minha casa. Dignai-vos entregar a Deus tudo o que hoje tenho de fazer e sofrer, em união aos vossos méritos e aos do vosso santíssimo Filho. Ofereço-vos e vos

dedico todo o meu ser e tudo o que me pertence, entrego à vossa disposição para servir-vos, pondo inteiramente debaixo do vosso manto. Impetrai-me, Senhora minha, pureza de mente e de corpo afim de que não faça, neste dia, coisa alguma que possa desagradar a Deus. Suplico tudo isto pela vossa Imaculada Conceição e pela vossa intata virgindade, real antes, durante e depois do parto"(105). Comenta o Pe. Stofella.: "Quem medita um pouco esta oração encontrará aí quase uma realização do conhecido Tratado da Verdadeira Devoção à Virgem de S. Luiz Grignon de Montfort... O "Bom dia" já está no espírito da total devoção a Nossa Senhora. Ela é a Mãe, a senhora da casa. Nós a saudamos diariamente como tal. As nossas ofertas e orações passam a Deus pelas mãos dela. Assim todas as nossas ações e sofrimentos, cada dia, unidos aos merecimentos dela e do seu divino Filho. Nós mesmos e as nossas coisas - mas todas - cada dia a serviço dela. Todo dia, cada um de nós, "tudo debaixo do seu manto". Não sei o que mais exija o santo de Montfort" (106).

III PARTE

O SACERDOTE E A ORAÇÃO

Quando anuncia o princípio fundamental que "a oração é como a vida da nossa vida e a alma da nossa alma; é como a respiração", Pe. Gaspar está falando a um auditório de sacerdotes, em uma instrução que faz parte dos Exercícios espirituais pregados ao clero da diocese (107).

Isto não significa, certamente, que aquele princípio valha só para os sacerdotes, ou para quem escolheu uma vida de consagração especial. Já foi visto como Pe. Gaspar apresenta também aos leigos o ideal da oração contínua (108) e, em vista disto justamente, ele não receia propor aos jovens do Oratório um programa bastante exigente de exercícios de piedade, compreendida a meditação cotidiana (109).

Mas é também verdadeiro que para os sacerdotes aquele princípio tem uma relevância toda particular, devido a peculiaridade da sua vida e da missão a que são chamados. Pe. Gaspar esclarece quando, depois de haver proposto o principal, continua: "Isto convém maximamente aos sacerdotes....: porque sendo de Deus os negócios que tratam, é preciso excitá-los seguindo sua orientação, como o general faz com o príncipe. Esta orientação se pede com a oração freqüente que é uma consulta Deus" (110).

a) OS NEGÓCIOS DE DEUS

1. O SACERDOTE INSTRUMENTO DE CRISTO PARA A SALVAÇÃO DOS IRMÃOS

"Tudo o que se faz no ministério sagrado por vocação e consagração é Cristo que o opera de modo especial... É Cristo que batiza nos sacerdotes... Portanto o

homem adere à mão do primeiro operante como instrumento vivo e escolhido. Cristo é o primeiro e absoluto exemplar de toda perfeição, também sacerdotal. "Sede meus imitadores, como eu sou de Cristo" (I Cor 4, 16). Cada sacerdote é como um carimbo sagrado no qual se deve reconstruir ao vivo a imagem de Jesus Cristo, de modo que por sua vez possa imprimí-la nos outros" (111).

Assim, com palavras inspiradas, Pe. Gaspar descreve a intimidade especial que une o sacerdote a Cristo no plano objetivo e institucional; isto é, em força dos ministérios específicos que fazem parte da vocação e da consagração sacerdotal. Daqui ele toma o ponto de partida para indicar quanto deve ser íntima e profunda a intimidade que o sacerdote é chamado a estabelecer com Cristo, a nível de esforço espiritual. "O sacerdote - prossegue Pe. Gaspar - proponha Jesus como "pondus cordis", centro do amor, meta de toda intenção. É marcado pelo caráter Dele, para que se reconheça transformando no Seu domínio especial em relação a todas as coisas. Seja o princípio, o meio e o fim da nossa devoção aquele que é o princípio o meio e o fim de toda graça, poder e função sacerdotal... Olhai-o sempre como caminho; procurai-o como verdade; amai-o como vida... Encontrai a água da vida, bebei, inebriai-vos aí. 'Não sou mais eu que vivo, mas Cristo vive em mim' (Gal 2,20)" (112).

Em uma meditação dos exercícios ao clero de 1810 - depois de evocar o clássico ensinamento de S. Tomas que o sacerdote, em força dos seus específicos ministérios, é obrigado não só a tender à santidade, mas a possuí-la (113) - havia feito justamente, a respeito da oração do sacerdote, a peremptória afirmação de S. Gregório Magno: "Ninguém presuma chegar ao sacerdócio, sem ter adquirido na oração tanta familiaridade com Deus a ponto de poder forçá-lo à sua vontade, como Moisés e Elias" (114).

Portanto, união com Cristo ao ponto de tornar-se um com Ele como o instrumento com a mão que o usa; familiaridade com Deus ao ponto "de poder forçá-lo à sua vontade, como Moisés e Elias"; é com estas expressões que Pe. Gaspar marca o nível da intimidade divina a que deve chegar a oração do sacerdote, para que ele esteja à altura de tratar dignamente os negócios de Deus".

2. UNIÃO COM DEUS E MINISTÉRIO DA PALAVRA

Este discurso de Pe. Gaspar refere-se, obviamente, a todos os ministérios sacerdotais: uma vez que todos são, justamente, negócios de Deus. Mas parece merecedor de particular atenção o que ele ensina a propósito da correlação estabelecida entre oração e ministério da palavra.

"Quando não se reza bem, não se pode falar bem de Deus", anotou por sua vez no Memorial Privado (115). E ainda: "o modo de pregação - este pensamento encontra-se em uma das meditações aos sacerdotes - (a Igreja) o procura na contemplação" (116).

A segunda das duas Instruções sobre a 'União com Deus' feitas aos sacerdotes no contexto dos Exercícios - que estão indubitavelmente entre os textos mais ricos e melhores citados de Pe. Gaspar - é praticamente tudo centralizado sobre este tema da inseparável ligação que é colocada entre a contemplação e o ministério da palavra. O sacerdote, antes de tudo, "deve estabelecer para si um tempo de oração", que é como o lugar reservado todo para si"; o lugar que os pregadores têm como seu próprio é a íntima contemplação de Deus" (117). Procurará pois o sacerdote, ainda mais concretamente, de recorrer à oração "antes da ação"; "alternando à ação; "no meio da ação" e "depois da ação". Antes sentirá a necessidade de realizar uma "oração contínua", "familiar com Deus" e "prática", capaz, isto é, de tornar-se "associada a todas as atividades e de ser inseparável companheira da vida" (118).

Pe. Gaspar que vê nos pregadores os "procuradores das núpcias" destinadas a unir as almas a Cristo Esposo (119), não deixa de valorizar amplamente neste contexto também a temática esponsal tão querida por ele. "Enquanto a alma eleita do pregador se esconde na contemplação secreta - escreve na citada Instrução sobre a União com Deus - é por assim dizer colocada no tálamo do Esposo. Quem pois a acorda, a tira do Esposo; porque evidentemente o repouso da alma eleita constitui o prazer não só dela, mas também do Esposo" (120). Naturalmente, a intimidade contemplativa com o Esposo representa para o ministro da palavra, não só um prazer espiritual, mas uma imprescindível necessidade; uma vez que sem ela arrisca tornar estéril o próprio ministério. "De quantos sacerdotes verifica-se esta esterilidade - lamenta Pe. Gaspar em uma das Meditações aos seminaristas... - Porque jamais se alimentam com a oração. 'Queimado como a erva, meu coração se murcha (porque) me esqueço de comer meu pão'. Áridos para si e para seus filhos. As mães que amamentam comem muito e são dispensadas do jejum, os sacerdotes morrem de fome, como poderão alimentar os filhos"- A ciência estufa os seios, a devoção os enche" (122).

3. "O QUE DE MENOS CUIDAM OS SACERDOTES É A ORAÇÃO"

Pe. Gaspar acena assim à crua realidade do fato que em tão larga medida se contrapõe ao quadro ideal por ele delineado. "O que os sacerdotes menos cuidam - assim nos exercícios de 1810 - é a oração; até mesmo caçoam dos livros de orações e daqueles que as praticam" (123). "Alguns sacerdotes entram na igreja para pregar, para celebrar Missa, para cantar, para acompanhar defuntos, para confessar: não entram e não param jamais para rezar, que é o dever mais importante" (124). "São raríssimos os que meditam nos nossos dias - prossegue Pe. Gaspar na sua denúncia - e facilmente ainda caçoam, e chamam de beatos os que fazem este exercício" (125).

"Oração, meus caros eclesiásticos! - proclama solenemente em uma das Meditações feitas no seminário - Meditar durante a semana, para que saibais como portar-se na casa de Deus" (126). "Fazei-nos muito querida, ó Senhor, a escola da oração - assim convida à oração os seus ouvintes do seminário - na qual vós mesmo sois o Mestre. A razão humana, a ciência é muito tímida e incerta; no nosso ministério é necessário a vossa luz" (127). Um pouco mais adiante, na mesma

Meditação, Pe. Gaspar apresenta abertamente os resultados positivos que o sacerdote tira da "escola da oração": "Um pastor, um homem de oração, nada mais faz que ir ao encontro das coisas conforme o Senhor dispõe com sua Providência. Não previne, não precede; tudo é ordem, tudo tranquilo. Não é precipitado, não apressado; aguarda o tempo, as circunstâncias; tudo isto seguindo a Deus. Para conseguir estas luzes que certificam, confirmem, completam o conhecimento sobre a escolha divina, é necessário nos prelados grande oração" (128).

b) COMO "LEVAR A ESCADA" NÃO SÓ PARA OS OUTROS

1. O EXERCÍCIO DO MINISTÉRIO DEVE ANTES DE TUDO SANTIFICAR O SACERDOTE

Os "negócios de Deus" confiados ao sacerdote são destinados a realizar a salvação e a santificação não somente dos fiéis, mas também, e antes de tudo, do próprio sacerdote que cuida deles (129). E é justamente para garantir em primeiro lugar esta eficácia santificadora em relação à sua própria pessoa que se exige do sacerdote um esforço de união com Cristo e de familiaridade com Deus particularmente elevado, como o do "general com o príncipe". Certamente, também, a fecundidade do ministério sacerdotal em relação à santificação dos fiéis está intimamente ligada segundo Pe. Gaspar, à presença de uma forte carga de contemplação no sacerdote; como foi visto no parágrafo precedente. Mas enquanto em relação aos fiéis, quando estes estão bem dispostos, uma certa eficácia é garantida, seja como for, pela própria natureza dos ministérios - que são, justamente, "negócios de Deus", em posse de um valor santificante objetivo; sobretudo a Palavra de Deus e os Sacramentos - em relação aos sacerdotes ao invés o exercício indigno dos mesmos ministérios resultariam totalmente infrutíferos, quando não diretamente sacrílego e danoso.

É este um motivo com muita insistência desenvolvido por Pe. Gaspar; e que lhe dá oportunidade de ilustrar também mais profundamente a especial ligação existente entre a vocação sacerdotal e a oração.

Naquela mesma Meditação dos exercícios em que ele deplora o fato que entre os sacerdotes "raríssimos são os que meditam em nossos dias" (130) ele faz sua denúncia de S. Agostinho contra os "Fabricantes da arca, (que) enquanto salvam os outros ficam fora" (131). "Cuidando dos outros durante toda sua vida - prossegue Pe. Gaspar - desleixam-se de si mesmos e deixam de confessar-se por muitos meses e anos. Eles estão cheios de vícios contando sobre as virtudes alheias" (132). E ainda sobre o mesmo assunto: "Engano fatal do demônio, é este, muito comum e que engana muitos sacerdotes a confessar; confiar ter feito muito bons os penitentes, tê-los mudado de pecadores a grandes santos, pregando e confessando muito; e engana os clérigos fazendo-os engendrar grandes projetos de santificar muito os outros com estudos. Mas o que adianta?... Salvemos nossa alma, e depois pensaremos em salvar a dos outros" (133). Sempre no assunto de confissão, Pe. Gaspar não teme manifestar suas perplexidades em relação ao comportamento incoerente de certos sacerdotes com um linguajar bastante cru,

tomando base de uma outra comparação eficaz: "A vida (de muitos leigos) é imaculada enquanto a vida de muitos eclesiásticos muitas vezes é muito suja, tanto que alguns limpando os outros dispensando os sacramentos, principalmente da confissão, mancham-se a si mesmos, semelhantes aos limpa-chaminés; muitas vezes é tão suja que sujam os mesmos sacramentos os que se achegam a eles" (134).

O perigo de incongruência que pode apresentar-se no exercício da confissão, Pe. Gaspar denuncia também a propósito do ministério da palavra, se este é feito aos outros sem a necessária bagagem espiritual. Eis uma outra comparação ainda, especialmente apresentada: "A Escritura é uma escada para chegar a conhecer a Deus por meio da fé. Não é preciso ater-se à letra, mas chegar até o espírito... Quantos sacerdotes levam o material da letra para edificar as casas dos outros! Enquanto o povo edifica no espírito sobre a letra, o sacerdote permanece na letra inteiramente afastado do espírito. Levam a escada, os outros sobem; eles ficam sempre em baixo, como os diretores de S. Teresa" (135).

2. A CELEBRAÇÃO DA EUCARISTIA, FONTE PRINCIPAL DE SANTIDADE SACERDOTAL

Em principalmente em relação à Eucaristia que Pe. Gaspar acentua a exigência, para o sacerdote, de valorizar, acima de tudo, para, o próprio proveito espiritual os "negócios de Deus" de quem é administrador.

Já vimos o que significava pessoalmente a Eucaristia para Pe. Gaspar (136). Falando sobre este assunto aos sacerdotes, ele não podia não colocar-se na ótica pastoral de quem se preocupa que o ministério da Eucaristia seja oferecido aos fiéis do modo mais digno e convincente. Mas justamente à luz desta insistência pastoral ele sente a obrigação de apelar aos sacerdotes para uma intimidade especialmente verdadeira e íntima com o Cristo Eucarístico, que permita-lhes de, por primeiro, atingir naquela incomparável fonte a carga do fervor espiritual.

O sermão sobre a Missa preferido por Pe. Gaspar aos sacerdotes - tem a propósito uma longa Instrução sobre a Missa dos exercícios ao clero (137) - contém numerosos acenos pastorais, e mesmo jurídico-morais, de extrema e até mesmo rude solidez, como quando ele previne sobre a celebração "com sacramentos sujos, com roupas seculares; uma missa em doze minutos!.. sem preparação, conversando, olhando, etc., até o altar!" (138). Ou quando insiste sobre a pureza necessária para chegar-se ao S. Sacrifício - "há os que conservam o ídolo do interesse, do ventre, da prática (ou seja uma relação ilícita)" (139) e portanto sobre a necessidade de tomar a sério o esforço da purificação, até mesmo com uma boa confissão (140). Ou ainda quando defende e inculca - com uma quantidade impressionante de argumento histórico-teológicos - a prática da celebração eucarística diária (141).

Mas além de tudo isto Pe. Gaspar insiste sobretudo sobre as disposições espirituais exigidas para a celebração Eucarística, e portanto sobre os frutos

espirituais dela derivados. "É necessária sem dúvida, uma disposição divina para poder receber um alimento divino; uma vida regulada de tal modo que seja divina e sobre-humana, radicalmente oposta à mundana e carnal" (142). Por outro lado, uma vez que o sacerdote se esforça para chegar ao altar com estas disposições, receberá em si com tal abundância os frutos da Eucaristia que se tornará "transformado em Deus, semelhante a Ele pelo amor" (143). Sua vida então "separada das criaturas e unida a Deus somente; só Deus o ocupará sua mente e sua vontade, só Deus estará presente nas suas conversações, só Deus nas suas ações. Não há mais nada nele que recenda a mundo, que transpire carne ou sentidos; combate o egoísmo, crucifica o corpo com uma constante mortificação; despreza as riquezas, refugo as honras, goza por ser ignorado pelo mundo e considerado um nada" (144).

Dir-se-ia que ao descrever a riqueza dos dons espirituais resultantes ao sacerdote por uma digna celebração da Eucaristia Pe. Gaspar deixava-se levar um pouco pelo lirismo... Na realidade ele tem nos ombros não somente uma sólida tradição teológico-espiritual à qual recorre freqüentemente, mas também uma viva e louvável experiência pessoal, os testemunhos do Memorial Privado nos mostram como verdadeiramente a Eucaristia fosse para Pe. Gaspar "a fonte de graças e de dons celestes que parecia transformá-lo em outro homem" (145), são praticamente contemporâneos à preparação dos Exercícios para o clero: e claramente se vê!

c) EMPENHO DE COERÊNCIA ENTRE O DIZER E O FAZER

1. CULTURA E PIEDADE NO SACERDOTE

"A ciência estufa os seios, a devoção os enche" e "a razão humana, a ciência é muito tímida e incerta; em nosso ministério é necessário a luz (de Deus)" (146). É este um outro ponto - já acenado acima - que constitui um dos temas sobre o qual, Pe. Gaspar insiste mais, falando da oração aos sacerdotes e aos clérigos. A experiência o ensinou - e de experiência neste campo Pe. Gaspar teve muita, primeiro como padre espiritual no seminário e depois como examinador das vocações eclesiais - que os ministros da Igreja são particularmente tentados pelo perigo de certo intelectualismo e culturalismo, que ameaça atrofiar o ímpeto espiritual para com a autêntica, e profunda intimidade com Cristo. O perigo é tanto mais insidioso enquanto que a curiosidade intelectual e o esforço cultural podem apresentar-se como honrado álibi; capaz de atribuir ao sacerdote, mesmo se pobre de valores espirituais, um verniz de respeitabilidade e uma aparência de capacidade profissional de alguma forma apreciável aos olhos dos fiéis.

A denúncia de Pe. Gaspar a este propósito é implacável. "Os que são ousados ou curiosos nos raciocínios e fáceis em discorrer sobre estes mistérios - assim em uma Meditação sobre os sinais da vocação - saibam que estão inteiramente indispostos para serem chamados a um ministério, que exige mais adoração que palavras e raciocínios" (147). "Eis a grande filosofia do cristão - insiste nos exercícios ao clero. - E o sacerdote ao invés de estudar esta filosofia na oração a procura nos livros dos mundanos, heréticos e cismáticos" (148) .

Obviamente, sobre este argumento é necessário esclarecer bem a disposição autêntica de Pe. Gaspar. Já foi mostrada nestes "Saggi" a sua paixão pela cultura e o esforço empregado na formação dos seus estudantes em todos os ramos da ciência, mesmo profana (149). Nos Exercícios ao clero Pe. Gaspar recomenda a aplicação ao estudo, juntamente com a assiduidade na oração, justamente com a finalidade de preparar-se na medida mais adequada ao ministério; além de ocupar bem o próprio tempo, fugindo da mordaça do ócio, e para exercitar-se na necessária mortificação dos sentidos (150). O que Pe. Gaspar teme para os sacerdotes, e contra o que os previne, não é pois a curiosidade intelectual, o estudo, o saber, mas como dirá em uma carta a L. Naudet, o "saber mal, que é haver perdido o bom gosto" (151). Porém, desde que este "bom gosto" esteja estreitamente ligado com a procura da "glória do Senhor, que é o seu autor" (152), aparece claro que o saber mal significa principalmente, para Pe. Gaspar, a presença no saber de certos elementos poluentes como o orgulho, a presunção, a superficialidade, a busca egoística do próprio interesse... É em relação a este "saber mal" que Pe. Gaspar explode a sua severa condenação.

A consequência mais grave do "saber mal" é reconhecida por Pe. Gaspar em certa "duplicidade por hipocrisia", que leva o sacerdote a ser "um no púlpito, outro na praça; um no confessional, outro na conversação; um no altar, outro na mesa" (153). Para impedir este grande perigo - e sabemos que não era só naqueles tempos: a tentação de "pregar bem e esgaravatar mal" deturpa como uma espécie de deformação profissional a figura do padre em qualquer tempo - Pe. Gaspar exorta os sacerdotes e os clérigos a serem "fiéis com a mente e com as obras como Abraão, prudentes para conhecer... justos, fortes, temperantes como os Patriarcas. Não basta pois, a ciência moral e teológica, humana e divina: são necessárias virtudes humanas e divinas, morais e teológicas. "Quem faz - não quem sabe - a vontade do meu Pai... este para mim é meu irmão, minha irmã e minha mãe" (154).

É sobretudo a fidelidade à oração que segundo Pe. Gaspar constitui a arma vencedora contra a "duplicidade pela hipocrisia" e contra o intelectualismo e o culturalismo que são suas raízes. O remédio à "ciência que estufa" está na "devoção" que nutre e enche verdadeiramente os seios do espírito.

2. "NÃO BASTAM BELOS PROJETOS: SÃO NECESSÁRIAS OBRAS"

Ser fiel à oração quer dizer em primeiro lugar, naturalmente empenhar-se na observância de um programa de exercícios de piedade, conveniente à condição de cada um: o qual para os sacerdotes já está substancialmente fixado pela tradição e pela lei da Igreja. Acima já foi visto com que intransigente firmeza Pe. Gaspar insista nesta primeira exigência (155).

Mas não é suficiente. Ele sabe bem que a cilada da "duplicidade" pode aninhar-se também no íntimo do próprio esforço espiritual, sob forma de um resíduo sutil de intelectualismo capaz de esterilizar, mantendo-o alheio às concretas instâncias da vida. Até mesmo um sincero e generoso programa de orações. No

primeiro retiro ao Colégio dos Acólitos, depois de haver lembrado àqueles clérigos a necessidade de estabelecer um rigoroso horário cotidiano para os diversos exercícios de piedade - "meditação de manhã, oração vocal, leitura da Escritura, constituições, vida dos santos, livros que tratem da vocação eclesiástica, exame de consciência toda tarde" (156) - acrescenta: "Não nos basta ter ouvido, não nos bastem os belos projetos na cabeça; não nos baste também um método por escrito. São necessárias obras!" (157).

Aflora assim, nesta colorida e eficaz expressão, a exigência que está bem no fundo de toda a pregação bertoniana sobre a oração: isto é, que a oração seja verdadeiramente "a vida da nossa vida, e a alma da nossa alma... principalmente para os sacerdotes, porque sendo de Deus os negócios que eles tratam, é preciso cumpri-los conforme a sua direção".

NOTAS

Abreviaturas e siglas:

PVC = Pagine di Vita Cristiana, Vicenza 1947 (Pregações da juventude de Pe. Gaspar, preparada pelo Pe. Giuseppe Stofella).

MP = Memorial privado de Pe. Gaspar, preparado pelo Pe. G. Stofella, Collectanea Stigmatina, IV, p. 1-205.

EP = Epistolário Bertoni; preparado pelo Pe. G. Stofella, Verona, 1954.

CF = Costituzioni dei Fondatore, preparada pelo Pe. G. Stofella, Verona, 1950.

SA = Summarium additionalis alla Positio super virtutibus, preparado pelo Pe. G. Stofella, Roma, 1960.

"Positio" = Positio super virtutibus, vol. II.

BERTONI = Os cinco volumes do Pe. NELLO DALLE VEDOVE até agora publicados sobre a vida de S. Gaspar Bertoni. Serão indicados vez por vez os números do volume e a página.

001. S1 118, 131 (segundo a Vulgata): "Abri minha boca e aspirei e atraí a mim teu espírito". "Esercizi agli Ecclesiastici, Istruzioni", MS 3412; Bertoni 3, p. 708 no original; latino; Bertoni. 4, P. 134 na versão italiana. O versículo 131 do SI 118 retorna muito frequentemente à pena de Pe. Gaspar.

002. SA, p. 506.

003. Significativo, a propósito, o que é dito no documento da S. Sé, "A dimensão contemplativa da vida religiosa" (12 de agosto de 1980, no n. 5, sob o título de "A oração renovada": "Nestes tempos de apostolado renovado... o lugar de privilégio é dado à contemplação de Deus, à meditação do seu plano de salvação e reflexão sobre os sinais dos tempos à luz do evangelho... Assim a oração, aberta às realidades de criação e da história, se converte em reconhecimento, adoração e louvor constante da presença de Deus no mundo e na sua história; eco de uma vida solidária com os irmãos, principalmente com os pobres e sofredores".

004. Para os pormenores desse problema cf Bertoni 3, p. 418-419.

005. S. Agostinho, "Confissões", L. X, c. 29: "Dê o que manda e mande o que quiser".

006. Ep., p. 31. A carta é de 1.º de dezembro de 1812.

007. NAUDET L., "Giornale", MS f. 97; Bertoni 3, p. 418.

008. Sir 18, 22 (segundo a vulgata): "Nada te impeça de rezar sempre"; Lc 18, 1: "É necessário rezar sempre, sem se cansar"; 1Ts 5, 17: "Rezar sem cansar".

009. Rm 8, 22: "O Espírito socorre sempre a nossa fraqueza".

010. Lv 6, 6: "O fogo deve permanecer sempre aceso sobre o altar".

011. EP., p. 34 s. Data provável da carta: 5 de dezembro de 1812.
012. Id, p. 44. Carta de 21.12.1812.
013. SA, p. 188.
014. SA, p. 331.
015. MP, p. 65, anotação de 13 de outubro de 1808. Seria o caso de lembrar aqui a tentação de Pe. Gaspar voltada para o ministério da habitação da SS. Trindade na alma em graça. A pregação juvenil para a festa da "Transladação da S. Casa de Loreto" - feita em S. Paulo aos 13 de dezembro de 1801 - é um pequeno tratado teológico-espiritual sobre este argumento (PVC, p. 301 ss.). Na primeira das duas "Instruções sobre a União com Deus", dos Exercícios aos Eclesiásticos, Pe. Gaspar assim se exprime: "O Espírito Santo habita na alma do seu amigo para unir-se a ele intimamente, e nela como em seu templo mora, é venerado, amado, adorado" (MS, 3396).
016. MP, p. 184, anotação de 30 de setembro de 1812.
017. Id.
018. Naudet L., "Giornale", f. 45. Merece ser salientada a afinidade entre esta fórmula que expressa o sujeito do exame particular proposto por Pe. Gaspar à Naudet, e uma passagem do "COMENTO AL I LIBRO DEI RE" do Pseudo-Gregório citado na 14a. Meditação feita no seminário naquela época. Eis a passagem na versão brasileira: "Caminhar na presença de Cristo, para cada um dos eleitos, considerar-se sempre sob o olhar do Redentor e fazer aquilo que sabe ser do seu agrado. Ou: Caminha certamente na presença de Cristo aquele que em tudo o que faz tem sempre o olhar voltado para Ele, e para Ele orienta, a reta intenção da própria vida. (In I Regum, L. II, c. II, n. 41). Sobre a dúplici e contemporânea utilização desta passagem feita por Pe. Gaspar - para a 14a. Meditação no seminário (20 de janeiro de 1811), e para o sujeito do exame particular proposto a L. Naudet - cf as interessantes observações do Pe. Stofella na "Collectanea Stigmatina" IV, p. 176 s. ; Bertoni 3, p. 218.
019. EP., p. 68: carta de 28 de fevereiro de 1813.
020. MP, p. 95: anotação de 04 de janeiro de 1809.
021. Id.
022. "Summa Theol.", II . II., 160, 166,169. Para inserir esta sessão no seu texto constitucional Pe. Gaspar interrompe a fidelidade, quase literal, às regras da Companhia de Jesus, e se inspira ao contrário, autonomamente à Suma de S. Tomás. 023. MP, p. 62: anotação feita aos 10 de outubro de 1808. Para o dom das lágrimas ver mais adiante, p. 19-v.
024. SA, p. 188. Id., p. 133.
025. EP., p. 222. O Santo aqui mencionado por Pe. Gaspar é Santo Inácio de Loyola.
026. MP, p. 17: anotação de 12 de junho de 1808. Na "Istruzione II sulla Unione com Dio" Pe. Gaspar propõe aos sacerdotes este exemplo: "S. Gregório Magno dava aos seus fiéis o exemplo de não descuidar do cuidado com o próximo pela contemplação; nem de abandonar o estudo da contemplação por uma dedicação imoderada no cuidado para dom o próximo". (MS 3407; Bertoni 3, p. 708).
027. PVC, p. 204; Bertoni, p. 146-151.

028. Esta correspondência teve início aos 16 de novembro de 1812 - depois da grave enfermidade que impediu Pe. Gaspar de ir pessoalmente ao Retiro Canossa, como fazia há quatro anos - e terminou no dia 17 de agosto de 1834, no mesmo dia da morte da piedosa Fundadora. Com suas 189 cartas, constitui a parte mais relevante do Epistolário de Pe. Gaspar.
029. Os contatos pessoais entre os moradores do Retiro Canossa e Pe. Gaspar, depois da enfermidade acima mencionada, aconteciam na casa onde ele morava, perto de S. Firmo.
030. EP., p. 50.
031. Id., p. 49.
032. Id., p. 81 .
033. Id. , p. 70.
034. EP. , p. 66; p. 56-57; p. 28-29, etc.
035. SI 25, 15: "Tenho meus olhos sempre fixos no Senhor, porque ele livrará do laço os meus pés". - SI 1, 2-3: "Se compraz na lei do Senhor... - todas suas obras prosperarão; EP., p. 111: carta de 4 de junho de 1814. - O aceno "ao coração do Rei" refere-se, provavelmente a certas práticas que L. Naudet mantinha junto da Corte imperial de Viena (cf nota de Pe. Stofella, id.).
036. EP. , p. 66: carta de fevereiro de 1813.
037. Id. , p. 48 ss.: carta de 9 de janeiro de 1813.
038. Id. , p. 113: carta de 5 de junho de 1814.
039. Id. , p. 59. carta de 31 de janeiro de 1813. Não devem espantar os problemas de ortografia italiana, devido a origem francesa das duas cultas senhoras, que porém, conheciam muito bem o latim.
040. S. Teresa de Jesus descreve pormenorizadamente o fenômeno místico do "vôo do espírito", colocado por ela ao nível "delle sette Mansioni", ou seja da oração de união estética (Castello Interiore, Seste Mansioni, c. 5, 1 e 6, opere, Roma 1969, p. 887 a 893; cf também Vita, 18, 7, P. 173). Salientar pelos escritos da santa como se verifica tal fenômeno: "Como a alma está repleta de amor, basta, uma pequenina ocasião que estimule seu ardor para fazê-la voar" (o. c., p. 893). É sobretudo pela presença de tais características que julgamos poder qualificar como "vôos" do espírito" os arrebatamentos improvisos para Deus experimentados por Pe. Gaspar. Mas não temos nenhuma pretensão de dar com isto uma classificação científica de tais fenômenos.
041. Imitação de Cristo, L. III, c. 36: "Meu Deus, meu tudo". EP., p. 46-47.
042. EP. , p. 53 . 54; carta de 15 de janeiro de 1813.
043. Bertoni, 3, p. 515 ss.
044. EP. , p. 96.
045. Id.
046. EP. , p. 319 s.: carta. de 29 de maio de 1840.
047. EP., p. 323 s.: carta de 26.09.1840. Cf. também EP. , p. 28 s. , p. 87.
048. SA, p.124.
049. Id.
050. SA, p. 515.
051. Id.
052. SA, p. 189; CP 47.
053. SA p. 507.

054. Cf FURLANI G., "La parola di Dio", Ensaios sobre o Espírito do B. Gaspar Bertoni, 1.
055. Lc 24, 49: "Permanecei na cidade, até que sejais revestidos da força do alto".
056. Ep. , .P, 105 s.: carta de 26 de janeiro de 1814.
057. Cant 2, 4: "Introduziu-me num celeiro, e o seu estandarte, que levanta sobre mim, é o amor".
058. EP. , p. 56 s.: carta. de 26 de janeiro de 1813.
059. MP, p. 74: anotação de 16 de novembro de 1808.
060. S. Teresa, "Castello interiore, Settime Mansioni, c. , 4, n, 6, p. 958.
061. "Esercizi agli ecclesiastici, Istruzioni, Bertoni 3, p. 314 -32l.
062. EP. , p. 71: carta de 4 de março de 1813.
063. EP. , p. 75: carta de 6 de março de 1813.
064. S. Inácio, Esercizi spirituali, notas introdutórias, 2, c; Ed. Paoline1984, P. 37.
065. EP. , p. 73: carta de 6 de março de 1813. Na citada Instrução sobre a Meditação, Pe. Gaspar apresentou também aos sacerdotes a clássica imagem dos navios e da velas: "Os homens espirituais que cuidam da oração, não devem ser como os navios de alto bordo, que não podem navegar senão com vento, mas como galeras que navegam com vento e com remos; e quando falta-lhes vento próspero da divina inspiração, devem navegar com o remo das suas forças, ajudados pelo divino fervor, embora não seja tão sensível. E este modo de rezar costuma ser mais frutuoso, ainda que não seja, tão agradável" (MS 3152; Bertoni 3, p. 318, nota 237).
066. MP, p. 35: anotação de 17 de agosto de 1808.
067. SA, p. 332.
068. Positio, p. 129.
069. SA , p. 441e p. 189; Positio, p. 124.
- 069^a MP, p. 60-61: anotação do dia 9 de outubro de 1808 que traz o registro de S. Dionísio e da Maternidade da Virgem Maria. Era o aniversário de Pe. Gaspar, que tinha como terceiro nome de batismo, o de Dionísio.
070. MP, p. l6.
071. Id. , p. 72. Anotações análogas encontram-se no MP, p. 71, (23 de outubro de 1808; p. 82 (4 de dezembro de 1808); p. 84 (11 de dezembro de 1808); p. 96 (11 de janeiro de 1809).
072. MP, p. 82.
073. Id. , p, l2.
074. Id. , p, 62.
075. Id. , p. 183: v. mais adiante.
076. Id.
077. SA, p. 332. Sobre toda a temática tratada neste parágrafo c. DALLE VEDOVE N. , "Un Modello di santo abbandono", Verona, 1951, p. l19-196.
078. V. mais adiante, p. 51.
079. V. aqui acima, p. 20.
080. MP, p. 26.
081. Id. , p. 43.
082. Id.
083. Positio, p. 127; id. , p. 123; SA, p. 331.
084. SA, 1 . c.

085. Positio, p, 135.
086. Positio, p. 121.
087. SA , p. 332.
088. Id.
089. Tal destinação das Horas do Ofício divino para santificar os principais momentos do dia torna-se hoje, ainda mais evidente, depois que a reforma conciliar, devolvendo-nos aquela oração como “Liturgia das Horas”, reestruturou profundamente os textos que a compõem, com o critério de salientar ainda mais que antes, a característica própria de cada uma das Horas: porisso as Laudes são apresentadas verdadeiramente como oração da manhã, as Vésperas como oração da tarde, etc.
090. Positio, p, 123.
091. Collectanea Stigmatina III, p. 195.
092. SA, p. 512.
093. EP. , p. 276: carta de 1813.
094. SA , p. 348 s. e p. 147.
095. Id., p, 132.
096. MP, p. 71: anotação de 24 de outubro de 1808.
097. EP. , p. 345: súplica de Pe. Gaspar ao Papa, do ano de 1844. Os textos das orações estão contidos em um fascículo impresso por Pe. Gaspar com o título “Divozione alla Passione ed alle Sacrossante Piaghe del Redentore”, Verona, 1824. A origem imediata dessa cerimônia foi atribuída pelo mesmo Pe. Gaspar a uma “exortação e impulso do Bispo” (súplica citada); e o fato é confirmado por um documento do Arquivo: “Todas as sextas-feiras, uma hora antes da tarde era aí celebrada uma cerimônia chamada de BOA MORTE, instituída nesta igreja por ordem do falecido , Mons. Vigário Dionisi” (SA, p. 61-62). Efetivamente quando foi reaberta ao culto a igreja dos Estigmas o Ordinário pediu a Pe. Gaspar que providenciasse a instituição, como já se fazia em outras igrejas da cidade, de um curso semanal de instrução bíblica, também para suprir a falta de tal curso na Catedral. Isto explica, entre outras coisas, a escolha de temática proposta normalmente na meia hora de meditação (Bertoni 4., p. 272-274). Mas o caráter de pio exercício em honra da Paixão e das cinco Chagas que revestia aquela função, faz pensar que sua origem remota tenha ligação de algum modo com uma tradicional celebração feita pela Confraternidade da Boa Morte, que tinha sido instituída para o culto das Cinco Chagas pelo Ven. Vincenzo Carafa em Roma, em 1648; celebração que depois foi inserida no programa espiritual de muitas Congregações Marianas (cf Bonetti I. “Le Stimmate della Passione”, Rovigo 1952, p. 212). Tem-se confirmação no fato que o documento do Arquivo acima citado apresenta aquele pio exercício como “função da Boa Morte”.
098. Cf. Bertoni 4, p. 275.
099. MP, p. 62: anotação de 11 de outubro de 1808.
100. O Pe. Stofella, referindo-se ao fato de que o Rosário não está elencado expressamente entre os exercícios de piedade cotidianos prescritos por P. Gaspar nas constituições, faz esta observação: “Não é citada aqui a recitação cotidiana do terço, sempre muito praticada, especialmente então, também nas famílias cristãs. A omissão talvez provenha do fato que tal prática a um religioso

vem por si mesma” (CF 67, nota 47). Notável a pregação juvenil de Pe. Gaspar sobre o S. Rosário: MS 1323-1397, ilustrada em Bertoni 2, p. 563-567.

101. SA p. 188.
102. V. aqui acima na p. 25.
103. SA, p. 145.
104. Id. , p. 144.
105. MP, p. 170: anotação de 24 de maio de 1810.
106. Id. A consonância da inspiração salientada pelo Pe. Stofella entre esta oração - embora não composta por Pe. Gaspar, mas por ele transcrita e usada habitualmente - e o “Trattato deita vera devozione” é particularmente significativa: enquanto que o tratado do Montfort não era ainda conhecido do público quando Pe. Gaspar escreveu o seu Memorial Privado. Composto no início de 1700, aquele Tratado foi editado só em 1842.
107. V. aqui acima, nota 1.
108. V. aqui acima, p. 7.
109. Positio, p. 127.
110. “Esercizi agli Ecclesiastici, Istruzioni”, MS 3413; Bertoni 3, p. 708.
111. Id. , MS 3426-3427; Bertoni 4, p. 135.
- L12. Id. , MS 3428; Bertoni 4, p.135. O original de todos estes textos é em latim. Servimo-nos da tradução do Pe. Nello Dalle Vedove.
113. “Summa Theol.”, II . II, 184. 8. Bertoni 3, p. 135-136.
114. “Esercizi agli Ecclesiastici, Meditazioni”, MS 2282. O texto encontra-se na “Regula Pastoralis” de S. Gregório Magno, P. I, c, 10; cf. Bertoni 3, p, 137. Trinta anos depois, escrevendo ao Pe. Bragato, Pe. Gaspar citará ainda este importante texto
- de S. Gregório: “.Prestai atenção e colocai em prática - a carta é de 27 de agosto de 1840 - aquele grande aviso de S. Gregório Magno: que um sacerdote deve entrar muito na presença e familiaridade com Deus, que possa confiar na necessidade de dobrar a Deus à sua vontade. É certo que ele prometeu: “Ele satisfará, o desejo dos que o temem” (SI 144, 19). Humildade e confiança, oração e diligência, fé e paciência, amor e devoção, eis o importante, e Deus faz o resto também” (EP, p. 321).
115. MP, p. 103: anotação de 4 de fevereiro de 1809.
116. “Meditazione 5ª in Seminário”, MS 4960; Bertoni 3, p. 189, nota.
117. “Esercizi Ecclesiastici, Istruzioni”, MS 3402, o texto citado é do Pseudo-Gregório, “In L. I Regum”, 9,11; Bertoni 3, p. 708.
118. Id., MS 3404-3416.
119. PVC, p. 225-234, Predica XXV: L’Avvento di R. S. G. C. , de 9 de dezembro de 1804.
120. “Esercizi agli Ecclesiastici, Istruzioni”, MS 3405; Bertoni 4, p. 134.
121. SI 102, 5: “Queimado como a erva, meu coração murcha (porque) me esqueço de comer meu pão”.
122. “A ciência estufa o peito, a devoção o preenche”: “Meditazione 3ª, in Seminario”, MS 4881; Bertoni 3, p, 184.
123. “Esercizi agli Ecclesiastici, Meditazioni”, MS 2223; Bertoni 3, P.137.
124. Id. , MS 2489; Bertoni 3, p, 146.

125. Id. , MS 2249-2250; Bertoni 3, p, 129
126. ITm 3, 15: “Para que saibais como portar-se na casa de Deus”. “Meditazione 5ª, in Seminario”, MS 4962; Bertoni 3, p.189.
127. “Meditazione 32ª in Seminario, MS 6183; Bertoni 3, p. 285, nota 185.
128. Id. , MS 6192; Bertoni 3, p. 285.
129. Significativa a afirmação do Vaticano II, que exprime a fórmula específica da espiritualidade sacerdotal: “Os Sacerdotes atingirão a santidade da maneira que lhes é própria se exercerem suas funções sincera e infatigavelmente no espírito de Cristo” (presbiterorum ordinis, 13).
130. Veja aqui acima, p. 31.
131. “Esercizi agli Ecclesiastici, Meditazioni”, MS 2242, o texto citado é de S. Agostinho, Sermo 361, 20,19.
132. Id.
133. Id.
134. Id, MS 2240; Bertoni 3, p. 128.
135. “Meditazioni 1ª, in Seminario”, MS 4859; Bertoni 3, p. 175.
136. “Esercizi agli ecclesiastici, Istruzioni, MS 3438-3519.
138. Id. , MS 3454.
139. Id, MS 3451.
140. Id. , MS 3473 ss.
141. Id. , MS 3480-3499; cf. Bertoni 3, p. 710.
142. Id. , MS 3471.
143. Id. , MS 3470.
144. Id. , MS 3472.
145. V. aqui acima, p 19.
146. V. aqui acima, p. 31.
147. “Meditazione 10a, in Seminario”, MS 5150; Bertoni 3, p. 205.
148. “Esercizi agli Ecclesiastici”, MS 2257; Bertoni 3, p. 132.
149. BREGANTINI G. , “La sensibilità dei B. Gaspare Bertoni”. Saggi sullo spirito, n. 4, p. 57-59.
150. Esercizi agli Ecclesiastici, Istruzioni, MS 3604-3605; Bertoni 3. P. 185.
151. EP. , p. 75; carta de 6 de março de 1813.
152. Id.
153. “Meditazione 3ª in Seminario”, MS 4896; Bertoni 3, p. 185.
154. Mt 12, 50: “Quem faz - não quem sabe - a vontade de meu Pai... este para mim é meu irmão, minha irmã e minha mãe: “Meditazione 2ª in Seminario”, MS 4877; Bertoni 3, p.184.
155. V. aqui, acima, p. 15 e 33.
156. “Ritiri agli Accoliti, MS 4453-4455; Bertoni 3, p. 181.
157. Id.